



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

As narrativas da migração entre o relato biográfico e o discurso mediático: o caso da imigração brasileira recente em Portugal

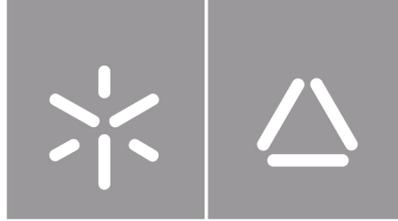
Patricia Tany Posch

Patricia Tany Posch

As narrativas da migração entre o relato biográfico e o discurso mediático: o caso da imigração brasileira recente em Portugal

UMinho | 2022

outubro de 2022



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Patricia Tany Posch

**As narrativas da migração entre o relato
biográfico e o discurso mediático:
o caso da imigração brasileira
recente em Portugal**

Tese de Doutoramento
Doutoramento em Estudos Culturais

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Rosa Cabecinhas

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e à minha irmã por sempre me incentivarem a ir em busca dos meus objetivos e sonhos. Ao meu filho Lucas, por ter sido, com a sua leveza e inocência, a minha rocha e fonte de motivação durante toda essa jornada.

Agradeço à minha orientadora científica, Professora Rosa Cabecinhas, pela confiança em mim e que depositou na relevância do tema que me propus a investigar. Agradeço aos colaboradores do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho que estiveram sempre presentes para dar todo o suporte necessário para a realização da pesquisa.

Agradeço também a todos os imigrantes com os quais entrei em contato ao longo da pesquisa empírica, uma vez que essa pesquisa não seria possível sem a sua participação.

Agradeço ainda à Fundação para a Ciência e Tecnologia pela Bolsa de Doutoramento atribuída à mim, mediante processo seletivo, para a realização desta pesquisa, o que me permitiu uma dedicação que, de outra maneira, não seria possível.

“A força dos cientistas é que eles não duvidam da realidade de seu objeto e sabem que, pouco a pouco, passa a passo, eles avançam.”

Marc Augé

FINANCIAMENTO

Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) por meio do programa POCH, participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES), pela atribuição de Bolsa de Doutoramento (BD) com referência SFRH/BD/137855/2018.



DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e respeito o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho e que o projeto da pesquisa empírica junto aos imigrantes brasileiros em Portugal obteve parecer favorável da Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas do Conselho de Ética da Universidade do Minho, emitido no dia 16 de novembro de 2020 com a referência CEICSH 117/2020.

As narrativas da migração entre o relato biográfico e o discurso mediático: o caso da imigração brasileira recente em Portugal

RESUMO: Perspetivar a migração como resultado de processos multidimensionais faz com que não seja surpreendente o fato de que, atualmente, a comunidade brasileira seja a maior comunidade imigrante em Portugal. Em 2020, os cidadãos brasileiros residentes no país representavam 27,8% do total da população imigrante (SEF, 2021). Após um período de desaceleração desta rota migratória na primeira metade da segunda década do século XXI, a partir de 2015, os dados estatísticos mostram que a entrada de imigrantes brasileiros documentados em Portugal começou a crescer significativamente, atingindo um pico de aumento de 143,74% em 2018 em relação ao ano anterior (SEF, 2019). Acompanhando este crescimento, que é interpretado como uma terceira ou mesmo quarta vaga migratória por autores que se debruçaram sobre este fluxo, observa-se um igual crescente interesse dos média brasileiros em se produzir conteúdos televisivos nos quais essas migrações e seus sujeitos são representados. Diante desse contexto, esta pesquisa foi planeada e desenvolvida com o objetivo de se investigar como as representações sociais que envolvem as experiências e vivências migratórias veiculadas no discurso mediático em contexto brasileiro se relacionam com aquelas que são relatadas pelos próprios imigrantes brasileiros que migraram para a região Norte de Portugal nos últimos anos. Para o efeito, foram conduzidas duas pesquisas empíricas: uma análise do discurso e sócio-semiótica dos episódios que compõem a primeira temporada da série televisiva *Portugal pelos Brasileiros*, veiculada no Brasil no início de 2018, e a coleta e análise de Histórias de Vida de imigrantes brasileiros que migraram para o Norte de Portugal entre 2015 e 2020. A análise dos resultados a partir de uma perspectiva comparativa permitiu tecer conclusões sobre a influência dos média na construção coletiva e disseminação de representações sociais sobre o fenômeno, tendo-se especial atenção ao fato destes discursos englobarem relatos de cunho biográfico dos próprios migrantes. Apesar de se considerar esta uma importante movimentação da televisão em se reposicionar como um *player* importante dentre os meios de comunicação utilizados como fonte de informação sobre o fenômeno e seus sujeitos, contribuindo para a sua visibilidade social por meio da visualidade, não é possível negligenciar o quanto o recorte que é feito de um fenômeno tão plural como a emigração brasileira para Portugal e o uso da abordagem biográfica no contexto mediático podem ser vistos como decisões estratégicas e que atendem a interesses que, frequentemente, não se deixam transparecer nos conteúdos mediáticos.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso Mediático; Imigração Brasileira; Migração; Portugal pelos Brasileiros; Relato Biográfico

Migration narratives between biographic accounts and media discourse: the case of recent Brazilian immigration in Portugal

ABSTRACT: When migration is portrayed as a result of multidimensional processes, it is not surprising that the Brazilian community is currently the largest immigrant community in Portugal. In 2020, documented Brazilian immigrants residing in the country represented 27.8% of the total immigrant population (SEF, 2021). After a period of deceleration of this migratory route in the first half of the second decade of the 21st century, from 2015 onwards, statistical data show that the entry of documented Brazilian immigrants in Portugal began to grow significantly, reaching a peak increase of 143.74 % in 2018 compared to the previous year (SEF, 2018, 2019). Accompanying this growth, which has already been interpreted as a third or even fourth migratory wave by authors who have focused on this flow, there is an equal growing interest in the Brazilian media in representing these migrations and their subjects. Given this context, this research was planned and developed with the objective of investigating how the social representations that involve the migratory experiences and experiences conveyed in the media discourse in the Brazilian media panorama relate to those that are reported by Brazilian immigrants themselves who migrated to the North region of Portugal in recent years. For that purpose, two empirical researches were carried out: a discourse and socio-semiotic analysis of the five episodes of the first season of the television series *Portugal dos Brasileiros*, broadcasted in Brazil in early 2018, and the collection and analysis of Life Stories of Brazilian immigrants who migrated to the North of Portugal between 2015 and 2020. When comparing the results of these two empirical studies, it was possible to elucidate the similarities and differences in the discourse about Brazilian immigration in Portugal that is broadcasted in the Brazilian media and the one that comes from first-person narratives. This comparative perspective allowed us to draw conclusions about the influence of the media in the collective construction and dissemination of social representations about the phenomenon, with special attention to the fact that these discourses encompass first-person accounts of the migrants themselves. Despite considering this an important move by television to reposition itself as an important player among the media used as a source of information about this migratory phenomenon and its subjects, contributing to its social visibility through visibility, it is not possible to neglect the fact that the framing that is made of a phenomenon as plural as Brazilian emigration to Portugal and the use of the biographical approach in the media context can be seen as strategic decisions that meet interests that often do not show up in the media content itself.

KEYWORDS: Biographic; Brazilian Immigration; Media Discourse; Migration; Portugal pelos Brasileiros

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E CONCEITUAL	9
2.1. Migrações	9
2.1.1. As migrações internacionais na contemporaneidade	9
2.1.2. Um olhar multidisciplinar sobre as migrações internacionais	15
2.1.3. Do lado de lá: a emigração no Brasil	22
2.1.4. Do lado de cá: as migrações em Portugal	28
2.1.5. Entre lá e cá: a imigração brasileira em Portugal e suas representações mediáticas	32
2.2. Cultura, Comunicação e Média	47
2.2.1. Comunicação como interação simbólica	47
2.2.2. Discursos como visão de mundo	49
2.2.3. A televisão e suas linguagens	56
2.2.4. Representações sociais no contexto mediático	62
3. ABORDAGEM METODOLÓGICA	67
3.1. Análise Crítica do Discurso	69
3.2. Semiótica Social	71
3.2.1. Grelha de análise sócio-semiótica da série “Portugal pelos Brasileiros	73
3.3. Histórias de Vida	80
4.3.1. Planejamento e execução das entrevistas com os imigrantes brasileiros	86
4. A SÉRIE “PORTUGAL PELOS BRASILEIROS”	89
4.1. Sobre a série	89
4.2. Análise	91
4.2.1. Análise do discurso	91
4.2.2. Análise sócio-semiótica	96
5. RELATOS DE IMIGRANTES BRASILEIROS EM PORTUGAL	104
5.1. Considerações iniciais	104
5.2. Caracterização da amostra	108
5.3. Resultados e Análise	112
5.3.1. O passado: vida no Brasil, razões para migrar, planejamento e chegada em Portugal	112
5.3.2. O presente: vida, interações sociais e experiências profissionais em Portugal	142
5.3.3. O futuro: os planos de permanecer em Portugal ou retornar ao Brasil	181
6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	196
7. CONCLUSÕES	203
REFERÊNCIAS	211
APÊNDICES	231
Apêndice 1 - Tabelas dos imigrantes entrevistados	231

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACD	Análise Crítica do Discurso
AP	Autorização de Permanência
APMA	Agência Portuguesa para as Migrações e Asilo
AR	Autorização de Residência
CCCS	Centre for Contemporary Cultural Studies
CEE	Comunidade Económica Europeia
CPLP	Comunidade de Países de Língua Portuguesa
GNR	Guarda Nacional Republicana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPB	Instituto Politécnico de Bragança
Ipea	Instituto de Pesquisa Económica Aplicada
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
NUTS	Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos
OIM	Organização Internacional para as Migrações
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PSP	Polícia de Segurança Pública
SEF	Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
TCI	Termo de Consentimento Informado
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Grelha de análise com aspetos da semiótica social, adaptada de Kress e van Leeuwen (2006) e van Leeuwen (2005)	80
Tabela 2: Lista de entrevistados (versão resumida)	110

1. INTRODUÇÃO

Quando paro para pensar, percebo que me falta a noção do tanto de coragem que foi preciso para tomar a decisão de ir morar em Portugal. Na minha perspectiva de como as coisas aconteceram, tudo me soa muito natural, como se o caminho a ser seguido não fugisse muito do que de fato foi trilhado. Eu estava há alguns poucos meses fora do mercado de trabalho e havia começado um curso na minha área de formação para me atualizar e encarar a busca por uma oportunidade de trabalho. É verdade, tudo parecia estar se encaminhando, mas foi talvez a minha dificuldade em visualizar um futuro claro e bem definido o que fez com que eu tivesse tanto medo quanto liberdade para ter ideias de vida mais fora do meu padrão. Se fosse tentar descrever o meu estado de espírito naquela altura, diria que eu sabia que não sabia o que ia ser do meu futuro, mas não sabia que o fato de não saber era exatamente o que eu precisava.

O trecho reproduzido acima foi extraído de um conjunto de textos pessoais que tenho escrito, ao longo dos últimos anos, sobre a minha experiência de vida enquanto imigrante em Portugal. Mas poderia ter sido escrito por qualquer outra pessoa que tenha migrado e que, ao refletir sobre as suas memórias, descobre-se dona da sua própria história. Foi a partir desse exercício reflexivo, em uma dimensão pessoal, que surgiu a ideia para a pesquisa sobre a qual fala esta tese de doutoramento.

Ao longo da minha vivência em terras portuguesas nos últimos anos, tenho observado, com particular interesse, a chegada de outros imigrantes brasileiros¹ e, paralelamente, as mudanças de comportamento e discurso deles e sobre eles. Pessoas que venderam suas casas e seus bens no Brasil, que lá deixaram a família e os amigos para passar muitas horas de viagem em um avião e tentar viver uma vida melhor - seja lá o que isso significasse para cada uma dessas pessoas - neste país de “irmãos que falam como nós”. Fosse pelo contato direto ou no entreviver de conversas em lugares tão comuns à vida cotidiana como uma fila de supermercado ou uma longa viagem de comboio, começava a ter acesso a uma multiplicidade relatos que me fizeram conhecer o mundo em que eu vivia a partir da perspectiva de outros imigrantes.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que ia conhecendo e me (re)conhecendo nessas histórias ouvidas aqui e ali, ia me sentindo cada vez mais distante da ideia de que pessoas do meu círculo social que viviam no Brasil faziam sobre a minha vida em Portugal. Pessoas que imaginavam que a minha vida em terras portuguesas não tinha qualquer perturbação ou transtorno, que eu viajava todo mês para um país europeu diferente, que eu jantava fora todas as semanas, que não sentia qualquer saudade e que nunca havia pestanejado e pensado em regressar ao Brasil. Eles não cogitavam que esse novo país tem outros tantos problemas do que o Brasil, que as viagens para o exterior eram poucas e que os jantares

¹ Objetivando uma melhor legibilidade do texto, optou-se por utilizar esta designação para fazer referência às pessoas que nasceram no Brasil. Deve-se atentar, contudo, para a diversidade que, embora não denote de tal termo, está presente não só na sociedade brasileira, mas também na humanidade como um todo.

fora eram muito raros. De alguma forma, eles não conheciam o outro lado da imigração brasileira em Portugal: pessoas que retornaram porque não aguentaram o Natal longe da família, os aniversários com pouca gente ao redor da mesa na hora dos parabéns, as dívidas que começam a chegar com a falta de um emprego justo que suporte os custos de sobreviver do outro lado do Atlântico, o frio do inverno e, por vezes, das pessoas.

Essa dualidade de visões dos próprios brasileiros sobre o que é a imigração brasileira em Portugal me instigou. Foi assim que, ao longo dos últimos anos, vi crescer em mim um forte sentimento de urgência em se “desromantizar” a imigração brasileira em Portugal. Como mencionei, mesmo nas interações com pessoas que me eram muito próximas se manifestavam, por vezes, visões diferentes sobre o que é ser um imigrante brasileiro em terras portuguesas. Aos poucos, essas divergências me fizeram perceber o quanto as narrativas que vão sendo construídas e difundidas sobre nós, os imigrantes, acabam fazendo com que a nossa própria história seja abafada, desvalorizada ou relegada ao segundo plano, dando lugar à uma ideia romantizada da realidade daquele que migra. E é, justamente, o discurso marginalizado - esse “centro silencioso e silenciado do circuito marcado por essa violência epistêmica”, como referiu Spivak (2010, p. 54) - que mais pode dizer sobre o que é ser imigrante.

Este foi o estopim para o início da elaboração do projeto de pesquisa que deu origem ao trabalho que agora apresento. A pergunta de pesquisa que orientou o desenvolvimento deste estudo era a de como e em que medida os discursos mediáticos sobre a migração influenciam a percepção social e individual deste fenômeno em particular. Inserindo a componente dos relatos biográficos nessa equação, a questão a ser investigada logo passou a envolver também as implicações de que as narrativas sobre o fenômeno fossem construídas a partir (ou fazendo-se uso) de relatos em primeira pessoa sobre a experiência dos imigrantes.

Tomando-se como ponto de partida o caso da migração brasileira para Portugal nos últimos anos, notei que o tema já vinha recebendo considerável atenção na academia portuguesa, sobretudo a partir do momento em que a alegada irmandade advinda dos laços históricos e culturais entre Brasil e Portugal não era mais capaz de camuflar as consequências socioculturais advindas da presença destes sujeitos na sociedade portuguesa (Padilla, Marques, Góis & Peixoto, 2015). Curiosamente, pouco se falava sobre o mesmo fenômeno a partir da ótica do país de origem. Por essa razão, considerei fundamental uma mudança de foco no sentido de abordar o tema a partir da perspectiva brasileira, de modo a entender as representações sociais que estão a ser veiculadas no ambiente mediático brasileiro e que acabam por fomentar a emigração brasileira para Portugal. Estudar a presença dos emigrantes nos média brasileiros é, assim, também investigar esse estar “presente apesar da ausência” (Sayad,

2011, p. 183)² e como essa presença delinea o fenômeno e seus sujeitos.

A migração, para não ser pura "ausência", recorre a uma forma de «onipresença» impossível (...) permanecer «presente mesmo que ausente e mesmo onde se está ausente» - que é tanto como «não estar mais do que parcialmente ausente onde se está ausente» - é a sorte ou o paradoxo do emigrado - e, correlativamente, o «não estar totalmente presente onde se está presente, o que significa estar ausente apesar da presença», estar «ausente (parcialmente) mesmo que presente e mesmo onde se está presente» - é a condição ou o paradoxo do imigrante. (Sayad, 2011, p. 183)

Dentro do universo vasto que se abriu ao escolher estudar o tema da imigração brasileira em Portugal, optei por concentrar a pesquisa sobre o discurso mediático, uma vez que é por essa via que muitas das narrativas enraizadas socialmente são construídas e difundidas. Segundo Talbot (2007), os média são um importante meio de mediação da realidade e, na contemporaneidade, assumem um lugar de destaque como fonte de informação e conhecimento sobre o mundo. Afunilando ainda mais o estudo, dentro da miscelânea de possibilidades mediáticas viabilizadas pelos avanços tecnológicos, optei por direcionar o estudo para o discurso mediático televisivo.

Ainda que alguns autores possam advogar sobre a obsolescência da televisão em face das diversas novas possibilidades comunicacionais que têm surgido nas últimas décadas, ao compararmos as grades de programação da atualidade com aquelas de outros tempos, notamos um claro esforço dos veículos televisivos em se atualizarem, ainda que dentro dos limites que sua natureza lhe impõe, no sentido de acompanhar as mudanças que se desenrolam na dimensão sociocultural das sociedades contemporâneas em que estão inseridos. Também não pode ser obliterada a importância da televisão para a cultura brasileira, uma vez que, em certa altura, ela chegou mesmo a dominar o setor do entretenimento nacional e que, desde então, assim como o México, tem se consolidado com a exportação de telenovelas (King, 1998/2005). Adicionalmente, ao observarmos os dados estatísticos sobre a presença da televisão no cotidiano da sociedade brasileira, a sua importância fica ainda mais evidente. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019a), no quarto trimestre de 2019, 96,3% dos domicílios brasileiros possuíam, ao menos, um aparelho televisivo, sendo que 87,5% encontravam-se em zonas urbanas e 12,5% em zonas rurais. A transmissão da rede aberta de televisão ainda é a maioria, uma vez que, dos domicílios que possuíam ao menos uma televisão, a maioria deles (69,6%) não possuía acesso a televisão por assinatura, sobretudo aqueles localizados nas zonas rurais do país (84,9%).

Diante de dados como esses, que revelam o alcance da televisão aberta na população brasileira, entendi que faria sentido selecionar um conteúdo que tivesse sido transmitido em algum veículo de

² As citações diretas em língua estrangeira feitas ao longo desta tese foram traduzidas do idioma original para o português.

transmissão aberta. Foi então que surgiu a ideia de se analisar a série jornalística televisiva *Portugal pelos Brasileiros*. Ela foi realizada pela produtora *Plano Geral Filmes*, tem direção de Rodrigo Ponichi e foi veiculada como projeto especial dentro do programa *Como Será?* nos dias seis, 13, 20 e 27 de janeiro, e três de fevereiro de 2018. O programa fora exibido aos sábados na *Rede Globo de Televisão* em horário matutino e retransmitido na manhã do dia seguinte no canal da televisão por assinatura *Globo News*, bem como à tarde no *Canal Futura*. A primeira temporada, escolhida para ser um dos objetos desta estudo da pesquisa, possui cinco episódios de, aproximadamente, 10 minutos cada, onde um brasileiro ou brasileira que migrou nos últimos anos para Portugal relata a sua experiência em primeira pessoa. Os relatos são complementados por uma locução e a exibição de informações e dicas para os brasileiros que tenham a intenção de emigrar para Portugal.

Em termos de análise, tendo optado por um conteúdo inserido em um contexto mediático, entendi que seria necessário caminhar por duas vias distintas que são, não obstante, complementares. A primeira delas seria a via do discurso, ou seja, qual era a mensagem que estava a ser transmitida. A abordagem de tradição francesa dos Estudos de Discurso e os estudos de Fairclough e van Dijk logo foram consideradas como uma possibilidade metodológica para o efeito. A sua proposta de unir tanto a análise do texto em si como da cultura que o engloba, estando-se atento também às práticas sociais relacionadas ao discurso, pareceu-me assertiva diante das mudanças que eu mesma ia observando durante os meus anos em Portugal. Além disso, o fato de ser uma abordagem socialmente engajada, uma vez que coloca em primeiro plano e problematiza relações de poder que permeiam a difusão de determinadas narrativas, ajudou a consolidar ainda mais a minha escolha por essa abordagem.

O segundo caminho de análise seria a semiótica, ou seja, como o discurso estava a ser articulado fazendo-se valer de modos semióticos distintos. Inicialmente pensada para ser uma análise focada na imagem, sendo o conteúdo que optei por analisar de natureza multimodal, logo ficou claro que a análise não poderia estar completa se não considerasse os diversos modos semióticos que um conteúdo audiovisual condensa e que exprimem de que forma uma mensagem é codificada e transmitida. Após uma extensa revisão sobre possibilidades metodológicas para a análise de conteúdos multimodais, optei pela abordagem da Semiótica Social, tendo como foco especial a imagem. Estudando os escritos de diversos autores dessa linha, entre os quais se destacam Gunther Kress e Theo van Leeuwen, essa metodologia foi aquela que me pareceu mais alinhada ao meu objetivo de pesquisa. A possibilidade de se explorar os recursos semióticos colocados em uso na série a partir de uma perspectiva holística da conjugação dos diversos elementos ali presentes, mas também daqueles que estão ausentes, apresentou-se como uma oportunidade interessante, sobretudo quando conjugada à uma postura crítica

de caráter interseccional.

Mas não era só a dimensão mediática que me interessava. A minha proposta, desde o início, era a de promover um encontro de versões: contrapor os discursos e as representações sociais que eram difundidos na dimensão mediática e aqueles que surgiam no discurso dos próprios imigrantes. Desde que a ideia para a pesquisa que aqui apresento começou a tomar forma na minha mente, já havia ficado claro que era preciso conhecer não só as histórias sobre esses imigrantes, mas também as suas histórias, e a partir delas construir uma rede de expressões e significados que vão estabelecendo caminhos para identificar, por meio das percepções individuais, representações socialmente construídas sobre o que é ser imigrante brasileiro em Portugal. A importância desse deslocar do agenciamento desses sujeitos e de se olhar para o individual e para a singularidade da experiência de cada um sempre esteve muito clara para mim, sobretudo pela consciência do impacto que a condição de migrante imprime à um indivíduo, algo que pude experienciar na minha própria trajetória. Sendo assim, de modo a entender de que forma essas representações estavam relacionadas com as vivências desses indivíduos, decidi incluir em minha investigação uma pesquisa qualitativa com imigrantes brasileiros que haviam migrado nos últimos anos para Portugal.

A realização de entrevistas apresentou-se como uma escolha natural para a captação dessas histórias. Essa escolha baseou-se no fato de que dar voz aos migrantes seria uma das formas de se criar um espaço social para que as narrativas emergissem, de modo a evidenciar o seu ponto de vista, uma subjetividade que se faz visível por meio da fala que constroem sobre si mesmos. Deste modo, entendendo o sujeito individual como uma síntese do contexto social e cultural em que vive, seria possível captar não só seu ponto de vista particular, mas também a percepção de uma realidade que é atravessada por discursos e narrativas que lhe são exteriores.

Dentre as diversas modalidades de entrevista existentes, optei pela História de Vida, uma vertente específica dentro do grande espectro de possibilidades da entrevista narrativa (Jovchelovitch & Bauer, 2003), por ela atender à várias premissas que se buscou preservar no que tange à obtenção do material empírico. Assumindo que, para a finalidade à qual a pesquisa estava orientada, o ponto de vista dos entrevistados e a maneira como narram a sua própria trajetória eram alguns dos aspetos que mais poderiam agregar valor ao estudo, o fato dos relatos que surgem com as Histórias de Vida preservarem os quadros de referência dos imigrantes e o grau de profundidade da experiência na caracterização do fenômeno (Quivy & Campenhoudt, 1992/2008) foram pontos decisivos para a escolha. Apesar da nomenclatura, a pesquisa com este método pode focar-se em um acontecimento ou período de tempo específico da vida de um sujeito (Bertaux, 1997/2005) cuja construção narrativa torna-se então passível

de ser analisada. Como resultado, ainda que possam vir a ser influenciados por discursos que lhes são exteriores, os relatos refletem aquilo que quem relata entende ser a sua realidade (Lechner, 2009) e permitem ao investigador perceber a dimensão vivencial do fenómeno a partir da ótica de quem o viveu.

Deste modo, o método pareceu adequado não só como um meio de conhecer a experiência migratória a partir de seus protagonistas, mas também para obter meios de se investigar o que Lechner (2009, p. 59) distinguiu como “o peso dos contextos exteriores sobre as interioridades”, sendo aqui caracterizados pelos discursos mediáticos. Além disso, sendo a História de Vida uma abordagem que preza pela profundidade e detalhamento (Campenhoudt & Quivy, 1992/2008), bem como o curto espaço-tempo de que dispunha para o desenvolvimento do estudo, adotei um olhar intensivo, ao invés de extensivo na realização das entrevistas. Com o objetivo de se perceber em profundidade o fenómeno que busquei analisar ao captar em profundidade os processos sociais e suas contrapartidas pessoais nos relatados dos indivíduos (Albarello et al., 1997), decidi que entrevistaria um grupo relativamente pequeno de imigrantes, mas em conversas mais demoradas.

Esta tese apresenta, portanto, um texto consolidado do desenvolvimento de todas essas etapas de pesquisa. A sua estrutura está organizada de modo a primeiro introduzir o leitor no universo temático, conceitual e metodológico das migrações internacionais e da imigração brasileira em Portugal para que, em um segundo momento, seja conduzido pelos resultados das pesquisas empíricas. A primeira parte da tese apresenta contextualizações de ordem histórica e conceitual dos temas que englobam a pesquisa. No que se refere às migrações, apresentamos alguns conceitos que se fazem presentes no estudo do tema, bem como uma exposição das principais mudanças ocorridas nas últimas décadas e que contribuem para se distinguir esse fenómeno na contemporaneidade. É também apresentada uma abordagem ao tema a partir de uma perspectiva orientada para a sua dimensão cultural e social, evidenciando algumas características que fazem com que o estudo multidisciplinar da questão seja não só interessante, mas fundamental para se compreender dinâmicas que acontecem em nível individual, intragrupal e intergrupar.

Feito este enquadramento histórico e conceitual, segue-se com uma apresentação histórica do contexto emigratório brasileiro e imigratório em Portugal, o que serve de abertura para o resgate histórico da rota Brasil-Portugal e as formas com ela tem sido representada no âmbito mediático brasileiro e português. A respeito da Cultura e da Comunicação, diante das vastas possibilidades conceituais que o termo “comunicação” tem assumido ao longo dos séculos, começamos com uma exposição sobre o sentido adotado neste trabalho, sendo ele o da comunicação como interação simbólica. Esse é o ponto de partida para outras revisões da literatura apresentadas neste tópico, sendo uma delas aquela que

versa sobre os discursos enquanto instrumentos de ordenação do conhecimento sobre o mundo e uma outra que disserta sobre as particularidades da televisão enquanto meio e linguagem comunicacional. Foi incluído, ainda nesse capítulo, um tópico dedicado às representações sociais, dentre as quais se destaca o estereótipo, e a sua relação e uso nos conteúdos mediáticos.

Na sequência, no capítulo três, é feita a apresentação da abordagem metodológica adotada na pesquisa sobre a qual versa esta tese. Primeiramente, é apresentada a Análise Crítica do Discurso, abordagem utilizada tanto para a análise da série televisiva quanto dos relatos dos imigrantes brasileiros entrevistados. Sobre esse método – que é esclarecido tratar-se muito mais de uma abordagem do que um passo-a-passo analítico - é ressaltada a sua aplicabilidade para além da dimensão linguística e a sua importância para perspetivar questões circunscritas em um contexto de multiculturalidade, sobretudo por assumir-se como uma abordagem socialmente comprometida e engajada. Em um segundo momento, é apresentada a Semiótica Social, metodologia de eleição para a análise da articulação semiótica do discurso na série *Portugal pelos Brasileiros*. Após uma recapitulação sobre a história desse método científico e as suas especificidades frente a outras abordagens de análise semiótica, é apresentada uma grelha de análise em que constam os aspectos selecionados da literatura metodológica para a análise do objeto de estudo em questão.

Ainda nesse capítulo, é apresentada a História de Vida, metodologia de pesquisa qualitativa que orientou a coleta dos relatos da experiência migratória junto aos imigrantes brasileiros em Portugal. Para abordar o método, foi feita uma introdução histórica sobre o ganho de importância das subjetividades individuais como uma fonte de conhecimento legítimo sobre o mundo, uma circunstância em muito influenciada pela perda de importância das grandes narrativas em dar sentido ao mundo. Relacionado a esse contexto está a ascensão das Histórias de Vida enquanto método científico, uma relação que está em sintonia com a adoção de metodologias qualitativas para se investigar fenômenos sociais a partir de um ponto de vista mais aproximado. A abordagem sobre esse tema culmina em um breve resumo sobre a etapa de planejamento e realização das entrevistas com os imigrantes brasileiros, onde também se expõe as frases orientadoras para a coleta dos relatos.

Os próximos dois capítulos da tese apresentam as pesquisas empíricas realizadas no âmbito deste estudo. No capítulo quatro, sobre *Portugal pelos Brasileiros*, a análise é precedida de uma recapitulação da série e exposição do seu contexto de exibição na televisão brasileira. Uma sinopse ampla de cada um dos cinco episódios da primeira temporada, que foram os objetos de estudo deste trabalho, é apresentada. Segue-se para a exposição da análise, essa segmentada em dos tópicos distintos, de acordo com as metodologias escolhidas para o efeito: no primeiro deles, fala-se sobre o discurso; no

segundo, sobre a articulação semiótica desse discurso e também as novas narrativas que o complementam a partir dos arranjos semióticos identificados. Já o capítulo cinco, sobre as entrevistas como os imigrantes brasileiros em Portugal, começa com uma breve introdução que contempla pontos a se ter em consideração para a leitura dos resultados. Para dar a conhecer um pouco mais sobre aqueles que participaram da pesquisa, são apresentados ainda alguns dados quantitativos de caracterização da amostra. Na sequência, são apresentados os resultados e a análise do material coletado, esses organizados em uma lógica temporal

O capítulo subsequente, de número seis, é dedicado à discussão dos resultados obtidos nas pesquisas empíricas. Os discursos identificados na série televisiva e aqueles que surgiram nos relatos dos imigrantes foram analisados em conjunto, de modo a evidenciar pontos de similitude e diferença que apontam para as possíveis estratégias discursivas adotadas no contexto mediático brasileiro para o caso em questão. Esse texto é sucedido pelo capítulo sete com as considerações finais da tese, espaço onde também são indicadas algumas sugestões para pesquisas futuras que pretendam dar continuidade à compreensão da imigração brasileira recente em Portugal e a sua representação nos média brasileiros.

Embora tivesse algumas sugestões pessoais sobre uma ou outra questão do caso da imigração brasileira em Portugal, advindas da minha vida cotidiana no país, não defini, a partida, hipóteses que a pesquisa pudesse vir a confirmar ou contrapor. Do mesmo modo, não era a minha intenção pretender encerrar uma ou outra questão em apenas algumas linhas, mas sim contribuir com uma discussão que é mais ampla e que caminha no tempo conforme a humanidade avança. Sendo assim, se as conclusões às quais cheguei com este estudo forem o ponto de partida de novas reflexões, debates e estudos por intermédio dos quais se pretenda avançar ainda mais no entendimento sobre o tema ao qual me dediquei ao longo dos últimos anos, poderei dizer que toda a minha missão nesta jornada que foi o doutoramento terá sido cumprida.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E CONCEITUAL

2.1. Migrações

2.1.1. As migrações internacionais na contemporaneidade

Outras vozes eram aéreas. Das muitas espécies de aves voadoras só restavam as pequenas, silenciosas e brancas *chionis*, aves lixeiras e intronéticas, e as *dommuan gulh*, excelentes voadoras que enchem o ar com suas estridentes gargalhadas e impecáveis manobras. As *skuas*, agressivas e escuras aves de rapina que sempre molestavam os pinguins ou quem quer que se aproximasse de seus sítios, e os muitos tipos de petréis estavam provavelmente ao norte ou em migração. As pequenas *stern*, de corpo claro e cabeça preta e vermelha, a essa hora, talvez, sobrevoassem o Brasil, em sua eterna migração de uma ponta a outra do planeta. Dirigiam-se para o Ártico em busca de um novo verão polar. Sentia saudades de suas algazaras em *Port Lockroy* na ilha *Doumer*, e, de certa forma, invejava seu espírito errante. Tão pequenas, menores que um pombo, e tão viajantes. A partida dessas incríveis ciganas, que eu admirava quase tanto quanto os *wandering albatrosses*, juntou-se à conversa que tive com o casal holandês do *Jantne*, na primeira semana de Antártica, a esta hora, também a caminho do norte, e me fizeram desdobrar um plano que guardava há muito tempo, em segredo. Quando se está numa das pontas do mundo, em país nenhum, e qualquer par de oceanos pode servir de caminho para casa, fica muito fácil sonhar. As distâncias são relativas e na verdade África, Austrália ou América estão muito mais próximas daqui. Mas, quando se tem um barco nas mãos, que obedece a cada um dos dedos, e um oceano em cada direção, sonhar é perder tempo. (Klink, 1992, posição 1.205)

A migração das aves observada na Antártica por Amyr Klink, navegador brasileiro que ficou mundialmente conhecido por atravessar sozinho o oceano Atlântico em um pequeno veleiro de pouco mais que cinco metros de comprimento, serve aqui de introdução para começarmos a falar sobre o fenômeno das migrações humanas na contemporaneidade. Ainda que esse fenômeno se apresente e justifique de uma maneira muito diferente do que a migração de outras espécies, perspetivar o ser humano dentro de um contexto muito mais amplo, e parte integrante de um cosmo maior que é a Natureza nela mesma, permite ultrapassar as limitações da “cartilha epistemológica” contemporânea e navegar por águas mais profundas, no sentido de entender a migração não só como um fenômeno econômico, mas também cultural e social. Nesse sentido, enquanto que, no caso dos pássaros, nos quais o conhecimento sobre as suas migrações nasceram a partir de observações tecnicamente limitadas e largamente imaginativas (Rappole, 2013), o conhecimento sobre o fenômeno da migração humana tem sido construído com base em olhares apontados para diversas direções, buscando-se concatenar distintas variáveis de modo a ser possível fornecer respostas à uma única e importante pergunta: o que caracteriza a migração humana na contemporaneidade?

De acordo com McNeill (1984), a disposição para a migração é uma característica inata ao ser humano e remete para um período antes mesmo do surgimento do *homo sapiens* enquanto espécie. As sociedades nômades, afirma Fisher (2014), são um bom exemplo de como a migração, em determinadas

alturas, mesclava-se mesmo com o modo de vida e a organização social das sociedades humanas. Mais tarde, o fluxo migratório de áreas rurais para centros urbanos seria uma dinâmica que, segundo McNeill (1984), foi fundamental para alavancar determinados centros civilizatórios, ao passo em que também foi responsável pelo desaparecimento de muitos outros quando essas migrações de saída e entrada não aconteciam de forma equilibrada.

Na contemporaneidade, o fenômeno é, contudo, certamente muito distinto. De acordo com Massey et al. (1993), as migrações internacionais já não são historicamente localizadas, mas fazem mesmo parte na estrutura das sociedades industrializadas. Para Castles e Miller (1998), elas são, atualmente, um dos principais vetores de influência das transformações sociais observadas no mundo contemporâneo. Nesse sentido, a aposta destes autores de que, em fins do século XX e início do século XXI, o mundo entraria em uma era das migrações, pode ser considerada cada vez mais acertada conforme caminhamos pela terceira década do novo milênio. De acordo com a Organização Internacional para as Migrações (OIM), o número de indivíduos a residir em um país que não o do seu nascimento tem crescido substancialmente nas últimas décadas. Estima-se que, em 2020, havia 281 milhões de migrantes internacionais, o que representava 3,6% da população mundial e o triplo do número estimado em 1970 (OIM, 2021). O principal destino destes migrantes é a Europa, região onde encontram-se 87 milhões dos migrantes internacionais, seguida pela Ásia, onde vivem 86 milhões de imigrantes. Em terceiro lugar encontra-se a América do Norte, com 59 milhões de imigrantes, e a África, com 25 milhões (OIM, 2021).

Incluída neste crescimento está toda uma transformação da natureza, direção e dimensão dos fluxos migratórios nas últimas décadas do século XX, o que fica mais fácil de visualizar ao se abordar a questão do ponto de vista histórico. Massey et al. (2005) apontam os fluxos de emigração da Europa rumo às regiões do mundo às quais haviam chegado no período entre 1500 e 1800, que chamaram de “período mercantil” das migrações, como um importante referencial histórico na mudança do perfil migratório em escala global. Segundo Castles e Miller (1998), em fins do século XIX e início do século XX, as migrações internacionais passaram a ser marcadas por movimentos migratórios em massa observados, sobretudo, na Europa e na América do Norte, e que eram impulsionadas pela industrialização. De acordo com os autores, esse crescimento viria a ser quebrado a partir de 1914, momento em que estas migrações internacionais desaceleraram em função não só da estagnação econômica, mas também do racismo e da xenofobia. Essa hostilidade fomentada frente aos imigrantes seria um dos fatores que, na visão dos autores, contribuíram para o surgimento, em diversos países, do mito de uma nação homogênea, negligenciando-se o papel fundamental da população migrante no

desenvolvimento econômico e na caracterização sociocultural de muitos países ao longo da história. Mais tarde, com o fim da Segunda Guerra Mundial, Castles e Miller (1998) referem que dois momentos distintos, nos quais a estratégia econômica das nações eram igualmente diferentes, impactaram nos fluxos e nas características das migrações internacionais. Enquanto nos primeiros anos, entre 1945 e 1970, o objetivo era o de concentrar o investimento econômico e alargar a produção nos países mais industrializados, a partir do que ficou conhecido como a “crise do petróleo” entre 1973 e 1974, a orientação passou a se voltar para uma reestruturação econômica interna que poderia envolver capital estrangeiro, novos padrões de relações internacionais e novas tecnologias. É nessa altura em que muitas das nações caracterizadas pela emigração começam a ser reconhecidas também como espaços de imigração. No contexto europeu, entre a Segunda Guerra Mundial e o início da década de 1970, observa-se o surgimento de novas “nações emigrantes” em decorrência dos fluxos de migração laboral, mas também por conta de uma inversão de papéis e dos saldos migratórios nacionais. Esse foi o caso de países como a Grécia, a Itália e a Espanha, que passaram a se distinguir muito mais como países de imigração do que emigração, ainda que grande parte dessas imigrações fosse de nacionais que, até então, se encontravam emigrados em outros países europeus por motivo de trabalho (Castles & Miller, 1998).

Esse reajuste de países de origem e destino, bem como o surgimento de novas potências emigrantes e imigrantes, leva à uma outra consideração importante sobre a configuração das migrações internacionais na contemporaneidade e que diz respeito à sua diversidade. De acordo com Spellman (2008), durante o século XIX, os altos custos das migrações de longa distância fizeram com que essa possibilidade estivesse ao alcance de grupos sociais específicos, desconsiderando-se aqueles que migravam de forma forçada, como é o caso das pessoas escravizadas. O autor entende que foi ao longo do século seguinte, ultrapassando-se dificuldades que dificultavam a migração de outros grupos sociais, em que o projeto migratório tornou-se uma possibilidade para um maior número de pessoas.

Como vimos em Castles e Miller (1998), com o final da Segunda Guerra Mundial, tem início uma intensificação da circulação de bens materiais e *commodities* de e para distintas partes do mundo, em uma corrente de abertura de mercados locais ao nível mundial. Acompanhando esse movimento, os autores referem-se a esse período como uma altura de diversificação nos fluxos migratórios ao nível mundial que, conseqüentemente, contribuiu para que uma pluralidade étnica nas sociedades altamente industrializadas começasse a se fazer cada vez mais visível. De acordo com os autores, esse era o resultado da migração de indivíduos das antigas colônias, de países do Leste Europeu para o Ocidente Europeu e da continuidade do fluxo migratório da Europa para a América do Norte e Austrália - que, mais

tarde, também receberiam imigrantes da Ásia e da América Latina. Diante desse contexto, é interessante observar como, embora a informação, os bens e os serviços estivessem cada vez mais disponíveis aos indivíduos em várias partes do mundo, essa facilidade no seu acesso não significou uma desaceleração nos movimentos migratórios. Essa contradição foi colocada como um paradoxo identificado por Augé (2010), sendo uma das marcas da mobilidade sobremoderna³ segundo a qual, apesar de toda a sorte de informações e bens estar ao acesso do indivíduo globalizado, os deslocamentos geográficos e a desterritorialização ainda são algumas de suas principais marcas.

Além do caráter global e da diversidade das migrações das últimas décadas, é preciso reconhecer ainda uma mudança importante nas próprias motivações que levam os indivíduos a migrarem. Embora a dimensão econômica ainda seja predominante, a forma de abordá-la no contexto das migrações internacionais laborais tem refletido todas as mudanças observadas quanto às suas características. De acordo com Massey et al. (1993), as principais teorias econômicas⁴ sobre as migrações internacionais podem ser agrupadas em duas diferentes categorias. A primeira delas é o grande grupo das teorias econômicas neoclássicas que, segundo os autores, têm sido responsáveis por orientar a administração pública para o desenvolvimento de políticas e diretrizes governamentais para a gestão da migração em territórios nacionais, além de fornecer os parâmetros segundo os quais a opinião pública sobre a migração e os seus protagonistas tem se baseado. Dentro desse grupo está o que ficou conhecido como as “leis da migração”, primeiramente esboçadas por Ravenstein (1885) e depois “corrigida” e atualizada por Lee (1966), que logo percebeu que a decisão de migrar ultrapassava a “racionalidade” e que os fatores de atração e repulsão não eram mais que a percepção do sujeito sobre o local de origem e o de destino.

Ainda assim, um dos pontos que está na base do trabalho original de Ravenstein (1885) e da sua revisão por Lee (1966) é a questão da atração e da repulsão dos indivíduos em relação à sua posição no mundo, inspirada, segundo Pinho (2014), no princípio sociológico do *homo economicus*. Nesse sentido, trabalhos como esse, que se enquadram no grande grupo das teorias econômicas neoclássicas das migrações internacionais, têm como pressuposto a migração como parte de um processo incluído em uma dimensão econômica, sendo ela um pré-requisito estrutural da economia das sociedades

³ Importa referir que, segundo Augé (2010, p. 15), a ideia de mobilidade aqui não se restringe ao deslocamento de pessoas, mas também à comunicação e a circulação de produtos e informações de ordem subjetiva, dentre as quais estão a literatura e as imagens. Vemos, portanto, que é um conceito em íntima relação com as orientações ideológicas da globalização. O termo “sobremoderno”, de acordo com o autor, refere-se à uma condição que indica “superabundância de causas que complica a análise dos efeitos”.

⁴ Ainda que não faça parte do escopo desta pesquisa uma análise pormenorizada de tais teorias, é importante referir que estudos de desse teor já têm sido desenvolvidos. Citamos, a título de exemplo, a organização das teorias existentes de acordo com a sua natureza que fora realizado por Hagen-Zanker (2008) e a reavaliação de Massey et al. (2005) de teorias pré-existentes conjugadas aos novos cenários que se têm relevado a partir de pesquisas empíricas realizadas ao longo do último século.

modernas e industrializadas. Olhada a partir desse ponto de vista, a decisão de migrar resulta de uma equação, ao nível individual, dos custos e benefícios do projeto migratório em uma perspectiva temporal. Assim sendo, o deslocamento de pessoas entre países é entendido dentro de uma lógica de mercado dentro da qual as regiões geográficas se diferenciam de acordo com a oferta e a demanda de trabalho, bem como todo o contexto econômico que daí surge.

Visto que, segundo Becker (1996), um dos grandes desafios sociais nas primeiras décadas do século XX era a questão das migrações, acompanhando importantes guinadas nas pesquisas científicas dentro do campo da Sociologia, por essa altura, começaram a surgir estudos focados nas migrações e que propunham um olhar mais alargado sobre o fenômeno. Foi nesse contexto em que William Thomas, um dos primeiros professores do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, se uniu a Florian Znaniecki para estudarem, juntos, poloneses que residiam na Polônia e os que faziam parte da comunidade imigrante polonesa nos Estados Unidos. Em seu estudo sobre esta comunidade de imigrantes poloneses na zona rural da América do Norte, intitulado *The Polish Peasant in Europe and America* (1918–1920), os autores buscaram entender de que forma era possível que aqueles indivíduos mantivessem a sua coesão social e cultural, a despeito de ocorrências extraordinárias do processo migratório e da adaptação à nova sociedade que desafiava as suas crenças e valores.

A contribuição de Thomas e Znaniecki abriu, assim, uma brecha para um olhar multidisciplinar sobre as migrações. Em meados do século XX, despontam modelos teóricos que fornecem novas perspectivas de análise de modo a contemplar as mudanças observadas nos fluxos internacionais. As teorias que integram esse grande grupo das novas economias da migração, com à elas se referem Stark e Bloom (1985), partem do princípio de que a decisão de migrar, que antes era tomada com base em uma percepção individual de custos e benefícios, contempla agora grupos mais alargados de pessoas, enfatizando-se assim a influência de um contexto social mais amplo na decisão e no percurso migratório. Essa mudança faz com que o objetivo da migração já não seja apenas baseado em uma ideia de ganho pessoal, mas sim à minimização de riscos financeiros no país de origem e ao fomento de novas oportunidades econômicas para além de sistemas econômicos que se demonstrem insuficientes para suprir as necessidades ou perspectivas destes grupos de pessoas.

Incluída nesta ideia está uma mudança de paradigma importante: o rendimento já não é mais visto como aquele que vem de uma só fonte, mas agora comporta a possibilidade de ser originado em diversas fontes, ainda que isso não necessariamente signifique um aumento. O cerne da questão econômica passa, então, a ser não somente uma melhoria da condição financeira, mas também que ela se reflita no estatuto social dessas pessoas. Nesse sentido, o objetivo maior a ser alcançado, de acordo

com Stark e Bloom (1985) e reforçado posteriormente por Massey et al. (1993), é que, quando comparadas com aqueles que fazem parte do seu círculo social e que são o seu grupo de referência, essas pessoas migrantes possam ser percebidas como possuidoras de um estatuto social mais elevado.⁵

Todo esse novo contexto das migrações internacionais nas últimas décadas, bem como o seu reflexo nas mudanças epistemológicas sobre como abordar o fenômeno, se refletem nos fluxos que conhecemos na contemporaneidade. Para Massey et al. (2005), na atualidade, as migrações internacionais devem ser consideradas como um fenômeno social de nível mundial e com consequências de dimensões econômicas e sociais, um vez que tem ocasionado mudanças profundas nas sociedades em várias partes do planeta. A retrospectiva aqui apresentada coloca em evidência aquela que é uma das principais características que enunciam as migrações internacionais na contemporaneidade, uma era que os autores se referem como pós-industrial: o seu caráter global, implicando uma maior diversidade de origens e destinos, assim como novas configurações dos trajetos migratórios e seus sujeitos. Consequentemente, as novas faces das migrações internacionais evidenciam um cenário caracterizado pela intensidade, multipolaridade e diversificação. Por outro lado, como chamam a atenção Cabecinhas e Cunha (2008), a aceleração que permite com que pessoas, produtos e ideias estejam mais acessíveis a um maior número de pessoas e em menor tempo não deve ser tomada como um sinal de convergência de qualquer espécie entre aqueles que estão envolvidos neste processo.

Nessa discussão, Castles e Miller (1998) lembram que a migração internacional pode vir a ser tanto causa como um efeito de conflitos de diversas ordens, o que se tem observado ser uma verdade na contemporaneidade. De acordo com Bobić e Janković (2017), no que diz respeito ao contexto europeu, as lacunas que se observam entre as respostas públicas, o desenvolvimento de políticas voltadas para a imigração e a literatura científica sobre o tema é resultado de todo um novo contexto migratório diferente de outras épocas e que desafia mesmo o futuro da União Europeia. Ainda que mencionem o que é conhecido pela “crise migratória”, caracterizada, segundo os autores, pela chegada inesperada e em um curto espaço de tempo de grandes quantidades de refugiados, asilados políticos e migrantes laborais, como um dos principais impulsionadores desta situação, a verdade é que esse descompasso é também um resultado de novas configurações socioculturais que vão se formando nas sociedades contemporâneas.

Esse novo contexto leva à uma realidade que já não pode ser ignorada: a de que as migrações internacionais devem ser estudadas a partir de novas perspectivas que permitam conhecer o fenômeno a

⁵ Stark e Bloom (1985) também admitem que as migrações podem ser fomentadas pela intenção não de se melhorar o estatuto social em relação ao grupo de referência, mas de se mudar o próprio grupo de referência, que passa a não ser mais aqueles que estão no país de origem.

partir de uma contemplação mais abrangente. De acordo com Massey et al. (2005), muitos dos modelos de análise utilizados na investigação científica foram concebidos na época industrial das migrações, entre o século XIX e o início do século XX, sendo agora insuficientes para a completa compreensão dos fluxos migratórios das últimas décadas. Do mesmo modo, embora os dados estatísticos chamem atenção para a dimensão física das migrações internacionais contemporâneas, a complexidade do deslocamento humano, sobretudo na contemporaneidade, extrapola essa dimensão puramente quantitativa. Isso quer dizer que, embora exista todo um arcabouço teórico que busca responder às principais indagações sobre as migrações, a exemplo das teorias neoclássicas e das novas economias das migrações aqui referidas, é preciso avançar no sentido de se entender o assunto a partir de outros caminhos, em um movimento que pretenda alargar o alcance da visão sobre essa problemática, entendendo-se de que forma as variações nas configurações das migrações internacionais e seus dados estatísticos incidem ou podem indicar questões de outras ordens.

Entendemos, portanto, que as mudanças na natureza das migrações internacionais e no seu estudo não somente como um fenômeno econômico, mas inserido em uma lógica social e cultural mais alargada, evidencia a necessidade de se promover uma visão holística do fenômeno na contemporaneidade. Araújo, Cogo e Pinto (2015), por exemplo, referem a necessidade de que sejam desenvolvidas pesquisas voltadas para se entender os motivos que fazem com que as pessoas migrem, sobretudo porque os fluxos migratórios contemporâneos são muito menos lineares do que os de outrora. Corroborando com esse ponto de vista, Massey et al. (1993) entendem que já não é mais possível abordar as migrações internacionais contemporâneas a partir de um olhar restrito à dimensão econômica, uma vez que esse foco restritivo não logrará alcançar descobertas que, de facto, reflitam uma realidade que é complexa e que podem contribuir para a sua compreensão. Os autores defendem, portanto, uma abordagem multidisciplinar e que leve em conta as diversas camadas e pontos de vista envolvidos.

2.1.2. Um olhar multidisciplinar sobre as migrações internacionais

Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o "imigrante", situa-se nesse lugar "bastardo" (...) a fronteira entre o ser e o não-ser social. (Bourdieu, 1998, p. 11)

É respondendo à essa demanda por novos olhares sobre o fenômeno migratório que promovemos aqui um olhar sobre os aspetos socioculturais das migrações internacionais, uma perspectiva multidisciplinar sobre o tema que está alinhada à distinção feita por Barker (2005) entre os

estudos sobre culturas e os Estudos Culturais. Segundo o autor, enquanto o primeiro restringe-se aos estudos de aspetos culturais encapsulados nas áreas disciplinares das Ciências Sociais e Humanas, o segundo pode ser definido como uma linha de pesquisa que outrora esteve institucionalizada e que conta com um arcabouço teórico e conceitual mais alargado e, ao mesmo tempo, particular. Essa visão compactua com o olhar de Hall (1997/2013) de que os Estudos Culturais são, essencialmente, a formação de um *cluster* de ideias e conceitos usados para analisar as sociedades. Desta forma, a intenção, nesta pesquisa, foi a de promover a interdisciplinaridade entre áreas como os Estudos Culturais, as Ciências da Comunicação e a Psicologia Social, tendo-se sempre a temática das migrações como fio condutor. Buscando perspetivar as migrações a partir dessas distintas óticas, é possível ir trilhando um caminho que, do ponto de vista a partir do qual este estudo foi desenvolvido, agrega um significativo valor ao estudo do tema, em especial por permitir novos caminhos de análise aos antigos (e também novos) questionamentos no que se refere às migrações internacionais contemporâneas.

Uma primeira necessária dissertação nesse sentido é aquela que fala sobre os diferentes modos de se referir àquele que se desloca de um lugar a outro. Nas sociedades contemporâneas, ainda que estes diferentes termos estejam ligados a um panorama comum por estarem inseridos em uma ideia mais ampla – a do “Outro” –, em uma esfera discursiva na qual o mundo se traduz e ganha sentido, os diferentes conceitos que hoje existem para designar aquele que se desloca geograficamente raramente se encontram. Mais do que simples designações, os termos usados para se referir a esse sujeito carregam representações cognitivas socialmente partilhadas que, ainda que de forma não propositada (embora, muitas vezes, o seja), influenciam toda a experiência social do migrante. Afinal, de acordo com Morales e Zárate (2016), além de conferir sentido, as designações conferem valor.

Encontramos um exemplo das diferentes consequências, ao nível da experiência do migrante, em se adotar um ou outro termo para designá-lo, no estudo de Mullen, Rozell e Johnson (2000) sobre a utilização de termos de cunho xenófobo associados a grupos sociais de imigrantes, no qual se expõe que o surgimento e perpetuação desses termos está diretamente associado ao grau de proximidade entre os grupos envolvidos. Em K. Neumann (2005), o foco recai sobre os refugiados e o quanto uma identidade marcada pela ideia do exílio, que o autor entende estar impregnada pela noção de banimento e perda de laços com o país de origem, e não da imigração, na qual se espera o fomento de laços mais profundos com o país de destino, traz consequências ao nível do processo de aculturação destes indivíduos nas sociedades de acolhimento. De acordo com o autor, uma mudança na caracterização desses indivíduos não como “refugiados”, mas antes como “imigrantes”, teria como consequência algumas significativas mudanças positivas na vida dessas pessoas, tais como a perda do medo constante de terem que retornar

um dia para o país de origem e uma atenuação da expectativa, por parte daqueles que ficaram no país de origem, de que o refugiado se aculture de tal à cultura do país de destino que o faça perder os laços com a sua cultura de origem.

Tedesco (2016) enumera alguns autores modernos que buscaram entender a condição migrante no que diz respeito às dinâmicas e interações sociais. Não obstante a pluralidade de designações para falar sobre aquele que se desloca de um lugar para outro, por trás de todas elas está a ideia do estrangeiro, sobre a qual Simmel (1908/1983) se aprofundou e trouxe importantes contribuições para a compreensão do seu papel na vida em sociedade. Olhando para a questão do estrangeiro a partir de uma ótica crítica sobre a cultura moderna (Tedesco, 2016) e tendo a figura do comerciante como um exemplo do indivíduo estrangeiro a um grupo social, Simmel expõe a sua visão sobre a relação social do estrangeiro na comunidade de acolhimento. O seu estudo é de grande valia para o tema das migrações, sobretudo porque foi ele um dos primeiros autores a conceituar o estrangeiro não como aquele indivíduo cujo encontro com um determinado grupo social acontece no âmbito de seu trânsito pelo mundo, mas sim aquele que "chega hoje e amanhã fica" (Simmel, 1908/1983, p. 182), explicitando toda uma nova dinâmica relacional entre esse sujeito e o grupo social de chegada, e que acaba por acarretar reverberações em diversas dimensões sociais.

Simmel (1908/1983, p. 184) define o estrangeiro como uma pessoa "fundamentalmente móvel" cuja identidade vai sendo construída a partir do ocasional "contato com todos os elementos do grupo" em que passa a estar inserido, mas que, a partida, não está "organicamente ligada com qualquer deles por laços estabelecidos de parentesco, localidade ou ocupação". A questão da pertença é central em sua teoria, uma vez que, como refere Filho (1983, p. 24), a questão da proximidade em Simmel pouco ou nada tem a ver com a disposição geográfica, estando mais relacionada com o que chamou de "forças psicológicas" e "fatores espirituais" que atuam como verdadeiros balizadores das relações sociais, ao promoverem a aproximação ou o distanciamento entre pessoas e grupos sociais. Esse distanciamento na proximidade, sendo a proximidade física e o distanciamento de tudo o que é abstrato, confere ao estrangeiro uma certa mobilidade social, resultante do fato de o mesmo estar inserido em um determinado grupo social e, ao mesmo tempo, não estar ligado diretamente à nenhuma esfera mais específica dos seus membros. Além disso, esse caráter de desenraizamento acaba por fazer com que, uma vez estando liberto da cultura local, o estrangeiro consiga analisar o contexto social que o circunda de forma objetiva, partindo do ponto de vista de alguém que não está nele diretamente envolvido.

Pode-se dizer, portanto, que a relação de proximidade e distância, essas duas facetas da condição do estrangeiro apresentadas por Simmel, é a síntese de uma natureza de polos que se traduz

na definição do sujeito de fora que chega na sociedade de destino. Essas categorias, no entanto, são flexíveis e passíveis de reinterpretações, tendo sido, de facto, alvo de uma multiplicidade delas, às quais é possível ter acesso por meio de uma revisão de literatura sobre o tema. Enquanto em Tedesco (2016, p. 290), por exemplo, elas aparecem como "familiaridade e estranhamento, emoção/afetividade e indiferença, engajamento e liberdade, suspeição e perigo", em Sayad (2011), essa polaridade é apresentada como a própria condição social e subjetiva paradoxal dos emigrantes e imigrantes. O abstrato torna-se, portanto, espaço no qual passam a coexistir diferentes culturas em um mesmo território.

Neste ponto, uma reconstrução da ideia de "território" como o vemos em Haesbaert (2007) passa a ser tanto pertinente quanto necessária. Em um resgate etimológico da palavra, o autor lembra que o seu surgimento remete tanto para uma dimensão material quanto simbólica. Essa possibilidade de se pensar os territórios como um espaço geográfico sobre o qual incidem diversas camadas que, juntas, tornam possível a caracterização da vida em um determinado lugar do mundo, foi o que levou o autor a pensar o território também segundo uma ideia de multiterritorialidade. Para Haesbaert, é possível entender e caracterizar um determinado local tanto pelos seus aspetos políticos e econômicos quanto por sua cultura e repertório simbólico, esses últimos constituindo uma dimensão mais subjetiva. A partir dessa ótica, os processos de desterritorialização e territorialização, que encontram nas migrações um dos seus maiores expoentes, compreendem tanto o movimento geográfico quanto o afastamento ou aproximação de todo um arcabouço que dota de sentido e significado a vida humana.

Olhando para a questão a partir de uma outra perspectiva, Augé (2010) recomenda uma reflexão sobre o próprio conceito de fronteira no mundo pós-moderno, uma vez que as fronteiras políticas que se diluem em um contexto migratório facilitado pelos processos da globalização são substituídas por novas fronteiras dentro do território nacional, gerando-se, assim, novas possibilidades de desigualdade.

(...) é a cada dia maior a distância entre a representação de uma globalidade sem fronteiras que permitiria aos bens, aos homens, às imagens e às mensagens circularem sem limitação, e a realidade de um planeta dividido, fragmentado, no qual as divisões renegadas pela ideologia do sistema encontram-se no próprio coração desse sistema. (Augé, 2010, p. 22)

Entender que o território é composto não só por suas componentes geográficas, mas também simbólicas, faz com que todo um novo espectro de questões socioculturais relacionadas às migrações internacionais se abra. Castles e Miller (1998) referem que um dos pontos principais é o das problemáticas que surgem quando passam a viver em uma mesma sociedade uma diversidade cultural e social. Haesbaert (2007) refere que aqueles que estão fora dos seus territórios de procedência acabam por estar em uma posição mais vulnerável, por encontrarem-se apenas parcialmente territorializados nos

novos territórios que habitam. Vemos ainda em Park (1928) uma alusão ao migrante como um sujeito que, por um determinado período, vive nas fronteiras culturais e, com isso, deve ressignificar a sua existência no mundo. Esse "homem marginal" (p. 881) é, portanto, um verdadeiro "andarilho em potencial" (p. 888), desvinculado de convenções sociais e culturais locais que poderiam o moldar à sua maneira. De facto, este é um momento na vida do sujeito em que, segundo Sayad (2011), há uma rutura importante com o seu grupo social de pertença, bem como com todo o sistema de valores, atividades e pré-disposições comunitárias sobre a vida.

Assim, imigrar é imigrar com sua história (sendo a imigração mesma parte integrante desta história), com suas tradições, suas maneiras de viver, de sentir, de agir e de pensar, com sua língua, sua religião assim como todas as demais estruturas sociais, políticas e mentais de sua sociedade, não sendo as primeiras mais do que a incorporação das segundas, em resumo, com sua cultura. (Sayad, 2011, p. 22)

A reflexão de Simmel sobre a figura do estrangeiro também contempla a reflexão sobre as conexões existentes entre as interações interpessoais e aquelas em nível grupal. A esse respeito, o autor alega que é a própria experiência do sujeito no novo grupo social em que está presente que irá se refletir na posição social que terá naquela sociedade. Esse aspeto de sua teoria devota uma importância especial às relações intergrupais, uma vez que, segundo o autor, “os estranhos não são tomados como indivíduos, mas como estrangeiros de um certo tipo socialmente definido” (Simmel, 1908/1983, p. 270), sendo esse tipo baseado em “elementos socialmente objetivados” (p. 270). Para abarcar a complexidade dessa discussão, muitos académicos, a exemplo de Cogo (2002), falam sobre as várias identidades assumidas pelos migrantes.

Segundo Araújo, Cogo e Pinto (2015), a migração não se constitui apenas como uma dentre tantas outras narrativas, mas passa ela mesma a integrar a esfera identitária de determinados grupos sociais. Nesse sentido, ao se colocar as dinâmicas sociais no centro dessa discussão, alguns autores têm optado por alargar o conceito de identidade para que seja possível falar também de uma identidade social (cf. Misztal, 2003), ou seja, aquela que é negociada a partir da percepção de pertencimento a um ou outro grupo social. Em Tajfel e Turner (1979), o conceito de identidade social está relacionado com a percepção de pertença de um indivíduo enquanto membro de um grupo social que não é necessariamente baseada em uma convivência frequente entre ele e os demais membros desse grupo, e nem mesmo o fato de terem uma mesma visão de mundo, senão está muito mais embasada no fato dos próprios indivíduos se identificarem com o grupo social em questão ou serem percebidos pelos outros como membros daquele grupo social. Os autores definem a identidade social como os aspetos da autoimagem de um indivíduo que foram transportados da dimensão coletiva para a dimensão

individual a partir do momento em que uma pessoa se identifica com um determinado grupo social, passando algumas das características associadas àquele grupo ou categoria social a compor a sua própria identidade perante a sociedade. Essa perspectiva sobre a identidade do ponto de vista das relações entre indivíduos e grupos sociais coloca em evidência a importância do processo de categorização social não somente como uma ação cognitiva de organização do mundo, mas também como um importante mecanismo por meio do qual os indivíduos definem o sentido de si e orientam a sua relação social no meio em que se inserem.

Essa abordagem ao conceito de identidade em uma dimensão social nos permite entender que a posição social que o migrante vem a assumir na sociedade de destino não é uma consequência tão somente de um contato cultural que ali se estabelece, mas também do seu posicionamento (na maior parte das vezes, involuntário) em uma complexa estrutura social. Mais ainda, essa teoria é particularmente útil em contextos sociais onde é possível observar assimetrias de poder simbólico que acarretam uma capacidade de intervenção social desigual (Cabecinhas, 2007).

De facto, um dos aspetos aos quais se deve ater é de que a identidade social de um determinado grupo social é definida não só de acordo com critérios definidos pelo próprio grupo, mas também a partir de definições que são construídas por membros de fora. Segundo Tajfel e Turner (1979), a definição que um grupo social tem de si mesmo é tão importante quanto àquela que os outros têm deste mesmo grupo, o que evidencia o importante papel das instituições sociais e outros grupos sobre a negociação identitária de um indivíduo ou grupo social. O que se observa com frequência, no caso das migrações internacionais, é, segundo Cabecinhas (2007, p. 79), uma "generalização abusiva" do sujeito migrante em representações sociais e linhas discursivas pré-concebidas.

Por outro lado, segundo Tajfel e Turner (1979), a simples categorização dos sujeitos em grupos distintos leva ao emprego de estratégias de discriminação por um grupo em relação aos demais, o que, no entendimento desses autores, indica que a própria distinção entre o "Eu" e o "Outro" é uma etapa do processo de discriminação social. São essas duas concepções, aquela que tem a cultura como ponto mais forte e aquela que está embasada na estrutura e nas posições do indivíduo em seu contexto social, que permitem deduzir que a identidade do sujeito migrante é, acima de tudo, fragmentada (Hall, 1992/2006), permitindo a conjugação de linhas discursivas distintas - e, por vezes, até mesmo antagônicas - na construção de uma ideia de si mesmo. O sujeito passa, então, a poder incorporar, em sua constituição identitária, diversas narrativas, uma união de diversos pedaços em uma identidade fragmentada, sendo a ideia que faz de si mesmo e que os outros têm de si o resultado de uma concatenação de narrativas e discursos que vão além da experiência de vida.

Nesse contexto de definição identitária e relações intergrupais, o racismo é uma realidade que continua muito presente. Em uma retrospectiva histórica sobre o conceito por trás do termo, a Segunda Guerra Mundial constitui um importante marco no qual o racismo adquire novas e importantes conotações - para uma revisão ver, por exemplo, Cabecinhas (2007). De assinalar o impacto de uma importante publicação da UNESCO (1960/1973) na qual se recomendava o abandono do termo “raça” e a utilização do termo “grupo étnico” em seu lugar, por alegadamente ser menos discriminatório. No entanto, como assinala Vala (1999), a um “racialização” seguiu-se um processo de “etnização”, no qual o termo “raça” foi substituído por “etnia” ou “grupo étnico”, mas tendo subjacente os mesmos processos de diferenciação e hierarquização.

No entanto, de acordo com K. Andrews (2021, posição 7.27), ainda que um certo “imperialismo Ocidental” na contemporaneidade trabalhe no sentido de fazer acreditar estarmos a viver em uma sociedade “pós-racismo”, ele ainda está presente. É possível observar o surgimento de novas formas de racismo já não restritas a questões fenotípicas, mas também aos aspetos culturais e associados ao seu grupo social de pertença. Essa pluralidade de possibilidades faz com que, de acordo com Cabecinhas (2007), diante da diversidade de conotações que o termo pode assumir devido às mudanças às quais esteve atrelado e os vários alvos que teve ao longo da história, definir o conceito de racismo seja uma tarefa complexa.

A acessibilidade das categorias raciais e o seu valor explicativo da realidade social demonstra que, apesar das tipologias raciais terem sido abolidas da ciência há largas décadas (UNESCO, 1960/1973), continuam a estruturar o pensamento do senso comum. As campanhas de sensibilização da opinião pública para a problemática do racismo, tendo insistido na ilegitimidade da discriminação a partir da ‘cor da pele’, tiveram como resultado uma maior prudência no discurso relativamente às categorias raciais mas não relativamente às categorias étnicas: alguns participantes mencionaram nas suas respostas que as diferenças biológicas não deveriam conduzir à discriminação social, mas o mesmo não aconteceu relativamente às diferenças culturais. Constatamos, assim, que a herança do pensamento racista continua presente, embora se verifique uma metamorfose ao nível da expressão pública da discriminação racial. (Cabecinhas & Amâncio, 2003, p. 18)

Lima e Vala (2004) descrevem o racismo como um processo que envolve a hierarquização, exclusão e discriminação de um sujeito ou grupo social com base em alguma característica externa que é ressignificada para traduzir especificidades culturais internas e padrões de comportamento. Corroborando com o argumento do surgimento de novas faces do racismo, os autores apontam para o surgimento, contudo, não de novas formas de racismo, mas sim de novas teorias sobre o racismo e os seus mecanismos de discriminação na atualidade. Ao referenciarem o estudo de Pettigrew e Meertens (1995), que fora desenvolvido em um contexto europeu, Lima e Vala chamam a atenção para as duas formas de racismo de acordo com a sua manifestação, podendo ser tanto um racismo flagrante, que é

publicamente expresso e vai diretamente contra as normas antirracistas vigentes, ou um racismo subtil que não está em desacordo com as normas antirracistas por também por elas não estar contemplado.

Dentro dessas duas possibilidades, são muitas as teorias que podem ser trazidas como exemplo, como aquelas que são referenciadas por Lima e Vala (2004) - racismo simbólico, racismo moderno, o racismo ambivalente e racismo cordial - para exemplificar a pluralidade de novas teorias com as quais a discriminação racial pode acontecer. Já em Delanty, Jones e Wodak (2011, p. 3) encontramos referência ao que os autores chamaram de "racismo sincrético", assim nomeado por herdar aspetos xenofóbicos, mas também etnocêntricos e patriarcais, e se fazer presente de diversas formas e em diversas dimensões da sociedade, penetrando camadas sutis que acabam por naturalizar a sua ação. Segundo os autores, por incorporar uma componente que parece ir justamente contra o racismo, por meio da inversão dos valores liberais para concatenar a multiculturalidade na identidade nacional a partir da ideia de tolerância, esta nova faceta do racismo torna as suas fronteiras difusas ao se alinhar a discursos codificados que emergem socialmente e acabam por contribuir para a construção de um repertório cognitivo onde a ideia da supremacia cultural e a discriminação tornam-se menos evidentes, embora não menos problemáticas. Se caracterizam, assim, como uma forma de "violência simbólica" (Delanty, Jones & Wodak, 2011, p. 16) que coloca em evidência a relação entre o comportamento xenofóbico e as representações sociais, sendo expressa por meio da linguagem e das construções discursivas.

2.1.3. Do lado de lá: a emigração no Brasil

Quando o objetivo é entender a migração internacional em seus aspetos mais fundamentais, seja na perspectiva do país de origem ou na perspectiva do país de destino⁶, deve-se também atentar para a situação que se caracteriza no lugar de partida. Por esse motivo, sendo o tema desta pesquisa a imigração brasileira em Portugal, consideramos importante, primeiramente, contextualizá-la em um cenário mais amplo que é o da emigração brasileira no último século. Até os meados do século XX, o Brasil foi considerado um país de imigração, tendo recebido, maioritariamente, emigrantes europeus. Como refere Patarra (2005), esses indivíduos não provinham somente da sua antiga metrópole, Portugal,

⁶ Ainda que o termo "país de destino" seja comum na literatura sobre as migrações, a sua utilização aqui merece algumas ressalvas. Isso porque é tanto as novas configurações das migrações quanto um olhar mais aprofundado e aproximado sobre os diferentes fluxos migratórios em nível mundial o que aponta para uma necessidade de se ultrapassar a abordagem dicotômica das migrações que fala sobre um "país de origem" e um "país de destino". Especificamente no caso da imigração brasileira em Portugal, a inadequação do termo é ainda mais evidente. Em diversos estudos sobre o caso, evidencia-se o quanto Portugal é visto não como um destino final da emigração brasileira, mas sim como uma "porta de entrada" para outros países europeus, não sendo raro encontrar designações ao país como uma "plataforma de exportação" (Andrade, 2021, p. 112) ou um "trampolim" (Abdo, 2016, p. 84) utilizado pelos brasileiros para ingressar e fixar residência de forma documentada na Europa. Conforme veremos nos resultados de uma das pesquisas empíricas, encontramos essa visão no relato de alguns dos imigrantes entrevistados. Sendo assim, ainda que usemos o termo "país de destino" neste trabalho, alertamos para que a sua leitura esteja mais alinhada à ideia de um "país de acolhimento" - ou mesmo sociedades "adotivas", como refere Cogo (2002, p. 3) - do que, efetivamente, um país que é o destino final do projeto migratório.

mas também de Espanha, Itália, Alemanha e outros países do continente europeu. Foi apenas a partir da segunda metade daquele século em que os fluxos de emigração brasileira, que na altura ainda se mostravam muito incipientes, começaram a se intensificar, sucedendo o que Pinho (2014) refere como um período histórico marcado por migrações internas entre as fronteiras nacionais que foram de grande relevância para a composição de cada região do país.

Em um primeiro momento, entre as décadas de 1940 e 1960, o movimento de migração interna era caracterizado pelo deslocamento de pessoas do Estado de Minas Gerais e do Nordeste do país para as metrópoles do Sudeste, em especial para as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Atraídos pelo intenso processo de industrialização que ali se constituía - e, no caso do Nordeste, também como uma forma de fugir dos períodos de seca daquela altura (Fausto, 1995) - estes migrantes internos viriam a complementar a mão-de-obra estrangeira que havia chegado ao país nas primeiras décadas daquele século. Especificamente na década de 1950, a Lei nº 3.273, que instituía a transferência da capital federal brasileira do Rio de Janeiro para Brasília a partir do dia 21 de abril de 1960, foi aprovada em 1957 pelo Congresso Nacional. Como consequência, parte do fluxo migratório interno foi reorientado para a região Centro-Oeste do país, no que é hoje conhecido como a "marcha para o Oeste" (Fausto, 1995, p. 534). Segundo Fausto (1995), esse novo direcionamento era estratégico e tinha dois objetivos centrais: amenizar o fluxo para as metrópoles na região Sudeste ao mesmo tempo em que se estabelecia um novo polo político e econômico nacional no Centro-Oeste.

Ainda que alguns fluxos de emigração já tivessem sido mapeados, como a emigração para a Guiana Francesa na década de 1960 e para o Paraguai na década seguinte (E. dos Santos, 2015), por motivos econômicos e também políticos (Assis, 2017), foi a partir da década de 1980 em que este cenário começou a mudar de figura. Sucedendo um período de três décadas de industrialização, urbanização e crescimento econômico, instaurou-se, no território brasileiro, uma situação mais estável e desfavorável economicamente. Marcada pelo fim da ditadura militar no país, que durou entre 1964 e 1985, aquela década representava o contexto mais pessimista em anos, com uma taxa de desemprego que crescia a passos largos e trabalhadores que iam perdendo o poder aquisitivo – o índice que indicava a média de rendimento das pessoas assalariadas apresentou um decréscimo de 19,7% entre 1989 e 1990, sendo o salário registado neste último ano 35,7% menor que no ano anterior (Fausto, 1995). Figueredo e Zanelatto (2017) mencionam também o congelamento do crescimento econômico, uma inflação que crescia vertiginosamente e a desvalorização da moeda nacional, gerando-se, conseqüentemente, uma redução no poder de consumo. Todo esse contexto fez com que a década de 1980 viesse a ficar popularmente conhecida no Brasil como a "década perdida" (Fausto, 1995, p. 546).

É certo, contudo, que o termo também pode ser empregado corretamente para descrever a situação dos outros países latino-americanos naquela mesma altura em que, vencendo a ditadura, entravam em um período de recessão econômica (Figueredo & Zanelatto, 2017).

Todo esse contexto crítico do ponto de vista econômico fez com que, naturalmente, os movimentos de entrada no país diminuíssem, ao mesmo tempo em que crescia o interesse em emigrar e encontrar melhores cenários de vida além das fronteiras políticas nacionais. Essa é a principal importância da década de 1980 no panorama das migrações no Brasil: ela marca não só o momento em que o país começa a ser visto muito mais como um país de emigração do que de imigração, mas também adiciona uma nova componente aos fluxos migratórios que antes estavam mais restritos às fronteiras nacionais e agora orientavam-se para o estrangeiro.

Os fluxos internacionais da emigração brasileira começaram, a partir de então, a se estabelecer de uma forma mais consistente e sistemática. No contexto latino-americano, Uruguai e Bolívia se consolidavam como os principais destinos dos brasileiros em função da sua proximidade geográfica e localização fronteiriça com o Brasil. Também pesava nessa escolha a valorização da moeda brasileira frente à moeda uruguaia e boliviana, o que fazia o custo de compra de terras nestes países vizinhos ser considerado bastante apelativo ao projeto migratório (Figueredo & Zanelatto, 2017). Já em um contexto internacional mais amplo, o fluxo de emigração para os Estados Unidos foi um dos que se consolidou e densificou mais rapidamente. Essa foi uma consequência não só do histórico de estreitas relações comerciais entre os dois países, com destaque para a década de 1940 (Pinho, 2014), mas também pela expectativa dos brasileiros de encontrarem melhores oportunidades e condições de vida em cidades norte-americanas como Nova Iorque, Boston, Miami e demais cidades da Flórida (Figueredo & Zanelatto, 2017). Outro importante fluxo internacional era aquele direcionado para o Japão, marcado, em grande medida, pela emigração de descendentes de japoneses que residiam no Brasil (Sasaki, 2006). No contexto europeu, desde já a Inglaterra figurava como um importante destino dos brasileiros por conta da oferta de trabalho e do acesso aos bens e serviços (Figueredo & Zanelatto, 2017).

Alguns poucos anos mais tarde, outros países da Europa também viriam a se consolidar como pontos de destino da emigração brasileira internacional. Os fluxos em direção ao continente europeu foram impulsionados, segundo Patarra (2005), pela ligação cultural e histórica com muitos daqueles países em função da emigração europeia para o Brasil e o processo de colonização.⁷ É por esse motivo

⁷ A respeito da emigração europeia para o Brasil, quando se fala sobre imigração naquele país no século XX, é preciso retroceder ainda um pouco mais, já que a sua história remete para o final do século anterior. Ressaltamos aqui o que ficou conhecido como a "grande imigração", que tem como pano de fundo a abolição da escravidão e a expansão do comércio de café, como um momento histórico em que a comercialização internacional atingiu novos patamares.

que a autora afirma que, ao mesmo passo em que se consolidavam alguns dos fluxos que haviam se demonstrado como centrais para o movimento de emigração - como aqueles direcionados para os Estados Unidos e o Japão, por exemplo - , outros vinham ganhando destaque e viriam a se estabelecer como importantes corredores migratórios nos anos seguintes - como é o caso de países europeus como Alemanha, Itália, Espanha e Portugal.

Patarra (2005) cita algumas das conclusões sobre o cenário de emigração e imigração brasileira na década de 1990 e que, segundo a autora, foram fundamentais para delinear os debates sobre o tema desde então. Pode-se dizer que o ímpeto pela emigração estava mais presente nas camadas mais jovens que viviam dentro de perímetros urbanos e ocupavam posições centrais em uma escala econômica. Essa segmentação muito bem marcada do perfil do emigrante brasileiro, segundo a autora, ajudou a se perspetivar o cenário naquela altura não como o de uma inversão de país de imigração para emigração, senão como fenômenos de ordem distintas e que estavam inseridos dentro de um processo de globalização e de um contexto capitalista em nível internacional. Nesse sentido, outra importante contribuição dos estudos da altura foi a de desassociar a intensificação da emigração com o cenário brasileiro. De acordo com Patarra (2005), se, antes, a desaceleração econômica ou a situação governamental eram apontados como os principais motivos para o projeto de emigração dos brasileiros, ele agora passava a estar mais relacionado com a consolidação do ideal e dos avanços da globalização.

Tendo-se essas considerações em mente, é, contudo, interessante observar que o equilíbrio entre entradas e saídas do Brasil passou por uma nova mudança em meados dos anos 2000, momento que marca o início de uma tendência crescente no fluxo de imigrantes internacionais para o Brasil. Até 2015, fatores como a crise econômica global no final da década anterior e a projeção do Brasil como potência econômica e social latino-americana foram alguns dos fatores que impulsionaram os fluxos de emigração para o país, sendo o Senegal, Congo, Angola, Haiti e Venezuela aqueles que se destacam enquanto países de procedência dos imigrantes que entravam de forma documentada no Brasil neste período (Cavalcanti & W. F. de Oliveira, 2020). A partir desse ano, os fluxos tornam-se mais diversos. A América Latina teve um papel importante nessa transição, possivelmente refletindo mudanças já observadas em nível regional. Isso porque, além dos já conhecidos e densos corredores migratórios entre os países latino-americanos e caribenhos para os Estados Unidos, os corredores intrarregionais têm representado uma parcela significativa da migração internacional dos países da região nas últimas

Diante da baixa oferta de mão-de-obra local, europeus de várias partes da Europa – como Espanha, Alemanha e, especialmente, Portugal e Itália – e japoneses começam a chegar ao Brasil (Soares, Lobo & Matos, 2015). Falando-se em números, E. dos Santos (2015) refere que, entre 1880 e 1903, o número de imigrantes no Brasil chegava a 1,9 milhão de europeus, em sua maioria italianos. Entre 1904 e 1930, segundo o autor, o número era de 2,1 milhões. Esse cenário durou até meados da década de 1930, no qual, como mencionamos no texto, a imigração internacional desacelerou e a migração interna começou a ganhar, assim, mais visibilidade.

décadas (OIM, 2019). Para compreender esse cenário, é necessário adotar um olhar multifacetado, tendo em vista a pluralidade de fatores e circunstâncias que inflexionam sobre ele. Por um lado, estão fatores regionais, como a desaceleração da economia global e o endurecimento da política migratória em vários países. Foi o caso dos Estados Unidos, principal destino dos migrantes da América Central, México e Caribe (OIM, 2019), que, durante o governo do presidente Donald Trump entre 2017 e 2021, tiveram a Venezuela incluída na lista de países "proibidos de viagens" em 2017 e instituiu uma política de "tolerância zero" no trato com imigrantes e aqueles que cruzaram fronteiras nacionais sem documentos ou mesmo necessitando de asilo, em 2018 (OIM, 2019), causando tanto a reorientação desses fluxos quanto a migração de retorno de estrangeiros que viviam naquele país.

Por outro lado, há também fatores intrarregionais, entre os quais estão o cenário econômico e político desfavorável em alguns países da América Latina, diretrizes governamentais para manter a variação cambial e políticas agrícolas que impulsionam o setor e geram empregos. Além disso, não se pode ignorar que alguns países – Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela – são signatários do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), o que permite o trânsito, a residência e o trabalho entre os países membros por um período de dois anos. Esse acordo diminuiu a imigração não documentada entre esses países e permitiu que trabalhadores com poucas qualificações trabalhassem em um país vizinho em setores como agricultura, pesca e trabalho doméstico (OIM, 2019). Não menos importante é a proximidade geográfica e fronteira e a linguagem compartilhada por alguns países, o que acaba por reduzir não apenas os custos financeiros relacionados ao projeto migratório, mas também os custos de outras naturezas, como sociais e culturais (Sayad, 1998).

Com a virada do milênio, a emigração brasileira internacional entra em uma nova fase. Refere Assis (2017) que, naquela altura, alguns dos fluxos internacionais se encontravam já estabelecidos, se consolidando como parte da cultura de algumas cidades brasileiras e inserindo a perspectiva de viver em outro país nas dinâmicas sociais locais.⁸ Nesse ponto, em Cohen e Sirkeci (2011) entendemos que mesmo a decisão de migrar que é tomada na dimensão privada e individual está interligada a um contexto social mais amplo. Essa compreensão, segundo os autores, permite compreender a importância das práticas sociais e culturas locais na definição de padrões migratórios e consequências da migração no país de destino, e é na própria ação de seus sujeitos que a migração se transforma em uma cultura de migração que é criada, recriada e cultivada (Cohen & Sirkeci, 2011). Contudo, a partir de mudanças legislativas na política migratória norte-americana, a densidade do fluxo migratório para os Estados

⁸ O caso da rota migratória para os Estados Unidos a partir da cidade de Governador Valadares, no Estado de Minas Gerais, é um exemplo desta situação.

Unidos começou a decrescer, se bem que ainda figurasse como o principal destino dos emigrantes na altura. É preciso referir ainda o alargamento do leque de destinos possíveis como uma característica da emigração brasileira no século XXI. Assis (2017) associa essa situação com as facilidades de mobilidade e disseminação de informação que foram possibilitadas com a globalização. Essa pluralidade de destinos se traduzia em uma igual multiplicidade de objetivos do projeto migratório. Ainda segundo a autora, havia quem migrasse para realizar uma mobilidade social, quem o fizesse para romper padrões familiares ou de vida no país de origem ou mesmo para ter novas vivências em um outro país. Nesse sentido, caminhando no sentido contrário ao decréscimo migratório para destinos como os Estados Unidos, as migrações para a Europa apresentavam uma tendência de crescimento associada a situações diversas mapeadas na literatura, como o crescimento da mobilidade estudantil para países europeus (Fonseca, Esteves & Iorio, 2015) e o vislumbre de oportunidades de emprego na Europa para os descendentes de europeus que haviam emigrado para o Brasil no século anterior (Assis, 2017).

Além disso, se podemos hoje conhecer mais e melhor esses movimentos de saída do país, isso em muito se deve à presença do tema na pesquisa censitária brasileira que fora inaugurada já em 2010 (A. T. Oliveira, 2013). Ainda que apresentasse uma discrepância estatística em relação às estimativas do Ministério das Relações Exteriores quanto ao número de brasileiros vivendo no exterior, os dados observados com a pesquisa censitária permitiram obter informações que, mais tarde, se confirmariam em tendências ou serviriam de apoio para estudos mais aprofundados sobre o tema. O Censo de 2010 apontou, por exemplo, que as mulheres com idade entre os 20 e os 29 anos representavam o grupo mais significativo de pessoas que estavam a viver fora do Brasil naquele ano (IBGE, 2011). Também foi possível listar os países europeus por ordem de maior número de emigrados, o que colocou países como Portugal, Espanha, Itália e Inglaterra à frente de França e Alemanha, por exemplo (IBGE, 2011).

Embora todos os estudos e dados apresentados forneçam pistas para se compreender as oscilações nos fluxos de emigração brasileira, bem como a sua situação nos anos mais recentes, é preciso fazer aqui uma ressalva importante. Uma leitura sistemática da bibliografia sobre o tema revela que a abordagem das emigrações brasileiras que se acentuaram nas últimas décadas ainda é, em grande parte, pautada pelo que Patarra (2005) entende ser uma ordem global de reestruturação produtiva. Para a autora, a globalização e o seu ideal de mobilidade do capital e das pessoas de e para diferentes partes do mundo faz com que os fluxos migratórios internacionais a partir do Brasil sejam abordados, frequentemente, a partir de uma perspectiva econômica, o que levou à construção de uma relação de causa-efeito para a decisão de emigrar baseada no contexto político e econômico da sociedade brasileira nos períodos estudados. Por esse motivo, a decisão de emigrar esteve, não raro, justificada por cenários

desfavoráveis economicamente nos quais imperavam contextos de crise financeira, estagnação produtiva, desemprego crescente gerando excedente de mão-de-obra e a falta de condições de se perspectivar uma mobilidade social por parte dos indivíduos (Patarra, 2005). O descolamento da investigação sobre a situação da emigração no Brasil da análise do contexto político e econômico do país para um olhar mais holístico e com foco no indivíduo somente começou a acontecer, segundo Patarra (2005), na década de 1980, mesma altura em que começaram a surgir outros estudos que atestavam a migração como uma realidade global. A partir de então, foi preciso revisar as teorias com as quais as migrações internacionais eram estudadas, bem como esboçar novas delas, na sequência de um debate que se ampliou para abarcar também questões até então pouco exploradas ou sequer associadas ao fenômeno migratório. Também do ponto de vista diplomático, ficou cada vez mais evidente uma necessidade em se revisar as políticas e ações que assegurassem os direitos e protegessem os emigrantes brasileiros de situações de precariedade e vulnerabilidade em outros países. E. dos Santos (2015) refere, por exemplo, a importância das negociações em nível regional e em um contexto multilateral face à natureza transnacional das migrações, bem como a inclusão de outras instituições e atores sociais na discussão das políticas e ações governamentais voltadas para o tema das migrações.

Nesse sentido, entendemos que o resumo da história da emigração brasileira na segunda metade do século XX aqui apresentado permite entender muitos contextos migratórios que se desenrolam na contemporaneidade em diversas partes do mundo, ao mesmo tempo em que coloca em evidência a necessidade do desenvolvimento de estudos multidisciplinares para a compreensão destes movimentos.

2.1.4. Do lado de cá: as migrações em Portugal

Cada nação, quando examinada, acaba por ter sido um mais ou menos bem-sucedido *melting pot*. (Park, 1928, p. 883)

Para se falar sobre migrações em Portugal, é preciso, antes, observar o contexto migratório europeu, região na qual o país se encontra. No início do século XX, o continente europeu era a origem de milhões de emigrantes que se dirigiam, sobretudo, para regiões da América do Sul e da América do Norte. Foi apenas a partir da Segunda Guerra Mundial que a Europa se tornou o que Spellman (2008, p. 206) chamou de “zona de recepção líquida”, termo utilizado pelo autor para caracterizar a região que, antes caracterizada como ponto de partida de emigrantes para países da Ásia, África e América Latina (Massey et al., 1993), agora começava a receber imigrantes em grandes quantidades. Em um primeiro momento, as imigrações eram, maioritariamente, de trabalhadores provenientes de países em

desenvolvimento para ocupar postos de trabalho específicos e com duração pré-determinada (Spellman, 2008) - os chamados “trabalhadores convidados” aos quais se referem Massey et al. (2005, p. 5). Enquanto a emigração de pessoas dos países do sul da Europa para regiões no continente americano e na Austrália ainda era relevante, países como a Alemanha e a Suíça se voltaram para o recrutamento de mão-de-obra advinda de países do Mediterrâneo. Pinho (2014) refere também a contratação de mão-de-obra de trabalhadores de países da região Norte da África - uma atitude justificada, segundo a autora, pela insuficiência do continente europeu em suprir essa necessidade. A autora refere, ainda, que, com o choque petrolífero em 1973 e a consequente desaceleração da economia em alguns países europeus, o cenário das migrações na região se concentrou em duas vertentes. Se, por um lado, o incentivo à imigração de trabalhadores foi substituído pela restrição de entradas, por outro, observou-se o aumento da imigração de mão-de-obra em países como Itália, Grécia, Espanha e Portugal, sobretudo na década de 1980. Deste modo, com o alargamento da imigração para outros países europeus além da rota tradicional daquela época e a atribuição de permissão de residência permanente para os trabalhadores ocasionais, que também puderam trazer suas famílias para viverem junto de si (Spellman, 2008), o número de imigrantes a viver no continente europeu começou a atingir novas proporções.

Na década de 1990, no entanto, ocorreram mudanças importantes que se refletiram no cenário das migrações em todo o espaço europeu. Segundo Spellman (2008), foi, sobretudo, o endurecimento da legislação que recaía sobre os imigrantes e a escolha pela priorização de mão-de-obra imigrante qualificada o que fez com que o perfil dos migrantes começasse a mudar. Como consequência, o autor aponta para uma maior diversidade na origem dos imigrantes, bem como a consolidação de alguns fluxos migratórios específicos a partir do estabelecimento de políticas de imigração bem definidas e trabalhadas internamente em cada país. Pinho (2014) refere também que a criação do mercado único de trabalho na União Europeia fez com que a migração intrarregional crescesse. Todo esse histórico ajuda a entender a dimensão das migrações no continente europeu nos últimos anos. De acordo com a OIM (2021), se, na década de 1990, o número de europeus a viver fora do continente não diferia muito do número de cidadãos não-europeus a viver na Europa, essa situação se modificou nos últimos 30 anos, período em que se observa uma diminuição no número de europeus a viver fora da Europa. Esse cenário, segundo a instituição, tem se alterado nos últimos anos, nos quais as estatísticas revelam o retorno de uma tendência de crescimento na emigração europeia, em especial para a Ásia e a América do Norte.

No caso específico de Portugal, Minga (2020) refere que a intensificação da imigração que começou a se estabelecer a partir da década de 1980 e se estendeu durante a década seguinte é uma consequência de diversos contextos exteriores que se desenrolavam por volta daquela altura. A autora

cita a independência das colônias africanas portuguesas na década de 1970, o cenário de crise econômica que se estabelecia no Brasil na década de 1980 e a desintegração política dos países da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) no início da década de 1990 como alguns dos principais contextos que contribuíram para que a emigração rumo a Portugal se tornasse uma possibilidade. Paralelamente a esses movimentos, como importantes fatores de atração para a imigração em Portugal estavam ainda a entrada do país no Espaço Schengen, em 1991, e importantes alterações legislativas que facilitavam a entrada, a permanência e a regularização dos imigrantes no país.⁹

Mais recentemente, após um período de queda no número de residentes estrangeiros documentados no país – que atingiu a marca de -4,53% entre 2011 e 2012, de acordo com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF, 2013) – os dados estatísticos mostram uma tendência de crescimento da imigração. Conforme aponta o *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo* de 2020 da referida instituição, a partir do ano de 2015, após um período de seis anos de tendência de decréscimo (Góis, 2020), as estatísticas que dão a conhecer a densidade das populações estrangeiras residentes em território nacional apresentaram uma tendência de crescimento. O SEF reconhece uma relação entre a situação econômica do país e a evolução do número de residentes estrangeiros no país, o que teria feito com que, entre 2015 e 2020, o número total de estrangeiros no país tivesse sido acrescido em mais 273.364 pessoas (SEF, 2021).

Contudo, foi a partir de 2018 em que o crescimento ainda tímido começou a alcançar novas escalas. A população imigrante residente documentada cresceu em mais de 100 mil pessoas em 2019 e em pouco mais de 70 mil em 2020¹⁰ - um número que, ainda que menor, representava um crescimento de 12,2% em relação ao ano anterior e um total de 662.095 imigrantes documentados a residirem em Portugal (SEF, 2020, 2021). Estes dados permitem concluir que, embora, em 2020, houvesse mais portugueses residindo fora de Portugal do que nacionais de outros países residindo ali - cerca de 20% e 10% da população nacional, respetivamente (OIM, 2021) -, o contingente populacional de imigrantes representava uma importante parcela da sociedade portuguesa. Como afirmou Góis (2020, p. 25) a importância dos imigrantes na sociedade portuguesa vai além de uma questão puramente econômica,

⁹ Segundo Padilla (2007), Portugal empreendeu, entre 1992 e 2004, esforços significativos no âmbito legislativo no sentido da regularização de imigrantes não documentados a residir no país. Dentre eles, aqueles que mais beneficiaram imigrantes brasileiros aconteceram nos seguintes anos: entre 2001 e 2004, período em que foram concedidas 183.833 Autorizações de Permanência (AP) para migrantes do Leste europeu, Brasil e PALOP; e em 2003, no qual, por ocasião da assinatura do que se chamou *Acordo Lula*, 13.998 imigrantes brasileiros foram regularizados e 30.000 foram registados oficialmente, além das 16.173 prorrogações de residência emitidas para os imigrantes dessa mesma nacionalidade.

¹⁰ Esse decréscimo deve ser perspectivado tendo-se em consideração que 2020 foi o primeiro ano da pandemia da Covid-19. De acordo com a OIM (2021), essa situação gerou algumas consequências importantes para o contexto migratório em diversos países. Ainda que a administração pública tenha implementado medidas para a gestão da situação dos imigrantes dentro dos seus territórios, os confinamentos sociais e as restrições de mobilidade impactaram diretamente as migrações laborais, interferindo também nos direitos daqueles que migram. Por outro lado, a referida organização alega que uma consequência positiva foi o fato de que a presença e a visibilidade dos migrantes que trabalhavam em setores essenciais e da linha de frente provocou, em alguns países, uma mudança de atitude em relação aos imigrantes, sobretudo em países nos quais já havia sido observado que discursos anti-imigrantes haviam ganhado relativa força nos últimos anos, uma situação apontada por Hatton (2016) e Kentmen-Cin e Erisen (2017).

uma vez que, incluindo-se no grande grupo da sociedade portuguesa, o autor refere que “sem a imigração seríamos menos, mais pobres e mais velhos”.

Para entender as diferentes dinâmicas socioeconômicas que envolvem os imigrantes na sociedade portuguesa, contudo, é necessário ir além dos números e compreender que tipo de contextos sociais e culturais elas permitem visualizar. Nesse sentido, as mudanças que aconteceram no cenário de imigração em Portugal nos últimos anos tornam-se mais perceptíveis ao se comparar, por exemplo, os dados sobre o estoque e o fluxo da população estrangeira documentada residente no país, o que nos permite tanto perceber as mudanças na dinâmica migratória quanto entender até que ponto os contextos sociais e econômicos nos níveis global, regional e nacional se relacionam com eles. Além disso, a comparação desses dados nos permite compreender fenômenos que se desdobram nos tempos contemporâneos e se projetam como tendências, possibilitando um vislumbre da componente migratória na sociedade portuguesa em um futuro próximo, orientando a tomada de decisões em diversas esferas da sociedade, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento de políticas públicas voltadas aos imigrantes.

Entre essas mudanças está a desaceleração de alguns fluxos migratórios, especialmente o de indivíduos de países lusófonos, o que vem sendo observado desde 2014 (cf. SEF, 2015). O caso de imigrantes cabo-verdianos pode ser citado como exemplo. Até então a segunda maior comunidade de residentes documentados estrangeiros em Portugal, em 2019, os relatórios mostraram uma desaceleração significativa na entrada documentada de cidadãos daquele país em território português em 2019. É o caso também de imigrantes romenos e ucranianos, nacionalidades que nem sequer apareciam entre os dez mais representativos números de inscrições naquele mesmo ano, embora fossem a quarta e quinta maiores comunidades de estrangeiros documentados residentes no país, respectivamente (SEF, 2020). Com o referido aumento do número de imigrantes documentados residentes em Portugal, por exemplo, fica claro que essas reduções estão sendo suplantadas pelo crescimento de outras rotas migratórias, como a imigração de cidadãos da UE – em 2018, o fluxo de entrada documentada aumentou 33,7% em relação ao ano anterior (SEF, 2019). Entre as nacionalidades mais representativas desse contingente estão o Reino Unido – fenômeno associado ao “Brexit” – Itália – embora 29,5% deles fossem cidadãos brasileiros com nacionalidade italiana (SEF, 2020) – e França.

Também é importante mencionar a continuidade da tendência de aumento do número de pedidos de atribuição ou aquisição de nacionalidade portuguesa, outro aspeto da imigração que tem seus impactos na sociedade portuguesa em diversas dimensões. Se, em 2018, o aumento no número desse tipo de solicitação foi de 10,9% em relação ao ano anterior, em 2019, o crescimento foi vertiginoso

e chegou a 79,4% (SEF, 2019, 2020). Além das nacionalidades que já eram as mais representativas nessa matéria, vemos também o crescimento dos israelenses, devido a uma mudança legislativa que permite a atribuição de nacionalidade aos descendentes de judeus sefarditas que foram expulsos da Península Ibérica. Além dos países lusófonos, também vemos países como Turquia, Ucrânia, Índia, Venezuela e Nepal nessa lista (SEF, 2020).

Como fica evidente, a imigração em Portugal está enredada em uma trama complexa que envolve vários fatores, incluindo o passado histórico e as relações econômicas e culturais que possui com diversos outros países. Além disso, ao abordá-la com um olhar sobre sua “super-diversidade” inerente (Vertovec, 2007, p. 1.026), fica claro o quanto é necessário ampliar a visão sobre o fenômeno migratório para incluir a multiplicidade de variáveis que interagem entre si e designam as diferentes experiências migratórias e de vida às quais esses sujeitos são suscetíveis. As mudanças apontadas – e muitas outras que o tempo ainda revelará – impõem desafios de várias naturezas tanto aos imigrantes quanto à sociedade portuguesa que os acolhe. Além disso, todas essas dinâmicas estão sempre em plena mutabilidade, sendo esperado que, nos próximos anos, novos cenários na situação migratória em Portugal se configurem, o que ratifica a importância do estudo desses fluxos no contexto português.

2.1.5. Entre lá e cá: a imigração brasileira em Portugal e suas representações midiáticas

O começo da relação entre Brasil e Portugal tem início muito antes do tempo em que podemos ser testemunha e remete para o achamento¹¹ do primeiro pelo segundo. De acordo com Fausto (1995), alguns fatores contribuíram significativamente para que Portugal se lançasse em empreitadas que visavam “descobrir novas terras”. O autor cita, além da situação sobre a posse de terras e epidemias, como a que ficou conhecida como a Peste Negra, situações específicas do contexto português, como “guerras entre senhores e camponeses” (p. 21) ocasionadas por uma agricultura estagnada que tornava os bens restritos, a autonomia de Portugal em uma perspectiva europeia, a sua orientação para fora daquela região por conta do comércio de longa distância e a crise na Europa Ocidental. Além disso, na base de todo esse contexto estava, segundo Fausto, uma importante mudança de mentalidade no que se refere ao conhecimento sobre o mundo, o que acabou por dotar o conhecimento empírico de toda uma nova importância. É nesse contexto em que está inserida a chegada de Pedro Álvares Cabral no que hoje é a cidade brasileira de Porto Seguro, na Bahia, a 21 de abril de 1500, um acontecimento que

¹¹ Consideramos esse um termo mais apropriado para se abordar a chegada dos portugueses ao Brasil. Esse ponto de vista corrobora o argumento de Fausto (1995, p. 30) de que, uma vez que, no Brasil, havia a presença humana antes da chegada dos portugueses, falar sobre a ocasião em termos de “nascimento” ou “descobrimento” seria, segundo o autor, um “engano”.

historiadores como Fausto (1995) alegam não ser possível precisar ser uma obra do acaso – assumindo-se que Cabral planejava chegar às Índias, sucedendo a viagem de Vasco da Gama – ou se já havia algum conhecimento sobre as terras mais a Oeste que teria originado uma missão incumbida de se encontrar uma rota até lá.

Na contemporaneidade, a relação entre os dois países se configura de outras formas. Sendo o tema deste trabalho a imigração brasileira em Portugal, o foco aqui estará nesse recorte. Nesse sentido, importa dizer que, dentro do grande espectro da imigração em Portugal, a imigração brasileira tem ocupado, já há vários anos, um lugar de destaque. De acordo com dados do SEF (2021), em 2020, havia 183.993 imigrantes documentados de nacionalidade brasileira a residirem no país, dentre os quais 81.320 eram homens e 102.673 eram mulheres¹². Naquele mesmo ano, foram emitidos títulos de residência para mais 20.202 brasileiros e 22.043 brasileiras. Ao todo, os brasileiros representavam 27,8% do total de imigrantes documentados residentes em Portugal e 35,8% da emissão de títulos de residência naquele mesmo ano. Ainda em 2020, foram os que mais requisitaram a aquisição ou atribuição da nacionalidade portuguesa, sendo que 20.847 pedidos dessa natureza deferidos. Até mesmo no número de abandono voluntário os imigrantes brasileiros se destacam e são a nacionalidade mais representativa, em um total de 1.286 pessoas no referido ano.

Apresentamos, a seguir, um breve resumo da imigração brasileira em Portugal em uma perspectiva histórica. Sendo a migração um fenômeno dinâmico, não é raro que os estudos que abordam esta rota migratória estipulem datas distintas para o início e fim de cada fluxo, ou, do contrário, sequer estipulem datas, recorrendo a expressões como “meados de” (Pinho, 2014, p. 150) ao tratarem do assunto. É possível observar que, em alguns casos, estudos mais recentes até mesmo venham a corrigir outras obras anteriores, o que, segundo Quivy e Campenhoudt (1992/2008), não é uma situação rara nas Ciências Sociais, tendo sido claramente beneficiados pelo passar do tempo que tanto permitiu a melhor clareza sobre o objeto de estudo quanto o amadurecimento de ideias e hipóteses expostas em trabalhos anteriores. A partir do reconhecimento dessa situação, substituímos, neste trabalho, o rigor em se apontar datas específicas para marcar momentos históricos pelo olhar voltando para a complementaridade de cada autor cujas produções científicas foram revisadas, de modo que pudessem ser extraídas as informações quantitativas e qualitativas mais relevantes de cada estudo, no sentido de delinear a caracterização de cada um destes momentos específicos das migrações das últimas décadas do Brasil para Portugal. Em suma, a ausência de referências a datas claramente definidas de início e fim

¹² Entende-se que o número efetivo de imigrantes que nasceram no Brasil e residem em Portugal seja bem maior do que este, que apenas se refere àqueles que o fazem de forma documentada enquanto cidadãos estrangeiros. Sendo assim, não considera os imigrantes brasileiros que se encontram em outras situações que então esta, como aqueles que adquiriram a nacionalidade portuguesa e os imigrantes não documentados, por exemplo.

dos distintos períodos históricos do fluxo migratório do Brasil para Portugal é trabalhada pela indicação mais genérica e uma ou outra data específica, incluídas no sentido de posicionar um ou outro acontecimento em um contexto histórico mais amplo que se lhe mostraram indissociáveis.

Adicionalmente, entendendo que a caracterização desse fluxo não foge às representações sociais que foram sendo construídas e disseminadas em um contexto mediático, incluímos, em nosso texto, algumas observações sobre o discurso mediático referente ao tema e que estava a ser disseminado disseminado nos média portugueses e brasileiros em cada altura. Nossa revisão da literatura sobre esse assunto esteve focada na linearidade do discurso sobre o imigrante brasileiro em Portugal e os seus eventuais pontos de rutura, seguindo uma perspectiva histórico-diacrónica, conforme a conceitua Carvalho (2015). Visualizar essas mudanças discursivas e a sua relação com os contextos da altura permite-nos ter uma visão panorâmica do universo de possibilidades no qual os discursos estavam inscritos (Fairclough, 1995), possibilitando traçar-se conexões entre aqueles discursos e outros que foram surgindo em diferentes momentos históricos.

Na literatura acadêmica, a imigração brasileira em Portugal é abordada a partir da perspectiva de diferentes vagas. De acordo com Malheiros (2007), a escolha por tal nomenclatura busca tanto caracterizar os distintos fluxos migratórios observados ao longo do tempo quanto diferenciá-los, de modo a permitir uma análise comparativa entre eles. Seguindo por esse caminho, o que ficou conhecido como a primeira vaga migratória de brasileiros para Portugal¹³ compreende um período histórico que vai de meados da década de 1980 até meados da década de 1990.¹⁴ De acordo com Iorio e Souza (2018), em seus primeiros anos, essa primeira vaga era composta de não mais que 10 mil pessoas. Embora hajam dados estatísticos que possam fornecer pistas na compreensão do fenômeno, observa-se uma carência de estudos acadêmicos que possam revelar aspectos mais qualitativos sobre o que se passou naquele período.

Não obstante, uma análise do momento histórico em que Brasil e Portugal se encontravam permite compreender o crescimento do interesse pelo segundo como destino de um possível projeto

¹³ Ainda que haja algum consenso sobre o período e as características das vagas migratórias de brasileiros para Portugal, uma leitura intensiva da literatura disponível sobre o tema permite conhecer diferentes pontos de vista sobre estes movimentos. Em Andrade (2021), encontramos uma referência não a dois, mas três períodos migratórios distintos: o surgimento do fluxo no início da década de 1980, um segundo momento na primeira metade da década de 1990 e um último período no fim dessa mesma década. De acordo com o autor, o que conhecemos hoje como a primeira vaga é a união deste primeiro e segundo períodos, compreendendo então o surgimento do fluxo na década de 1980 até meados da década de 1990. Andrade explica que a principal diferença do primeiro período e o segundo é que, nesse último, houve um alastramento da imigração para além das cidades de residência dos emigrantes portugueses que viviam no Brasil e agora retornavam para Portugal, além do fato de Portugal agora encontrar-se integrado na União Europeia e ser representado nos média brasileiros como um país em pleno desenvolvimento.

¹⁴ Em estudos como o de Minga (2020), observa-se que a emigração brasileira para Portugal vem de muitos antes da década de 1980 e sustenta uma relação direta com os movimentos da emigração portuguesa. A autora entende que o que hoje conhecemos como a "primeira vaga" é apontada como o principal referencial histórico desse fluxo migratório porque, após um período sendo colocada em segundo plano por conta dos intensos movimentos migratórios em fluxos que tinham como origem as antigas colônias portuguesas em África, o fluxo da emigração brasileira para Portugal começava a apresentar uma tendência de crescimento.

migratório dos nacionais do primeiro. A partir do ponto de vista político e econômico, esse interesse nasce a partir da fusão entre um cenário potencialmente mais favorável em um país e desfavorável no outro. Como já foi referido neste trabalho, a década de 1980 no Brasil figura como um dos momentos mais importantes na história econômica e política do país. Sucedendo um período de três décadas de industrialização, urbanização e crescimento econômico, aquele período histórico ficaria conhecido, como já mencionado neste trabalho, como a "década perdida" (Fausto, 1995, p. 546) brasileira.

Enquanto isso, do outro lado do oceano Atlântico, até não muito tempo antes daquela altura, Portugal atravessava igualmente uma crise, influenciada, em grande medida, pela recessão econômica mundial e a perda do mercado colonial em África com a independência de suas colônias na década anterior (Minga, 2020). Em 1986, contudo, Portugal e Espanha oficializaram sua entrada como membros da Comunidade Econômica Europeia (CEE) e o cenário começou a mudar. Com a entrada do país no Espaço Schengen¹⁵, as melhorias na infraestrutura pública e a transição para uma economia baseada no setor de serviços, uma guinada econômica fez-se visível e se refletiu no crescimento do PIB português, que vai de -1,04% em 1984 para 7,63% em 1987 (PORDATA, 2017).

Diante desse desequilíbrio entre a situação econômica de Brasil e Portugal, a emigração para terras portuguesas passou a ser considerada, por muitos brasileiros, como uma oportunidade de melhores oportunidades de vida. Nesta primeira vaga da migração brasileira em Portugal, Padilla et al. (2015) destacam três perfis de migrante que foram se destacando conforme os anos iam passando. O primeiro deles caracteriza-se pelos emigrantes portugueses que até então residiam no Brasil e seus familiares brasileiros, o que fez com que, na dimensão cultural, a primeira vaga ainda resguardasse uma forte ligação cultural com a cultura portuguesa. Diante das novas perspectivas econômicas em sua terra natal, os portugueses emigrados no Brasil começaram a retornar à Portugal em um movimento de contracorrente e, nesse movimento, trouxeram consigo seus familiares brasileiros. Recordamos que, de acordo com Rocha-Trindade e Fiori (2019), do total de portugueses que saíram de terras lusas entre 1880 e 1960, 76% foram para o Brasil, apesar das tentativas do governo português de reorientação deste fluxo para as colônias de África, de modo que continuassem em terras pátrias, ou mesmo outras partes do país, com o objetivo de diminuir as disparidades demográficas existentes naquela altura entre as regiões Norte e o Sul do país. Posteriormente, com a exclusão da nacionalidade portuguesa do regime de cotas imigratórias no Brasil em 1939, o país, que já recebia muitos imigrantes portugueses em suas terras, passa a recebê-los ainda mais, uma situação que também é o resultado de um crescimento na

¹⁵O Espaço Schengen compreende o território geográfico de 26 países que aderiram ao Acordo Schengen. Criado em 1985, esse tratado estabelece o fim do controle de fronteiras entre os países signatários, de modo a permitir a livre circulação de pessoas no interior da União Europeia e, simultaneamente, um reforço do controle e vigilância das fronteiras exteriores (Carvalhais, 2008).

emigração portuguesa na década de 1960 (Marques, Góis, & Castro, 2014).

O segundo grupo, embora em menor número, é o dos exilados políticos brasileiros que emigravam para Portugal desde a década anterior. Segundo Freire (2010), Portugal ganhou relevância no movimento de exílio da esquerda política brasileira a partir dos acontecimentos em torno do 25 de Abril, momento a partir do qual ex-militantes e personalidades das diferentes orientações que compunham a esquerda no Brasil foram para Portugal, reorientados de fluxos que antes estavam direcionados para países latino-americanos como Uruguai e Chile. Alguns anos mais tarde, em 1978, com a chegada do político brasileiro Leonel Brizola, antes exilado em Uruguai, em Lisboa, um novo grupo de exilados brasileiros chega em Portugal, o que Freire (2010) acredita ter sido fundamental para a revisão dos antigos e novos direcionamentos que a esquerda política brasileira visava.

Em uma fase posterior, começa a se densificar a migração profissionais brasileiros “altamente qualificados”, tendo esse grupo social uma posição de destaque na caracterização desse período histórico. É, contudo, interessante observar todo um contexto mais amplo que fez com que esse grupo surgisse, naquele momento, em uma posição de destaque e cristalizasse uma ideia sobre a primeira vaga de brasileiros “altamente qualificados” na história do fluxo da emigração brasileira para Portugal. Isso porque, em um estudo comparativo em que investigaram, dentre outras questões, os níveis de habilitações literárias dos imigrantes brasileiros em 1991 e em 2001, Peixoto e Figueiredo (2007) concluíram não haver diferenças significativas entre este indicador nos dois períodos estudados. De facto, o número de licenciados chegou a ser superior em 2001 quando comparado ao ano de 1991, ainda que houvesse um acréscimo no número de bacharéis. Os autores concluíram também que, embora uma parcela relativamente significativa dos imigrantes, em 2021, estivesse enquadrada em profissões intelectuais e científicas, havia ainda um grande contingente de pessoas que trabalhavam nos serviços de proteção e segurança e também no setor dos serviços domésticos.

Não obstante, entende-se que pesa na opinião pública, tanto brasileira quanto portuguesa, sobre os imigrantes brasileiros desta primeira vaga, uma percepção deste primeiro período do fluxo migratório como sendo o da migração de profissionais altamente qualificados e de estatuto social mais elevado. Contudo, observar os dados que apresentamos sobre as reais habilitações literárias daqueles que migraram naquela altura faz-nos pensar que não foi somente o perfil dos imigrantes brasileiros que gerou essa percepção, senão também a ideia que se fazia sobre eles em uma perspectiva comparada com um contexto mais amplo. Se nos focarmos em uma comparação horizontal, ou seja, em sua relação com os demais fluxos migratórios que estavam direcionados para Portugal naquela altura, dos quais grande parte tinha como ponto de partida um país dentro do grupo dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

(PALOP), encontramos algumas respostas. De acordo com Minga (2020), o perfil diferenciado dos imigrantes brasileiros quando comparado àqueles que migravam a partir de um PALOP, bem como o seu nível mais elevado de qualificação e posição no mercado de trabalho, fez com que estes sujeitos fossem colocados em uma posição hierárquica social superior aos imigrantes africanos, ainda que abaixo dos portugueses. Nesse sentido, a autora entende que percepção de uma primeira vaga qualificada está diretamente relacionada com os imigrantes que provinham de África, uma vez que, sendo estes aqueles que mais imigravam em Portugal na altura, era com eles que se poderia estabelecer algum tipo de comparação dentro do grande grupo de imigrantes. Com isso, quer-se dizer que os brasileiros que chegavam em Portugal naquela altura não eram, necessariamente, pessoas altamente qualificadas, mas assim eram percebidas quando olhadas em uma perspectiva comparada com os demais fluxos migratórios da altura e com a sociedade portuguesa como um todo. Além disso, segundo Peixoto e Figueiredo (2007), os imigrantes brasileiros apresentavam também níveis de habilitações literárias superiores à média dos próprios portugueses naquela altura.

No que diz respeito aos discursos mediáticos, iniciou-se, por volta daquela altura, na seara dos média impressos brasileiros, um processo que Pinho (2007, p. 60) descreveu como de “qualificação ‘emocional’ e cognitiva dos indivíduos para uma possível migração”, por meio do qual a intenção dos brasileiros em emigrar entraria em uma tendência cada vez mais crescente. Antes mesmo desse crescimento começar a ser percebido em nível social, a autora refere que se encontrava em andamento uma reconstrução mediática da imagem da Portugal nos média impressos brasileiros, que tratavam de apresentar um Portugal moderno e com perspectivas econômicas promissoras. Nos média portugueses, a chegada dos emigrantes brasileiros da primeira vaga migratória era relatada em tom preconceituoso e pessimista. Foi apenas em um segundo momento, quando o fluxo migratório se tornou mais consistente, que os imigrantes brasileiros em Portugal começaram a ser representados nas notícias. As primeiras tentativas de caracterizar o fenômeno a partir da descrição de quem eram estes brasileiros que se “arriscavam” a melhorar sua qualidade de vida em terras longínquas. Uma pesquisa retrospectiva desenvolvida por Pinho (2007) indica que data de 1987 a primeira reportagem sobre o fluxo migratório e que ela destaca o perfil do emigrante, sendo a profissão o principal indicador social apresentado para qualificar essas pessoas. Segundo a autora, os artigos noticiosos nos média impressos brasileiros referiam que eram médicos, dentistas e engenheiros aqueles brasileiros que chegavam em Portugal. Havia, ainda, menção aos empresários brasileiros emigrados em Portugal, sendo esses referenciados a título de servirem como um testemunho da viabilidade econômica de se emigrar ou mesmo investir em terras portuguesas. A autora encontrou também menção a jogadores de futebol, publicitários, arquitetos

e artistas, o que, para Pinho (2007), ajudou a caracterizar a migração como sendo do tipo laboral e, como é possível concluir a partir da sua retrospectiva, predominantemente masculina.

Do outro lado do oceano Atlântico, em Portugal, os imigrantes brasileiros se beneficiavam de uma percepção positiva, ainda que muito desse olhar otimista que lhes era favorável não proviesse apenas da percepção que os portugueses tinham sobre eles. De acordo com Scott (2011), a opinião pública positiva estava, nesse primeiro momento da história do fluxo migratório do Brasil para Portugal, em muito relacionada com as representações que a sociedade portuguesa tinha dos seus próprios nacionais que haviam emigrado para o Brasil em décadas anteriores. Por voltarem à Portugal com um estatuto social diferente daquele de quando o deixaram em função das riquezas obtidas em terras brasileiras, a presença dos emigrados retornados acabava por fomentar mudanças de cunho político, econômico e social nas sociedades portuguesas. A autora refere que esses “brasileiros torna-viagem” ou simplesmente “brasileiros”¹⁶, como eram conhecidos esses portugueses que haviam emigrado para o Brasil e que agora retornavam para a sua terra natal, faziam questão de exteriorizar narrativas de conquistas e sucessos sobre as suas experiências no Brasil, o que contribuiu para que se delineasse uma imagem positiva daquele país e sua gente. Além disso, segundo Padilla et al. (2015), essa ligação histórica e cultural entre Brasil e Portugal e o caráter de contracorrente desta primeira vaga migratória fez com que ela fosse percebida como uma situação excepcional em relação aos demais fluxos migratórios da altura em Portugal.

A primeira vaga migratória se estendeu até meados da década de 1990. A partir de então, começa um novo período da emigração brasileira para Portugal e que se distingue do período anterior em diversos aspetos, ainda que contemplasse, em menor grau, uma certa continuidade com o fluxo anterior (Andrade, 2021). Nesse sentido, a definição de uma nova etapa migratória é uma consequência não só das informações que os dados estatísticos revelavam sobre aquele período, mas também de uma observação mais aprofundada do fenômeno. Segundo Padilla et al. (2015), foi a partir deste momento histórico em que os imigrantes brasileiros começaram a ter mais visibilidade social, incluindo-se de forma mais constante e frequente nas estruturas sociais portuguesas, em que o tema começou a ser visto com maior atenção por parte de diversos atores sociais. Este interesse fez com que, ao contrário das poucas informações disponíveis sobre quem eram e como era o trajeto daqueles que migraram na primeira vaga,

¹⁶ A figura do “brasileiro” em Portugal não está exclusivamente associada à emigração brasileira para Portugal, uma vez que, como vemos em Scott (2011), ela já se havia manifestado nas produções culturais portuguesas em épocas anteriores. Tampouco a sua imagem positiva deve ser vista como imutável, uma vez que, em outros tempos, esses sujeitos eram vistos de forma pejorativa e associados a um exibicionismo injustificado. Além disso, cabe lembrar a referência de Fino (2019) a respeito de uma certa ambivalência no sentimento fomentado pelos brasileiros perante os portugueses ao longo da história, em que se contrapõem a narrativa dos “laços de sangue” entre os países, por um lado, e um ressentimento que gera situações de hostilidade, desvalorização e desprezo, por outro.

a segunda vaga¹⁷ tenha sido estudada sistematicamente, tornando-se mais bem conhecida na literatura.

A visibilidade que os emigrantes brasileiros em Portugal ganhavam no discurso mediático brasileiro, bem como a imagem positiva do país que ia sendo disseminada socialmente, contribuíram para um crescente interesse no projeto migratório para aquele “país irmão”. Além disso, segundo Fernandes e Castro (2013), a emigração para Portugal, nessa altura, já começava a fazer parte da cultura de algumas cidades brasileiras. O autor cita o caso de Governador Valadares, em que os jovens, quando se tornavam legalmente aptos para migrar, sentiam-se “forçados” a fazê-lo. Do ponto de vista econômico, um dos acontecimentos que alavancou Portugal como um país atrativo aos planos de emigração dos brasileiros foi a sua entrada no Espaço Schengen. Como consequência, o país entrava em um período de guinada econômica que se refletia na melhoria de infraestruturas públicas e na transição para um país cuja economia estaria calcada no setor de serviços. De facto, Pinho (2014) entende que foi a entrada de Portugal e Espanha no Espaço Schengen, em 1995, um dos principais fatores de influência para o aumento da imigração na Península Ibérica no início da década de 1990. Na visão da autora, muitos destes imigrantes provinham de uma reorientação de fluxos migratórios que, até então, eram direcionados para outros países cujo fluxo brasileiro já se encontrava mais consolidado. Sendo assim, não só os países ibéricos, mas também a Europa como um todo, aos poucos iam se tornando uma opção interessante para o projeto migratório daqueles que até então pensavam em migrar para outras regiões, mas descartavam a ideia por conta da criação de medidas de segurança mais restritivas para o controle migratório em diversos países - como nos Estados Unidos, um importante destino da emigração brasileira, a partir do 11 de Setembro de 2001.

Um outro fator que merece aqui o reconhecimento quanto a sua influência no crescimento do fluxo emigratório brasileiro para Portugal é a deficiência de legislação e prática de controle nas fronteiras portuguesas para lidar com o aumento da imigração em geral que se observava no país. Essa lacuna de regulamentação atraiu diversos brasileiros que, a entendendo como um facilitador, acabavam por migrar de forma não documentada em busca de melhores oportunidades.

¹⁷ Os dados estatísticos da segunda vaga da imigração brasileira em Portugal que apresentamos neste trabalho provêm de publicações derivadas do projeto *Vagas Atlânticas: a Imigração Brasileira em Portugal*, desenvolvido entre 2007 e 2011 em Portugal. Padilla et al. (2015) referem que o projeto consistiu na realização de um inquérito a brasileiros em Portugal e entrevistas em profundidade com alguns imigrantes e também representantes institucionais. Especificamente sobre a amostra do inquérito, cujos resultados são aqui trazidos como referências sobre a segunda vaga migratória, Góis, Marques, Padilla e Peixoto (2009, p. 131) explicam: “o inquérito (...) foi realizado entre Janeiro e Junho de 2009 com base a uma amostra de imigrantes brasileiros residentes em Portugal. O tamanho da amostra mínimo inicialmente calculado foi de 1.200 indivíduos, o que pressupunha (em caso de ter tido uma amostra aleatória) um intervalo de confiança de 95% e uma margem de erro de 5% para uma população desconhecida com mais de 100.000 indivíduos. Após a verificação, foram validados e analisados um total de 1.398 inquéritos. (...) O inquérito foi aplicado recorrendo-se à técnica de ‘bola de neve’. Não obstante as limitações associadas a esta técnica, a amostra total obtida aproxima-se significativamente dos dados estatísticos provenientes do INE e do SEF em três variáveis importantes: sexo, idade e distrito de residência. Pode, assim, admitir-se que a amostra retrata de forma adequada a população brasileira em Portugal”. Sendo assim, a leitura dos dados estatísticos sobre a segunda vaga que apresentamos deve ter essa explicação em mente. Relacionam-se com este estudo os seguintes trabalhos referenciados nesta tese: Egreja e Peixoto (2015); Fonseca, Esteves e Iorio (2015); Góis e Marques (2015); Góis et al. (2009); Marques e Góis (2015); Padilla e França (2015) e Padilla et al. (2015).

Ao longo de toda a primeira década do novo milênio, Portugal empreendeu diversos esforços de teor legislativo no sentido de direcionar o controle da situação da imigração em seu país. De acordo com Padilla (2007), o combate à exclusão social e a promoção de uma integração mais efetiva dos imigrantes na sociedade portuguesa sempre foram os principais orientadores da administração portuguesa para as políticas migratórias, o que acaba por impactar também os seus imigrantes não documentados. Nesse sentido, para além das políticas, diversos países empreendem ações legislativas pontuais e extraordinárias no sentido de regularizar os imigrantes que residiam em seu território de forma não documentada. No caso específico da imigração brasileira em Portugal, no período compreendido pela segunda vaga, a autora destaca os acordos bilaterais firmados entre os dois países ao longo das últimas décadas e que tinham como principal objetivo tanto regularizar a residência daqueles que estavam em situação não documentada quanto facilitar a integração de portugueses no Brasil e de brasileiros em Portugal. Padilla (2007) destaca o Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta entre Portugal e Brasil, assinado em 22 de abril de 2000, como o aquele que abriu precedentes para a assinatura de outros acordos futuros, como o *Acordo entre a República Federativa do Brasil e a República Portuguesa, sobre a Contratação Recíproca de Nacionais* (conhecido como *Acordo Lula*) em 11 de julho de 2003 e, na mesma ocasião, outros dois referentes à prevenção e repressão do tráfico humano e facilitação da circulação de pessoas. Podemos entender a importância destes momentos históricos ao observarmos os números estatísticos daquela altura, que revelam não só um aumento do fluxo migratório, mas também a regularização de muitos imigrantes que já se encontravam no território português. Entre 2001 e 2003, foram concedidas 37.920 novas autorizações de residência para imigrantes brasileiros. Já em 2006, foi registado um crescimento de 108% no número de imigrantes brasileiros residentes de forma documentada, em relação ao ano anterior (Padilla, 2007).

Quanto ao perfil do imigrante desta segunda vaga, pode-se dizer que a componente política da primeira vaga, assim como a ligação cultural atrelada ao movimento de contracorrente, dão lugar à massificação de uma migração de caráter laboral e voltada para os setores menos qualificados do mercado de trabalho português. Esse novo perfil não era, contudo, uma particularidade do caso português, mas sim de uma mudança geral da emigração brasileira para a Europa (Padilla et al., 2015).

Em Padilla et al. (2015), entendemos que a emigração para Portugal é precedida por uma migração interna de cidades dispersas para áreas urbanas de maior dimensão no Brasil, o que explica a importância das grandes metrópoles brasileiras nas estatísticas sobre a cidade de origem dos imigrantes brasileiros que residem em Portugal. Ao estudarem o caso dos imigrantes brasileiros em Portugal inseridos nesta segunda vaga migratória, os autores constataram que muitos dos imigrantes haviam

realizado uma migração em nível microrregional antes de emigrarem para Portugal, em especial dentro dos Estados das regiões brasileiras Sul e Sudeste, entre os quais se destacam Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Dentro desse perfil, encontravam-se, como viriam a descrever Padilla et al. (2015, p. 31), “adultos jovens”, que detinham “habilitações literárias de nível médio” e que se inseriam “maioritariamente em postos de trabalho medianamente ou pouco qualificados”. Pinho (2007) acrescenta que a migração irregular também começa a ser recorrente e a se destacar como uma marca no discurso sobre a segunda vaga migratória, momento em que também começa a ser notada uma tendência de feminização deste fluxo e que é confirmada pelos dados estatísticos. Em 2004 e 2005, o número de imigrantes brasileiros a residirem de forma documentada em Portugal havia crescido 12,2% e 11,5% em relação aos anos anteriores, respectivamente, sendo o aumento registado no caso dos imigrantes brasileiros de 5,7% e 6,1% nos mesmos períodos (SEF, 2005, 2006).

O crescimento estatístico e o aumento da visibilidade social que os emigrantes brasileiros começavam a ganhar em Portugal se refletiu em um crescimento significativo de notícias sobre esses sujeitos no contexto mediático em ambos os países. No Brasil, tratando-se dos jornais eletrônicos, Neto (2006) observou, em 2005, que o número de referências aos emigrantes brasileiros em Portugal havia triplicado nos últimos cinco anos. Assis (2017) entende que, em um primeiro momento, os média impressos negligenciavam as mudanças essenciais que diferenciavam o perfil do emigrante da primeira vaga desta segunda vaga agora em curso, sobretudo no que se refere ao reconhecimento e a representação das mulheres e das pessoas de classes econômicas menos favorecidas, bem como o caráter “multirracial” da segunda vaga. A esse respeito, de acordo com Pinho (2007), quando o emigrante não se enquadrava dentro do espectro social que havia sido criado no imaginário brasileiro por conta das profissões qualificadas, ele acabava por estar suscetível a ser representado nos média impressos de forma negativa. Nesse sentido, segundo Neto (2006), os discursos sobre os brasileiros em Portugal começaram a se diversificar, passando a ser recorrente, além das notícias que projetavam uma imagem positiva do emigrado brasileiro, a divulgação de matérias que associavam essas pessoas à criminalidade ou às redes de tráfico de pessoas. De acordo com Pinho (2007), naquela altura, talvez pela primeira vez, era assinalada a existência de imigrantes brasileiros “ilegais” em Portugal, condição que só é atenuada quando aparece associada aos profissionais mais qualificados.

Enquanto isso, em Portugal, Scott (2011) refere que foi, sobretudo, a chegada de uma grande quantidade de imigrantes com poucas qualificações profissionais e com baixos níveis de escolaridades, que se destacavam em número e perfil daqueles que estavam a imigrar nos anos anteriores, o que fez com que o comportamento dos portugueses em relação aos imigrantes brasileiros começasse a mudar.

Entretanto, algo já começava a mudar na relação dos portugueses com os brasileiros no país. Para pior. O acolhimento espontâneo e a disponibilidade em bater papo não existiam mais. A animosidade para com os nossos imigrantes era cada vez mais evidente. Os portugueses mal escondiam sua satisfação ao livrar-se “destes estrangeiros que só incomodam” quando algum brasileiro partia de lá; pelo contrário, muitas vezes expressavam-na em alta voz sem o menor constrangimento. (Scott, 2011, posição 7.4)

Essa mudança de comportamento se refletiu em mudanças no discurso mediático português sobre os imigrantes brasileiros. Iorio e Souza (2018, p. 319) entendem que esse olhar pejorativo sobre os imigrantes brasileiros estava em íntima relação com o estereótipo do brasileiro do “malandro e espertalhão” que vigorava naquela altura e que Machado (2003) considera ser uma herança das representações sociais veiculadas nas telenovelas brasileiras que eram exibidas em Portugal até então, a exemplo telenovela brasileira Gabriela, Cravo e Canela (cf. Cunha, 2003; Ferin, 2010) exibida na televisão pública em Portugal em 1977, que, segundo Scott (2011), promoveu mudanças na rotina e no comportamento dos portugueses. De acordo com Assis (2017), começam a surgir discursos pessimistas e negativos sobre os imigrantes brasileiros, como a associação dos homens à criminalidade e as mulheres ao erotismo e ao “mercado do sexo”.

As brasileiras são sensuais e disponíveis para qualquer programa que envolva sexo. Os brasileiros são malandros, barulhentos e avessos a compromissos. No Portugal de hoje, esses estereótipos são imagens dominantes reforçadas pela mídia, sobretudo a televisiva, e pela evidente e expressiva presença da prostituição brasileira na vida noturna de cidades como Porto e Lisboa. Essa visão portuguesa dos imigrantes brasileiros é muito diferente da versão de pouco mais de 20 ou 25 anos atrás. Nessa época, o Brasil e os brasileiros evocavam alegria, simpatia, boas lembranças e, muitas vezes, saudade da terra rica e cheia de oportunidades, e tão ligada a Portugal... No início dos anos 1980, Lisboa acolhia com simpatia os brasileiros recém-chegados. (Scott, 2011, posição 7.1)

O final da década de 2000, em especial o ano de 2008, é apontado por diversos autores - dentre eles, Machado (2014) - como o período que marca o início do declínio não só da segunda vaga de imigração brasileira em Portugal, mas também de outros fluxos de imigração no país. O ano de 2010, no qual se constata uma diminuição de 2% na quantidade de imigrantes residindo de forma documentada, marca o início de uma tendência de declínio desse indicador. Ainda que existam outros fatores de influência que devam ser considerados, como o endurecimento das políticas migratórias em nível europeu, há um certo consenso na literatura em indicar o contexto econômico português como um dos pontos que mais contribuiu para que o país deixasse de ser visto como uma opção atrativa para o projeto migratório de milhares de pessoas ao redor do mundo.

Se em 2007 o cenário era de um crescimento modesto, a realidade se transformou num decréscimo radical, uma ascensão sem precedentes da taxa de desemprego portuguesa e uma diminuição da imigração brasileira em Portugal. (...) Portugal sente a crise de forma aguda, bastam alguns números para o confirmar: o corte de benefícios sociais, a recessão econômica, a diminuição de postos de trabalho. (Machado, 2014, p. 226)

No caso da imigração brasileira, une-se ao contexto econômico desfavorável e às restrições legislativas a mudança de comportamento e os estereótipos pejorativos que habitavam o imaginário português, o que pesava na integração destes imigrantes. Embora não entremos aqui em detalhes do quanto a situação da imigração brasileira contribuiu para o declínio no número total de imigrantes residentes documentados em Portugal, não é de todo incorreto especular que a diminuição no fluxo de emigração no eixo Brasil-Portugal, em especial nos últimos anos da década de 2000, teve uma influência importante para esse cenário. Após os picos de crescimento no número de imigrantes brasileiros residindo de forma documentada no país em 2006 e depois em 2008 - crescimento de 108% e 61%, respectivamente -, segundo dados do SEF (2010, 2011, 2012), o número de entrada de imigrantes brasileiros em Portugal entrou em decréscimo a partir de 2009 e se seguiu nessa tendência até 2014. Para que se possa ter uma dimensão da situação, em 2009, foram emitidos menos 32,3% de títulos de residência a imigrantes brasileiros em relação ao ano anterior. Nos anos seguintes, foram menos 30,1% e 20,2%, respectivamente, em relação aos anos anteriores. Em uma tendência inversa, como fora observado por Machado (2014), aumentava o número de imigrantes brasileiros em Portugal que agora retornavam para o Brasil ou emigravam para outros países da Europa. Essa situação é confirmada pelos dados estatísticos. A partir de 2011, o stock de imigrantes brasileiros residentes em Portugal começou a apresentar um saldo negativo, tendo desde aquele primeiro ano já diminuído em 7% em relação ao ano anterior (SEF, 2012). O pico deste decréscimo se deu em 2013, ano em que residiam menos 13% imigrantes brasileiros em Portugal (SEF, 2014).

Em uma pesquisa realizada por Fernandes e Castro (2013) em alguns municípios brasileiros junto aos emigrantes retornados de Portugal em 2011 e 2012, encontramos indicações que ajudam a entender quem eram e quais eram as motivações desses brasileiros que agora retornavam ao seu país natal. Comparando-se a idade no momento de migração e de retorno, observa-se que essas eram pessoas que estiveram a viver por volta de quatro anos e alguns meses em Portugal. O principal motivador para o retorno, de acordo com esses brasileiros foram, maioritariamente, questões familiares, ainda que a crise econômica que Portugal atravessava na altura tenha sido referida como um fator de peso na decisão. A importância da família aparece novamente quando relatado pelos emigrantes retornados que a sua decisão foi partilhada com outras pessoas, em especial com membros do círculo familiar. Ainda de acordo com os dados dessa pesquisa, não havia uma diferença significativa entre o número de retornados homens e mulheres, o que fora visto pelos autores como um indicador de dificuldades de inserção no mercado de trabalho, sendo ela ainda mais difícil para mulheres do que homens migrantes em situações de crise. Quanto ao nível de habilitações literárias, mais da metade dos

emigrantes retornados que compuseram a pesquisa declararam não ter completado o primeiro grau de escolaridade ou o ter como grau de formação mais alto, enquanto que uma pequena parcela era de emigrantes que estavam cursando ou haviam completado o ensino superior.

Após este breve período histórico marcado pelo regresso dos brasileiros ao Brasil ou por novas migrações para outros países da Europa, que se estende do fim da primeira década do século XXI até meados da década seguinte, os dados estatísticos começaram a mostrar um novo período de crescimento do fluxo migratório do Brasil para Portugal. Uma recente pesquisa do Instituto de Pesquisa Datafolha (Datafolha, 2018) no Brasil revelou que, dos 43% dos brasileiros que participaram da pesquisa e que alegaram pré-disposição para migrar caso possuíssem condições para tal, 8% escolheu Portugal como destino, o que se mostrou uma diferença considerável em comparação ao Canadá, o terceiro país mais citado, com 3% das respostas. Se bem que o crescimento do interesse dos brasileiros por viver em Portugal é estimulado pela percepção de um cenário de crescente violência e falta de segurança em um país que não aparenta apresentar uma perspectiva econômica favorável (Abdo, 2016) e por mudanças legislativas e administrativas promovidas por Portugal no campo da imigração e que favorece os cidadãos brasileiros, bem como os acordos firmados entre os dois países, não se deve perder de perspectiva que tal crescimento está inserido em um contexto maior que é o da migração de pessoas oriundas da América Latina para a Europa.

Após um período de cinco anos em que estes fluxos estiveram relativamente equilibrados, a partir de 2015, observa-se um aumento no número de entradas de latino-americanos em países europeus (OIM, 2021). Especificamente no eixo Brasil-Portugal, estas migrações têm sido ainda impulsionadas por uma aproximação e interesse mútuo de cooperação entre os dois países em diversas frentes de ação. Segundo Andrade (2021), o estreitamento dos laços com o Brasil é considerado um movimento estratégico de desenvolvimento de contatos e intercâmbio, uma aproximação facilitada pelos laços existentes entre os dois países.

Sendo assim, a tendência de declínio no número de títulos de residência emitidos para imigrantes brasileiros é quebrada em 2015, ano em que se observa um crescimento de 2,8% em relação ao ano anterior. Essa tímida mudança logo mudaria de dimensão e atingiria patamares sem precedentes. Em 2016, já era um aumento de 23,5% em relação ao ano anterior, e os imigrantes brasileiros representavam 20,4% do total de estrangeiros a residir de forma documentada no país; em 2017, 64%; em 2018, o auge, um crescimento de 143,7% (SEF, 2016, 2017, 2018, 2019). De acordo com dados do SEF, as Autorizações de Residência (AR) concedidas para imigrantes brasileiros em 2018 eram destinadas, por ordem de representatividade, para o reagrupamento familiar (que inclui cartões de

residência para familiares de nacionais da União Europeia), para a legalização de trabalhadores por conta de outrem e estudantes. Embora em menor número, as AR concedidas para fins de investimento também merecem ser referenciadas. Em um curto espaço de tempo, que vai de 2015 a 2018, a solicitação de permissão para residência para este fim apresentou, segundo um levantamento feito por Fernandes, Peixoto e Oltramari (2021), um crescimento de 1.029%. Esses números foram suficientes para que alguns autores entendessem que indicavam a existência de uma nova terceira vaga, como vemos em França e Padilla (2018), e, posteriormente, uma quarta vaga, como o fizeram Fernandes, Peixoto e Oltramari (2021).

Nos últimos anos, os média têm tido um papel fundamental em dar a conhecer essa nova vaga migratória de brasileiros que têm chegado a Portugal. Atualmente, já é possível encontrar uma diversidade de artigos noticiosos sobre o crescente número de brasileiros que decidiu emigrar para aquele país nos últimos anos. Em um momento na história em que Portugal “precisa desesperadamente” (“Portugal ‘precisa desesperadamente’ de imigrantes”, 2018) de imigrantes, são milhares estes “milionários e desempregados” (Alvarez, 2019) que buscam Portugal para se estabelecer. Em um primeiro momento, as pautas de ambos os países priorizaram não só dar a conhecer o aumento no número de brasileiros que migravam para Portugal, mas também promover uma ressignificação desse fluxo migratório, de modo a expor aqueles que migravam naquela altura que tinham um estatuto social mais elevado, ainda que aqueles que não o tinham também estivessem a emigrar. Em uma rápida pesquisa realizada na Internet, encontramos uma matéria publicada em 6 de maio de 2016 na versão online da edição brasileira do jornal *El País* em que se lê que “brasileiros trocam Miami por Lisboa”, em uma comparação à emigração de brasileiros para a cidade de Miami, nos Estados Unidos, um fluxo caracterizado pelo seu estatuto social elevado (Martín del Barrio, 2016). Esse discurso ganha força no contexto mediático e, no ano seguinte, encontramos uma matéria publicada no dia 20 de abril de 2017, na versão online da revista brasileira *Veja*, na qual Portugal é referido como “o novo sonho da classe média brasileira” (Ra. Carneiro, 2021), referindo-se àquela nova fase do fluxo migratório como sendo “semelhante ao que invadiu Miami anos atrás pela porta da frente: imigrantes com documentação legal e, em muitos casos, com dinheiro para comprar imóveis e desfrutar uma boa vida na nova pátria”. Seis dias depois, é publicada, na versão online do português *Diário de Notícias*, uma matéria intitulada “Portugal é a nova Miami para os brasileiros ricos” (Moreira, 2017).

Especialmente nos média portugueses, segundo França e Padilla (2018), nessas primeiras notícias sobre a imigração recente de brasileiros em Portugal que começaram a surgir nos jornais portugueses impressos e digitais a partir de 2017, os imigrantes brasileiros eram descritos de uma forma

mais positiva do que o era feito na segunda vaga migratória. As autoras referem serem os casos de “sucesso” migratório, como aqueles dos investidores, jovens, profissionais qualificados e das famílias inseridas nas classes econômicas mais abastadas da sociedade brasileira, aqueles que estavam a ganhar mais destaque no contexto mediático português. Não obstante, a representação dos imigrantes brasileiros deve ser vista como estando enquadrada dentro da representação do próprio Brasil enquanto país de origem. Nesse sentido, é interessante observar que, apesar da imagem negativa que os próprios brasileiros têm do seu país de origem (cf. Abdo, 2016), em uma pesquisa realizada em 2016 cujo corpus eram jornais portugueses em suas versões online, Viana (2020) refutou a sua hipótese inicial de que a representação do Brasil nesses veículos esteja associada à desigualdade social, violência, corrupção e ineficiência das instituições públicas.

Por outro lado, o autor encontrou notícias que tinham como tema principal as pessoas brasileiras foi um dos temas mais focados na versão *online* dos jornais portugueses *Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias* e *Correio da Manhã*. No entanto, grande parte delas não dizia respeito aos cidadãos comuns, senão às celebridades da área da Cultura e do Desporto, o que o autor entende ser uma consequência de uma ainda viva valorização e consumo dos produtos culturais brasileiros na sociedade portuguesa. Mesmo assim, embora o autor considere que, em geral, o Brasil e os seus cidadãos tenham sido representados de forma positiva, corroborando a opinião pública positiva que os portugueses têm daqueles que estampam uma ideia de cultura brasileira e que é transmitida em discursos e nos produtos culturais, havia ainda muitas referências aos estereótipos pejorativos que recaíam sobre os brasileiros que migraram em períodos históricos anteriores. Nesse sentido, ainda que estas mudanças discursivas se façam presentes no discurso mediático português, não é possível dizer que os estereótipos de outros tempos não mais existem. Minga (2020) indica que, embora tenham havido mudanças nas principais temáticas e no jeito de se noticiar o Brasil e seus cidadãos, os estereótipos que recaíam sobre esses indivíduos em outras alturas ainda se encontravam, entre 2010 e 2015, fortemente arraigados nos discursos mediáticos sobre a imigração brasileira em Portugal. De forma geral, os brasileiros continuavam sendo “um povo alegre, festeiro, simpático e sem a melancolia dos portugueses” (p. 396), enquanto que, para as mulheres, perdurava a associação da imigrante brasileira à uma imagem objetificada (cf. Viana, 2020), hipersexualizada (cf. Minga, 2018) e ligada à prostituição, mesmo em contextos em que não há uma certeza sobre a sua representatividade em um quadro geral da prostituição em Portugal (Minga, 2020).

2.2. Cultura, Comunicação e Mídia

2.2.1. Comunicação como interação simbólica

Antes de abordarmos a relação entre a cultura, a comunicação e os mídia, começamos este capítulo por explorar o próprio conceito de comunicação. A literatura científica permite observar que, ao longo da história, o que se entende por “comunicação” foi sendo interpretado e reinterpretado de acordo com diversas circunstâncias e para significar situações das mais diferentes naturezas. Fundamentalmente, o termo é um exemplo de *travelling concept*, ideia utilizada por B. Neumann e Nünning (2012) para denominar os conceitos que, ao mesmo tempo em que se fazem presentes em diversas disciplinas, assumem sentidos e significados distintos, evocando todo um contexto disciplinar característico e particular. Especialmente no campo das Ciências Sociais, o estudo dos sentidos do termo é uma mais valia para a investigação científica sobre das sociedades contemporâneas em seu contexto social. Uma ampla gama de fenômenos começaram a ser passíveis de serem analisados a partir da ótica da comunicação e fez - e ainda faz - com que o conceito tenha se alargado. Contudo, de acordo com Ferin (2002), uma reflexão sobre os usos do termo nunca será exagerada, uma vez que a pluralidade de sentidos, muitas vezes, mais confunde do que clarifica.

Essa pluralidade fica ainda mais evidente quando recordamos que, assim como acontece com outros conceitos, o da comunicação é ele mesmo dotado de uma história própria e singular, tendo sido utilizado para traduzir diferentes situações ao longo dos séculos. De acordo com Morley (2008a), no século XIV, “comunicar algo” tinha um sentido materialista atrelado a uma ação, sendo, portanto, comumente utilizado para referir-se à ação dar ou receber algo de alguém. Segundo o autor, essa conotação esteve em evidência até o início do século XVII. A partir de então, de acordo com Williams (1976/1988), com o crescimento acelerado de vias de transporte e outros meios que buscavam interligar distintos pontos geográficos, a comunicação passou a ser um conceito associado também ao transporte, no sentido de permitir que diversos pontos distintos fossem conectados. Assim sendo, de acordo com Morley (2008a), para os contemporâneos do século XVII, a comunicação social poderia ser entendida de duas formas, sendo cada uma delas relacionada com a materialidade com que se transmite a mensagem: os meios de qualquer ordem utilizados para se empreender uma transmissão de informação ou os meios físicos utilizados para comunicar dois pontos geograficamente distantes.

Se, naquela altura, o ato comunicativo podia dizer situações de natureza bastante distintas, a ideia por trás do conceito na atualidade tem uma herança mais recente. No campo disciplinar dos Estudos Culturais, o termo traz à luz a relação direta que existe entre a comunicação e a cultura, duas

vertentes das sociedades com influências mútuas. De acordo com Williams (1960), também o conceito de cultura sofreu, ele mesmo, mudanças ao longo da história, corroborando com a máxima de que as revisões conceituais refletem mudanças de contexto. Bauman (2012) refere, pelo menos, três significados distintos de acordo com a época em que estiveram vigentes. Em meados do século XVIII, a cultura foi usado para diferenciar o que era considerado natural ao ser humano e que era resultado da ação no mundo. No século XIX, essa separação começa a ficar menos nítida com uma “naturalização” de fatos culturais, inspirando autores como Émile Durkheim a teorizar sobre os fatos sociais. A partir da metade do século XX, essa direção de influência se inverte e a natureza passa a fazer parte da alçada da cultura, procedendo-se à uma “culturalização” do que até então era entendido como natural. Essa breve retrospectiva evidencia que o significado de cultura enquanto ação, ou seja, algo a ser cultivado, foi sendo transformado para a cultura como algo em si mesma, caracterizando-se então, segundo Williams (1960, p. xiv), como “todo um modo de vida, material, intelectual e espiritual”.

É com base nessa nova concepção de cultura em que a comunicação humana assume um lugar de destaque, sendo ela a dimensão na qual nascem, morrem ou se reinventam as crenças e valores que orientam a construção de associações cognitivas. Essa relação se torna ainda mais evidente ao se perspetivar que a comunicação humana enquanto transmissão de mensagem, tratando-se de processos comunicativos, é definida por sua natureza representativa. De acordo com Hall (1997/2013), uma representação é o processo de produção de significado por meio da criação de associações entre coisas, conceitos e signos. Este processo é possibilitado pela existência de linguagens compartilhadas culturalmente, a exemplo da língua escrita e da língua falada. Dentre as diversas abordagens apresentadas pelo autor à problemática da representação, a abordagem construtivista é aquela que parece fornecer algumas respostas no que tange ao estudo das sociedades modernas. Isso porque, segundo esta perspetiva, o significado atribuído às coisas não é inerente a elas, senão construído socialmente por meio de sistemas de representação. Estas associações são possíveis por meio da criação o que Hall (1997/2013) chamou de código, um imaginário coletivo no qual se unem os sistemas cognitivos individuais à linguagem visual. É por meio deste sistema de representação, que nasce e se difunde culturalmente, que se estabelecem significados que influenciam percepções e comportamentos.

É nesses códigos que se baseia o conceito de comunicação como interação simbólica, o que significa dizer, segundo Crespi (1997), que a transmissão de uma determinada mensagem é realizada por meio de signos que se tornaram códigos cultural e socialmente convencionalizados e partilhados. Sendo assim, mesmo com tantas possibilidades em definir-se o que é, de facto, a comunicação humana, uma grande parcela das teorias acadêmicas atuais concorda com o fato de que a comunicação está

embasada em um processo de troca e "partilha" (Ferin, 2002, p. 23) de conteúdos e significados. Neste cenário, a relevância dos média ultrapassa as controvérsias e é inquestionável. Reconhecendo-se a complexidade do termo diante da própria amplitude social que está compreendida nos processos comunicacionais mediados (Ferin, 2002), assume-se que a simples impossibilidade de estar em todos os lugares ao mesmo tempo, o que evidencia tanto a singularidade do ser humano quanto a sua pequenez diante de um mundo tão vasto, faz com que todo o conhecimento seja mediado. Sobretudo nas sociedades contemporâneas, com os avanços tecnológicos, a mediatização da experiência social (Morley, 2008b) tornou-se um dos principais caminhos para a construção de uma ideia de realidade. Sendo os média instrumentos de socialização e transmissão de valores (Hartley, 2004), eles podem ser compreendidos como potentes ferramentas em nível social e cultural. Com isso, as fronteiras entre o público e o privado tornam-se cada vez mais tênues na medida em que os média, por um lado, permitem às sociedades terem acesso à informação que antes era privilegiada - e, portanto, acessível à apenas um determinado grupo de pessoas - e por outro, coloca em primeiro plano acontecimentos mais íntimos e individuais das populações (Fairclough, 1995).

2.2.2. Discursos como visão de mundo

Seja na interação entre dois amigos de longa data ou em situações em que hierarquias sociais estão mais claramente demarcadas, o poder social se faz presente. Ele está presente nas mais diferentes esferas dos grupos sociais e, ainda que seja de mais fácil identificação em determinados contextos do que em outros, torna-se necessário seguir a recomendação de Bourdieu (1989/2001) e buscar identificá-lo em situações onde ele se faz menos visível e, assim, desvelar os seus mecanismos de atuação.

Na dimensão da comunicação social, uma das principais vias para a execução do poder social é a instituição de uma visão de mundo que se torne hegemônica. Essa possibilidade se abre ao constatar-se que, sendo a própria vida de natureza abstrata, uma das formas de se tornar o mundo inteligível é por meio da atribuição de sentido e significado à materialidade e às experiências da vida. É nessa esfera em que encontramos os sistemas simbólicos, definidos por Bourdieu (1989/2001) como estruturas organizadas que atuam como mecanismos por meio dos quais o mundo material se torna cognoscível e dotado de significado. Segundo o autor, esses sistemas têm um papel fundamental na integração social, uma vez que é por meio deles que se constituem consensos sociais capazes de sustentar a manutenção das estruturas sociais vigentes. Tornam-se, portanto, mecanismos silenciosos que, resguardando uma íntima conexão com o contexto social e cultural em que se inserem, pressupõem uma cumplicidade

entre aqueles que o instituem e aqueles que fazem uso dele em sua vida cotidiana.

É com base nesses sistemas simbólicos de representação do real em que estão baseados os discursos. Segundo Frow (2008), foram vários os autores da segunda metade do século XX que desenvolveram seus estudos a partir ou à parte da teoria da linguística estruturalista de Ferdinand de Saussure no sentido de se entender o surgimento e a perpetuação dos discursos que acabavam por nortear a vida humana. Nessa linha, Beneviste (1971) é frequentemente indicado pelos autores da área como um nome fundamental para a compreensão das origens do termo no campo dos estudos linguísticos. Segundo esse autor, uma determinada história assume o caráter de discurso quando os eventos mencionados são contemporâneos a quem os narra e estão diretamente ligados ao próprio ato de o narrar (Frow, 2008), evidenciando-se o fator da temporalidade como um dos aspectos que está na base do surgimento do conceito.

É a partir de Foucault (1969/2008), contudo, que a polissemia do termo abre vias para se buscar compreender as relações que existem entre a língua e as estruturas sociais. Baseando-se no reconhecimento de que a análise da língua não deve estar focada apenas nas componentes linguísticas de um texto, mas também na “interpretação e revelação das significações implícitas” e suas “proposições” (Foucault, 1969/2008, p. 127), o autor adota o termo discurso para descrever a maneira como o conhecimento é organizado e pretende enunciar a vida. Como resultado, o ponto de vista de Foucault acrescenta à temporalidade de Beneviste uma natureza operativa dos discursos, que influenciam diretamente na manutenção de estruturas de poder e autoridade por meio de uma espécie de gestão do conhecimento. Além disso, a relação entre discurso e poder foi extensamente estudada por Michel Foucault. Ao interessar-se pelas dinâmicas de poder na estrutura social, Foucault consegue localizá-lo embrenhado em uma complexa relação entre o discurso, as esferas de conhecimento e as sociedades. Desta forma, entendendo o poder como Martino (2014, p. 147) o faz ao afirmar que "o poder não é algo que se tem, é algo que se exerce", é possível observar que a manutenção das relações de poder vigentes se opera também nos níveis culturais e simbólicos referidos por Bourdieu (1989/2001).

Dentre o vasto repertório sobre o qual os discursos podem se apoiar, as narrativas assumem um lugar de destaque. Derivada do latim *narratio*, usado na tradição retórica para designar um segmento de um discurso ou fala no qual são apresentados fatos (Threadgold, 2008), o termo assume diferentes conotações com o passar do tempo. De tradição linguística, a interdisciplinaridade patente nos estudos sobre as narrativas começa a acontecer a partir da década de 1970, impulsionada por um olhar reflexivo sobre as consequências das narrativas na mente humana. Johnstone (2001) refere que, dentre os

questionamentos mais pungentes da altura, estava a dúvida de como e o quanto as histórias encontradas em livros, filmes e até mesmo aquelas encontradas na interação humana cotidiana seriam capazes de interferir no autoconceito e na percepção individual do mundo. Observamos, portanto, que ela assume um lugar de destaque enquanto forma de ver o mundo, o que, segundo Johnstone (2001), está diretamente relacionado ao próprio desenvolvimento cognitivo e linguístico do ser humano. Segundo a autora, ainda na infância, com o aumento da capacidade humana de perspectivar o ponto de vista de outra pessoa, a narrativa surge como possibilidade de organização e julgamento da realidade perante o mundo. Sendo assim, enquanto, na tradição retórica, a limitação da narrativa para a apresentação dos fatos a distância de um aspeto conclusivo e moral, na contemporaneidade, elas assumem um lugar privilegiado em um contexto social. Encontramos, atualmente, definições como a de Threadgold (2008, p. 230), de que uma narrativa pode ser definida como uma história que contém um narrador a referir-se a fatos de ordem factual ou fictícia. Outra descrição pode ser encontrada em Fiske (1987/2001, p. 137), para quem ela é um meio de articulação da relação "profunda e incerta" das pessoas com o ambiente social em que vivem.

Cabe ainda um olhar mais demorado sobre os usos da narrativa. Segundo De Fina (2003), a pluralidade de objetivos alcançável pelas narrativas faz com que elas possam assumir a finalidade de entretenimento em algumas culturas ao mesmo passo em que são adotadas como um mecanismo de transmissão do conhecimento em outras, sobretudo naquelas em que há uma tradição mais voltada para a oralidade. Para a autora, essa amplitude é possível porque as narrativas podem assumir tanto funções cognitivas, ligadas mais à esfera individual, quanto aquelas que chamaremos de funções político-ideológicas, observadas sobretudo quando a narrativa adentra a esfera social e cultural. No campo das funções cognitivas, a centralidade da narrativa enquanto mecanismo capaz de significar o mundo está diretamente relacionada com a necessidade humana de contar histórias.

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2003), esta busca pelo significado por meio da construção de narrativas por parte dos indivíduos acontece em duas dimensões no ato de narrar que denunciam toda a lógica simbólica por detrás de sua construção. A primeira dimensão é de ordem cronológica: não é involuntariamente que diferentes experiências, fatos ou acontecimentos são alinhados em forma de sequência, mas sim como forma de estabelecer uma cadeia de relações entre eles. Essa relação é reforçada com a criação de um enredo, a segunda dimensão do ato narrativo, por meio do qual as várias partes narradas adquirem um sentido e levam à uma conclusão. Desta forma, é possível estabelecer uma história "coerente e significativa" (Jovchelovitch & Bauer, 2003, p. 108) que servirá de base para a edificação de crenças e valores individualmente assumidos. Por outro lado, quando a narrativa está

presente em um contexto social, além das funções cognitivas, ela pode vir a assumir também funções político-ideológicas. Por estar ancorada em um contexto social e histórico definido, bem como atrelada a um conjunto de referentes culturais, a sua relação com a constituição cultural dos grupos sociais torna-se inquestionável, visto que, segundo Abadia e Cabecinhas (2013), as histórias partilhadas socialmente têm um papel fundamental na construção identitária, influenciando diretamente as relações entre grupos sociais distintos. As narrativas tornam-se, portanto, componentes quase indispensáveis na construção de discursos que, por sua vez, acabam por influenciar diretamente as sociedades. Além disso, de acordo com Jovchelovitch e Bauer (2003), aquelas que são partilhadas socialmente, de acordo com os usos que se operam com e/ou a partir delas, podem ser entendidas como mecanismos de organização da ordem social e cultural. Sendo assim, entende-se que a simples identificação de uma narrativa não é de todo suficiente para compreender o contexto da sua existência. Sendo ela o resultado de um processo criativo humano, fatores como a intencionalidade e a finalidade são de grande relevância ao se levar em consideração as razões que motivam o seu surgimento. Desta forma, além dos aspetos ligados à narrativa que foram possíveis ser explorados a partir da definição Threadgold (2008) do termo, é preciso distingui-las de acordo com a sua função.

No contexto mediático, as narrativas estão intimamente ligadas aos discursos que, segundo Cotter (2001), contém duas operações que se interligam de diversas formas: o texto, caracterizado por todo o seu conteúdo escrito ou falado, e o seu processo de desenvolvimento. Uma vez que os dois objetos de estudo desta pesquisa contemplam uma visão em primeira pessoa sobre a experiência de vida, considerou-se relevante entender a relação entre o discurso mediático e a representação do mundo que é feita partir do lugar da primeira pessoa. Caminhando por essa trilha, de acordo com Dovey (2002), vemos que é na década de 1990 em que pode ser identificada uma mudança importante na presença de conteúdos biográficos no discurso mediático. O autor aponta para esse momento na história como aquele em que o relato individual, a exemplo do que já havia acontecido no âmbito científico, conforme exposto na exposição da abordagem científica deste trabalho, sai de um lugar secundário, onde apenas era usado para servir de evidência de uma narrativa pré-estabelecida, para ocupar uma posição de destaque e ser ele mesmo o argumento principal do discurso mediático. Com isso, a perspectiva pessoal passa não só a dar relevância ao discurso, mas confere-lhe um caráter de legitimidade e verdade.

Para que isso seja possível, opera-se uma importante mudança de lugar de fala do discurso mediático, que pega de empréstimo aquele que são os protagonistas das histórias que conferem o sentido que pretendem passar. Segundo Amaral (2005), a ideia de lugar de fala surgiu no seio da Comunicação Social para explicar os diferentes pontos de vista social e culturalmente localizados que

eram utilizados pela imprensa do século XX para representar o mundo e interagir com os seus leitores. Segundo a autora, entender esses lugares de fala permite localizar, em matriz social e cultural, o ponto de vista daquele que se expressa. É por isso que D. Ribeiro (2017) afirma que incluir o conceito de lugar de fala no debate sobre os discursos social e culturalmente partilhados permite abordá-los a partir de pontos de vista distintos e de acordo com as especificidades de cada grupo social, quebrando-se a ideia de um discurso hegemônico ao se problematizar o ponto de referência daquele de quem fala (cf. Spivak, 2010) e de quem escuta.

Por outro lado, ainda que a importância da criação destes lugares de fala seja inegável, é preciso abordá-la com um olhar crítico. Isso porque a resposta dos média ao crescente interesse pela realidade também pode ser vista como uma estratégia de poder social de tornar todo um sistema de significados simbólicos arbitrários mais coeso, convincente e dotado de algum sentido. De acordo com Baudrillard (1981/1991), a inclinação da sociedade por essas frações da realidade advém de uma dificuldade, em nível social, de se aceitar a aniquilação do real por uma visão de mundo baseada em simulacros. Perder de vista a realidade é assim entendido como a perda do próprio poder que se tem sobre ela, em especial às múltiplas possibilidades de interpretação possíveis. Entendendo o real como uma ameaça de natureza histórica ao simulacro, que o autor entende ser todo um sistema representativo desconectado do real, Baudrillard (1981/1991) considera a inclusão de porções da realidade como uma estratégia de manutenção das hierarquias de poder social, uma vez que esse material funciona como um referencial de suporte dos simulacros. Afinal, na visão do autor, a realidade como os veículos de comunicação nos dão a conhecer não passa de “células miniaturizadas, de matrizes e de memórias, de modelos de comando” (p. 8) de um sistema simbólico altamente replicável e minimamente condizente com a experiência.

Dentro do grande tema das migrações, em Cogo (2007) encontramos referência a três diferentes processos mediáticos que ajudam a compor o quadro das migrações contemporâneas e que se traduzem no que a autora chamou de cidadania comunicativa. De acordo com a autora, essa cidadania é o reflexo da necessidade por dois tipos outros tipos de cidadania: a cidadania intercultural, que surge na comunicação que preza por um balanço entre particularidades e o que é universal nos cenários multiculturais das migrações; e a cidadania cosmopolita, por meio da qual a diversidade é organizada em princípios e conceitos mais universalistas. Sendo assim, uma primeira perspectiva mencionada pela autora no que se refere a cidadania comunicativa é o poder da comunicação em tecer, por meio das suas representações, ideias e discursos sobre as migrações e seus sujeitos, no qual Cogo (2007, p. 67) entende fazer parte diversas situações comunicativas na dimensão mediática, como a “associação das

migrações contemporâneas a uma cultura de violência”, o “predomínio de fontes institucionais para falar da realidade das migrações” e a “subvalorização do cotidiano das migrações”. Outra perspectiva é a própria mudança nas dinâmicas interativas entre os imigrantes e os média que utilizam, o que é em muito influenciado pelas próprias mudanças nas características das migrações que, como vimos anteriormente neste trabalho, se têm alterado na contemporaneidade. Por fim, Cogo refere a perspectiva de toda uma reconfiguração de políticas instituídas de visibilidade mediática dos migrantes, o que vai desde o alargamento da pauta sobre as migrações e a intervenção das redes migrantes e organizações na atualização das políticas mediáticas vigentes até a própria produção e gestão, por parte dos próprios migrantes, de novos média orientados para as comunidades migrantes.

Dentro de todo esse espectro, encontram-se as narrativas e os discursos mediáticos sobre os migrantes que vão sendo construídos ao longo dos anos, e por meio do qual a percepção desta realidade vai ganhando sentido. Sendo transmitidas de geração para geração ou estando presentes em conteúdos partilhados socialmente, tais narrativas acabam por moldar linhas discursivas sobre o tema e que acabam por ser amalgamados nas culturas. Nesse sentido, infere em toda essa problemática ainda os discursos sobre os migrantes, que vão sendo construídos ao longo dos anos e por meio do qual a percepção desta realidade vai ganhando sentido, sendo essa uma discussão já abordada neste trabalho. Assim como acontece em outros contextos em que as associações cognitivas, como os estereótipos, são usadas como estratégia de manutenção das relações de poder vigentes, no que tange o tema das migrações, ser migrante é estar condicionado à uma determinada posição social (Sayad, 1998). Ainda sobre esse ponto, as questões de interesse que são associadas aos migrantes são as mesmas que eles mesmos reconhecem como aquelas que são mais fundamentais à uma discussão sobre a sua própria existência (Sayad, 2011). Muitas vezes, por não levarem em conta a diversidade cultural inerente ao fenômeno migratório, esses discursos acabam por promover o que Sayad (2011, p. 178) chamou de “domesticação” e “redução da alteridade e da heterogeneidade”, tornando flagrante as dificuldades de integração dos migrantes na sociedade de destino.

Segundo van Dijk (2018), as migrações estão, de facto, envoltas em complexas redes de discursos que existem no campo social, seja aqueles que são sobre a migração em si ou aqueles que envolvem a experiência migratória e também tudo o que ela envolve. O autor, cuja obra sobre os sentidos associados à presença dos migrantes nos média é apontada por Cogo (2002) como uma importante referência no assunto, refere que o fato desses discursos serem multifacetados torna possível perspetivá-los não só a partir de uma abordagem sobre o uso da língua, mas também como mecanismos de ação e interação política e social. Nesse sentido, os gêneros e estilos discursivos são definidos de acordo com

indicadores como o uso e a função pretendida, bem como o contexto social e político no qual ele se fará presente, todos eles definidos de acordo com o foco pretendido por quem o utiliza. Isso significa dizer que, segundo van Dijk (2018), nem mesmo quando o discurso surge a partir de relatos pessoais ele estará isento de ser adaptado aos gêneros e estilos pré-estabelecidos de acordo com a situação comunicativa em questão.

No que se refere ao conteúdo dos discursos sobre os migrantes, eles estão em íntima conexão com temas de interesse e categorias de pensamento que a sociedade de destino ou origem imputou sobre esses sujeitos, resultando em uma perda de autonomia do olhar sobre o migrante enquanto emigrante. Sayad (2011), por exemplo, refere uma preocupação constante com o fato do discurso e da imagem dos migrantes enquanto emigrantes estarem sempre embasados em uma visão unilateral. Perspetivando o tema a partir dessa ótica, o autor entende que o emigrante só existe a partir de um olhar sobre ele enquanto imigrante, ou seja, a partir do significado que aquele indivíduo passa a ter no país de destino. Por outro lado, como mostra uma pesquisa de Gonçalves (1996) junto aos portugueses com o objetivo de captar a sua percepção da figura do emigrante português, o trabalho de definição e avaliação social que dão origem à uma construção socialmente partilhada da figura do emigrante pode também estar baseado em percepções e discursos que nascem e se disseminam mesmo na comunidade de origem. Seja calcado em uma percepção que nasce fora da sociedade de origem ou dentro dela, são esses discursos que se embrenham na sociedade por diversas vias e acabam por perpetuar esquemas de organização social que posicionam os sujeitos sociais em categorias pré-determinadas.

Na visão de Sayad (2011), os discursos sobre os migrantes servem a dois propósitos: em primeiro lugar, é uma forma de se poder exercer algum tipo de controle sobre um fenômeno que é visto como uma potencial ameaça à ordem pública; em segundo lugar, mascarar a necessidade inerente de se saber mais sobre aquele sujeito, a sua trajetória e a sua história, neutralizando o ímpeto da busca por informações que poderiam revelar aspetos que suscitariam discussões potencialmente danosas do ponto de vista histórico, social e cultural. Estes discursos atuam no sentido de se promover uma série do que Sayad (2011, p. 409) chamou de “ilusões mantidas coletivamente”, geradas e perpetuadas por todos aqueles que estão envolvidos de alguma forma na migração. Ainda assim, alguns autores, dentre os quais Sayad (2011), referem que a migração só se torna uma questão de atenção do ponto de vista analítico a partir do momento em que é percebida como um fator de perturbação nas ordens pré-estabelecidas do lugar onde o sujeito agora habita. É a partir de então que começam a surgir estudos, teorias e ensaios que, conseqüentemente, se traduzirão em discurso. Dentro do tema desta pesquisa, essa questão é corroborada por Padilla et al. (2015), que afirmaram que, no contexto português, a

imigração brasileira começou a se caracterizar como um objeto social de estudo científico a partir de uma tomada de consciência de novos contextos sociais e culturais que iam sendo observados com a presença destes imigrantes naquela sociedade.

A presença imigrada, e portanto estrangeira, equivale a uma presença provisória (em lei), a uma presença subordinada a alguma razão externa a ela e a algum fim diferente de si mesma, que é chamada, aqui, de trabalho, assim como equivale a uma presença sempre merecedora da necessidade de legitimação constante (através do que Bourdieu chama de «pensamento do Estado»). (Sayad, 2011, p. 409)

A importância de tais reflexões no contexto dos discursos midiáticos sobre os migrantes se dá na medida em que é possível observar que tais interpretações e polaridades são disseminadas socialmente em forma discursiva. Neste sentido, de acordo com Nascimento (2006), a apropriação dos parâmetros e perspectivas presentes nos discursos difundidos socialmente sobre a condição social do imigrante torna-se uma estratégia de inclusão do sujeito em um grupo social que possibilita a interação. No caso dos imigrantes brasileiros, pode-se dizer que esse sujeito se apropria dos discursos sobre ele como uma verdadeira estratégia de sobrevivência social, de modo a tornar a sua existência possível e gerar um sentimento de pertença.

Pesa ainda sobre o discurso que é socialmente partilhado sobre o sujeito migrante a caracterização de sua posição social, o que está mesmo no cerne dos conflitos das sociedades contemporâneas. Invariavelmente, a presença do estrangeiro, entendido como o “Outro”, dentro das fronteiras nacionais, faz com que surjam novas situações advindas de um cenário multicultural. O que está em causa, contudo, não é somente a predominância de determinadas práticas sociais sobre outras, mas todo um repertório subjetivo que representa uma forma de ver o mundo. A esse respeito, Eagleton (2003, p. 75) chama a atenção para o fato de que o que está em questão é a forma segundo a qual a interpretação da vida é coletivamente instituída, afirmando que “não é o conteúdo de tal cultura que interessa mas aquilo que ela representa”. O autor usa o caso de uma segmentação da produção cultural entre “alta cultura” e “baixa cultura” para exemplificar o seu argumento de que as culturas podem ser entendidas como verdadeiras formas de “persuasão moral” (p. 76).

2.2.3. A televisão e suas linguagens

No que tange a comunicação social, a televisão assume um papel particularmente interessante, motivo pelo qual estudá-la nos dias de hoje ainda é, como o refere Pinto (2007, p. 9), uma tarefa “necessária e urgente”. Os meios de comunicação de amplo alcance, como é o caso deste meio em particular, possuem, segundo Fairclough (1995), características peculiares que os diferenciam dos

outros meios de comunicação. Segundo Fiske e Hartley (1978/2003), a televisão tem uma característica de ser tanto familiar quanto popular, ocupando um lugar de destaque na complexa teia da cultura e da estrutura social das sociedades modernas.

A palavra escrita (e particularmente a palavra impressa) (...) promove consistência, desenvolvimento narrativo de causa a efeito, universalidade e abstração, clareza e um único tom de voz. A televisão, por outro lado, é efêmera, episódica, específica, concreta e dramática no modo. Seus significados são chegados por contrastes e pela justaposição de sinais aparentemente contraditórios e sua "lógica" é oral e visual. (Fiske & Hartley, 1978/2003, pg. 3)

De acordo com F. Lopes (2009), por ser a televisão um meio de comunicação complexo e dinâmico, diferentes caminhos podem ser tomados para estudá-la. A autora aponta três abordagens distintas que têm se destacado nos estudos da televisão. A primeira delas é a linha de natureza histórica, ou seja, aquela que busca estudar esse meio de comunicação e o seu desenvolvimento ao longo do tempo segundo diferentes momentos históricos. Uma segunda linha é aquela que não se preocupa com a história da televisão em si, mas sim com as genealogias de todos os seus aspectos estruturais, dentre os quais estão os gêneros e públicos televisivos. Já a terceira linha de pesquisa está ligada à ideia de "configuração" e preza por um olhar que abrange produção e recepção, bem como todo o contexto no qual a comunicação acontece, no sentido de se entender de que modo determinados tipos de emissão televisiva vão ganhando sentido ao longo do tempo.

Ao seguirmos pelo primeiro caminho de pesquisa citado por F. Lopes (2009), de uma forma geral, encontramos que foi em meados da década de 1950 em que começaram a surgir os primeiros estudos sobre aquele novo meio de comunicação que, assim como o rádio, estava ganhando mais espaço dentro das esferas privadas e se tornando, cada vez mais, acessível nas sociedades modernas (B. Casey, N. Casey, Calvert, French, & Lewis, 2002). Estas primeiras análises, que podiam ser encontradas tanto no meio acadêmico quanto em resenhas jornalísticas, faziam parte de um esforço para se definir uma taxonomia para abordar aquele novo meio de comunicação e as consequências geradas por seu uso (Fiske & Hartley, 1978/2003). Desta forma, em um primeiro momento, foi possível moldar um estatuto próprio para os estudos de televisão, embora muito mais a partir da definição de rótulos e o exercício da retórica do que como um campo disciplinar.

Ainda assim, a problematização em si da televisão enquanto um meio de comunicação só começa a se tornar o foco dos estudos a partir da constatação de um impasse que, para autores como Fiske e Hartley (1978/2003), foi fundamental para se repensar esse meio de comunicação segundo o contexto social e cultural em que se encontrava inserido. Nessa discussão, Giacomantonio (1981) refere que um dos pontos de debate partia do princípio de que os meios de comunicação são unidirecionais e,

por essa razão, podem ser considerados verdadeiros instrumentos de instituição e difusão ideológica, uma vez que os seus conteúdos são submetidos a enfoques muito estritos. Consequentemente, segundo Fiske e Hartley (1978/2003), muito do questionamento surge da constatação de que, se a televisão fazia uso de uma espécie de discurso ideológico ao mostrar uma visão particular de se abordar uma ou outra questão social, os estudos sobre ela enquanto meio de comunicação não eram diferentes. Ao analisarem a televisão a partir de uma tradição herdada dos estudos sobre a literatura e a linguagem - um exemplo do que McLuhan chamou de “rearviewmirrorism” (cf. McLuhan & Fiore, 1967), ou seja, a prática de analisar o presente com base no passado - a opinião pública sobre a televisão se consolidou como uma percepção pejorativa sobre o surgimento daquele novo meio de comunicação e as mudanças provocadas por ele. Até então, como era de se esperar diante do contexto de análise em que fora posto, aquele que era considerado um produto da sociedade moderna industrial (Fiske & Hartley, 1978/2003) era visto como uma versão decadente da prática cinematográfica, fazendo com que o seu conteúdo não pudesse ser considerado o tipo de arte que possui uma contribuição para a espécie humana.

A partir da década de 1960, diante das evidências empíricas da influência do conteúdo televisivo na percepção da realidade, estudos mais aprofundados, menos pessimistas e mais críticos quanto ao papel da televisão como um meio de comunicação social começaram a surgir. Ao invés de se focarem no conteúdo exibido e assim interferir em sua produção, tornou-se imperativa a mudança de olhar no sentido de, segundo Fiske e Hartley (1978/2003), se buscar entender a forma como o conteúdo era montado e de que forma estes formatos influenciavam no seu significado.

Esta guinada reflexiva não só sobre a televisão, mas também sobre os estudos que se realizavam sobre ela, aconteceu em um contexto histórico particularmente fecundo. Sucedendo uma corrente inglesa inaugurada no século XIX que, de acordo com Mattelart e Neveu (2006), se propôs a repensar a cultura em um contexto social de desigualdades em diversos aspetos, face a um cenário de forte industrialização e hierarquização da sociedade inglesa, surge a necessidade de se olhar para a cultura em um sentido mais amplo. Desta forma, primeiramente de forma isolada nos centros de pesquisa universitários, o que viria a se constituir como os Estudos Culturais começa a nascer. Institucionalmente, a inauguração do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) na Universidade de Birmingham, na década de 1960, marca um momento de reconhecimento desta nova perspectiva em olhar as questões socioculturais. Neste cenário, o estudo da televisão em seu contexto social e cultural ganha nova relevância. Ela passa a ser o foco de muitos investigadores que questionavam a neutralidade do conhecimento sobre o mundo gerado pelo conteúdo televisivo. Para esses acadêmicos, afirma Barker (2005), a produção científica passou a estar configurada como uma atitude política em prol de mudanças

culturais e de perspectivas que pudessem vislumbrar o mundo de forma mais igualitária entre os diferentes grupos sociais. Segundo Mattelart e Neveu (2006), anos mais tarde, esses estudos viriam a aumentar em quantidade e abrangência temática, diante da proliferação de centros de pesquisa pelo mundo e o cruzamento com outros temas estudados pelos diversos campos disciplinares, como a moda, o turismo, os museus e a literatura.

É por esse motivo que muito do que se sabe, atualmente, sobre a televisão em sua dimensão sociocultural, advém de estudos daquela altura, cujos autores ainda são amplamente citados nos trabalhos desenvolvidos dentro da linha dos estudos mediáticos. Para além dos aspetos canônicos das Teorias da Comunicação, estes novos olhares de outrora trouxeram para a equação de análise questões mais complexas sobre a relação entre os conteúdos televisivos e a vida das pessoas. Para Fiske e Hartley (1978/2003), esse olhar mais amplo faz com que o estudo de conteúdos televisivos não deva abordar apenas a televisão enquanto meio, mas também a mensagem e a forma como ela é transmitida.

Em meio a toda essa dimensão, a cultura adquire um papel central. Fiske e Hartley (1978/2003) entendem que, uma vez que a televisão se torna um dispositivo que não só assume um papel construtivo, mas também reflexivo - já que, por intermédio dela, a cultura estabelece consigo mesma uma relação de manutenção ou atualização de valores e crenças -, ela reflete (ou mesmo se estabelece) nos conteúdos produzidos para estes meios. Nesse sentido, embora se possa argumentar que este é um mero meio de transmissão de informação, sobretudo diante da proliferação de conteúdo de teor noticioso ou documental, deve-se atentar sempre para a natureza da televisão enquanto um meio de comunicação. Enquanto Crespi (1997, p. 200) considera a televisão um potente "agente de socialização" da sociedade, Pinto (2005) fala sobre ela enquanto um meio de conquista que é baseado em uma complexa rede de interesses por trás da produção e veiculação de seus conteúdos. Desta forma, o sentido das produções culturais que são veiculadas no ambiente televisivo possui um impacto social fundamental para a construção de uma determinada percepção da realidade, sobretudo por ela ser dotada de mecanismos comunicacionais que buscam não só transmitir uma representação "fiel" da realidade, mas também uma percepção de mundo particular embebida em crenças e valores culturalmente partilhados.

Tratando-se das linguagens televisivas, na altura do surgimento da televisão, muitas das linhas de investigação dos conteúdos veiculados nesse meio de comunicação tinham como ponto de partida teorias cinematográficas. Para Giacomantonio (1981), foram os avanços tecnológicos que vieram a possibilitar planejar e programar os conteúdos televisivos, bem como a aproximação da linguagem televisiva à linguagem cinematográfica, os principais pontos que contribuíram com que a distância entre televisão e cinema pudesse ser cada vez mais encurtada. Na visão do autor, atualmente, são as

possibilidades de montagem do conteúdo e o modo de distribuição da mensagem as principais características que ainda diferenciam esses dois meios, o que o leva a acreditar que televisão e cinema sejam dois arcabouços técnicos para lidar com uma linguagem que lhes é fundamentalmente comum.

Nesse sentido, a linguagem da televisão é baseada no emprego de diferentes ordens de códigos que, juntos, tornam o seu conteúdo dotado de significado, tornando a mensagem inteligível para os espectadores. Partindo-se de uma tradição estruturalista e semiótica (B. Casey et al., 2002), o conceito de código dentro da disciplina dos Estudos de Televisão refere-se aos sistemas de signos que, organizados segundo uma estrutura definida, são capazes de comunicar significados (Fiske & Hartley, 1978/2003). Dentro dessa classificação, os códigos dos quais a televisão se faz valer para a construção do seu conteúdo podem ser de várias naturezas.

O “objeto” das práticas de produção e estruturas na televisão é a produção de uma mensagem, ou seja, um veículo de signos, ou melhor, um veículo de signos de um tipo específico organizados, como qualquer outra forma de comunicação ou linguagem, através da operação de códigos dentro das cadeias sintagmáticas de um discurso. (Hall, 1980/2005, p. 1-2)

Em um primeiro momento, Fiske e Hartley (1978/2003) definem duas categorias principais: os códigos lógicos e os estéticos. Os códigos lógicos, dentre os a linguagem verbal ocupa uma posição de destaque, são aqueles que buscam descrever o mundo objetivo em que vivemos. Embora não tenham um papel preponderante na televisão, a sua existência é ampla nas sociedades, sobretudo quando observamos a amplitude de associações que podem ser derivadas de uma ou outra palavra de algum idioma. Já os códigos estéticos dizem respeito à dimensão denotativa e conotativa da mensagem veiculada, aludindo para diferentes articulações semióticas que dão sentido ao conteúdo exibido. Em escritos posteriores, Fiske (1987/2001) propõe um outro sistema de categorização para que se entenda os níveis em que se opera a representação da realidade na televisão. Segundo o autor, o primeiro nível de códigos sociais é o dos códigos da realidade. Este é o patamar mais básico, no qual estão inseridas todas as características físicas e visíveis dos eventos ou participantes que a televisão busca representar. A aparência física, o ambiente, os gestos, as expressões faciais e outras características objetivas do conteúdo encontram-se nesse nível. Já em um segundo nível, Fiske entende estarem os códigos de representação. Aqui estão posicionados os modos semióticos e os seus usos para a construção da mensagem. A partir dessa perspectiva, o posicionamento de câmara, a iluminação, a trilha sonora e a edição não dizem respeito somente às questões estéticas, senão também às diferentes articulações semióticas segundo as quais o real pode ser adequado de modo a se tornar representável. Em um nível ainda mais sutil encontram-se os códigos de ordem ideológica, organizados de acordo com a sua

coerência e a sua aceitação social. A visão de mundo, crenças, valores e até mesmo orientações políticas encontram-se aqui codificadas de modo a compor a mensagem que está a ser transmitida por meio do conteúdo televisivo.

É importante mencionar, contudo, que a realidade que nos mostra a televisão não é um conteúdo bruto, senão o real revelado a partir de determinados pontos de vista previamente definidos. “Todo ponto de vista é a vista de um ponto”, como escreveu Boff (2014), e o caso não é diferente no contexto da televisão. Como referiu F. Lopes (2008) remetendo para a obra de Eliseo Veron (2001) – que, por sua vez, trabalha em cima dos conceitos de “paleotelevisão” e “neotelevisão” de Umberto Eco (1993) – em um primeiro momento da história da televisão, a interpretação do seu conteúdo advinha de um contexto socioinstitucional que acontecia em uma esfera à parte e que tinha o Estado como principal articulador, resultando em um direcionamento do conteúdo televisivo liderado por diretrizes de comunicação nacionais. Por outro lado, na era da “neotelevisão”, que se localiza no início do século XXI, a interpretação desloca-se do Estado para as instituições de produção e comunicação, o que acaba por colocar mais em evidência as estratégias de enunciação adotadas pela televisão em seus conteúdos.

Essa mudança está alinhada com o argumento de Fiske e Hartley (1978/2003) de que o conteúdo televisivo não é produzido e organizado de forma aleatória, mas mantém uma correlação com os códigos que são convencionalizados na sociedade. Por isso mesmo, esses códigos estão em constante atualização, acompanhando as mudanças observadas fora da televisão. Essa sinergia entre a televisão e a sua audiência foi uma das preocupações de Hall (1980/2005) quando o autor destacou que o próprio ato comunicativo no contexto televisivo depende das relações sociais intrínsecas entre os atores sociais envolvidos e as suas diferentes competências para realizarem o processo de codificação, por parte dos produtores, e descodificação, por parte da audiência. Nesse sentido, entende-se também que, segundo Fiske e Hartley (1978/2003), quanto mais um determinado código for usado e partilhado socialmente, maiores são as probabilidades de homogeneização do sentido da sua descodificação.

De fato, Fiske e Hartley (1978/2003) reconhecem ser difícil de se identificar em que ponto do conteúdo televisivo a realidade deixa de existir para dar espaço à representações do real, o que seria uma consequência do fato de que a forma como significamos o conteúdo televisivo e a realidade - ou seja, por meio de associação de códigos - é muito parecida. Na visão dos autores, o realismo que está patente na televisão nada mais é do que a interseção de modos de representação do mundo e que, almejando uma forma padronizada de como a realidade é percebida, acaba por ser confundido com o próprio real. Neste sentido, mesmo a produção cuja proposta seja apresentar o mundo tal como o é se fará valer de estruturas de linguagem audiovisuais para mediar aquilo que é para aquilo que representa

o que é. É neste ponto em que surgem duas críticas indicadas por Fiske e Hartley (1978/2003) como aquelas que mais pesam sobre a sua perspectiva do realismo nos conteúdos televisivos. Uma delas é a de que colocar o realismo como um modo de representação imposto coloca o espectador em uma posição de passividade. A esse respeito, Bourdieu (1997) também aponta para a perda da autonomia como um dos pontos mais críticos ao se falar de conteúdos televisivos. Para o autor, essa perda se expressa em diversos sentidos, o que passa pela perda do poder de decisão sobre o tema da programação televisiva, as condições e dos modos de comunicar empregados pelos produtores e até mesmo a duração do conteúdo, que não deixa margem para reflexões e réplicas.

Neste processo, o fato de a televisão fazer-se valer das representações sociais do mundo que já existem fora do âmbito televisivo é uma forma de garantir que o que é transmitido será visto com caráter de real. Nesse processo, os produtores selecionam os códigos de significado que já existem para recriarem a representação do real em suas produções. Desta forma, assim como a análise cultural prevê, de acordo com Laraia (1986/2009, p. 64), o processo de “estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura”, também no estudo dos conteúdos midiáticos televisivos é preciso buscar entender todo o repertório simbólico mais amplo que se encontra por trás do que realmente é mostrado. Por estarem em uma relação simbiótica com a cultura, esses conteúdos resguardam importantes chaves para identificar mudanças ou tendências sociais que se desenrolam na vida cotidiana das pessoas, bem como nos sistemas representativos e nas representações sociais que se encontram em vigência e impactar diretamente a experiência de vida daqueles que por elas são representados.

No contexto das migrações, a televisão insere-se em uma dimensão mais ampla de meios de comunicação que assumem um papel de destaque em diversas frentes. Em um estudo desenvolvido entre Barcelona e Porto Alegre, Cogo (2007, p. 65) disserta sobre os usos dos meios de comunicação frente às migrações, sendo eles os de funcionar como “dinamizador intercultural das mídias” na vida cotidiana dos migrantes e também como uma fonte a partir da qual imaginários sobre os países envolvidos são atualizados.

2.2.4. Representações sociais no contexto mediático

A multidisciplinaridade nos Estudos Culturais abre o caminho para que se recorra a referências de disciplinas distintas na investigação das complexas questões que se impõem nas sociedades contemporâneas. Essa abertura foi possibilitada pelo entendimento de que, antes mesmo da institucionalização dos Estudos Culturais, o que Barker (2005) alega ter acontecido na década de 1960 com a criação do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) na Universidade de Birmingham,

estudos sobre a cultura e o fator cultural das sociedades já vinham sendo desenvolvidos em diversas áreas disciplinares. Neste amplo arcabouço teórico e conceitual, a Teoria das Representações Sociais (TSR) surge como uma possibilidade de contributo para a análise dos fenômenos sociais contemporâneos. Isso porque as representações sociais, que a teoria conceitua e problematiza, guardam uma relação estreita com a esfera social das sociedades, uma vez que nascem e são difundidas por meio da interação social entre os membros de um grupo social. Sendo assim, a teoria das representações sociais é aqui trazida como um dos suportes teóricos para esta pesquisa, no sentido de incluí-la em um contexto mais amplo de análise que objetiva compreender as dinâmicas de produção e decodificação de sentido que se operam em nível local e global na esfera mediática.

De acordo com Abric (2001, p. 156), as representações sociais podem ser definidas como um “conjunto organizado de opiniões, de atitudes, de crenças e de informações” que dotem de sentido um determinado objeto físico ou situação, caracterizando-se, portanto, como sistemas de pensamento vigentes na esfera dos grupos de indivíduos que dão sentido à sua vida cotidiana. O conceito surge na literatura do referido autor como uma espécie de atualização do conceito de representações coletivas de Émile Durkheim. Dentre as várias críticas que Moscovici (1988) tece a esse respeito, ressalta a oposição observada em Durkheim entre as dimensões social e individual¹⁸, motivo que o leva a propor uma atualização da representação enquanto conceito e, assim, partilhada coletivamente, para representação enquanto fenômeno, sendo constituída a partir da inter-relação entre a sociedade e o indivíduo.

Essa natureza processual das representações sociais introduz todo um novo olhar sobre as representações que são criadas e disseminadas socialmente, sobretudo por fazer com que o olhar sobre as elas não deva ser apenas no sentido de identificá-las, senão também entender de que forma e com que objetivos surgem ou caem em desuso. De acordo com Moscovici (1988), dois processos de natureza distintas, porém complementares, fazem parte do processo de criação de representações sociais e são colocadas em ação no sentido de tornar o conhecido em reconhecido, buscando-se viabilizar a interação cognitiva ou social com o mundo exterior. Por meio do processo de objetificação, composto por três etapas – seleção, esquematização e naturalização -, é feito o recorte e a organização de todo o repertório de significados associados à uma determinada representação social, de modo a que, posteriormente, assumam materialidades e passem a ser considerados naturais. Já por meio do processo de ancoragem, que se entende poder acontecer antes ou depois do processo de objetificação (Vala, 2006), se processa todo um trabalho de tornar o estranho e o incomum em algo familiar, o que irá ter um impacto direto na

¹⁸ A respeito da separação entre indivíduo e sociedade, Ferrarotti (2003) afirma que ela acaba por paralisar a pesquisa social, uma vez que não torna possível entender as relações entre essas duas dimensões e que são, contudo, fundamentais para entendê-las.

forma com que se estabelecem as relações sociais entre pessoas de um mesmo ou de diferentes grupos sociais. Assumindo como pressuposto que aquilo que não é assimilado cognitivamente *a priori* assim o é porque não está estruturado internamente no indivíduo, o que transparece na ideia de Moscovici (1988) de que a estranheza do mundo externo é derivada de uma assimetria entre o mundo perceptível e as ideias sobre o mundo que os indivíduos carregam consigo, na raiz da ancoragem está a associação de uma nova informação cognitiva à categorias pré-existentes, de modo a torná-la identificável. Ao longo desse processo, ainda que haja discrepâncias quando comparada aos demais elementos de uma determinada categoria, elas são rapidamente suprimidas de modo a possibilitar serem categorizadas, assumindo a nova informação todas as demais características da categoria em questão.

Dentre os tipos de representações sociais que permeiam as sociedades contemporâneas estão os estereótipos sociais, que se referem às representações sociais sobre grupos humanos (Cabecinhas, 2007). Conceitualmente, encontramos uma primeira referência aos processos de formação e manutenção dos estereótipos na década de 1920, na obra de Lippmann (1922/1998), que buscava entender os mecanismos de funcionamento da opinião pública. Tendo como ponto de partida a observação de que o julgamento individual de fatos que são exteriores ao indivíduo vem mesmo antes de sua observação, o autor entendeu o estereótipo como um filtro da experiência, ou seja, uma ideia pré-concebida, por meio da qual os indivíduos constroem sentido no mundo à sua volta, sendo então elementos essenciais para a formação de uma determinada opinião pública partilhada entre os membros de um grupo social. Conceitualmente, o autor define então o estereótipo, segundo Cabecinhas (2007, p. 117), como “imagens mentais que se interpõem, sob a forma de enviesamento, entre o indivíduo e a realidade”, que têm a função de “organização e estruturação da realidade, de outra forma demasiado complexa para ser assimilada”. O autor coloca também em evidência o papel fundamental da cultura na construção e difusão dos estereótipos nas sociedades, uma vez que, na visão do autor, “assumimos que o mundo é codificado de acordo com um código que possuímos” (Lippmann, 1922/1998, p. 90).

Se a obra de Lippmann é incontornável na literatura sobre os estereótipos, ao longo do século XX, autores de diferentes áreas disciplinares nas Ciências Sociais e Humanas se propuseram a dar continuidade ao estudo dos estereótipos ou ainda enveredar para novas vertentes na conceitualização do termo, o que trouxe uma bagagem e uma riqueza conceitual que merecem atenção. Na Psicologia Social, após um período em que os estudos sobre os estereótipos foram estudados principalmente pelo seu conteúdo, uma “nova vaga” focou-se nos processos (Cabecinhas, 2007, p. 119).

Dentre os autores desse período está Henri Tajfel, que, na década de 1960, publicou um ensaio dedicado ao tema em que fornece diversos contributos importantes para o estudo dos estereótipos.

Interessado sobretudo na influência dos estereótipos nas relações intergrupais, a obra de Tajfel discorre não só sobre as funções cognitivas dos estereótipos, mas também as suas funções sociais, tornando-se então os estereótipos sociais. Um dos pontos de destaque da sua obra sobre a questão é o fato de transferir o foco do conteúdo dos estereótipos para os processos por meio dos quais eles surgem, se modificam ou se extinguem, o que acaba por colocar o processo de categorização social no cerne da questão. Sendo assim, os estereótipos sociais podem ser perspectivados como um desdobramento de um processo de tipificação que busca inserir o elemento individual em um esquema de categorização mais amplo. Segundo Tajfel (1963), a principal diferença entre a categorização social “neutra”, na qual não há um preconceito envolvido, e aquela que se faz por meio de estereótipos, é o fato de que, no caso da segunda, há uma insistência e uma acentuação das diferenças entre o grupo de pertença e os outros grupos. Essa diferenciação é realizada em aspetos que se considera haver algum tipo de valor social relacionado e carregados de juízo de valor, sendo assim uma seleção deliberada de alguns atributos trabalhados no processo de tipificação, o que faz com que o uso dos estereótipos acabe por ser também uma forma de promover a manutenção de hierarquias sociais entre os diferentes grupos sociais.

Muitos estudos sobre os estereótipos sociais surgiram após Tajfel (1963). Sendo assim, é pelo fato de se fazerem presentes de forma tão incisiva nos processos de categorização social nas relações intergrupais entre alguns grupos sociais específicos que a análise de tais contextos seja não só interessante, mas também necessária. Além disso, os estereótipos sociais assumem particular relevância na produção e difusão de conceitos e ideias. Ao refletirem sobre o próprio sentido epistemológico dos estereótipos, ou seja, "algo que se repete sistematicamente, da mesma forma, sem mudar" (p. 47), Durán e Cabecinhas (2014) chamam a atenção para a influência dos estereótipos em diferentes etapas do processamento da informação em nível individual.

Em um contexto intercultural, para além dos aspetos já identificados pelos autores aqui citados, é possível identificar algumas outras funções desempenhadas pelos estereótipos sociais, denotando para a compreensão de que o seu uso atende à alguns objetivos que vão além da mera categorização do mundo. Baseadas na teorização de Tajfel, Durán e Cabecinhas (2014) referem que, em seu aspeto sociocultural, encontramos que o uso de estereótipos sociais para perceber e dizer o mundo é também uma forma de distinção do valor humano individual, por meio da separação do Eu e do Outro e supervalorização do grupo social ao qual se pertence frente aos demais. Nesse sentido, eles também atuam tanto como uma forma de tentar prever o comportamento de um indivíduo quanto como uma forma de estabelecer relações de causa e efeito entre os fatos sociais, tornando-se uma justificativa para a ação individual em nível social. Segundo as autoras, tais características revelam a natureza dual dos

estereótipos sociais, a partir da qual se conclui que o fato de que atuam no sentido tanto de fixar diferenças quanto de identificar semelhanças os converte em uma potente ferramenta de construção discursiva e exercício do poder social e simbólico. Como tal, o uso dos estereótipos sociais na vida cotidiana pode ser realizado tanto no sentido de promover o espírito de pertença entre as pessoas, mas também acarretar na exclusão social quando a realidade foge à sua regra. Sobretudo em sociedades em que as assimetrias de poder se configuram de forma acentuada, ao estabelecerem barreiras entre o Eu e o Outro, os estereótipos sociais fazem parte de um sistema de manutenção da ordem social e simbólica que é operado nas diversas esferas das sociedades (Frow, 2008).

Em suma, as representações sociais podem ser entendidas como um mecanismo cognitivo natural por meio do qual o ser humano confere sentido ao mundo em que vive, ao mesmo tempo em que cria todo um universo simbólico à parte da realidade. A esse respeito, Moscovici (2009, p. 56) menciona que as representações sociais fazem com que pessoas e contextos sejam “percebidos, sem ser percebidos”, e que é apenas na copresença em que é possível entender que a ideia é apenas uma das múltiplas ideias que se poderia ter.

De fato, todas as coisas, tópicos ou pessoas banidas ou remotas, todos os que foram exilados das fronteiras concretas de nosso universo possuem sempre características imaginárias; e preocupam e incomodam exatamente porque estão aqui, sem estar aqui; eles são percebidos, sem ser percebidos; sua irrealidade se torna aparente quando nós estamos em sua presença; quando sua realidade é imposta sobre nós – é como se nos encontrássemos face a face com um fantasma ou com um personagem fictício na vida real (...) nós podemos ver e tocar algo que éramos proibidos. (Moscovici, 2009, p. 56)

É neste contexto em que a comunicação mediática, em sua incessante produção e transformação das representações sociais vigentes, deve ser problematizada. Se essas representações das quais se refere Moscovici são criadas e partilhadas socialmente, é preciso entender a parcela de contribuição dos veículos mediáticos neste processo. Segundo Durán e Cabecinhas (2014), é por meio dos meios de comunicação que muitos dos estereótipos sociais têm origem ou ganham força, uma vez que enfatizam, em seus conteúdos, representações que podem ser consideradas hegemônicas e que traduzem a crença de um determinado grupo social. Höijer (2011) refere que, por meio da comunicação, o mecanismo de ancoragem das representações sociais é repetido inúmeras vezes, incorporando-se novas formas de representar àquelas mais antigas, gerando-se um conglomerado de associações cognitivas sobre um determinado assunto. A esse respeito, a autora refere diversos mecanismos de ancoragem que acontecem no contexto mediático, como o *naming* e a ancoragem emocional, temática, metafórica ou aquela que é baseada em antinomias. Já sobre a objetificação, a autora refere que ela se faz presente nos média por meio de mecanismos de objetificação emocional ou de personificação.

3. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Ainda que, de acordo com Gil (1989), o debate na academia sobre a caracterização da ciência enquanto prática de busca do conhecimento não aponte para um consenso, é preciso reconhecer que a criação da investigação científica enquanto um caminho de busca do conhecimento surgiu como uma alternativa a outros domínios do saber, como o religioso, o filosófico e o artístico, com o objetivo de fornecer conhecimentos mais "seguros" (Gil, 1989, p. 20) do mundo. Para o autor, esta segurança é lograda pela implementação de métodos de pesquisa que são capazes de fornecer evidências para a formulação de algumas leis que descrevem e justificam a ocorrência de fenômenos de uma mesma natureza de formas diferentes. Para isso, segundo Gil, a investigação tanto deve ser comprovável quanto obedecer à alguns princípios essenciais, como a objetividade, a racionalidade, o caráter sistêmico e a generalidade.

Por abordar fatos sociais e processos inerentes à natureza humana, a pesquisa científica no âmbito das Ciências Sociais e Humanas está inserida na categoria de pesquisa empírica social (Gil, 1989). No caso da presente pesquisa, pela própria natureza dos objetos de estudo e dos métodos adotados, pode-se dizer ainda que ela tem uma diretriz metodológica majoritariamente indutiva, o que significa dizer que o conhecimento um fenômeno social generalizado provém partir da análise de um caso particular (Gil, 1989). Embora esta generalização não seja o foco principal do trabalho, é certo que o entendimento proveniente do desenvolvimento de estudos com este teor poderá beneficiar futuros estudos sobre a imigração brasileira recente em Portugal, visto que a observação do fenômeno a partir de casos particulares pode desvendar as suas particularidades e favorecer possíveis análises comparativas em nível social.

Adicionalmente, a escolha dos métodos utilizados foi orientada para a formação de um quadro de triangulação metodológica, ou seja, uma abordagem multi-método. Esta abordagem, que tanto pode caracterizar a eleição de métodos quantitativos e qualitativos quanto a escolha por mais de um método qualitativo, possibilita que as diferentes nuances do caso a ser analisado pudessem ser estudadas com a devida atenção, de forma a estabelecer um quadro de análise mais amplo a partir do cruzamento e até mesmo o confronto de informações (Figaro, 2014). Desta forma, as metodologias científicas garantem a objetividade e a precisão no estudo do fenômeno que se pretende analisar. Além disso, as metodologias de pesquisa também servem de orientações básicas para a pesquisa, uma vez que o seu uso requer o estabelecimento do fluxo de coleta de informação e análise (Gil, 1989), aspectos imprescindíveis para garantir a organização e coerência do conhecimento gerado.

Mesmo atendida toda a rigorosidade que uma pesquisa científica exige, um dos pontos cruciais na investigação no âmbito das Ciências Sociais e Humanas - e que é, frequentemente, apontado como um fator que desqualifica as pesquisas nas áreas disciplinares deste campo (Gil, 1989) - é o próprio envolvimento do pesquisador no fenômeno que pretende investigar. Em um sentido amplo, este envolvimento se estabelece não só na ocasião de possíveis interações interpessoais, mas também na etapa de análise, uma vez que a interpretação é uma elaboração pessoal acerca da construção de outras pessoas (Geertz, 1973/2008). Este ponto não poderia passar ileso nesta pesquisa, que, em diversos momentos, chegou mesmo a despertar um olhar autorreflexivo sobre a minha condição de imigrante em Portugal.

Feitas estas considerações iniciais, os tópicos que se seguem consistem em uma apresentação de cada método escolhido, de modo a conhecer suas origens, características e aplicação nas Ciências Sociais e Humanas. Complementarmente, também buscou-se compreender as possíveis vantagens de sua aplicação em uma investigação acadêmica circunscrita na temática das migrações sob a ótica dos Estudos Culturais. Foi possível, assim, não só justificar a sua escolha para este trabalho, mas também entender como têm contribuído para a construção e difusão do conhecimento científico sobre o fenômeno migratório.

A abordagem metodológica aqui apresentada consiste em um exemplo de *mixed methods*. Entendemos que é a complementaridade do olhar sobre o problema de pesquisa, possibilitada pelo emprego de distintos métodos, o que permitirá uma análise mais ampla do objeto de estudo. Seriam criadas diversas brechas analíticas ao se falar de discurso mediático no âmbito televisivo sem falar de imagem, ao passo que também é insuficiente pensar nas representações sociais criadas no discurso dos imigrantes sem aproximar-se destes sujeitos e conhecer a sua história em versão contada pelos próprios. Ainda que todas essas diferentes texturas da sociedade sejam embasadas na cultura, é preciso analisá-las de modo crítico e diferenciado, entendendo que as instituições que as constroem ou reproduzem terão sempre um interesse ideológico, manifestado ou não, em fazê-lo (Kress & van Leeuwen, 2006).

Quanto à efetiva aplicação dos métodos na pesquisa empírica, buscando atender ao plano de trabalho, ela se deu de modo sequencial. Em um primeiro momento, foi realizada a transcrição dos cinco episódios da série *Portugal pelos Brasileiros*, bem como a montagem de um storyboard com os quadros visuais de cada episódio. Foram estes os materiais analisados a partir dos métodos da Análise Crítica do Discurso (ACD) e de análise de imagens. Embora empregados individualmente, estas análises dialogaram em diversos momentos e, com frequência considerável, permitiram cruzamentos e observações complementares entre a dimensão textual e a dimensão visual.

3.1. Análise Crítica do Discurso

Quando entendidos a partir de uma perspectiva foucaultiana, como já referimos neste trabalho, os discursos se apresentam como um tipo de conhecimento relevante na teia da construção dos saberes socialmente partilhados. É por esse e outros motivos que autores como Machin (2013) entendem que analisá-los é também um caminho para entender como, em diversos aspetos, se configuram as diversas práticas sociais presentes em uma determinada sociedade. Partindo-se dessa premissa, diversos autores se debruçaram no estudo dos discursos, cada qual contribuindo com a sua tradição e expertise, o que resultou em uma ampla possibilidade de perspectivá-los. Foi com essa pluralidade que o campo disciplinar dos Estudos do Discurso começou a se alargar, sendo possível, atualmente, encontrar ali desde abordagens puramente linguísticas e focadas no texto em si, como é o caso de Bell (1991), àquelas mais generalistas e voltadas para a cultura, como a que vemos em Hall (1980/2005). Em fins da década de 1980 e início da década de 1990, segundo, D. M. de Oliveira e D. M. M. de Oliveira (2006), diante de entraves teóricos e práticos observados com a aplicação das abordagens praticadas na altura para a análise dos discursos, sobretudo no campo da Linguística Crítica e da Análise de Discurso de tradição francesa, começou-se a perceber a necessidade de uma abordagem que, para além de unir tanto a análise do texto como da cultura que o engloba, estivesse também atenta às práticas sociais relacionadas ao discurso e fosse, dessa forma, socialmente engajada.

Um dos autores a propor uma abordagem que se encaixa nesse perfil foi Fairclough (1995), no que ficou conhecida como a Análise Crítica do Discurso. Ao identificar seis linhas de pesquisa no campo do discurso e apontar os seus fundamentos e pontos fracos (cf. Fairclough, 1989/1996), o autor propôs uma abordagem para a investigação científica dos discursos na qual buscou concatenar o melhor de cada uma delas a um olhar crítico e socialmente comprometido sobre o discurso. Reconhecendo a existência de uma relação dialética entre o texto¹⁹ e a cultura segundo a qual, na visão de Fairclough (1995), o primeiro pode ser entendido como uma consequência do segundo, mas também o contrário, o autor evidencia a influência entre as práticas discursivas e as práticas sociais. Em uma tentativa de incorporar a dimensão social e suas respetivas questões à prática discursiva, o autor propõe uma visão mais alargada do discurso e o concebe não só como um texto, mas também como uma prática discursiva e uma prática social. Esta conceção, além de evidenciar o seu carácter social e estruturante, permite que diferentes olhares teóricos e metodológicos possam ser lançados sobre o discurso, culminando com a

¹⁹ Usamos aqui o termo em sentido *lato*, podendo designar não só conteúdos linguísticos, mas também aqueles que fazem uso de outras linguagens.

exposição de seu caráter político e das relações de poder que evoca. Fairclough (2001) destaca, por exemplo, o aspecto ideológico das representações contidas nos discursos, que seriam elaboradas visando a promoção do estabelecimento e da manutenção de relações sociais baseadas na dominação de um grupo social sobre outros.

Abordar os discursos por esse ponto de partida faz com que o seu estudo não possa estar separado dos contextos sociais de produção e recepção, uma conclusão que tem sido corroborada por diversos autores nos últimos anos, como Carvalho (2015) e D. M. de Oliveira e D. M. M. de Oliveira (2006). Além disso, há ainda quem chame a atenção para o fato de que a própria prática discursiva é, ela mesma, uma prática social, como o fez Wodak (2001). Desta forma, atesta-se uma verdadeira ligação de interdependência entre o social e o discursivo, onde tanto o discurso constitui-se por aspectos socioculturais quanto os influencia. É, justamente, por promover a ligação entre discurso e prática social, a Análise Crítica do Discurso também assume um olhar crítico sobre a relação entre as diversas possibilidades de linguagem e as relações de poder. Por objetivar refletir sobre como as relações de poder expressas em discursos contribuem para cenários de dominação ou emancipação social (D. M. de Oliveira & D. M. M. de Oliveira, 2006), este caráter crítico da ACD faz com que o uso desta abordagem seja particularmente interessante em investigações no âmbito dos Estudos Culturais dado o seu caráter político orientado para a promoção de mudanças sociais em prol das minorias e culturas marginalizadas (Barker, 2005).

Uma observação importante a ser feita é a de que, embora a ACD esteja enquadrada neste trabalho como um método, ela deve ser entendida como o faz van Dijk (2001), ou seja, não como um conjunto de regras e passos para se analisar um determinado conteúdo, mas sim como um caminho de investigação que permite a análise a partir de diferentes perspectivas com o objetivo de edificar um olhar crítico sobre o objeto de estudo analisado. De acordo com Gill (2003), esse olhar provém da concepção do discurso como parte fundamental da construção da estrutura social e, conseqüentemente, no cotidiano das pessoas, descartando-se a ideia de que a linguagem é neutra e imparcial. Aqui se ressalta a natureza dialética entre os discursos e a sociedade, constituindo-se como um elo de interdependência onde tanto o discurso se constitui por aspectos socioculturais quanto os influencia (Carvalho, 2015; Fairclough, 1989/1996). Essa amplitude faz da Análise Crítica do Discurso um campo multidisciplinar com uma pluralidade de vertentes de análise (Cotter, 2001), como o olhar sociocognitivista de van Dijk (2008) (cf. Fairclough, 1989/1996), a preocupação histórica de Wodak (2001) e a abordagem dialética de Fairclough (1995, 1989/1996) para se analisar um discurso de forma crítica.

3.2. Semiótica Social

Se é verdade que a Análise Crítica do Discurso é uma importante via para os estudos que abordem os discursos, dada a multiplicidade de possibilidades mediáticas nas quais eles podem se fazer presentes na contemporaneidade, é necessário ampliar as possibilidades para outras formas de se conceituar e estudar esses importantes instrumentos de socialização. Muitas das linhas contempladas pela abordagem da ACD dos discursos se focam quase que exclusivamente na linguagem escrita²⁰, o que as torna inadequadas para a análise em um contexto multimodal no qual se inserem as produções televisivas. Na visão de Kress e van Leeuwen (2006), outras linguagens e ambientes cognitivos de construção do sentido para além da linguagem escrita já não podem ser ignorados na análise discursiva, uma vez que, como acertadamente observaram, os significados são da ordem da cultura, e não apenas de um modo semiótico em particular. Além disso, os autores também referem que, com o enfraquecimento dos limites semióticos que é promovido pela globalização, a comunicação foi transitando de um estado monomodal para multimodal. Se, antes, o sentido da mensagem estava comprimido em um ou outro modo semiótico, agora, os produtores de conteúdo recorrem a diferentes modos para criar sentido. Como consequência, Kress e van Leeuwen (2006) indicam como uma das mudanças promovidas pela troca de olhar do monomodal para o multimodal o foco nas relações exercidas e sofridas pelos modos semióticos uns nos outros em determinado evento comunicativo, muito mais do que a forma como, isoladamente, eles se constituem. A partir de então, o olhar torna-se holístico, e a análise dos elementos semióticos isoladamente dá lugar à apreciação do quadro como um todo, e em como os elementos estão relacionados com o objetivo de criarem um sentido como um todo.

Em nossa pesquisa, entendemos ser relevante não só desvelar os discursos socialmente constituídos sobre a imigração brasileira recente em Portugal, mas também como eles vão sendo articulados de forma semiótica no contexto mediático. De acordo com Mota-Ribeiro (2010), os discursos em si mesmos não são visíveis, mas podem ser expostos ao se analisar a manifestação de padrões visuais que surgem nos textos. Além disso, Kress e van Leeuwen (2001) falam ainda sobre a natureza dessas articulações, que são tanto reprodutivas, por embasarem-se em discursos que lhe são exteriores, quanto criativas, a partir do momento em que se torna possível articular esse discurso de distintos modos semióticos. Nesse sentido, entender essa multimodalidade como um aspecto central do material analisado revelou-se fundamental. Diferente da que imagem fixa, que Mota-Ribeiro e Pinto-Coelho (2011) dizem se

²⁰ É verdade que Fairclough (1989/1996) reconhece haver espaço para o desenvolvimento de outras abordagens que estejam embasadas nos princípios da Análise Crítica do Discurso. Contudo, percebe-se que o esquema de análise do discurso mediático que apresenta (cf. Fairclough, 1995) ainda resguarda uma forte relação a tradição linguística, em especial por ter em vista a análise de textos escritos.

colocar à disposição para o olhar crítico do visionador²¹, a imagem em movimento, de acordo com Gervereau (2007), o transporta para o seu espaço-tempo, ficando ele imerso naquela realidade. Além disso, segundo Machin (2013), quando de caráter multimodal, o sentido da imagem é construído na transversalidade de seus modos semióticos, dotando-a de um caráter multimodal que não merece ser desconsiderado. Sendo assim, passa a ser relevante não só desvelar os discursos socialmente constituídos sobre uma determinada questão social, mas também como eles vão sendo articulados de forma semiótica, uma vez que, como visto em Kress e van Leeuwen (2001), essa prática é tanto reprodutiva, por embasar-se em discursos que lhe são exteriores, quanto criativa, a partir do momento em que torna-se possível articular esse discurso de distintos modos e formas semióticas.

Com estas considerações em mente, empreendemos uma revisão bibliográfica focada em explorar diversos métodos de análise semiótica que tanto atendessem à natureza do conteúdo a ser analisado quanto, enquanto método, se revelasse como um caminho para aprofundar as questões que nos propusemos explorar com esta pesquisa. Caminhando nesta senda, foi sobretudo a distinção entre a linguagem visual e as demais formas de construção de sentido o que fez com que surgissem aos nossos olhos um leque diversificado de propostas metodológicas que objetivavam a análise de imagens. Isso porque, de acordo com Rose (2002), o significado de uma imagem pode vir a ser perspectivado a partir de três esferas distintas - a esfera da produção, a da imagem em si mesma e a das audiências - cada qual suscitando os seus próprios caminhos e métodos de análise.

Considerando as questões que primeiro impulsionaram o próprio esboço desta pesquisa, encontramos na Semiótica Social uma opção metodológica que correspondia ao desafio que tínhamos em nossa frente. Enquanto teoria e método, essa abordagem começou a ser delineada na década de 1980 com as pesquisas de diversos autores que se inspiraram em Halliday (1978) ao transportarem os princípios da linguística crítica para entender outros modos semióticos de produção de sentido além da escrita (Kress & van Leeuwen, 2006). O principal objetivo de tais estudos era, segundo Kress e van Leeuwen (2006), entender de que forma os recursos representacionais disponíveis na cultura ocidental eram configurados e arquitetados para se criar um determinado significado. Indo-se por esse caminho, os autores entendem que Semiótica Social pode ser considerada, portanto, como uma forma de ampliar a ideia de Fairclough da Análise Crítica do Discurso, uma vez que não se limita à linguagem escrita do conteúdo, senão apela também para o significado construído por meio de outros modos semióticos.

A escolha desta abordagem se viu reforçada pelo seu olhar para os modos semióticos da imagem

²¹ Utilizamos este e outros termos de acordo com a tradução dos termos em inglês na obra original de Kress e van Leeuwen (2006) que se encontra em Mota-Ribeiro (2010).

a partir da perspectiva da coesão multimodal, como visto em van Leeuwen (2005), o que possibilitaria entender como as escolhas semióticas presentes na série trabalharam no sentido de construir representações sociais sobre a imigração brasileira recente em Portugal e os seus sujeitos.

Grande contributo nessa direção encontra-se nos escritos de Kress e van Leeuwen, que, ao longo das últimas décadas, estiveram focados na pesquisa da criação de sentido por meio das imagens. A gramática visual desenvolvida pelos referidos autores entende que é a apreciação dos elementos do quadro em sua relação entre si que constrói o significado, ao contrário do significado isolado de cada elemento. De acordo com os autores, o significado é então conseguido por meio de “padrões de representação” (Kress & van Leeuwen, 2006, p. 15) que traduzem a maneira de codificar e representar a experiência em termos visuais. Temos, portanto, uma abordagem que vai além da tradução de motivos simbólicos na construção do sentido, focando-se muito mais no aspeto compositivo e em como o diálogo entre os diferentes modos semióticos presentes na imagem também ajudam a constituir o seu sentido. Além disso, visto que um mesmo sentido pode ser expressado em diferentes modos semióticos, uma teoria como esta torna-se particularmente interessante para compreender os produtos semióticos mediáticos contemporâneos, nos quais as fronteiras tecnológicas que separam os meios vêm se tornando cada vez mais tênues.

Assim como gramáticas para a linguagem descrevem como as palavras se combinam em cláusulas, frases e textos, então nossa "gramática" visual descreverá a maneira pela qual elementos retratados - pessoas, lugares e coisas - se combinam em "afirmações visuais". (Kress & van Leeuwen, 2006, p. 1)

Assim sendo, em nossa pesquisa, fizemo-nos valer de algumas das dimensões apontadas por Kress e van Leeuwen (2006) em sua gramática visual que pudessem ser aplicadas às imagens em movimento. Também foram considerados os aspetos dos conteúdos multimodais apontados por van Leeuwen (2005) para identificar como os elementos semióticos da série se conjugam no sentido de construírem representações sociais sobre a imigração brasileira recente em Portugal e os seus sujeitos.

3.2.1. Grelha de análise sócio-semiótica da série “Portugal pelos Brasileiros

Com base no arcabouço conceitual aqui apresentado, foi construída uma grelha de análise sócio-semiótica dos aspetos que nos pareceram ser os de maior importância para o estudo do caso em questão. Os aspetos semióticos a serem analisados na série foram organizados em três categorias seguindo-se as três metafunções de Halliday relacionadas à linguagem escrita, uma vez que foram nelas nas quais Kress e van Leeuwen (2006) se inspiraram para definir três grupos de aspetos observáveis na

imagem e que são descritos em sua gramática visual.

O primeiro grupo é o dos aspetos representacionais da imagem. Estes pontos observáveis na imagem estão relacionados, segundo Kress e van Leeuwen (2006), à metafunção ideacional apresentada por Halliday de se representar semioticamente aspetos do mundo físico que fazem parte da experiência humana direta. A atenção devotada à estes pontos está direcionada para as estruturas representativas que, podendo ser de ordem narrativa ou conceitual, objetivam criar uma forma específica e bem delimitada de se representar um objeto ou indivíduo, o que acaba por limitar as possibilidades representativas à uma única forma ou versão (Pinto-Coelho & Mota-Ribeiro, 2012). Sendo o objeto de estudo caracterizado por arranjos semióticos de natureza conceitual, o que fora constatado em uma etapa de pré-análise do material, a análise dos aspetos representacionais esteve focada na constituição dos padrões conceituais presentes e o modo como os migrantes estavam a ser representados segundo alguns parâmetros mensurados por inferência. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), para se entender como essa descrição é feita visualmente, deve-se atentar para os aspetos da imagem que são de natureza humana, como a forma pela qual os participantes são representados, e os de natureza não-humana, como os objetos e paisagens. O sentido do que é exibido é assim criado a partir da conjugação entre estas duas esferas simbólicas, não sendo possível dissociá-las ou analisar apenas uma delas de forma isolada.

Seguindo por essa linha, diante dos denominadores comuns dos participantes representados – imigrantes, de nacionalidade brasileira e a residir em Portugal – buscou-se explorar outros aspetos que pudessem expor uma diferença percetiva, de modo a que pudessem ser inferidas outras informações acerca desses sujeitos. A revisão da literatura sobre o caso analisado revelou que recortes feitos em estudos sobre as vagas migratórias anteriores destacavam algumas categorias sociais específicas, como gênero, “raça”²² e classe econômica, a exemplo do estudo de Assis, L. M. da Silva e Frederico (2016).

²² Por não ser o tema principal desta tese, nos limitaremos a fazer algumas breves considerações sobre o uso do termo neste trabalho. Como se observa, ele é aqui empregado em alguns momentos particulares do texto. Contudo, ainda que cientes de todo um debate relevante e urgente no que diz respeito ao uso dos termos “raça” e “racismo” (cf. Anthias, 1992, 1998; Mason, 1994), essa inclusão foi pensada como uma forma não de se perpetuar uma inegável impossibilidade no que se refere à própria ideia que o termo sustenta, mas sim de modo que não fosse negligenciada toda uma reflexão mais ampla no que se refere ao conceito e suas mudanças ao longo dos últimos séculos, em especial na academia e nas esferas social e política brasileira. Como refere Matos (2018), não obstante a recuada do uso do termo em âmbito científico desde a década de 1940, a “racialização” da população e tudo o que isso engloba tem sido colocada em prática em diversos espaços sociais no Brasil. A autora cita como exemplo as cotas raciais nas universidades brasileiras, regidas pelas diferenças étnicas e culturais, e a segmentação da saúde pública da população negra. Uma situação que contribui para esse cenário é a própria pesquisa censitária nacional realizada pelo *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE). A versão de 2022 do *Questionário Básico* usado nos censos demográficos e que deverá ser aplicado em cerca de 75 milhões de domicílios no Brasil (IBGE, 2022), composto por 26 questões gerais sobre a caracterização da população brasileira, apresenta uma pergunta específica para a autodeclaração da “raça” ou “cor” do inquirido. A questão faz parte da “identificação étnico-racial” e aparece no bloco de perguntas intitulado *Características Adicionais do Morador*. Neste ponto, é feita a pergunta “Sua cor ou raça é...”, sendo as possibilidades de resposta “branca”, “preta”, “amarela”, “parda” e “indígena” (IBGE, 2022). Como vemos em Matos (2018), para além de conseguirmos visualizar toda uma história de inclusão e exclusão do termo nos questionários que está em sinergia com mudanças conceituais e políticas, também fica evidente o quanto a intencionalidade por trás do termo, que promove uma hierarquização social com base em traços fenotípicos e se reverte em assimetrias das relações de poder social, subsiste em novas roupagens. Esse fato ficou claro quando recapitulamos e aqui expomos, no capítulo “2.1.2. Um olhar multidisciplinar sobre as migrações internacionais”, que uma maior tendência de substituição do termo “raça” por “grupo étnico” na década de

Nos inspiramos nesses estudos para a definição dos parâmetros de análise na grelha de análise, ainda que tenhamos realizado algumas adaptações.²³ Além disso, segundo Lobo e Cabecinhas (2018), analisar o estatuto social permite ter uma visão sobre a representatividade e as relações de poder que vai além de uma simples contagem numérica de aparição no conteúdo. Adicionalmente, foi ainda incluído o grupo etário como um aspeto a ser considerado, especialmente porque os dados estatísticos sobre os imigrantes em geral em Portugal mostram alterações importantes na disposição etária desse contingente populacional e a comunidade brasileira é ainda a mais representativa no país (cf. SEF, 2020).

Importa referir que, ainda que as variáveis selecionadas para a análise tenham sido adotadas por estudos anteriores e sejam de grande importância para o estudo o caso em questão quando analisadas individualmente, entendemos não seria possível falar sobre elas isoladamente, dado estarem inter cruzadas de formas complexas e carregadas de significado. Consequentemente, de modo a evidenciar as relações existentes entre as diferentes práticas de representação das posições sociais por meio das identidades definidas nestes recortes, a análise destes aspetos prezou por um olhar interseccional. Como esclarece May (2015), essa abordagem não se define por um conjunto de regras e métodos de análise específicos, mas sim pela abordagem sobre o objeto de estudo que preza pela orientação analítica e interpretativa em prol de questionar as ideias dominantes sobre indivíduos e grupos sociais, de modo a desvelar as teias da subjetividade que sustentam as relações de poder desiguais. De acordo com Crenshaw (1991, p. 1243), é no estudo crítico destes “padrões de intersecção” entre práticas sociais relacionadas a diferentes categorias sociais, que podem potencializar-se umas as outras ou não, de acordo com cada contexto, em que pode se fazer possível compreender de que forma as diferentes componentes identitárias dos indivíduos contribuem para fomentar a diferença e impulsionar contextos de tensão entre diferentes grupos sociais. No âmbito dos estudos das migrações, Bastia (2014) entende que o emprego da perspectiva interseccional logrou ampliar as análises para além do recorte de gênero, por exemplo, sem perder o seu tom político direcionado para mudanças sociais. Ainda segundo a autora, essa abordagem tem sido especialmente adotada para trazer ao primeiro plano diferenças importantes em nível intragrupal, sobretudo no que tange questões como as diferenças de privilégios entre indivíduos do mesmo grupo social.

O segundo grupo de análise refere-se aos aspetos interacionais da imagem. Inspirados na

1960, em nível mundial, não se refletiu em uma menor hierarquização de poder social entre diferentes grupos sociais. Em muitos casos, observa-se que o uso dos termos “raça”, “cor” e “etnia” são feitos como se sinónimos fossem, uma situação que não é exclusiva ao caso em análise (para uma discussão mais aprofundada ver Cabecinhas, 2007).

²³A “classe econômica” foi substituída por “estatuto social”, uma vez que, por explicitar que a posição social do sujeito é derivada de circunstâncias que vão além da sua condição econômica, se considerou este um ponto essencial para o estudo do caso em questão. Também a ideia de “raça” foi substituída por “grupo étnico-racial”, à luz das considerações que fizemos na nota de rodapé 23 e de modo a estar em conformidade com a designação utilizada pelo IBGE (cf. IBGE, 2022).

metafunção interpessoal de Halliday, Kress e van Leeuwen (2006) os descrevem como sendo os responsáveis por fazer com que a imagem seja capaz de representar uma determinada relação social existente entre os participantes representados e o visionador – uma relação que pode ser apenas imaginada, pois, como refere Mota-Ribeiro (2010), o momento de produção e de receção do conteúdo imagético não partilham um mesmo contexto. Dentro dos pontos apresentados na gramática visual dos referidos autores, foram selecionados aqueles que entendemos serem os mais cruciais para o caso em questão, atentando-nos em especial para a natureza e as especificidades do objeto de estudo. Esse direcionamento fez com que o foco estivesse apontado para as perspetivas da câmara no momento da filmagem das imagens da série, visto que, segundo Kress e van Leeuwen (2006), os diferentes pontos e modos de olhar são artificios que denotam o nível de interação entre os participantes representados e o visionador. De acordo com os autores, a escolha entre uma ou outra perspetiva influencia diretamente o grau de envolvimento subjetivo entre o participante representado e o produtor ou visionador. Diferentes ângulos possibilitam, portanto, distintas formas de se relacionar no que diz respeito ao que Kress e van Leeuwen (2006) referem como o contato, a atitude e a distância entre o que é representado e o visionador. Nas imagens em movimento, também as movimentações de câmara influenciam estes aspetos, uma vez que estas dinâmicas acontecem mesmo em frente ao visionador. Estas formas são, por sua vez, tanto um reflexo quanto influências do que é convencionalizado nas práticas sociais do cotidiano, fazendo com que esta relação entre perspetiva e posicionamento subjetivo frente a um determinado sujeito ou objeto representado possa ser vista como natural para aqueles que dela têm conhecimento.

O primeiro deles é a direção do olhar²⁴ dos participantes representados na série. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), esse aspeto permite compreender uma espécie de relação social imaginária entre o participante representado e o visionador, o que os autores definiram como contato. Essa relação é conseguida pelo foco do olhar do participante representado, que, quando olha diretamente para a câmara, estabelece uma suposta ligação entre si e o visionador, seja ele quem for, se configurando o que Kress e van Leeuwen (2006, p. 118) chamaram de *demand image* ou imagem “pedido” (cf. Mota-Ribeiro, 2010). Quando essa troca de olhares imaginária não acontece, por estar o participante representado a olhar em outra direção que não a câmara, o participante representado torna-se uma contemplação do visionador, configurando-se uma *offer image* ou imagem “oferta” (cf. Mota-Ribeiro,

²⁴ Para além da direção do olhar, encontramos, na literatura sobre o tema, autores que citam outros pontos observáveis em um objeto de análise e que contribuiriam para a definição do tipo de contato imaginário a ser estabelecido entre o participante representado e o visionador. Mota-Ribeiro (2010), por exemplo, refere a expressão facial dos participantes representados como um outro recurso que, ainda que no âmbito representacional, contribuiria para uma análise do ponto em questão.

2010). Outro ponto incluído na grelha de análise do grupo dos aspetos interacionais é o da escala de planos das imagens e está diretamente relacionada com a distância entre a câmara e o participante representado na imagem no momento da filmagem. Para Kress e van Leeuwen (2006), essa distância não é somente simbólica, senão pretende também estabelecer o grau de proximidade entre o que é representado e o visionador, podendo-se estabelecer então a distância social existente entre eles. Sendo assim, quanto mais próximo o participante representado e o visionador estiverem por intermédio do posicionamento da câmara, maior será o grau de envolvimento entre eles. Com o foco ainda na câmara, a grelha de análise também contempla o seu posicionamento nos eixos horizontal e vertical em relação ao que é representado, o que Kress e van Leeuwen (2006) definiram poder dizer sobre as relações de poder entre o participante representado e o visionador.

Não menos importante, a dimensão interativa aponta ainda para as relações de poder forjadas entre os imigrantes entrevistados e o visionador de acordo com os ângulos da posição da câmara, o que suscita diferentes atitudes por parte do visionador frente ao participante representado. Dado a pluralidade de possibilidades de conceituação que podem ser encontradas na literatura – Thomas e Znaniecki (1918), por exemplo, utilizam o termo “atitude” para descrever processos da ordem psicológica que se operam na consciência individual e orientam a sua ação do mundo físico em relação à um determinado valor social, que são os conteúdos tangíveis ou simbólicos suscetíveis à ação humana – cabe esclarecer que, no âmbito da gramática visual de Kress e van Leeuwen (2006), a atitude define-se em termos de um posicionamento do visionador face ao participante representado, de modo a indicar disposições cognitivas e comportamentais imaginárias da relação entre eles, distinguindo-se de acordo com a localização da câmara em dois eixos. No eixo horizontal, a atitude relaciona-se com o grau de envolvimento entre o participante representado e o visionado.

O ângulo frontal, que exhibe o participante representado a partir de um ponto de vista central, facilita a identificação do participante representado por parte do visionador (Mota-Ribeiro, 2010) e promove a aproximação entre eles, sendo o participante representado considerado pelo visionador “parte do nosso mundo” (Kress & van Leeuwen, 2006). Por outro lado, ângulos oblíquos permitem visualizá-los a partir de um ponto de vista horizontalmente deslocado em relação à orientação frontal do participante representado, o que denuncia uma falta de envolvimento por parte do produtor da imagem (Mota-Ribeiro, 2010) e resulta no distanciamento entre o universo da imagem e o do visionador. Já no eixo vertical, a atitude é definida em termos de relação de poder. O ângulo contrapicado indica uma hierarquia de poder que privilegia o participante representado frente ao visionador, enquanto o ângulo picado coloca o visionador em uma posição de maior poder em relação ao participante representado. Nos casos em que

o ângulo vertical em que surge o participante representado é o mesmo do visionador, ambos os participantes se encontram no mesmo nível hierárquico de relações de poder, não havendo discrepâncias entre o poder de um em relação ao outro. Tanto no grau de envolvimento quanto nas relações de poder, Kress e van Leeuwen (2006) entendem que, ainda que a comunicação visual que se estabeleça no ato individual do olhar a imagem, as atitudes fomentadas pelos arranjos visuais podem vir a estar a refletir aquelas que são socialmente determinadas, o que reforça a conexão entre a cultura, a comunicação e as interações sociais. A esse respeito, Mota-Ribeiro (2010) pontua que essas atitudes estão muito mais relacionadas com a forma com que os participantes do conteúdo multimodal são vistos do que com a forma com que estão representados.

Ainda dentro do grande grupo de aspetos interacionais, foi incluída a análise do que Kress e van Leeuwen (2006) entendem como a modalidade da imagem, referindo-se aos indicadores visuais semióticos que podem ser colocados em uso com o objetivo de fornecer indícios do modo como a imagem deve ser interpretada. Segundo Mota-Ribeiro (2010), esses pontos são cruciais para uma constituição de credibilidade do material apresentado, uma vez que, de acordo com a manipulação dos indicadores, uma imagem pode ser considerada mais ou menos “real”. Dentre os indícios semióticos disponíveis, foram selecionados não só a iluminação e brilho da imagem, mas também as manipulações de cor - a saturação, diferenciação e modulação, por exemplo - como os pontos a serem observados e incluídos na análise. Segundo Kress e van Leeuwen (2006), uma das características que diferencia a cor dos demais modos semióticos da imagem é a sua capacidade de apelar às emoções e aos sentimentos, promovendo uma conexão direta entre a imagem visualizada e o campo afetivo do visionador - o que escapa, muitas vezes, do campo lógico e racional. A esse respeito, o estudo de Heller (2012) sobre a psicologia das cores evidencia a relação entre os sentimentos e as cores ao referir que diferentes cores ou arranjos cromáticos conduzem, de acordo com o contexto em que se apresentem, a distintos efeitos sensoriais e psicológicos. Ao nível dos efeitos emocionais, contudo, esses arranjos cromáticos variam em função do contexto cultural. Sendo assim, a mensagem por detrás da representação é apresentada ao visionador não apenas por meio do que o conteúdo apresenta, mas também por meio das sensações às quais ele é levado a sentir por meio do que os seus olhos estão a captar. Entendendo essa configuração e as relações subjacentes entre conteúdo e visionador, não é exagerado dizer que a situação em questão é um exemplo de construção de significado por meio da emoção, uma situação já descrita por Araújo e F. Lopes (2013) e a qual Mateus (2020) refere-se como uma retórica afetiva, aqui

caracterizada por uma persuasão de caráter visual e simbólico²⁵.

Um terceiro grupo de características a serem incluídas na grelha de análise foi o dos aspetos compositivos das imagens da série televisiva. Kress e van Leeuwen (2006) relacionam esses pontos com a metafunção textual na obra de Halliday, definida como aquela em que os diferentes signos são arranjados em conjuntos que, enquanto composição, assumem um significado. Nesse âmbito, o enquadramento dos participantes representados foi o ponto escolhido para a análise, entendendo-se que é por meio dele que a relação entre os imigrantes protagonistas da série e os demais sujeitos que nela aparecem poderiam ser ou não relacionados. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), enquadrar os participantes representados como parte do contexto mais amplo da série ou por técnicas filmicas como o enquadramento conjunto ou a falta de indicadores visuais que os separem, faz com que, por exemplo, sejam percebidos como indivíduos que estão conectados entre si e pertencem a um mesmo grupo social.

Indo além das três categorias de análise apresentadas, foi incluída ainda, na grelha de análise, o diálogo, um dos aspetos apontados por van Leeuwen (2005) que está relacionado à toda uma coesão da mensagem e do sentido apresentados por um determinado conteúdo multimodal. Esse ponto não fora incluído dentro do grande grupo de aspetos internacionais porque não está focado nas dinâmicas interativas representadas na imagem, mas sim, como refere van Leeuwen (2005), na lógica estrutural entre os elementos de um modo semiótico ou entre os próprios modos semióticos empregados. Sendo assim, o conceito de diálogo aqui apresentado transfere o foco na análise de interações verbais para a interação entre os recursos semióticos que se fazem presentes em um determinado conteúdo, objetivando-se entender como é criada a coesão dialética que faz com que os diversos modos semióticos presentes interajam entre si no sentido de contribuir para a criação do significado da imagem. Estando a temporalidade no cerne do diálogo, os aspetos incluídos na grelha dentro da perspectiva do diálogo foram a sequencialidade e a simultaneidade.

	Tipo de representação	
Aspetos Representacionais	Representação dos participantes humanos	Gênero Grupo étnico-racial Grupo etário Estatuto social
Aspetos Interacionais	Direção do olhar Enquadramento Ângulo da câmara Modalidade	Iluminação Brilho Saturação da cor Diferenciação da cor Modulação da cor Som
Aspetos Compositivos	Enquadramento	
Diálogo	Sequencialidade Simultaneidade	

Tabela 1: Grelha de análise com aspetos da semiótica social, adaptada de Kress e van Leeuwen (2006) e van Leeuwen (2005).

3.3. Histórias de Vida

A importância do olhar individual sobre o mundo na contemporaneidade pode ser entendida ao observarmos toda uma reorientação dos mecanismos para a construção do conhecimento e sentido que tem acontecido na era pós-industrial. De acordo com Lyotard (1979/2009), esse é o momento histórico em que o estatuto do saber ganha novas configurações, impactado por uma pós-modernidade²⁶ que trouxe consigo a descrença nas grandes narrativas enquanto instâncias capazes de oferecer respostas e dar sentido ao mundo. Como consequência, o autor indica que tanto a consciência maior sobre as diferenças de perspectiva possíveis e uma abertura para aceitar novas ideias colocou em causa a legitimidade do conhecimento dos grandes relatos e das visões de mundo hegemônicas, abrindo-se brechas para o surgimento de novas possibilidades de conhecimento. Na visão de Lyotard, o conhecimento já não é construído a partir de um movimento do topo para a base, ou seja, a partir da ancoragem das descobertas pós-modernas às grandes narrativas legitimadoras de conhecimento, mas sim a partir do amálgama que se vai formando quando diversas linguagens, conceitos e teorias começam a falar sobre um determinado tema. Sendo assim, pode-se dizer que o conhecimento na pós-modernidade é um movimento muito mais horizontal do que vertical, buscando-se, na pluralidade de

²⁶ Estamos cientes de que, se considerarmos o tema a partir do ponto de vista de Habermas (1981/1997) de que a modernidade é um projeto que influencia o viver e o pensar, e não um período histórico, não é possível se falar de sociedades pós-modernas de forma homogênea. Tampouco queremos nos render à ideia de modernidades múltiplas sem ter aqui o espaço para aprofundar uma problematização necessária do termo, ou seja, uma reflexão à semelhança de Schwinn (2016). Sendo assim, iremos nos limitar a clarificar que, no presente trabalho, referimo-nos às culturas europeias Ocidentais, o que situa o período histórico referido por Lyotard (1979/2009) como sendo o final da década de 1950.

manifestações e possibilidades contemporâneas umas às outras, a sua força enquanto discurso e enquanto instâncias que permitem conhecer e representar o mundo.

Inserido nesse grande novo leque de possibilidades está a visão de mundo que advém do relato individual. A esse respeito, Hartley (2004) observa uma clara associação do crescente interesse pela subjetividade individual, em especial a partir da década de 1970, ao próprio nascimento daquilo que hoje conhecemos como os Estudos Culturais. É a partir daquele momento histórico, afirma o autor, em que se inaugura uma visão renovada sobre esse aspeto da vida humana, na qual o seu teor político e a sua relação com as identidades em construção são colocados em evidência. Hartley ainda afirma que, contribuindo com esse processo, o movimento do estruturalismo também fez com que a subjetividade passou a ser perspectivada como uma consequência da língua e da cultura, ao contrário de uma visão que a relacionava como uma consequência natural das vivências humanas. Esse ponto é corroborado em Sarlo (2007), que aponta a guinada linguística das décadas de 1970 e 1980 como um momento fecundo para uma completa ressignificação da subjetividade. Para a autora, é a partir de então que o subjetivo ganha um novo estatuto de verdade que é tão importante quanto o das estruturas sociais, uma situação em muito favorecida por uma renovada percepção da história oral e dos testemunhos como fontes genuínas de conhecimento que poderiam contribuir no sentido de se entender fenômenos sociais a partir das perspectivas individuais.

A importância da perspectiva individual é assim marcada não apenas por seu valor per se, senão também como um valioso mecanismo de acesso aos contextos socioculturais e históricos em que está inserida. O material de análise coletado especificamente para uma determinada pesquisa, no momento do seu desenvolvimento, apresenta o que o Ferrarotti (2003, p. 25) chamou de “subjetividade explosiva” ao se referir ao seu potencial enquanto um caminho para se estar em contato com toda uma subjetividade que diz respeito não só ao sujeito individualmente, mas também à sociedade em que está inserido. Essa conclusão é possível ao se ter em mente que aquele que vive em meio a uma sociedade não é uma ilha, isolado cognitivamente do seu entorno, senão está em constante contato e troca simbólica com tudo e todos aqueles que coabitam os espaços físicos e sociais nos quais se insere de diferentes formas. É essa circunstância que leva autores como Ferrarotti (2003) a alegar que a vida é ela mesma um mecanismo de apropriação da vida social e as suas estruturas adjacentes, em um movimento de internalização destes aspetos em estruturas psicológicas internas que tornam possível a vida em sociedade. Para o referido autor, é por meio desse processo em que a história social coletiva passa a ser individualizada na subjetividade dos sujeitos, uma vez que entende que a vida social é ela mesma dialética e conjuga diversos aspetos e dimensões vivenciais.

O momento histórico em que a biografização das experiências de vida começa a se configurar enquanto método científico, sendo assim aceita como um recurso legítimo de investigação acadêmica, se deu com a prática, e não com teorias extensas e bem consolidadas sobre o ato de se narrar o próprio passado. É por esse motivo que, quando tentamos traçar essa linhagem histórica, é preciso olhar para o desenvolvimento mesmo da pesquisa social, pois, como afirmou Becker (1996), no que tange o desenvolvimento da investigação sociológica, a prática e os métodos precedem as ideias. Sendo assim, muito embora o recurso à biografização como forma de se perpetuar uma ideia de si mesmo seja algo com um passado mais remoto, o método biográfico enquanto metodologia científica começa a surgir apenas em finais do século XIX e possui uma ligação importante com a Escola de Chicago.

De acordo com Becker (1996, p. 182), o fato de Robert Park, um dos membros seminais da Escola de Chicago, ser “muito eclético em termos de método” fez com que a diversidade metodológica fosse uma das marcas daquela instituição - e que, conseqüentemente, a abordagem qualitativa fosse bem aceita e amplamente explorada pelos seus alunos, sobretudo por uma crença de que “a palavra do sujeito constitui um dos meios privilegiados de acesso às atitudes” (Delory-Momberger, 2009, p. 17). É também nesse contexto em que começaram a surgir, de forma consistente, estudos sobre o fenômeno migratório e o seu impacto na vida das pessoas e nas cidades. William Thomas e Florian Znaniecki, então investigadores da Escola de Chicago, são, frequentemente, apontados como os pioneiros na implementação de uma metodologia de cunho biográfico em uma investigação circunscrita pela Sociologia. Ainda que o foco principal não fossem os indivíduos em si, mas sim a comunidade imigrante como um todo, o recurso ao método biográfico se revelou útil para desvendar os processos de adaptação dos imigrantes à nova sociedade (norte-americana) ao passo em que ia se estabelecendo uma comunidade imigrante (polonesa) com uma herança cultural bem demarcada.

Nós éramos muito mais ecléticos em relação a métodos do que as pessoas que conhecíamos e que estavam em outras instituições. Assim, achávamos que era preciso fazer entrevistas, coletar dados estatísticos, ir atrás de dados históricos (...) era fundamental compreender o contexto em que se davam os fatos estudados. (Becker, 1996, p. 186-87)

Por ser a orientação científica da Escola de Chicago voltada para o aprofundamento sobre as interações e práticas sociais das pessoas, sobretudo aquelas que eram repetidas sem cessar ao longo do tempo (Becker, 1996), a metodologia qualitativa se tornou uma das suas principais características. Essa abordagem acabou sendo continuada em linhas de pesquisas posteriores, uma herança possibilitada pelo fato da instituição ter se metamorfoseado, na visão de Becker (1996, p. 188), em “uma espécie de perspectiva ou opinião global” segundo a qual se entende que são muitas as variáveis, para além da partilha de um mesmo espaço físico, que caracterizam as dinâmicas sociais. É por conta

disso que, ao longo do século XX, podem ainda ser destacados outros momentos em que mudanças nas disciplinas Humanas e Sociais, bem como o acontecimento de alguns fatos sociais de impacto mundial, e que vêm a influenciar diretamente a percepção sobre a História de Vida²⁷ enquanto fonte de conhecimento científico. Na disciplina da Antropologia, o moderno modelo etnográfico forjado por Bronislaw Malinowsky começava a dar indícios de uma tônica que permearia aquele campo de estudo nas décadas seguintes: para se compreender um determinado grupo social, é imprescindível viver naquela comunidade, como se um autóctone fosse, para se perceber o mundo a partir do seu ponto de vista. Também nesse campo disciplinar encontramos a contribuição incontornável de Ruth Benedict (1934/1960) no que diz respeito à relação entre a cultura e os indivíduos. Já na área historiográfica de tradição francesa, em 1929, Marc Bloch e Lucien Febvre fundam, na Universidade de Estrasburgo, o periódico *Annales d'histoire économique et sociale*, que traz à vida o movimento historiográfico de mesmo nome.

Todas essas e outras importantes transformações fizeram com que fosse possível que o olhar sensível ao biográfico enquanto insumo científico desabrochasse em outras partes do mundo. Na Europa do pós-Segunda Guerra Mundial, em decorrência das mudanças profundas em nível estrutural e cultural nas sociedades europeias, bem como uma suposta ineficiência dos métodos quantitativos, consequência das correntes estruturalistas que estavam vigentes naquela altura, em fornecer respostas mais aprofundadas sobre a vida social, o olhar biográfico como conhecimento científico começou a acontecer de forma mais consistente. Estes e outros tantos motivos acabaram por impulsionar uma crescente necessidade de se analisar os fenômenos sociais a partir de uma nova ótica, dando início à um movimento de se repensar os velhos métodos de análise, por um lado, e se criar novos métodos que privilegiassem um olhar mais aprofundado sobre os temas estudados, por outro. É nesse contexto que surge a obra de Daniel Bertaux, que, na década de 1970, se inspirou no legado de Lewis (1961) para desenvolver uma série de trabalhos que teriam as Histórias de Vida como ponto central.

Dentre as contribuições de grande valia que provém da obra de Bertaux está a percepção de um aspecto incontornável da História de Vida que mudaria de forma definitiva o olhar científico sobre este material de estudo. Ao fazer uma distinção entre a história de vida e o relato de vida, o autor chama a atenção para o aspecto criador do sujeito que recapitula sua vida a partir de uma estrutura narrativa,

²⁷ É preciso reconhecer a problemática do uso deste termo para a designação do método, algo que foi - e continua sendo - extensamente problematizado na academia. Nestes debates, questiona-se o fato do mesmo não deixar claro o caráter criativo da história relatada, ou seja, o fato de que, como visto em Bertaux (1997/2005), ela é uma construção criativa localizada no tempo e no espaço, a pedido de um investigador e em um contexto específico. Com base nestas reflexões, é possível encontrar este método designado de diversas formas na literatura científica, sobretudo como "história de vida" (Ferrarotti, 2007, p. 15) e "relatos de vida" (Bertaux, 1997/2005, p. 9), sendo ambas nomenclaturas adequadas para se descrever um relato construído por um sujeito sobre a sua experiência particular.

evidenciando que a história contada por ele é senão uma criação discursiva sobre a sua própria experiência. A partir desta compreensão, Bertaux (1997/2005) entende que o material coletado reflete não só a perspectiva individual do sujeito que narra a sua própria experiência, mas também a sua lógica de ação e as relações históricas, o que permite analisar o meio social de uma perspectiva singular para a coletiva. Outro ponto central na obra do autor é o seu olhar “etno-sociológico” sobre as questões sociais, segundo o qual é possível analisar o que o autor chamou de "mundo social" (p. 11) a partir da análise de ações ou categorias de situações específicas que são levadas a cabo pelos indivíduos em uma determinada ocasião social. Sendo assim, por intermédio das Histórias de Vida, e, segundo Albarello et al. (1997), sendo o sujeito individual visto como um representante do grupo social, é possível captar não só seu ponto de vista particular, mas também a percepção de uma realidade que é atravessada pelas narrativas construídas por si e também aquelas que lhe são exteriores.

Uma história de vida não é um discurso qualquer: é um discurso *narrativo* (grifo do autor) que tenta contar uma história real e que, além disso, diferenciando-se da autobiografia escrita, é improvisado no âmbito de uma relação dialógica com um pesquisador que, desde o início, orienta a entrevista para a descrição de experiências que o ajudem no estudo do seu objeto de estudo. (Bertaux, 1997/2005, pp. 73–74)

Essa capacidade das Histórias de Vida é de grande valia no estudo das migrações, sendo o sujeito migrante atravessado por todo o tipo de convenção cultural, constituições sociais, valores e ideologias, que se refletem na sua experiência e nas relações de poder vigentes nas sociedades contemporâneas. A revisão da literatura sobre o tema permite constatar que, nas últimas décadas, o foco das pesquisas sobre comunidades de imigrantes nos países de destino se ampliou para contemplar também o próprio imigrante. Como já aqui referimos, a crise dos metarrelatos na pós-modernidade indicada por Lyotard (1979/2009) levou à necessidade de se compreender as narrativas e discursos nos quais as pessoas embasam suas vidas a partir de uma perspectiva muito mais aproximada da experiência em si. De acordo com Sarlo (2007), para além da mudança de foco das narrativas socialmente difundidas e convencionalizadas para aquelas que são particulares e individuais, nas últimas décadas, também tem acontecido uma transformação do próprio olhar etnográfico, que tem se orientado, com particular interesse, para situações e casos da vida cotidiana em que se apresente situações divergentes das ordens de poder sobre questões materiais ou simbólicas. Sendo assim, e também pelo que Ferrarotti (2007) entende como suposta demanda das Ciências Sociais em geral por um método estruturado que pudesse explorar complexidades sociais que os métodos quantitativos não estavam sendo capazes de alcançar, métodos biográficos começaram a surgir em diversos campos disciplinares. Em relação às migrações, desde os estudos fundadores de Thomas e Znaniecki com imigrantes na América do Norte na primeira metade do século XX, a evolução das pesquisas com tal corpus utilizando o método da História de Vida

tomou muitos caminhos, caminhando, de acordo com Conzen (1996), no sentido de abraçar a pluralidade e a diversificação das migrações nas sociedades contemporâneas. Eles vêm do mesmo ponto de partida, que é o fato de a mobilidade e a vida em modo de transição levam ao que Lechner (2019, p. 5) chamou de uma “rutura biográfica”, que exige daqueles que migram negociação de suas identidades.

O emprego do método no estudo das migrações tem mais valias importantes. Enquanto Sarlo (2007, p. 19) considera “a primeira pessoa como forma privilegiada diante de discursos dos quais ela está ausente ou deslocada”, Lyotard (1979/2009) refere em especial o fato de, por não estarem limitados a operar como instrumentos de poder, os saberes que surgem no contexto pós-moderno ajudam a ampliar o olhar sobre as diferenças, reforçando um caráter de suportar visões que antes nos pareceriam demasiado antagônicas. É, sobretudo, porque eles são capazes de dar origem a aspetos que dificilmente surgiriam de outra forma, pois permitem olhar para a questão do ponto de vista do indivíduo e o que Arfuch (2002/2010) entende ser o seu universo simbólico e existencial. Com isso, sendo a História de Vida recapitulada como uma criação discursiva sobre a própria experiência do migrante (Bertaux, 1997/2005), ela reflete não apenas a perspectiva individual, mas também sua lógica de ação conectada a um contexto ampliado das relações históricas, tornando esse método adequado para explorar também a dimensão coletiva da migração. Importa ainda ressaltar que as Histórias de Vida possuem uma forte contrapartida social, aspeto que explica sua predileção ao lidar com cenários de fortes desigualdades sociais e culturais que são, frequentemente, característicos em situações de migração. Este exercício de olhar para a própria história, o que Myszta (2016) entende como uma reflexividade sobre si mesmo, está no centro de uma variedade do que Ferrarotti (2007, p. 28) chamou de “estratégias de libertação” do confinamento subjetivo e simbólico promovido por discursos socialmente constituídos sobre imigrantes ou crenças culturais profundamente enraizadas em uma sociedade específica. Ao permitir que novas perspectivas sobre a experiência apareçam nas narrativas presentes na memória e trazidas para o presente pelos próprios imigrantes, Lechner (2019) afirma que as Histórias de Vida promovem o seu empoderamento social e emancipação em um determinado contexto. Em última análise, essa nova forma de se abordar a própria experiência de vida impulsiona a ação voltada para enfrentar a exclusão social e a marginalização, dois dos principais aspetos dos que foram considerados por Ferrarotti (2007, p. 18) como “as novas formas de pobreza” nas sociedades contemporâneas.

4.3.1. Planejamento e execução das entrevistas com os imigrantes brasileiros

Antes mesmo da realização das entrevistas com os imigrantes, realizou-se uma aproximação da investigadora com o campo. Como explica Bertaux (1989), esse é o momento de aproximação do campo de estudo, no qual o investigador poderá tanto entender melhor o fenômeno em causa quanto identificar possíveis interrogações que daí surgem. Incluem-se aqui toda a sorte de mecanismos possíveis para o efeito, o que vai desde conversas informais com possíveis informantes a entrevistas estruturadas realizadas em caráter exploratório. A ideia é que os dados coletados nessa fase, ainda que não sendo computados na análise, sirvam para identificar possíveis questões emergentes que surgiram espontaneamente e de forma recorrente, além de se entender de que forma elas se traduzem em questões imanentes ao nível individual, constituindo-se de temas que deverão contar então com a máxima atenção na realização das entrevistas na fase de coleta de dados.

Essa primeira etapa de preparação, bem como a leitura da literatura dedicada ao tema das Histórias de Vida²⁸, permitiu que se avançasse com a elaboração estruturada um primeiro esboço do que chamamos do *script* - ou “guia”, como se referiu Bertaux (1997/2005, p. 64) - que seria utilizado nas entrevistas com os imigrantes brasileiros em Portugal. Diferenciando-se de um roteiro para uma entrevista semiestruturada, o documento de suporte no método das Histórias de Vida não é dotado de perguntas pré-concebidas, senão de frases que, segundo explica Bertaux (1997/2005), introduzem o tema sobre o qual pretende-se que o entrevistado desenvolva a sua narrativa. Seguindo-se uma lógica temporal, foram então definidas seis frases orientadoras: “a minha vida no Brasil”, “a minha decisão de migrar para Portugal”, “a minha chegada em Portugal”, “o meu dia-a-dia em Portugal”, “a minha relação com outros(as) brasileiros(as) em Portugal” e “os meus planos para o futuro”. Elas eram introduzidas quando sinais de finalização da narração eram identificados pela entrevistadora e precedidas pela frase “gostaria que você me contasse”.²⁹

Com esse documento finalizado, procedeu-se à publicação de chamadas públicas para a participação na pesquisa. Conjugando as descobertas de autores como Capoano e Barros (2021), Valles Nunes (2020) e Iorio (2018) sobre a importância do ambiente digital e das redes sociais na trajetória migratória dos imigrantes brasileiros em Portugal, optou-se por realizar a chamada pública por meio de postagens em grupos direcionados para imigrantes brasileiros no *Facebook*, *WhatsApp* e *Telegram*. Essa

²⁸ As leituras orbitaram o material teórico e de experiência prática utilizando-se métodos biográficos presentes na obra de autores nos quais se incluem, mas não se limitam, a Atkinson (2002), Bertaux (1989, 1997/2005), Ferrarotti (2003, 2007), Lechner (2009, 2015, 2019) e Jovchelovitch e Bauer (2002).

²⁹ Em Bertaux (1997/2005), vemos a importância de se incluir o verbo “contar” nessa orientação temática da narração dos entrevistados. Um dos objetivos principais dessa escolha é o fato de se evidenciar para o entrevistado o interesse no seu relato individual, uma vez que a menção de qualquer outra categoria social poderia levar à uma interpretação de que é a interpretação que é socialmente partilhada aquela que tem maior importância.

decisão também esteve pautada no valor das redes sociais estabelecidas digitalmente enquanto capital social na vida do imigrante³⁰. De acordo com Massey et al. (1993), é por meio delas que ele consegue não só diminuir os custos e riscos envolvidos na sua migração, mas também se informar e estabelecer canais de comunicação com vista a facilitar a sua vida no país de destino.

Nesse sentido, além de sua importância já ter sido destacada nos referidos estudos, o *Facebook* foi escolhido por ser uma rede social com um grande número de usuários brasileiros. Em termos quantitativos, relatórios estatísticos dão a conhecer que, no terceiro trimestre de 2021, a média de usuários ativos por dia era de 1,93 bilhões de pessoas, um número que representa um aumento de 6% em relação ao mesmo período em 2020 (Facebook, 2021). No que diz respeito à utilização por brasileiros, em uma pesquisa realizada em 2016, o *Facebook* já figurava como o primeiro lugar no ranking das páginas de Internet mais visitadas em todos os grupos etários e classes sociais no Brasil (cf. Capoano & Barros, 2021). Em 2019, o Brasil encontrava-se em terceiro lugar na lista de países com mais usuários cadastrados naquela plataforma, representando 139 milhões de usuários (WPR, 2021).

Quanto ao *WhatsApp* e *Telegram*, essas são plataformas que ocupam um lugar de destaque no ambiente digital da sociedade brasileira, o que se reflete no crescente interesse científico sobre as formas em que as pessoas fazem uso e de que forma são impactadas por elas. Como consequência, encontramos uma pluralidade de estudos sobre o uso que os brasileiros fazem desta plataforma, o que vai tanto dos estudos que analisam a influência das mensagens compartilhadas nestas redes no panorama político do país, como vemos no artigo de Júnior, Melo, A. P. C. da Silva, Benevenuto e Almeida (2021) e Evangelista e Bruno (2019), àqueles sobre o uso da rede como ferramenta tecnológica de ensino no contexto brasileiro, como encontramos em Alencar, Pessoa, A. K. Santos, S. Carvalho e H. Lima (2015).

Como já previsto no projeto da pesquisa, a intenção não era que a amostra do trabalho fosse representativa, mas sim que pudesse fornecer a possibilidade de explorar em profundidade questões prementes à trajetória de migração dos imigrantes brasileiros em Portugal e que figurem no seu relato pessoal dessa experiência. Por este motivo, foi usada uma abordagem de conveniência e oportunidade, como apresentado em Tracy (2020), para a seleção dos respondentes. Além disso, foram empregados dois critérios para a seleção dos participantes: o ano da migração, que deveria ser posterior da 2015; e o distrito de residência, que deveria ser um daqueles incluídos na Região do Norte de Portugal (NUTS II), nas seguintes NUTS III: Alto Minho, Cávado, Ave, Área Metropolitana do Porto, Alto Tâmega, Tâmega e

³⁰ Importa referir que, embora as redes sociais e as plataformas de conteúdo digitais possuam a sua importância no processo migratório, elas não são decisivas sobre a decisão de migrar ou não. Essa é uma das conclusões da pesquisa empírica que é apresentada neste trabalho, uma vez que o acesso à informação sobre as dificuldades da vida do imigrante brasileiro em Portugal não desestimulou a emigração daqueles que tiveram acesso à conteúdos por essas vias.

Sousa, Douro e Terras de Trás-os-Montes. Embora esteja incluída na NUTS II do Centro, o concelho de Aveiro foi incluído na amostra, por esta cidade resguardar significativa ligação cultural e econômica com a Região Norte. Aqueles que respondiam à chamada pública e enquadravam-se nesse recorte foram contactados por via digital e convidados formalmente à participarem da pesquisa. Para os casos em que se obteve uma resposta positiva, procedeu-se ao agendamento do dia e horário para a conversa, bem como a solicitação para a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Informado (TCI), disponibilizado de forma digital.

Devido à situação de saúde pública em razão da pandemia da Covid-19, as entrevistas foram conduzidas de forma online com o recurso a videochamadas, tendo sido utilizadas as plataformas *Facebook*, *Zoom* e *Skype* para o efeito. Cada conversa, com uma duração média de uma hora e quinze minutos, foi gravada e, em uma segunda etapa, transcrita. Dentre as pessoas entrevistadas, foram considerados para a análise o relato de 25 imigrantes brasileiros³¹ coletados entre os meses de dezembro de 2020 e abril de 2021.

³¹ Este número encontra-se dentro do intervalo recomendado por Gaskell (2003) para entrevistas deste teor, de modo a permitir explorar o tema da pesquisa sem comprometer a capacidade analítica de quem conduz e analisa as entrevistas.

4. A SÉRIE “PORTUGAL PELOS BRASILEIROS”

4.1. Sobre a série

A série *Portugal pelos Brasileiros*³² foi uma série televisiva de cunho jornalístico exibida entre os meses de janeiro e fevereiro de 2018 pela Rede Globo de Televisão, como um quadro do programa de variedades *Como Será?*, exibido aos sábados. Produzida pela produtora *Plano Geral Filmes*, a série apresenta o relato pessoal sobre a experiência de migração e a vida em Portugal de brasileiros que migraram há não muito tempo para aquele país. Cada episódio é focado na experiência de um destes imigrantes, que falam sobre alguns aspectos do seu processo migratório em primeira pessoa. Como referido na secção teórica deste trabalho, o recurso ao relato biográfico tem sido um recurso amplamente explorado pelos média, que têm se focado cada vez mais em mostrar essas “fatias de vida” (Bourdieu, 1997, p. 50) como forma de dar a conhecer e representar a diversidade inerente à vida humana. Dá-se a conhecer, portanto, as razões que alicerçaram a decisão de emigrar, a rotina destes imigrantes no que diz respeito ao trabalho, suas opções de lazer, a vida em família e as diferenças percebidas entre a vida que levavam no Brasil em comparação à vida em Portugal. Na série, essas falas são complementadas, de forma intercalada, por uma narração masculina em *voice-over* que, de acordo com o que está a ser relatado pelo entrevistado, verbaliza informações e dicas para os espectadores brasileiros que planejassem também emigrar para Portugal. Estas intervenções são reforçadas visualmente com a sua inserção de forma escrita nas imagens.

Na primeira temporada da série, que é a temporada que fora objeto de análise nesta pesquisa, se dá a conhecer o percurso migratório de quatro brasileiros que emigraram nos últimos anos para Portugal. Aparecem ainda alguns cônjuges e familiares, que serão considerados como o que Kress e van Leeuwen (2006) denominaram de circunstâncias, por não afetarem o sentido da mensagem que é inferido pelo imigrante entrevistado. A sua relação com os imigrantes entrevistados é de acompanhamento e, portanto, a sua presença não revela muito sobre o tipo de relação social que existe com o imigrante, ainda que contribua para a sua caracterização.

No primeiro episódio, que tem duração de pouco mais de doze minutos e é intitulado *História do Eduardo*, conhecemos um pouco mais sobre a vida de Eduardo Almeida em Portugal e seu processo

³² Os endereços eletrônicos para a visualização dos episódios da série são:

Episódio 1 - <https://globoplay.globo.com/v/6399436/programa>;

Episódio 2 - <https://globoplay.globo.com/v/6417002/programa>;

Episódio 3 - <https://globoplay.globo.com/v/6433175/programa>;

Episódio 4 - <https://globoplay.globo.com/v/6448949/programa>;

Episódio 5 - <https://globoplay.globo.com/v/6470202/programa>.

migratório. O brasileiro, que adquiriu a sua cidadania portuguesa por descendência - sua avó era uma portuguesa emigrada no Brasil - relata que a decisão de emigrar veio com o nascimento de seu filho, Francisco, principalmente por não achar que o Brasil era um lugar seguro para criá-lo. Depois de seis meses morando em Portugal como turista, começou a pensar em conseguir um emprego e se estabelecer no país, o que conseguiu. Pouco tempo depois, contudo, decidiu empreender. Em parceria com sua esposa, Amanda Almeida, Eduardo abriu uma empresa de sacolé.

O segundo episódio, intitulado *Como viver e dar aulas legalmente em Portugal*, consiste no relato de Felipe Monsanto, um professor brasileiro de jiu-jitsu que decidiu migrar para Portugal acompanhando sua então namorada, Joana Ericson. Em uma decisão “estratégica”, o casal se casou antes de migrar e, na altura da gravação da série, moravam em um dos bairros mais prestigiados de Lisboa, em um apartamento comprado por Joana. O episódio, contudo, é focado em Felipe e em sua rotina como professor de jiu-jitsu e artista plástico nas horas vagas.

O terceiro episódio, chamado *Como comprar uma residência em Portugal e obter um visto de residente*, fala sobre a experiência de migração e vida em Portugal de Alice Autran Garcia, filha de um diplomático brasileiro que já havia vivido em Lisboa na infância. A brasileira relata que aproveitou uma oportunidade de trabalho para migrar para Portugal, onde trabalha na área do *retrofit*. Nas horas vagas, Alice participa em um ateliê de cerâmica.

No quarto episódio, intitulado *Como validar o certificado de graduação em Portugal*, é a história de Cristiane Castelo Branco que conhecemos. Devido a fatores econômicos, ela e o namorado português se mudaram para Cascais com o filho. Depois de revalidar seu diploma no país, ela ganhou a permissão para trabalhar como psicóloga em Portugal.

No quinto e último episódio da série, chamado *Virar empresário em Portugal pode ser caminho para conseguir visto*, Levy Gasparian nos conta mais sobre seu processo de imigração para Portugal com sua família. Após reavaliar uma sugestão vinda de um familiar sobre uma possível migração para Portugal, o brasileiro resolveu expandir a sua marca para além-mar. No novo país, Levi trabalha com *music branding* e atua como DJ esporadicamente.

4.2. Análise

A análise³³ dos cinco episódios que constituem a primeira temporada da série *Portugal pelos Brasileiros* buscou de evidenciar de que forma as representações sociais sobre os imigrantes brasileiros em Portugal e a sua experiência migratória estão a ser construídas (discursivamente) e articuladas (de forma semiótica) na série. Para o efeito, o material foi analisado enquanto discurso, por meio da Análise Crítica do Discurso, e enquanto conteúdo imagético, com uma análise baseada na Semiótica Social.

Falaremos das representações sociais a partir das suas presenças e ausências, ou seja, como elas vão sendo construídas nos episódios por meio do que eles mostram ou mencionam, mas também pelo que deixam de mostrar ou citar. Preocupamo-nos em englobar em nossa análise duas perspetivas distintas, sem desconsiderar estarem elas conectadas de maneiras bastante complexas. Em nossos apontamentos, mencionamos implicações representativas do discurso mediático em questão, no sentido de percebermos de que maneira as representações ali contidas se relacionam com um contexto mais amplo, recorrendo-se a dados estatísticos e outros estudos sobre o caso em questão. Por outro lado, não obliteramos as implicações discursivas que estas mudanças carregam consigo e que conversam diretamente com o contexto social no qual estes imigrantes se inserem. Foi este entrelaçamento que possibilitou a problematização de questões sociais e culturais que advém dos aspetos observados, evidenciando qual o impacto dessas mudanças na subjetividade das sociedades contemporâneas e suas implicações na vida destes sujeitos.

4.2.1. Análise do discurso

Precedendo a análise das representações sociais associadas aos imigrantes brasileiros em Portugal, considerou-se importante buscar entender de que forma esse país estava a ser representado na série. Segundo King e Wood (2002), os discursos e as imagens construídas e disseminadas nos média sobre as nações são importantes suportes para a tomada de decisão de migrar em nível individual, tanto no sentido de decidir migrar ou não quanto para onde migrar. Uma recapitulação da História revela que as oscilações na forma de representar Portugal nos média e nas artes brasileiras acompanhou, inevitavelmente, os cenários políticos que se iam configurando ao longo dos séculos. De acordo com Arendt, Kuiava e Javorski (2013, p. 2), durante o período colonial e ainda por algum tempo findo esse regime, por exemplo, adjetivos como “exploradores”, “pouco inteligentes”, “burgueses” e

³³ Uma primeira análise exploratória do material foi publicada em Posch e Cabecinhas (2020a, 2020b), pelo que o trabalho aqui apresentado retoma e aprofunda algumas das discussões presentes naqueles artigos.

“manipuladores de mercado” eram frequentemente associados aos portugueses, o que contribuiu para que o povo daquela nação fosse visto como uma ameaça aos brasileiros e ao seu projeto de independência.

Desde quando a economia portuguesa deixou-se empolgar pela fúria parasitária de explorar e transportar riqueza, em vez de produzi-la, não é fácil de dizer-se com precisão. Dois Portugais antagônicos coexistiram por algum tempo, baralhando-se e confundindo-se, na febre das guerras e revoluções, antes de vencer o Portugal burguês e comercial. (Freyre, 1933/2003, p. 320)

Estereótipos como esses perduraram ainda por longos anos na sociedade brasileira, sendo hoje impossível negar a sua influência, inclusive, na construção de uma ideia de cultura nacional daquele país. Nessa matéria, cabe lembrar que, durante muito tempo, a cultura brasileira era ela mesma calcada na ideia de uma transplantação de ideias e valores da cultura portuguesa, para se utilizar a lógica de Sodré (1970/1986), o que só viria a mudar com o surgimento de uma classe social intermediária que viria a desempenhar um importante papel na edificação de uma ideia de cultura genuinamente brasileira. Tem sido apenas nos últimos anos os média brasileiros têm empregado esforços no sentido de quebrar certos estereótipos associados aos portugueses. Esses autores citam algumas das estratégias empregadas pela direção dos média brasileiros neste sentido, dentre elas, como referem Arendt, Kuiava e Javorski (2013), o convite a atores portugueses para participarem do elenco de novelas brasileiras, a criação de sedes das emissoras brasileiras em Portugal e o envio de jornalistas correspondentes com base naquele país.

Na série *Portugal pelos Brasileiros*, observa-se que, nos relatos dos imigrantes brasileiros, há pouca referência a aspectos negativos de Portugal - como “o estacionamento em Lisboa caríssimo” (Cristiane, Episódio 4) - exprimindo-se uma opinião mais positiva em relação ao país. Não deixa de ser interessante observar que, mesmos nos relatos pessoais e em primeira pessoa, parece se confirmar uma tendência já apontada por outros autores, como Pinho (2007), de orientar o discurso mediático no sentido de se promover uma espécie de aproximação entre os povos das duas nações por meio da menção dos aspectos positivos de cada uma delas.

Eles querem realmente isso: pessoas legalizadas aqui que falem o português do Brasil. (Eduardo, Episódio 1)

Ainda assim, observa-se que, na série, não é feita qualquer referência direta, por parte dos imigrantes, aos “portugueses”. Essa ausência faz com que não seja possível captar a percepção destes imigrantes no que diz respeito às suas relações sociais e às representações sociais que têm da população portuguesa, destacando-se, em seu lugar, as características do país, das cidades e da cultura como um

todo, o que indica a transferência de uma representação de Portugal com base na sua gente para uma ideia de nação que vai sendo construída pela menção de aspetos culturais da cultura portuguesa e tudo o que ela atinge.

Tem muitos parques. Muitos parques. Acho que a gente até brinca que, a cada dia, a gente descobre um parque novo. Que a nossa diversão aqui é, aos finais de semana, procurar parques novos pra estar com o Francisco, pra fazer piquenique, pra... Enfim... (Amanda, Episódio 1)

Aqui é o Príncipe Real. A rua onde eu moro é uma das ruas tranquilas do Príncipe Real, porque a rua principal ela é bem animada. (Alice, Episódio 3)

Portugal tem muito lugar pra levar as crianças, tem muitos parques, muitas exposições. Lisboa é incrível. E não só Lisboa. Você roda pra tudo quanto é lugar, tem várias opções. Tem muitas exposições legais. Sou apaixonada pela cidade, apaixonada por Lisboa. (...) E eu me apaixono a cada dia. (Amanda, Episódio 5)

De acordo com Martins (2001), a identidade nacional deve ser entendida em seu caráter institucional, sobre o qual incide uma realidade que é produzida e gerida de forma organizada pelo Estado e seus organismos, de modo que as representações dessa identidade não são isentas de um caráter ideológico. Nesse sentido, o foco na cultura e no estilo de vida português na série também é, por si, só um ponto importante de referir, uma vez que eram os aspetos econômicos da nação portuguesa aqueles que se encontravam em maior destaque nos média na altura das vagas migratórias precedentes (Pinho, 2007). Por mais que haja uma ou outra referência à aspetos econômicos - como quando é referido que, em Portugal, se “conseguia comprar o apartamento de dois quartos num lugar muito simpático (...) por um preço muito mais em conta do que no Rio [de Janeiro]” (Joana, Episódio 2) - já não é mais tanto a situação da economia portuguesa ou a posição de Portugal em um panorama econômico mundial os aspetos em maior evidência, senão os mais diversos aspetos em que se vê refletida a cultura portuguesa e a sua influência na vida cotidiana no país, como a culinária, as condições climáticas, a arquitetura e a música. Não sendo este o foco desta análise, considera-se válido pontuar ser imperioso questionar, em um segundo momento, não só os meios, mas também os fins os quais tais circunstâncias pretendem atingir.

O estilo carioca que tá na veia mesmo. É ter sempre altinha e a praia e poder dar um mergulho. Isso é muito bom, né, cara? E a gente... a gente tem isso em Portugal, então é bem bacana. (Eduardo, Episódio 1)

Depois de muitos meses andando, procurando, acabei descobrindo essa região que as temperaturas são mais amenas e é uma região que é bem residencial, bem gostosa, mais ou menos parecida com o que eu já morava lá em Brasília. Então, pronto. Quando eu cheguei aqui, depois de muito andar, foi amor à primeira vista. (Cristiane, Episódio 4)

É divertidíssimo, né? Andar por Portugal é... Logo que eu cheguei, eu andava muito a pé. Tudo o que eu precisava fazer, mesmo que fosse quatro, cinco, seis quilômetros de distância, eu ia

a pé. Porque eu ia... E por caminhos diferentes, para que eu pudesse ir conhecendo as coisas, né? É incrível. Andar por Portugal é incrível. (Felipe, Episódio 2)

A mudança de perspectiva da imagem de Portugal baseada em seus aspectos econômicos para aquela que se fundamenta na cultura portuguesa e suas manifestações se espelha tanto na mudança do perfil do sujeito que migra quanto nos termos com os quais essa migração acontece. Na série, vemos a família como um importante componente do discurso midiático sobre os imigrantes. Em grande parte do tempo, as entrevistas são conduzidas dentro da residência dos imigrantes ou os mostra a interagir com familiares.

Eu vim parar em Portugal porque eu já tava há um tempo namorando um português. E aí coincidiu de Portugal tá num momento que tava saindo da crise o Brasil entrando. Então, a gente, né, chegou à brilhante conclusão que talvez o melhor fosse eu vir pra cá, né? (Cristiane, Episódio 4)

E aí eu, juro por Deus, tava dormindo um dia, aí... Pum! Acordei quatro da manhã: "Portugal. Vou dar ou dar uma olhada". Parece que alguém falou e eu acordei, fiquei "tzutzutu", comecei a pesquisar. Tati acordou, falei assim "Tati, tamo indo morar em Portugal", "Como assim?!". (Levi, Episódio 5)

Encontramos aqui um espelho da tendência associada à terceira vaga migratória de inclusão da família na tomada de decisão sobre a migração e na sua efetiva concretização. Os dados estatísticos não nos permitem dizer o contrário: em 2018, 28% das autorizações de residência concedidas aos estrangeiros foram para situações de reagrupamento familiar (SEF, 2019). Em meados do ano seguinte, o SEF se viu obrigado a recusar novos pedidos por ausência de datas disponíveis para atender os imigrantes (M. Lopes, 2019). Além da família, na série, vemos ainda os hobbies e os momentos de lazer a serem valorizados, seja por meio de imagens dos imigrantes desenvolvendo suas aptidões em ateliês ou em passeios com a família, ou por meio do discurso verbal dos mesmos. Esse aspecto consolida a mudança do perfil econômico e laboral da migração de outrora para o político e moral, algo já mapeado em estudos precedentes (França & Padilla, 2018). Importante é marcar, contudo, que, ainda que estes discursos sejam um reflexo do que os dados estatísticos nos mostram, eles são também, de certa forma, marcadores implícitos do que é considerado importante ou não de ser mostrado sobre a vida destes imigrantes, influenciando todo um universo representativo e simbólico em plena construção.

Quando nos aprofundamos em entender como a migração brasileira recente para Portugal estava a ser representada na série, outro dos aspectos que se sobressai é o discurso de que este é um fenômeno geograficamente demarcado. Os brasileiros que protagonizam os episódios desta primeira temporada da série migraram para diferentes localidades da região de Lisboa. Alguns deles residem em regiões mais centrais da cidade homônima, como o Príncipe Real e Alvalade, e outros vivem em cidades próximas, associadas a um estatuto social elevado, como Cascais e Sintra. A locução da série nos dá a

conhecer algumas informações destas localidades, com dados sobre o número de habitantes e a sua distância sempre em relação à Lisboa.

Sintra é a segunda maior cidade de Portugal e a que concentra a maior percentagem de população jovem do país. Fica a cerca de 30 quilómetros de Lisboa e tem 400 mil habitantes. Sintra é uma das principais atrações turísticas de Portugal e Patrimônio Mundial da Unesco. E é aqui que vive Eduardo. (Locução, Episódio 1)

Dados do último censo realizado em Portugal em 2011 mostraram que cerca de 550 mil pessoas vivem em Lisboa em áreas modernas como o Parque das Nações e históricas como o bairro da Graça. Construído antes do século XVIII, o bairro é percurso obrigatório para turistas que cruzam suas ruas em *tuk-tuks* e no famoso elétrico 28, em busca de culinária tradicional e das belas vistas dos mirantes da Graça. E é aqui que vive Felipe Monsanto. (Locução, Episódio 2)

Ainda que, em 2018, o distrito de Lisboa concentrasse 68,9% da população estrangeira residente no país (SEF, 2019), é de se observar que outras regiões do país apresentaram igualmente um crescimento significativo no número de estrangeiros residentes, a taxas que podem ser equiparadas aos distritos que, a exemplo de Lisboa, abriguem um grande número de imigrantes. Destaca-se em especial o crescimento da região Norte como destino, sendo os distritos de Braga, Porto e Viana do Castelo aqueles que apresentaram um maior crescimento do número de residentes estrangeiros quando comparado ao ano anterior – 24,4%, 18,7% e 17,4%, respetivamente. Estas taxas equiparam-se ou são mesmo superiores às dos distritos onde há maior concentração de residentes estrangeiros nos dias atuais, ou seja, Lisboa, Faro e Setúbal – 17%, 12,3% e 12%, respetivamente (SEF, 2019).

Em relação à dimensão sociocultural, observamos que as clivagens de gênero, “raça” e classe social, comumente utilizadas para caracterizar os imigrantes brasileiros em Portugal, também se fazem presentes na série. O discurso verbal dos imigrantes e também o seu estilo de vida denotam a sua pertença às classes mais favorecidas da sociedade brasileira. Isso explica também o porquê nenhuma pessoa negra ou indígena ter sido protagonista nesta série, tendo em vista não ser possível falar de “raça” no Brasil sem falar ao mesmo tempo da classe social. Conforme aponta um relatório do IBGE, a condição de vulnerabilidade econômica e social está mais fortemente presente na parcela da população negra, fazendo com que estas pessoas estejam em posição de “severas desvantagens” (IBGE, 2019b, p. 12) em relação ao resto da população.

E, quando eu percebi que aqui eu conseguia comprar o apartamento de dois quartos num lugar muito simpático, é... Bacana o apartamento, todo reformadinho, é... Por um preço muito mais em conta do que no Rio... Comprei o apartamento que eu amo, que eu adoro morar aqui, com... Super fofo e simpático, onde nós estamos. (Joana, Episódio 2)

Quando eu cheguei, eu tive urgência de providenciar um carro. (...) Vou pro trabalho de carro todos os dias, pago a portagem todos os dias. Estacionamento em Lisboa é caríssimo. (Cristiane, Episódio 4)

Importa ainda destacar mudanças importantes quanto à presença das mulheres na representação do fenômeno. Dos cinco episódios desta primeira temporada da série, dois deles têm como protagonista uma mulher. Também em outro episódio, que fala sobre a experiência de um casal, embora o protagonista seja o homem e não a mulher, percebemos que a intenção de migrar foi da mulher, e que foi o seu companheiro quem decidiu então acompanhá-la.

Vim parar em Portugal por causa da Joana, minha mulher. A gente tinha começado a namorar e ela já tinha um plano de vir morar aqui. (Felipe, Episódio 2)

Notamos, aqui, uma mudança discursiva importante no discurso mediático sobre a imigração brasileira em Portugal. Em Pessar (1999), vemos o quanto as migrações e a figura do migrante pode acabar por ficar confinada a categorias representativas de gênero masculino. A autora explica que, nos Estados Unidos, até há bastante pouco tempo atrás, as migrações possuíam uma conotação exclusivamente masculina, o que fazia com que as mulheres migrantes e as suas histórias fossem invisibilizadas. Esta situação faz com as expectativas em relação ao homem e à mulher migrante fossem completamente distintas. Enquanto ao homem era esperado a integração no mercado de trabalho, o movimento das mulheres migrantes era associado a acompanhar o marido trabalhador e levar consigo os filhos do casal.

4.2.2. Análise sócio-semiótica

No que pode ser considerada uma etapa de pré-análise, foram extraídos e organizados os *storyboards* dos episódios, de modo a que a narrativa visual pudesse ser perspectivada de um ponto de vista mais distanciado, ou seja, por meio de *frames*. A análise destes quadros visuais corresponde ao primeiro dos seis níveis de análise de conteúdos fílmicos e televisivos (Iedema, 2004). Ainda que a imagem em movimento nos tenha levado a uma abordagem metodológica distinta da análise de imagens estáticas, a visualização dos *frames* permitiu elucidar possíveis tendências estilísticas e visuais, tendo este exercício se relevado um importante norteador para a análise de aspetos mais específicos das imagens em questão.

Posteriormente, buscamos situar o conteúdo em diferentes temas. Ao analisarmos todos os episódios, observamos que as falas dos entrevistados podem ser categorizadas em duas categorias segundo uma ordem temporal. A primeira delas diz respeito aos acontecimentos relacionados ao processo de migração para Portugal e contempla a tomada da decisão de emigrar, as estratégias empregadas para lograr este feito, processo de legalização e a avaliação pessoal do processo como um

todo. A segunda categoria está relacionada à vida em Portugal e abrange temas como a adaptação no país, a vida cotidiana, trabalho, equivalência de diploma acadêmico, opções de lazer e uma avaliação dos benefícios de se viver em Portugal. Juntas, as falas pertencentes à essas duas perspectivas revelam quem é o sujeito brasileiro que emigra para Portugal – ou, antes, como ele é construído e representado no discurso mediático.

Aspetos Representacionais

Como já adiantado no capítulo sobre a abordagem metodológica da pesquisa, na série *Portugal pelos Brasileiros*, quase não há cenas que mostrem interação entre os imigrantes entrevistados e outros indivíduos para além de familiares, cônjuges, prestadores de serviços e amigos mais próximos. Com isso, entende-se que a maior parte do conteúdo imagético ali presente é de natureza representativa conceitual, ou seja, visa muito mais caracterizar quem são os imigrantes brasileiros em Portugal do que mostrar em que termos acontece a sua experiência de vida, interação e integração social no novo país de residência.

Seguindo-se para a análise da representação dos participantes humanos, é possível perceber como as categorias sociais se entrecruzam na representação do imigrante brasileiro contemporâneo em Portugal. O recorte étnico-racial presente na série é talvez aquele que, por ser o mais evidente, se projeta com maior força. Observamos que todos os imigrantes brasileiros presentes na série são brancos, não obstante a diversidade étnico-racial ser uma das características mais marcantes da sociedade brasileira. De acordo com o IBGE (2016), é desde 2004 que a composição étnico-racial da sociedade brasileira tem vindo a se alterar de forma significativa, sendo o ano de 2006 aquele que marca o ponto de viragem no qual o conjunto da população autodeclarada parda e preta superou o da população branca (IBGE, 2018). Em 2018, o percentual que computava a população parda no Brasil era de 46,5%, seguido por 43,1% de brancos e 9,3% de pretos (IBGE, 2019b). Não deixa de ser interessante observar como essa representação visual segmentada do imigrante brasileiro em Portugal na série poderá impactar diretamente não só a sua vida social, mas também a dos imigrantes brasileiros que já lá residem.

Conforme revelou Machado (2004), as dinâmicas sociais no interior da comunidade brasileira em Portugal operam segundo o que o autor chamou de jogo da centralidade: os imigrantes brasileiros cujas características físicas e comportamento espelhem os estereótipos sobre o brasileiro cristalizados na sociedade portuguesa detêm posições de destaque em estruturas sociais hierárquicas mesmo dentro da própria comunidade brasileira. Na sociedade portuguesa, essas representações sociais suportaram

aquilo que o autor chamou de “identidade-para-o-mercado” (Machado, 2004, p. 4) por serem desprovidas de base histórica e serem reduzidas às demandas do mercado português sobre os imigrantes brasileiros. É devido a essa circunstância que Machado (2004, p. 11) alegou que, na sociedade portuguesa, existe um processo de “reversão da hierarquia racial brasileira” que tem regido a sociedade brasileira desde fins do século XIX: os negros e pardos estão a ganhar visibilidade social, justamente por serem assimilados às categorias sociais em vigência e por assim se poder traçar expectativas sobre eles. O que as imagens da série nos mostram, contudo, faz-nos indagar se essa alegada “reversão” estará mesmo a acontecer, ou se o que está a proceder é o surgimento de novas estruturas representacionais além dos estereótipos convencionalizados na sociedade portuguesa.

Por outro lado, sabemos que não é possível falar de relações étnico-raciais no Brasil sem adentrar o terreno das disparidades sociais que se entrecruzam neste debate, o que nos motivou a analisar também o estatuto social percebido dos imigrantes representados na série. Esse indicador foi inferido segundo diversos marcadores percebidos, cujo cruzamento permitiu leituras transversais. A esse respeito, ainda que possa haver diferenças entre os imigrantes representados na série, observamos que estes indivíduos possuem um estatuto social médio a elevado. Somente a classe econômica destes sujeitos – que, mesmo residindo em Portugal há escassos meses, adquiriram um imóvel próprio e outros bens de comodidade, como viaturas – faz com que o seu estatuto social seja significativamente distinto daquele dos imigrantes brasileiros da segunda vaga migratória, para os quais a migração para Portugal envolveu um grande investimento inicial – chegando a comprometer, em alguns casos, uma poupança de anos ou o auxílio familiar para as despesas com passagens aéreas e questões burocráticas (Padilla et al., 2015). Outros indicadores reforçam essa posição, como, por exemplo, a profissão, a residência em zonas geográficas de estatuto social elevado e o estilo de vida, nomeadamente atividades do tempo livre. Por outro lado, é interessante observar, contudo, que os indicadores que poderiam induzir um menor estatuto social percebido dos participantes na série são compensados tanto por meio de estratégias visuais quanto pela menção explícita de outros indicadores que apontam para um estatuto social mais elevado.

Tratando-se dos aspetos compositivos, ainda que os imigrantes na série possam ter estatutos sociais variados, o fato de a composição imagética estabelecer uma relação entre os vários imigrantes ali presentes, seja por fazerem parte do contexto mais amplo da série ou por técnicas filmicas como o enquadramento conjunto ou a falta de indicadores visuais que os separem, faz com que sejam percebidos como indivíduos que estão conectados entre si e pertencem a um mesmo grupo social (Kress & van Leeuwen, 2006). Não é possível concluir, contudo, se é apenas uma parcela dos imigrantes

brasileiros que está a ser representada na série ou se a comunidade brasileira em Portugal é, de facto, segmentada como a série nos apresenta. Um dos maiores entraves que não permite ir além dessa dúvida é a inexistência de dados estatísticos referentes a diversos parâmetros sobre as comunidades migrantes em Portugal, dentre os quais encontra-se a questão étnico-racial.³⁴ Essa é uma componente também ausente na pesquisa censitária nacional em Portugal, o que tem movimentado o debate sobre todas as questões de origem social e cultural que o fato impõe. Embora o tema tenha vindo a ganhar reconhecimento e importância a nível governamental com a criação *do Grupo de Trabalho Censos 2021 – questões étnico-raciais* em 2018, mudanças efetivas poderão ainda demorar a aparecer, uma vez que estudar o tema no contexto português é também caminhar por veredas nem sempre fáceis de serem percorridas, como a consciência histórica e a memória social. No que tange os imigrantes, essa ausência vem reforçar não só as dificuldades na legitimação e promoção das suas origens e práticas culturais, mas também os entraves que a falta de dados sobre a questão impõe no desenvolvimento de ações e políticas públicas que respondam aos cenários de discriminação sofridos por estes sujeitos.

Já no recorte de gênero, observamos que seis imigrantes protagonistas da série são homens e sete são mulheres. Diante de um fenômeno que, de acordo com Assis, L. M. da Silva e Federico (2016), tem sido representado como majoritariamente masculino, observar a presença das mulheres enquanto protagonistas na série permite entender os contornos discursivos com os quais se tem dado a sua representação nos média.

Segundo Pinho (2007), durante a primeira vaga migratória, pouco ou nada se falava sobre as migrantes brasileiras, que apareciam em posição de coadjuvantes na migração laboral de seus cônjuges. A sua presença nos meios de comunicação só se daria com maior regularidade na segunda vaga migratória, que, de acordo com França e Padilla (2018), marca o início da feminização da imigração brasileira em Portugal, um momento histórico que também vem a romper com a predominância do perfil masculino que ainda perdurou até o início do novo milênio (Assis, L. M. da Silva & Frederico, 2016). Ainda assim, muitas vezes, à migrante brasileira é associado o estereótipo da mulher hipersexualizada e ligada ao “mercado do sexo” (Assis, 2017, p. 226), uma herança reforçada por diversos fatores - dentre eles, segundo apontam Iorio e Souza (2018), a interpretação dos portugueses sobre os produtos culturais brasileiros exibidos em sua programação televisiva em décadas anteriores. Na série em questão, vemos a migrante brasileira que não só assume uma posição de destaque na caracterização do fenômeno, mas a quem é dada voz para narrar o seu percurso migratório em primeira pessoa. Ainda que estejam

³⁴ Nos limitamos a usar a mesma designação presente no debate sobre o tema na esfera governamental, nomeadamente no Despacho no. 7.363/2018, que institui a criação do *Grupo de Trabalho Censos 2021 – questões étnico-raciais*.

inseridas em um contexto familiar, já aparecem em outras dinâmicas sociais na esfera pública, como a profissional e social. Além disso, as posições de trabalho em que se inserem são mais qualificadas, o que chama a atenção para possíveis transformações nas estratégias de inserção laboral adotadas pelas imigrantes brasileiras em Portugal.

De modo a aprofundar a nossa análise nesta dimensão, como já referido na apresentação da abordagem metodológica da pesquisa, ainda no âmbito das estruturas representativas, selecionamos ainda o grupo etário percebido como outro ponto a ser analisado. O grupo etário mais representativo da segunda vaga migratória era o dos 20 aos 30 anos, em igual proporcionalidade entre homens e mulheres (Padilla et al., 2015), o que condizia com o seu caráter laboral. Na série, inferimos que os imigrantes se encontram em grupos etários mais elevados, em um intervalo que vai dos 35 e os 55 anos, também não havendo grandes discrepâncias observadas entre homens e mulheres.

Essa mudança está alinhada com o que nos revelam os dados estatísticos sobre a grupo etário mais representativo em relação ao total de imigrantes que chegaram a Portugal em 2018. De acordo com o SEF (2019), as faixas etárias mais representativas foram a dos 30 aos 39 anos para as mulheres e dos 25 aos 34 anos para os homens. No caso dos imigrantes brasileiros, ao cruzarmos essas estatísticas com o perfil dos imigrantes representados na série televisiva analisada, entende-se que a questão vai além de uma mudança estatística. A mudança do grupo etário mais representativo poderá indicar que já são outras as razões que levaram estes novos imigrantes brasileiros a Portugal, e não mais somente as questões econômicas e de natureza familiar (Padilla et al., 2015) dos imigrantes da vaga migratória precedente. Ao verificarmos a justificativa da emissão de autorizações de residência ao longo de 2018, observamos que, para além da atividade profissional, têm vindo a aumentar o número de pedidos deferidos para fins de estudo e investimento (SEF, 2019), sendo indicadores como esses preciosos para compreender o caso brasileiro na atualidade.

Aspetos Interacionais

Entendidos os fatores representacionais, seguimos com a análise das imagens em seus aspetos interacionais. De modo geral, os participantes representados direcionam o seu olhar, na maior parte do tempo, para um possível entrevistador ou entrevistadora *in loco*, que estaria localizado ao lado da câmara no momento da gravação dos depoimentos dos imigrantes. Contudo, em alguns momentos pontuais, e sobretudo naqueles em que é mostrado o imigrante em atividades do cotidiano da sua vida em Portugal, o olhar dos participantes representados se voltam diretamente para a câmara. Como já referido na

abordagem metodológica, de acordo com Kress e van Leeuwen (2006, p. 89), o olhar direto do participante representado para a câmara consiste em uma “forma visual de endereçar diretamente” (p. 117) o visionador que faz com que se estabeleça entre os dois um contato direto, ainda que seja essa uma “relação imaginada” (p. 89).

No que tange a aproximação da câmara que se refere, de acordo com Kress e van Leeuwen (2006) à distância social entre o que é representado e o visionador, concluímos que não há um padrão definido para a utilização do recurso do plano aproximado ao filmar os imigrantes. Quando ele de fato ocorre, a intimidade gerada pelo plano aproximado, algo já mapeado nos estudos sobre filmes e televisão (Kress & van Leeuwen, 2006), não acontece somente nos momentos em que os imigrantes estão a dar o seu relato, mas também em diferentes momentos do seu cotidiano, o que nos faz concluir que é almejada uma aproximação com os aspectos da vida cotidiana em adição ao que efetivamente está a ser relatado. Essa proximidade também pode ser entendida como uma estratégia de elaboração que visa, pela repetição e/ou reafirmação, aprofundar o conhecimento do visionador sobre quem está a ser representado (Kress & van Leeuwen, 2006; van Leeuwen, 2005). Por meio da filmagem em close-up, as conhecidas *talking heads*, as distâncias sociais são reduzidas, transmitindo-se assim uma ideia de igualdade entre o participante representado e o visionador (Fairclough, 1995). Assim, sugere-se ainda que o visionador tenha um conhecimento aprofundado sobre o que lhe está a ser mostrado, por sair de uma dimensão mais impessoal para adentrar espaços subjetivos em âmbitos mais privados (Fairclough, 1995). Com isso, pode-se dizer que os planos aproximados e em close-up são utilizados como uma técnica que almeja uma aproximação entre o visionador e o participante representado, buscando-se fomentar um sentimento de empatia junto a esses migrantes.

No que diz respeito ao ângulo da câmara, observamos que, salvo nas cenas em que são filmados em diversos momentos do seu cotidiano, os imigrantes dão o seu depoimento em uma posição de frente para a câmara e ao nível do olhar do visionador. No caso específico que analisamos, ressaltamos duas consequências de se posicionar o imigrante desta forma e que são explicadas por Kress e van Leeuwen (2006). Em primeiro lugar, essa escolha dota os participantes representados de uma autonomia simbólica que faz ser possível que eles sejam transportados para outras locações e contextos sem perder as suas características identitárias percebidas. Esse fato requer o estabelecimento de um conjunto de informações que lhes são associadas de modo a que possam ser reconhecidas em diferentes contextos. Já a segunda consequência tem a ver com o ponto de vista do visionador, uma vez que o ângulo em perspectiva central sugere que o significado atribuído ao imigrante é compactuado entre o produtor do conteúdo exibido e o visionador da série (Kress & van Leeuwen, 2006), geralmente apresentado atributos

que avaliados de forma positiva pelos visionadores (Mota-Ribeiro, 2010). Embora esse último ponto possa suscitar a ideia de que não há liberdade interpretativa dos visionadores quanto à forma com a qual os imigrantes são conjeturados, os estudos de receção e de média no âmbito dos Estudos Culturais têm vindo a propor novas apreciações sobre o tema. Um exemplo disso é a contribuição de Hall (1980/2005) que fala sobre as três posições a partir das quais é possível descodificar o conteúdo mediático, indo-se daquela que concorda com os discursos dominantes para aquela em que há uma maior liberdade interpretativa, na qual a mensagem é assimilada segundo códigos individuais que são usados como alternativa aos discursos hegemônicos. Com base nessa linha de pensamento, embora a codificação do conteúdo estabeleça alguns parâmetros segundo os quais a interpretação será embasada (Hall, 1980/2005), o visionador é também uma instância ativa na construção do sentido da mensagem e, conseqüentemente, do conhecimento que a mensagem mediática pretende edificar.

No que se refere à modalidade, a conjugação destas nuances em escalas que são culturalmente convencionalizadas faz com que o conteúdo possa ser percebido como mais ou menos real, ou mais ou menos abstrato, por exemplo. Ao longo dos episódios da série, observam-se poucas manipulações digitais ao nível da iluminação e da cor, reforçando a ideia de que o conteúdo pretende se apresentar uma exata reprodução da realidade - uma codificação da imagem do tipo naturalista que, segundo Kress e van Leeuwen (2006), é dominante nas sociedades ocidentais contemporâneas e também nos conteúdos de teor documental. Ainda assim, alguns aspetos desta vertente naturalista podem ser olhados de forma crítica. Na série televisiva que analisamos, a iluminação contribui para a criação de uma atmosfera primaveril, embora não haja qualquer menção sobre a altura do ano em que as filmagens foram realizadas. Segundo Kress e van Leeuwen (2001), as estações do ano carregam sentido cultural e estão organizadas discursivamente. No caso em que analisamos, não obstante as diferenças meteorológicas entre os dois países, e que são muitas vezes apontadas pelos imigrantes como um dificultador do processo de adaptação naquele país (cf. Posch & Cabecinhas, 2020c), o que aparece nos episódios são dias claros e ensolarados que destacam as cores fortes e vibrantes das cidades.

Tratando-se do aspeto do diálogo, em perspetiva sequencial, é possível perceber que a sequência de imagens não obedece a uma lógica de *storytelling*, mas ilustra o que está a ser verbalizado pelo entrevistado em *voice-over*. Sendo assim, o que vemos são recortes previamente selecionados e editados da vida do imigrante em Portugal, ao invés de uma narrativa sequencial sobre a sua experiência migratória. Mais do que a história, o que o conteúdo nos dá a conhecer são pequenas parcelas da sua

experiência migratória bem-sucedida³⁵ e a vida como imigrante em Portugal no que diz respeito ao trabalho, ao ambiente familiar e às opções de lazer. Essas escolhas, que são feitas pela equipa de produção e não pelo entrevistado, são atravessadas por motivações de cunho ideológico e social que ultrapassam esses conteúdos mediáticos específicos, valendo-se da autoridade do lugar de fala (D. Ribeiro, 2017) daqueles que são os protagonistas no assunto para ganharem o selo de autenticidade (Fairclough, 1995). Não obstante, a transição entre as cenas é feita de forma rápida, técnica comumente utilizada para se conseguir um fator de ação e excitação face ao tema exibido (Fairclough, 1995).

Já no que tange a coesão dialética, ela acontece por intermédio do uso de quatro trilhas semióticas distintas: a imagem visual, a linguagem escrita, a fala dos imigrantes e a trilha sonora. A fala é a trilha dominante, sendo ela aquela que rege todos os demais recursos semióticos. Importa destacar, ainda, o papel da trilha sonora escolhida para estes episódios. Essa atenção ao aspeto sonoro é crucial porque, não obstante a pouca atenção da academia a esse recurso semiótico (F. R. de Oliveira, 2016), a modalidade sonora também direciona a interpretação do conteúdo em questão. Os sons, nesse sentido, apelam a uma apreciação sensitiva (F. R. de Oliveira, 2016) e, no caso da série, a trilha musical segue a orientação da codificação do tipo sensorial, o que quer dizer que visa o impacto emotivo que os parâmetros musicais percebidos irão causar no visionador (van Leeuwen, 1999). O fado cantado com o sotaque português se faz presente com músicas em tons mais graves e lentos no início dos vídeos. No episódio um, por exemplo, ouvimos a cantora portuguesa Ana Moura a cantar o seu *Desfado*, em que se diz “quer o destino que eu não creia no destino/e o meu fado é nem ter fado nenhum”. Já no episódio quatro, ouvimos a sua conterrânea Gisela João a cantar os versos de *Meu amigo está longe*, especificamente “meu amigo está longe/e a distância é tão grande”. Essa atmosfera vai, aos poucos, progredindo com outras canções em tom mais agitado e agudo, já se encaminhando para o fechamento dos episódios. Sendo assim, à medida que o entrevistado avança com sua fala, a trilha mostra-se mais alegre e agitada, sobretudo quando ocorrem falas otimistas dos imigrantes.

³⁵ Ressaltamos este pormenor tendo em vista que, de um modo geral, ainda são poucas as notícias nos meios de comunicação no Brasil que abordam as dificuldades vivenciadas pelos imigrantes brasileiros em Portugal em seu processo migratório, a exemplo de R. Ribeiro (2018) e Marmo (2019).

5. RELATOS DE IMIGRANTES BRASILEIROS EM PORTUGAL

5.1. Considerações iniciais

Sempre amei histórias, mas quem não ama? Infinitas em números, as histórias crescem continuamente dentro e ao nosso redor, e pode ser por isso que elas parecem estar conosco onde quer que vamos. Algumas nos capturam com suas mentiras, outras nos chocam com suas verdades, e outras ainda nos inspiram imensamente com sua coragem. Não importa as miríades de cores e nuances, todas as histórias são fios luminosos que nos tecem para dentro da tapeçaria da vida, filamentos vibrantes que trazem nosso mundo à existência e depois o desfaz. (Gagliano, 2018, posição 117)

Antes de apresentarmos os resultados e a análise das entrevistas com os imigrantes, cabe esclarecer alguns pontos sobre a realização desta pesquisa empírica. O primeiro deles é o de que as entrevistas foram abordadas como momentos de conversa, sendo que esse posicionamento permitiu a emergência de conteúdos que, talvez de outra forma, não teriam surgido. De acordo com Ferrarotti (2003), o uso dos métodos científicos como uma metodologia rígida e dura, um “formalismo científico” (Ferrarotti, 2003, p. 2003, p. xii) sem sensibilidades para as oscilações que são naturais a cada pesquisa empírica, é resultado de uma falta de consciência histórica sobre os mesmos. Isso faz com que a preocupação exacerbada com a rigidez do método diminua, paradoxalmente, a sensibilidade do investigador para o objeto de pesquisa e as suas questões fundamentais.

Olha, foi um prazer conversar com você. Você desculpa eu me alongar tanto. Mas, querendo ou não, essa entrevista é até uma oportunidade de a gente poder desabafar e conversar com alguém que tá livre de questionamento e de qualquer tipo de posição. Basicamente, você tem a liberdade de você falar o que você precisa falar, sem ser taxado. Então, com sinceridade, eu faria essa entrevista mais umas quarenta vezes. (Gilberto, #20)

Além da abordagem metodológica por meio da qual os dados seriam coletados, uma questão que esteve em constante discussão na etapa de esboço da pesquisa foi a indagação sobre a orientação analítica para a apreciação dos relatos coletados. Nesse quesito, houve uma preocupação sempre presente de não submeter os relatos às teorias que já foram esboçadas para o caso da imigração brasileira em Portugal. Ainda que a literatura científica sobre o caso dos imigrantes brasileiros em Portugal seja abundante, resultando em diferentes teorias já amplamente estudadas sobre esse caso em particular, consideramos ser incongruente com o objetivo de nossa pesquisa embasar a análise em tais teorias, quando a pesquisa em curso visava, justamente, abrir um espaço subjetivo e simbólico no qual novas narrativas sobre a migração destes sujeitos pudessem nascer. Essa contradição tornava-se ainda mais exacerbada conforme se ia constatando, pela revisão bibliográfica (cf. França & Padilla, 2018; Fernandes, Peixoto & Oltramari, 2021) e pelos dados empíricos, que o fluxo migratório que tem se configurado desde os últimos anos possui características distintas da primeira e da segunda vaga

migratória. Diante dessa questão, a abordagem *Grounded Theory* revelou-se adequada, por entender que a coleta e a análise dos dados caminham em caminhos simultâneos, permitindo assim adaptações no instrumento de coleta de dados de modo a extrair informações mais precisas sobre questões que se mostrem mais prementes. Neste sentido, o olhar para o campo esteve muito mais orientado para entender as situações recorrentes - ou os “ambientes problemáticos”, para se usar o termo de Ferrarotti (2003, p. xvi) - que surgiam a partir das experiências dos imigrantes, do que adaptar as suas vivências à padrões de interpretação que carregam consigo um respaldo histórico estereotipado. Por se tratarem de uma fonte de conhecimento tão rica quanto as Histórias de Vida, entendemos que uma análise orientada por ideias e conceitos pré-definidos sobre a imigração brasileira em Portugal, seria, de certa forma, uma espécie de violência subjetiva que faria com que os relatos estivessem sempre a ser filtrados pelo passado - um filtro que, ao nosso entender, os reduziriam a simples categorias e limitariam o seu potencial. Dessa forma, embora as teorias prévias possam apontar áreas e pontos que merecem a atenção do investigador, elas também, de certa forma, limitam o vasto campo de possibilidades de interpretação face àquelas que são previamente instituídas. Sendo a fuga do discurso dominante e a abertura de um espaço social para o relato dos imigrantes um aspecto tão caro à pesquisa, entendemos ser este posicionamento de igual valor para a etapa de análise.

Quando se trata de analisar Histórias de Vida, a análise deve fazer emergirem as áreas problemáticas do fenômeno social que é objeto do relato (Ferrarotti, 2007). Elas podem ser definidas como o cruzamento dialético, a “reciprocidade condicionante”, entre três diferentes dimensões (individual, cultural e histórica) que se encontram na experiência individual. Essa perspectiva esclarece que o objetivo da análise de um relato de vida não deve ser a extração de todos os significados que ele possa conter, mas sim apenas aqueles que são pertinentes à pesquisa e que possam contribuir, de alguma forma, para a compreensão das questões que a investigação busca responder (Bertaux, 1997/2005). Estes dados pertinentes são abordados então como "indícios" (Bertaux, 1997/2005, p. 78), que podem ser encontrados ao longo dos relatos e remetem para diferentes níveis que constituem a realidade da vida do imigrante. Foi esse o entendimento que direcionou a análise das entrevistas realizadas com os imigrantes brasileiros nesta pesquisa, de modo que os resultados aqui apresentados refletem descobertas que contribuem para a compreensão de aspectos em um espectro mais amplo.

Por razões de orientação da pesquisa, as histórias de vida não são aqui apresentadas individualmente, o que em nada diminui o seu valor e riqueza. Em seu lugar, são apresentados trechos que ilustram o conhecimento que nasceu com estas conversas e os relatos dos imigrantes sobre a sua própria experiência migratória. De modo a não comprometer a boa leitura do texto, esses fragmentos

foram associados ao nome fictício e ao ID da entrevista do imigrante em questão, sendo sempre possível consultar a tabela de entrevistados que se encontra como um apêndice deste trabalho para a consulta de mais informações sobre cada um dos imigrantes que participaram da pesquisa. Além disso, de modo a tornar o conhecimento inteligível e organizar informações que, dado a própria natureza do método de coleta utilizado, iam surgindo em diferentes momentos e sob diferentes formas em cada entrevista, os resultados consolidados da análise foram organizados segundo os diferentes momentos da trajetória do sujeito que migra: o passado, o presente e o futuro. Na categoria “passado”, foram incluídas análises relativas às opiniões, percepções e sentimentos relacionados a experiências passadas, em um espectro que vai desde a vida no Brasil antes de migrar às primeiras impressões do novo país. Em “presente” encontram-se todas as questões relacionadas, sobretudo, à vida em Portugal e a tudo o que isso envolve, como as rotinas cotidianas, as opções de lazer, as experiências profissionais e as dinâmicas sociais. Não menos importante, em “futuro”, foram incluídas considerações sobre a visão dos imigrantes sobre o seu próprio futuro de médio ou longo prazo.

Antes que se prossiga com a leitura da análise dos dados, convém, contudo, pontuar alguns aspectos que envolveram a pesquisa e que se considerou relevante de serem aqui apresentados. Corroborando com a perspectiva de Ferrarotti (2003, p. 27) de que a entrevista de cunho biográfica não é apenas um momento de interação unilateral, mas sim uma “microrelação social”, todo o planejamento da pesquisa empírica que envolve a realização de entrevistas deste teor deve ter em consideração não só as temáticas a serem abordadas, mas também os participantes (Warren, 2012) e toda a massa subjetiva que carregam consigo e que os define. Explorar estas diferentes facetas que estiveram presentes no momento da realização de entrevistas é fundamental, uma vez que o conhecimento pode ser encontrado tanto nas experiências subjetivas quanto no gerenciamento das identidades que se fazem presentes no momento de uma interação social (Lillrank, 2012). Neste sentido, são aqui apresentados alguns aspectos e contextos na realização da pesquisa empírica com os imigrantes brasileiros que se considerou relevantes de serem realçados, no sentido de contribuir com mais uma camada de análise para o estudo do caso analisado.

Inserindo-se nessa discussão, é aqui ressaltado o fato das entrevistas com os imigrantes brasileiros terem sido realizadas por uma pessoa que, assim como eles, também era uma imigrante proveniente do Brasil. Não se pode evidenciar o quanto este contexto influenciou os relatos dos imigrantes entrevistados, mas é provável que possa ter contribuído para uma maior liberdade dos entrevistados em suas colocações, sobretudo no que diz respeito às situações de discriminação e xenofobia relatadas, bem como suas opiniões pessoais sobre a cultura portuguesa. Além disso, houve momentos onde esteve

perceptível um sentimento de cumplicidade e identificação dos entrevistados com quem os entrevistava, marcado por frases como “você também deve ter passado por isso”, “como você sabe” ou “como você já está aqui há mais tempo”. Entende-se que esses são indícios de uma momentânea despersonalização individual do próprio discurso, um processo no qual a experiência - que é, por natureza, singular e individual - é associada à uma dimensão coletiva do grupo social de referência.

(...) acho que você também já tenha alguma experiência aqui. (João, #02)

(...) você que sabe melhor do que a gente. (Roberto, #12)

Você sabe perfeitamente que a vida imigrante é assim. (Rosa, #14)

A esse respeito, importa referir que, em muitos dos relatos, foi possível observar que os entrevistados ora posicionavam a sua experiência dentro de uma esfera particular e individual, ora a inseriam em uma dimensão generalista e coletiva sobre a imigração brasileira em Portugal. Com isso se quer dizer que, quando relatavam situações específicas, os imigrantes recorriam à um discurso coletivo dominante para justificarem as situações pelas quais passaram, ou mesmo as percepções que tiveram. Essa é uma situação comum em entrevistas deste teor, entendendo-se as narrativas como ferramentas de mediação psicológica por meio da qual um indivíduo interpola as dimensões individual e coletiva da construção de sua identidade (Goméz-Estern & Benítez, 2013). No entanto, ainda que essa situação já fosse esperada - Bertaux (1997/2005) já alertara para o possível direcionamento do relato pessoal para a caracterização de uma experiência coletiva quando há a menção explícita de uma categoria social, neste caso, os imigrantes brasileiros - foi interessante observar que a mudança da perspectiva individual para a coletiva não era aleatória. Enquanto alguns entrevistados utilizavam-se dessa estratégia vocativa para, talvez, se “camuflarem” na coletividade, possivelmente não reconhecendo o valor do seu relato individual, outros a usavam como forma de se destacarem dela, chamando a atenção para o fato da sua experiência ser destoante do que é comum às narrativas hegemônicas sobre o fenômeno. O entrevistado Rafael, por exemplo, disse que, possivelmente, ele seria o *outlier* do *corpus* da pesquisa por não ter vivenciado nenhuma experiência de discriminação em Portugal.

Outro aspeto que pode ter influenciado no resultado que aqui será apresentado é o fato da entrevistadora ter sido uma mulher. Segundo McKeganey e Bloor (1991), a crença cultural sobre o papel do homem e da mulher em um contexto social tem um impacto significativo - e, frequentemente, subestimado - nos dados coletados em uma pesquisa de campo. Pini (2005) corrobora a visão dos referidos autores e, ainda que sem realizar uma revisão conceitual necessária entre os dois termos, refere que o sexo e o gênero do entrevistador é um fato que pode vir a influenciar todo o processo de

entrevista, sobretudo quando nela se propõe que sejam abordados temas privados ou delicados do ponto de vista político.

As circunstâncias aqui referidas contribuíram tanto para, em alguns casos, diminuir as distâncias sociais existentes no momento das entrevistas quanto para, em outros, alargá-las. Convém ainda que não se desconsidere as diferentes hierarquias sociais presentes durante cada entrevista, manifestadas na figura do pesquisador cancelado por uma instituição acadêmica e o entrevistado, que, segundo Bertaux (1997/2005), embora tenha um conhecimento valioso, responde ao propósito maior que é o objetivo da pesquisa científica em questão. Cientes desta situação, a preocupação em encurtar distâncias era constante, no sentido de, como menciona Ferrarotti (2007, p. 27), amenizar as assimetrias culturais, o que acuradamente chamou de “‘saltos' da estratificação social”.

5.2. Caracterização da amostra

Participaram neste estudo 25 imigrantes, 17 mulheres e oito homens. No que diz respeito à idade dos entrevistados, os grupos etários dos 25 aos 29 anos e dos 30 aos 34 anos são os dois mais representativos na amostra, com cinco e seis imigrantes, respetivamente. Outros cinco entrevistados estavam no grupo dos 35 aos 39 anos, um no dos 40 aos 44 anos, quatro no dos 45 aos 49 anos, dois no dos 50 aos 54 anos e um no dos 55 aos 59 anos.

Quanto ao estado civil, 13 entrevistados – ou seja, mais da metade da amostra - correspondia a pessoas casadas. Alguns dos imigrantes entrevistados declararam, inclusive, terem se casado pouco tempo antes da migração para Portugal, sendo esse considerado por eles um movimento estratégico que facilitaria a regularização do cônjuge no novo país. Dentre os demais entrevistados, três declararam estarem em um relacionamento não documentado, quatro em união estável, quatro se declararam solteiros e um se declarou divorciado. Dentre os 20 imigrantes que declararam possuir cônjuge, fosse em uma relação oficializada ou não, 15 declararam que os seus cônjuges se encontram também em Portugal, sendo que apenas um deles é de nacionalidade portuguesa. Dos restantes cinco imigrantes que declararam que seus cônjuges se encontram ainda no Brasil, quatro são mulheres.

No que diz respeito às habilitações literárias, 19 entrevistados – portanto, a maioria - encontrava-se, na altura da pesquisa, cursando algum curso, sendo seis em pós-graduação concluída, dois em doutoramento, uma especialização e um mestrado, o que totaliza 13 imigrantes estudantes. Além destes, uma pessoa cursava o ensino profissionalizante, enquanto outras duas possuíam o ensino médio completo e três possuíam o ensino superior completo. Todos aqueles que estavam a cursar algum curso

estavam a fazê-lo em instituições de ensino portuguesas.

No que se refere ao ano da migração, mais da metade dos entrevistados migrou entre 2019 e 2020 - 11 e cinco entrevistados, respetivamente -, um imigrante migrou 2016, três em 2017 e cinco em 2018. Sobre o local de residência no país de origem na altura da emigração, ao nível regional, observa-se que a região Sudeste brasileira continua a apresentar um protagonismo no fluxo estudado. Já a região Sul, que também concentrava um lugar de destaque na vaga migratória precedente (Góis & Marques, 2015) cede espaço para região Nordeste e para a região Norte, esta última a residência de 18,8% dos imigrantes da segunda vaga (Góis & Marques, 2015). Em nível estadual, seis Estados brasileiros eram residência de mais da metade dos imigrantes brasileiros da segunda vaga. Minas Gerais e São Paulo destacam-se por concentrarem 20,7% e 16,5% deste contingente, respetivamente (Góis & Marques, 2015). Em relação ao Distrito de residência em Portugal na altura da entrevista, oito imigrantes residiam em algum concelho de Braga, cinco em Aveiro e quatro no Porto. Viana do Castelo e Vila Real vêm na sequência, sendo cada um desses distritos a residência de três dos imigrantes entrevistados. Também foram entrevistadas uma pessoa que residia Bragança e uma outra em Viseu.

Apresentamos, a seguir, uma versão resumida dos dados quantitativos de cada entrevistado. Uma versão mais detalhada desta tabela foi incluída como um apêndice deste trabalho.

#	Nome Fictício	Idade	Distrito de Residência	Ano de Migração
01	Maria	39	Aveiro	2019
02	João	27	Porto	2018
03	Rafael	57	Viana do Castelo	2020
04	Carla	28	Vila Real	2020
05	Julia	45	Braga	2019
06	Luciana	48	Vila Real	2017
07	Marcelo	36	Porto	2019
08	Bernardo	38	Porto	2019
09	Renata	53	Braga	2019
10	Beatriz	47	Braga	2018
11	Eduardo	26	Viseu	2019
12	Roberto	45	Viana do Castelo	2018
13	Denise	44	Aveiro	2019
14	Rosa	31	Aveiro	2019
15	Gisele	25	Bragança	2018
16	Amanda	31	Braga	2017
17	Ana	37	Braga	2020
18	Vera	26	Vila Real	2019
19	Mariana	32	Aveiro	2016
20	Gilberto	36	Braga	2020
21	Gabriela	35	Braga	2020
22	Carmen	47	Viana do Castelo	2019
23	Luisa	53	Aveiro	2017
24	Diogo	31	Porto	2018
25	Teresa	31	Braga	2019

Tabela 2: Lista de entrevistados (versão resumida)

Embora esta não seja uma pesquisa de caráter representativo, a partir da caracterização da amostra que aqui apresentamos, podemos traçar algumas comparações com os dados sobre o perfil dos imigrantes brasileiros que constatamos com aquele que encontramos na literatura e nos relatórios estatísticos sobre as vagas migratórias precedentes. No que se refere ao sexo, ao nos depararmos com a participação na pesquisa de mulheres muito maior do que de homens, é possível que um dos motivos que poderá ter gerado essa desproporcionalidade tenha alguma relação com o fato da entrevistadora ser mulher. De acordo com Pini (2005), o sexo do entrevistador é um fato que pode vir a influenciar no processo de entrevista, sobretudo quando nela se propõe que sejam abordados temas privados ou delicados do ponto de vista político.

Por outro lado, ainda que a amostra desta pesquisa não seja representativa, esse cenário está em sintonia com a tendência de feminização do fluxo migratório do Brasil para Portugal que é observada desde a segunda vaga. Cabe recordar que a presença feminina na primeira vaga migratória era coadjuvante, ou seja, a sua migração era entendida não como um movimento autônomo, mas sim como acompanhando a migração masculina. Foi somente a partir da segunda vaga migratória em que, acompanhando uma tendência em nível internacional, é possível observar o surgimento de uma crescente feminização deste fluxo migratório. Não obstante, há indícios de que essa situação poderá vir a mudar em um futuro breve. Isso porque, ainda que o fluxo de mulheres brasileiras seja maior do que o de homens, essa é uma diferença que tem vindo a diminuir desde 2014. Em 2013, essa diferença era de 21% (SEF, 2014), enquanto que, em 2020, ela já havia descido para a marca dos 4% (SEF, 2021).

Sobre a variável da idade, importa referir uma tendência de densificação dos grupos etários com idades mais avançadas. Essa situação destoa da segunda vaga, na qual o terceiro grupo mais representativo era o dos 20 aos 24 anos, e não o dos 35 aos 39 anos, como vemos em nossa pesquisa. É interessante observar ainda que o fluxo de migração de pessoas com mais idade também se espelhou na amostra desta pesquisa, representado pelas cinco pessoas que figuram no grupo etário dos 45 aos 49 anos. Cabe lembrar que este grupo etário correspondia a apenas 7% dos imigrantes da segunda vaga (Padilla et al., 2015). Na amostra desta pesquisa, este grupo etário é composto todo ele por pessoas casadas, maioritariamente mulheres, com filhos e provenientes da região Sudeste e Nordeste do Brasil. Todos aqueles que estavam empregados alegaram estarem a trabalhar na sua área de formação. Ainda que não se possa fazer afirmações com dados que não são representativos, não deixa de ser interessante observar como estas configurações amostrais podem apontar para mudanças ao nível do perfil do imigrante brasileiro em Portugal nos últimos anos e que tem os seus reflexos nas motivações para o projeto migratório, nas trajetórias e nas próprias experiências vivenciadas por esses sujeitos.

Sobre o local de residência no Brasil de onde emigraram, são diversas as possibilidades que aqui podem ser conjecturadas para explicar os dados de nossa amostra. Em primeiro lugar, as mudanças aqui observadas têm relação direta com as mutações observadas no perfil migratório dos imigrantes da segunda vaga para aqueles que migraram nos últimos anos. Por outro lado, como visto em Góis e Marques (2015), a migração interna em nível interestadual prévia à migração para Portugal era uma realidade para 72% dos imigrantes da segunda vaga, o que permite indagar se a parcela de imigrantes que saem do Rio de Janeiro e de São Paulo não será de brasileiros com um histórico de migração interestadual de outro estado da região Sudeste - um dado que não foi possível confirmar com as informações que emergiram nas histórias de vida, mas que poderão ser investigadas em pesquisas futuras. Adicionalmente, as variáveis de dimensão internacional não podem ser esquecidas e ajudam a entender algumas mudanças que se observam nestes dados em relação ao que fora registado em períodos históricos anteriores. O lugar de destaque assumido por Minas Gerais e Paraná, por exemplo, dentro das regiões às quais pertencem, pode ser entendido como uma continuidade na reorientação de outros fluxos migratórios que antes eram significativos nestes dois Estados e que, de acordo com Barbosa e Lima (2020), costumavam ser aqueles de maior peso no fluxo de brasileiros para o Japão e para os Estados Unidos. Essa reorientação, contudo, não é inédita, uma vez que já tem acontecido ao longo das últimas décadas. Segundo Góis e Marques (2015), brasileiros provenientes de Minas Gerais e Paraná já representavam a origem de 20,7% e 8,9%, respectivamente, dos brasileiros da segunda vaga migratória de brasileiros para Portugal.

Não menos importante, o ano de migração também é um dado que chama a atenção. Ainda que os dados estatísticos mostrem um decréscimo de 13,4% no número de entrada de brasileiros em Portugal no ano de 2020 em relação ao ano anterior (SEF, 2021), é importante ressaltar que essa nacionalidade ainda representava o segundo grupo mais volumoso nas entradas documentadas de estrangeiros no país naquele ano. Esse cenário faz com que seja preciso ponderação ao interpretar afirmações que aleguem que a pandemia da COVID-19 veio a fazer com que o fluxo de migrações do Brasil para Portugal fosse interrompido (cf. Fernandes, Peixoto & Oltramari, 2021), uma vez que o que a análise da pesquisa empírica aqui presente parece indicar é que a pandemia da COVID-19 não foi um impeditivo para a migração daqueles que já haviam planejado migrar, senão provocou mudanças no planejamento e no que diz respeito às estratégias migratórias adotadas para a concretização do projeto migratório.

5.3. Resultados e Análise

5.3.1. O passado: vida no Brasil, razões para migrar, planeamento e chegada em Portugal

Vida no Brasil

Antes de abordarmos a migração junto aos entrevistados, entendemos ser necessário abordar, primeiramente, o contexto de vida que estas pessoas tinham quando ainda viviam no Brasil. Como refere Sayad (2011), o migrar envolve levar consigo a sua história, esta envolta em tradições, comportamentos, maneiras de pensar, viver e sentir. Neste sentido, entendemos que estaria incompleta uma análise que fale sobre a imigração sem entender o contexto em que aconteceu a emigração. De facto, ainda na fase exploratória da pesquisa empírica, logo ficou evidente que uma tal amplitude na coleta de dados permitiria uma análise mais abrangente e profunda da sua experiência migratória, na qual seria possível traçar possíveis relações entre fatores e circunstâncias prévios à decisão de emigrar e toda a experiência migratória em si. Afinal, todo o indivíduo que chega em algum lugar está partindo de outro, e explorar as conexões entre o passado e o momento presente da vida destes sujeitos pode suscitar descobertas importantes. Sendo assim, entender o contexto de vida do imigrante prévio à sua migração é abrir caminhos por meio dos quais se possam estabelecer cadeias de causalidade entre situações situadas no passado e aquelas localizadas no presente.

Ao se abordar o assunto, não houve nenhuma pergunta específica que pudesse limitar ou direcionar a resposta dos entrevistados, de modo que falassem mais sobre uma ou outra área da sua vida. Os imigrantes estiveram, assim, livres para descreverem a sua vida no Brasil de forma espontânea. O próprio discurso sobre os imigrantes brasileiros pode ter influenciado na escolha das dimensões da vida prévia à migração que iriam compor o relato, pois também nele são trazidos, em forma de narrativas, os contextos de vida destes imigrantes em determinadas áreas de vida. Também podemos colocar a hipótese de que estas áreas que surgiram nos relatos são aquelas nas quais estes imigrantes pretendem construir uma nova identidade que é diferente do estereótipo dos imigrantes brasileiros de outras épocas, corroborando uma descoberta importante da pesquisa e que será desenvolvida nos capítulos subsequentes, que é a do discurso da diferença e do distanciamento destes imigrantes.

Dentre as várias designações que os entrevistados deram para a sua condição de vida no Brasil, foram utilizadas com frequência palavras como “agradável”, “estável”, “estruturada” e “estabilizada”.

Bem estruturado financeiramente (...) Era muito agradável a nossa vida, nós tínhamos o nosso apartamento próprio financiado, tínhamos o nosso carro legal também. (Maria, #01)

(...) eu tinha família próxima, eu tinha apartamento próprio, eu morava numa região super confortável, com bons níveis de segurança. A empresa que eu trabalhava me pagava um

excelente plano de saúde, previdência complementar, eu estava num patamar salarial dentro do mercado de Brasília, que estava num patamar salarial excelente. Então, se fosse pra poder me remover dessa zona de conforto, teria que ser uma experiência que agregasse de uma forma diferente, num âmbito pessoal também. (Marcelo, #07)

Vivia bem. Eu vivia num bairro muito bom, perto do Parque Ibirapuera. Não sei se você conhece São Paulo, mas Vila Mariana é um bairro bom. Tenho imóvel próprio que ainda está lá. A gente tinha uma vida relativamente confortável. (Renata, #09)

Mas eu acho que eu digo que era uma vida boa. Não faltava nada, tinha acesso fácil a convênio de saúde, a transporte, à escola. Era uma cidade muito bem preparada. Então, era uma vida boa, assim. Média. De classe média, né, digamos. (Mariana, #19)

Como eu disse, eu fui dona de casa, tinha três filhos. Então, eu era mãe, motorista pra levar em escola, pra buscar em escola. (Carmen, #22)

Admitindo-se que a ideia de uma estrutura de vida como a que fora caracterizada pelos entrevistados está intimamente relacionada à sociedade em que viviam, uma vez que a própria ideia de estabilidade pode ter diferentes significados consoante o contexto social em que se apresenta, ao relacionarmos os adjetivos escolhidos pelos imigrantes ao que fora relatado por eles, vemos que a ideia de estabilidade e estrutura advém, em grande parte, de uma condição financeira percebida como boa, bem como a situação profissional e a posse de bens como imóvel e viatura próprios. Em muitos dos relatos, os entrevistados fizeram referência direta à sua situação financeira no país de origem como sendo estável, como uma forma de indiciar que este não seria o motivo principal para a sua migração. Esse dado indica uma mudança importante nas motivações para migrar dos imigrantes dos últimos anos e aqueles da segunda vaga, que recorriam às poupanças pessoais ou até mesmo ajuda financeira de membros da família para arcar com os elevados custos da emigração para Portugal, sendo esses recursos destinados, primordialmente, para o custeio de passagens aéreas e trâmites burocráticos (Padilla et al., 2015).

A própria escolha de Portugal como destino do projeto migratório pode ter sido influenciada por essa mudança, uma vez que, como será apresentado no tópico sobre a opinião dos entrevistados sobre Portugal e sua vida no país, aquele não é considerado um país onde se pode “enriquecer” e construir uma reserva financeira. Mencionar a situação financeira estabilizada no Brasil também pode ser interpretado como uma estratégia discursiva empregada pelos próprios brasileiros que têm migrado para Portugal nos últimos anos com o intuito de se marcar uma diferença identitária entre eles os imigrantes das vagas migratórias anteriores. Embora Cohen e Sirkeci (2011) façam referência à uma crença generalizada de que os migrantes internacionais são pessoas em situação de pobreza e que se deslocam de seu país de origem com o objetivo de sair dessa condição, os participantes desta pesquisa são pessoas com condições econômicas que permitem suportar financeiramente, direta ou indiretamente, os custos

da sua migração. Nesse ponto, Cohen e Sirkeci (2011) entendem que são as oportunidades que podem surgir com a vivência em um outro país, muito mais do que o impacto na condição básica de vida, os verdadeiros objetivos dos migrantes internacionais na contemporaneidade.

Eu sempre tive uma estrutura financeira no Brasil muito legal, tive uma vida muito boa, nunca tive uma vida ruim, nunca passei por necessidades e tudo mais. Intelectualmente também, sempre estudei muito, estudei em escolas particulares e tal, e todo esse discurso. (Eduardo, #11)

Acho que eu tinha, financeiramente, um nível de vida bom, até. Como eu diria? Não sou uma pessoa rica, mas também não era uma pessoa pobre. (Renata, #09)

E sempre tinha uma condição boa. (Rafael, #03)

A minha vida no Brasil era uma vida boa. Era uma vida estabilizada financeiramente. (Bernardo, #08)

É interessante observar que, em diversos relatos, vemos surgir a auto percepção de privilégio, ou seja, um discurso que coloca estes imigrantes fora das narrativas dominantes e dos estereótipos frequentemente associados aos brasileiros em Portugal. Muitos, inclusive, relataram uma percepção de que essa condição privilegiada foi alterada com a migração para Portugal.

Bom, a minha vida no Brasil era muito privilegiada, muito privilegiada mesmo. Eu morava a quatro quadras da praia, num condomínio fechado, aonde eu tinha... apesar de ser um condomínio muito simples, mas é onde a gente tinha muitas mordomias, e todas as mordomias que a classe média branca que acha que é rica tem. Então, eu tinha cuidador pra minha mãe, eu tinha empregada doméstica, eu tinha carro, morava bem. Eu só não tinha paz. Podia me dar o luxo de trabalhar quando queria e poder me dedicar aos projetos de pesquisa que me interessavam. Então, assim, uma privilegiada, realmente uma privilegiada lá no Brasil. (Julia, #05)

(...) a minha filha, agora há pouco, eu tinha combinado com eles de ir no *Burger King*. Ela tinha dito assim... e o amigo perguntou pra ela assim: "do que que você sente falta no Brasil?". Ela disse: "lá a gente era rica, aqui a gente é pobre". Ele falou assim: "mas vocês não são pobres aqui, vocês moram muito bem". Ela disse: "mas lá no Brasil era melhor". (Carmen, #22)

A decisão e as razões para emigrar

Se a escolha por emigrar dos indivíduos que se encontravam em situações econômicas desfavoráveis pode ser facilmente compreendida e até explicada segundo as teorias econômicas das migrações, como a da atração-repulsão (cf. Ravenstein, 1885; Lee, 1966), o que dizer daqueles que nenhum motivo aparente tinham e decidem, assim mesmo, migrar? Essa era uma questão que nos intrigou quando constatamos que muitos dos imigrantes entrevistados referiam possuir uma vida "privilegiada" no Brasil, como vimos anteriormente. Estávamos confiantes de que o caráter pessoal inerente ao método das Histórias de Vida nos possibilitaria um olhar mais aproximado que poderia nos trazer algumas respostas à essa questão, desvelando dinâmicas envolvidas na tomada de decisão

daqueles que migraram nos últimos anos. Na segunda vaga migratória, as motivações de ordem econômica lideravam a lista das razões para migrar, seguidas de decisões com base em uma objetivo pessoal ou familiar, oportunidades profissionais, formação acadêmica e segurança ou violência (Padilla et al., 2015). O peso do financeiro na decisão de migrar aponta para duas características que são encontradas com frequência no discurso dominante sobre os imigrantes da segunda vaga migratória. Se, por um lado, a predominância das razões econômicas como aquelas de maior peso na decisão dos brasileiros em migrar para Portugal indicam uma migração do tipo laboral, os objetivos atrelados a conquistas e feitos no Brasil - ajudar a família ou comprar o imóvel próprio naquele país, por exemplo (Padilla et al., 2015) - indicam uma clara intenção em retornar ao país de origem já mesmo no início do planejamento da migração.

A previsão de Castles e Miller (1998) para o futuro próximo das migrações incluía a diferenciação do tipo de migração nos fluxos migratórios, que, apesar de começarem de acordo com um perfil migratório particular, vão se alargando para incluir também a migração de outros perfis de pessoas, aumentando o espectro das motivações e objetivos do projeto migratório individual. Diante desse contexto marcado pela pluralidade, assumir que a maioria dos que realizam a migração internacional o fazem para sair de uma situação de dificuldade econômica – uma assunção que, de acordo com Cohen e Sirkeci (2011), não é rara quando o assunto são as migrações internacionais - resultaria em uma visão limitada sobre o fenômeno.

A migração contemporânea, então, em parte envolve uma decisão econômica, mas diz respeito a muito mais. Compreende uma decisão cultural, uma decisão social e até mesmo uma decisão religiosa e étnica. A migração deve ser impulsionada por mais do que a demanda por mão-de-obra e novas formas de produção. (Cohen & Sirkeci, 2011, p. 75)

Para os entrevistados na pesquisa que agora se apresenta, embora as questões econômicas também tenham sido importantes, outros fatores foram igualmente relevantes e tiveram o seu devido peso na tomada de decisão de migrar. O foco da análise aqui apresentada estará nestas outras questões, assumindo-se que entendê-las em profundidade será um contributo mais rico para o estudo do caso em questão do que analisar em profundidade as questões econômicas já extensamente estudadas em estudos anteriores.

A segurança, que tem ganhado destaque como um fator de repulsão frequente no discurso de imigrantes brasileiros em Portugal (Abdo, 2016), aparece com destaque no discurso dos brasileiros que migraram nos últimos anos para o país. Observa-se, contudo, que a ideia de “segurança” assume um

significado muito particular³⁶ e parece ser percebida não como um sentimento em si, mas sim como algo diretamente relacionado à uma ideia de não-violência e a ausência de uma vulnerabilidade no espaço urbano que os colocaria em posição de risco de serem acometidos por ações violentas. De facto, alguns entrevistados mencionaram terem passado por situações de violência urbana no Brasil, o que teria sido o motivo principal da sua decisão de migrar.

O que é mais assustador pra mim, o que estava sendo mais assustador, é ver uma arma de perto sendo apontada pra você ou pra alguém da sua família. Isso pra mim é desesperador. (...) Então isso é aquele “sustinho” que dá e passa, amanhã você já esqueceu. Agora, uma arma apontada pra sua cabeça, “perdeu perdeu”, “para para”, você está no carro, com seu filho na cadeirinha... (Maria, #01)

E a violência começou a crescer de uma forma tão grande, e eu vi isso em todos os níveis, né, em todos os sentidos. A violência na rua, a violência dentro de casa, a violência dentro das escolas, a violência em todos os sentidos. Eu não digo que aqui não tenha, tem também. Em todos os lugares tem. Mas é que lá já estava no nível do desassossego. Lá eu já tinha, digamos assim, “não tô conseguindo mais dar conta disso”. Eu não tava mais conseguindo dar conta de morar num lugar onde eu não podia ir ali na esquina buscar um cigarro. Entende? (Julia, #05)

Como Sergipe começou a se tornar um dos piores, um dos lugares mais violentos pra se viver no Brasil, então meu estado de alerta aumentou muito. (...) E culminou aí com um assalto que minha mulher sofreu. E aí ela viu a violência de perto, quando colocaram uma arma. Aí acho que a ficha caiu, ela já desesperou também. Ela falou: “olha, eu não quero mais isso, não quero mais viver...”. Imagina, meu filho estudava a dois quarteirões de onde a gente morava (...) ali, ela sofreu essa violência. (Roberto, #12)

Ainda assim, sugerimos também existir uma relação direta entre o crescimento da insegurança e violência como motivadores da migração e a divulgação de índices e notícias sobre a violência em meios de comunicação brasileiros, uma vez que é também por meio dos conteúdos midiáticos que se vai formando a percepção individual em relação ao tema. De acordo com Rondelli (1998, p. 146), acompanhando um histórico de crescimento no número de homicídios por arma de fogo no Brasil, as representações e os discursos midiáticos sobre a violência acabaram extrapolando os veículos especializados, passando também à programação mais generalizada e, assim, atingindo um público mais alargado. A ampliação da audiência deste tipo de conteúdo, na visão da autora, tem contribuído para a criação de um “imaginário sobre a violência” que tanto informa quanto promove mudanças sociais, sustentado por uma ideia de desigualdade que se torna quase naturalizada. É por esse motivo que, ainda que o número de homicídios por arma de fogo, um dos principais indicadores de violência no Brasil, tenha começado a decrescer destes 2017 (Ipea, 2021), as narrativas de violência no Brasil continuam a chegar aos brasileiros por meio dos mídia. Assim sendo, o reforço de um discurso midiático

* Esclarecemos este ponto no sentido de destacar a ideia de segurança dos entrevistados com algumas teorias já consolidadas na literatura acadêmica sobre o tema. Em Cohen (2020), por exemplo, a insegurança do imigrante caracteriza-se como uma resposta ao medo da perda que é ocasionada quando há um colapso na sua percepção de segurança, que provém, sobretudo, de uma percepção pessoal de continuidade.

de um Brasil violento, por um lado, e de um Portugal seguro, por outro, fazem com que o projeto migratório fique cada vez mais atrativo para os brasileiros. E embora, em muitos casos, haja a constatação de que essa imagem de Portugal não corresponde totalmente à realidade, como veremos mais adiante, e de facto aconteçam situações que denunciam uma falta de segurança naquele país, elas são percebidas como menos graves do que no Brasil.

Hoje eu assisto muito, eu consumo muito Record, a TV Record aqui em casa. E aí sempre quando vejo eu falo: "nossa, graças a Deus que eu tô aqui, eu fugi disso". Eu falo: "eu fugi do Brasil pela falta de segurança". Esse foi o nosso maior motivo. E aqui a gente encontrou a segurança. Segurança que eu digo não é "ai, aqui é tudo mil maravilhas, aqui é lindo e não tem bandido aqui". (...) Então o que nós viemos buscar, nós encontramos. (Maria, #01)

O cenário político brasileiro também foi um tema mencionado com frequência pelos entrevistados quando relatavam sobre os fatores motivadores para a sua decisão de emigrar. Dos pontos relacionados com essa questão, os acontecimentos na esfera política ocorridos no Brasil no ano de 2016, dentre os quais se destaca o processo de *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff, que culminou com a cassação de seu mandato e fez com que o vice-presidente Michel Temer assumisse o cargo presidencial, foi um dos mais mencionados pelos entrevistados. Um dos relatos em que aparece com destaque foi o de Julia. Embora a sua migração só tenha sido concretizada em 2019, foram as mudanças no cenário político brasileiro que espoletaram um sentido de urgência no seu movimento de saída do país.

No ano *impeachment* da Dilma, eu queria sair voada do Brasil, não queira mais ficar no Brasil. Eu sou de família dita "subversiva", no Brasil somos considerados "subversivos". Eu tenho tios que foram pro exílio, tenho um avô que foi pro exílio, que ficou preso. Eu tenho um tio que teve que mudar de vida, daí tio mesmo, irmão da minha mãe, que teve que mudar de vida porque foi perseguido político. Teve que trocar tudo por isso. Então nós somos de família subversiva, digamos assim. Então assim que teve o *impeachment* da Dilma, eu queria vir embora de qualquer jeito (...) desde ali daquele momento, daquele *start* ali... que pra mim foi uma coisa muito séria, foi uma coisa muito grave. (...) Quando saiu o *impeachment* da Dilma, que pra mim foi o maior golpe que a nossa democracia tomou, foi naquele momento ali, pra gente que lutou tanto pela democracia (...) aquilo pra mim foi um golpe muito violento, muito duro. A partir dali, bateu a urgência: "eu vou embora". (Julia, #05)

De facto, o *impeachment* de Dilma Rousseff marcou um momento importante na história e na narrativa sobre o contexto político brasileiro. Paralelamente ao desenrolar dos acontecimentos daquela altura, testemunhou-se o surgimento de uma contra narrativa que buscava caracterizar aquele momento político como um golpe de Estado. Em uma retrospectiva de toda a conjuntura histórica e política que culminou com o pedido de *impeachment* e a cobertura mediática estrangeira do caso, M. S. Lopes e Albuquerque (2018) buscaram evidenciar o uso estratégico dos média internacionais pela gestão de Rousseff como um mecanismo de construção e viabilização social de uma narrativa que significava o *impeachment* como um golpe de Estado. A exemplo de estudos como o de I. G. Silva (2018, p. 504), no

qual lê-se que “o processo do *impeachment* foi uma estratégia audaciosa para garantir a implantação da agenda conservadora”, sendo necessário para o efeito “afastar e neutralizar as forças que se colocavam em oposição à agenda conservadora para garantir as condições ideais de aprovação do projeto”, observa-se que a narrativa do “golpe de Estado” é, atualmente, amplamente aceita tanto na sociedade quanto na academia. Para Löwy (2016), que entende que a democracia é vista como um obstáculo para as classes dominantes na sociedade brasileira e para a “política capitalista” (posição 1.266), o alegado golpe de Estado por via política e não mais militar é uma nova tendência do que o autor chamou de “oligarquias latino-americanas” (posição 1.278) para ocupar cargos de poder. No caso brasileiro, o autor apresenta ainda alguns argumentos que reforçam, na sua visão, uma caracterização da destituição de Dilma Rousseff como um golpe de Estado, como o envolvimento de parlamentares envolvidos no processo de *impeachment* em casos de corrupção e o fato de que as irregularidades contábeis verificadas no governo de Rousseff foram práticas recorrentes nos governos precedentes. Não menos importante, a sub-representação dos jovens e da periferia nos debates que culminaram com o processo de *impeachment* também é vista como suspeita para autores como Ortellado, Solano & Moretto (2016), pois coloca o interesse de “minorias” – que, neste caso, são as classes dominantes – no centro do foco em uma possível destituição política da então presidente do Brasil.

Ainda na dimensão política, as consequências do processo de *impeachment* de Rousseff para a sociedade brasileira foram mencionadas como fatores impulsionadores do projeto emigratório. De acordo com Ortellado, Solano & Moretto (2016, posição 1.772), o cenário de instabilidade política que se configurou a partir da destituição de Rousseff gerou um momento fecundo para que tendências antidemocráticas e autoritárias ganhem força. A eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, enquadra-se neste cenário. Do ponto de vista social, os autores apontam uma espécie de “binarização social” em dois polos com perspectivas políticas antagônicas que se veem, mutuamente, como “inimigos”. Esse, junto com a eleição do presidente Jair Bolsonaro no ano supracitado, parece ter sido o ponto que mais incomodou Marcelo e que o fez começar a considerar oportunidades de emprego fora do Brasil.

E aí, depois que entrou esse cenário mais polarizado dentro do Brasil, eu comecei a reconsiderar se eu ia continuar observando só as empresas que eram essas gigantes de tecnologia ou se eu ia começar a considerar outras sondagens que aconteciam de outras empresas, que eram empresas... não vou dizer que são empresas pequenas, mas que não são as gigantes do setor, né, se a gente for olhar em nível global. E aí, depois que saiu o resultado eleitoral no Brasil, eu decidi por completo abrir também a possibilidade de avaliar com mais carinho as propostas que chegavam de empresas que poderiam ser empresas interessantes, mas que não necessariamente eram as gigantes do setor. (Marcelo, #07)

Para além das questões já mencionadas, vemos surgir com bastante frequência a menção às diferenças culturais que sustentam diferentes estilos de vida entre Brasil e Portugal, ou mesmo entre a

cultura brasileira e a cultura europeia como um todo, como justificção para a emigração. Essa percepção advém, em grande parte dos casos, de uma experiência prévia em alguma sociedade na região da Europa, fosse como imigrante ou como turista.

(...) mas eu também, eu estava muito deslocada já no Brasil. E eu, como eu tive essa vivência de vir pra cá, eu já gostava muito da Europa. Eu sentia muita falta, por exemplo, eu vinha, quando eu voltava chorava que eu queria estar aqui, no estilo de vida daqui que é diferente de lá. (Renata, #09)

(...) e aí quando eu fui viver na França, eu tive contato com uma sociedade completamente diferente do que a gente estava habituada. Não estou a dizer que é perfeita, porque de todo que também não é. Mas eu pude experienciar uma inserção social, dentro das possibilidades, mas viver um dia-a-dia completamente diferente do que eu tava vivendo no Brasil. Então quando eu voltei, e do tipo que eu olhei... foi pouco tempo, foram dois meses, mas mesmo assim, quando eu voltei, e que eu olhava para as pessoas novamente a seguir aquele "caminhozinho do boi", assim, que você entra pra ser abatido, que todo mundo entra no mesmo caminho, e eu dizia assim "não, não". Então era uma insatisfação. Eu ainda não dava nome, eu ainda não tinha noção, mas havia algo que tinha mudado dentro de mim. Então é a mesma: "eu preciso achar uma solução pra isso". Então, isso tipo: "pra onde é que eu tenho que escapar? Pra onde é que eu tenho que escapar?". E aí foi quando surgiu a oportunidade do mestrado. Do mestrado não, do Erasmus aqui em Portugal. E aí foi graças à essa insatisfação, que surgiu lá em 2015 enquanto estava vivendo na França e quando eu voltei pro Brasil, que eu disse assim "aí, eu preciso fazer outra coisa". (Amanda, #16)

Nos relatos, vemos surgir uma complexa dinâmica de valoração cultural que desfavorece a cultura brasileira frente às sociedades europeias. Embora aqui surja enquadrado na questão da migração, o enaltecimento de culturas estrangeiras não é uma novidade no caso brasileiro e remete para a própria história da construção da identidade nacional. De acordo com Sodré (1970/1986), ainda na fase colonial, a transplantação cultural da metrópole corresponde à uma primeira etapa do desenvolvimento da cultura brasileira, sucedida por uma fase em que o foco metropolitano muda para as ideias europeias. Em Ortiz (2012, p. 27) vemos o quanto a transferência de ideias e valores estrangeiros, sobretudo aqueles oriundos da Europa, foram importantes na história da cultura enquanto pilar central da ideia da nação, chegando o país a ser considerado um "espaço imitativo" das grandes metrópoles europeias em algumas alturas. Esta recapitulação permite entender o valor que o estrangeiro europeu ainda tem na sociedade brasileira. Além disso, entendendo-se que a valoração dos aspectos de uma cultura não é estática, podendo sofrer mudanças ao longo do tempo por meio de novas interpretações e atribuições de valor conforme eles vão sendo transmitidos entre as gerações (Bernardi, 1974/1997), sugere-se a possibilidade de os aspectos da cultura europeia estarem sendo mais valorizados na contemporaneidade por uma percepção de que eles não existem ou encontram-se enfraquecidos na cultura brasileira, sobretudo diante do avanço de diretrizes políticas orientadas para ideais de direita.

Contribuindo para a valorização dos aspetos culturais das sociedades europeias por parte dos imigrantes, outra razão para a emigração mencionada por eles foi o desejo de estar inserido em uma sociedade com valores diferentes, sobretudo em relação ao consumo. Segundo Sodré (1970/1986), a partir da Segunda Guerra Mundial, o “*american way of life*” e a cultura norte-americana passaram a ser as principais aspirações culturais dos brasileiros, uma cultura marcada pela produção e aquisição acelerada de bens de consumo. Em alguns relatos dos imigrantes, foi mencionada a questão do *ter versus ser*, ou seja, o quanto, em algumas sociedades, como no Brasil e nos Estados Unidos da América, o valor do indivíduo é baseado nos bens materiais que possui, e não em quem realmente se é, enquanto que, em outras, há uma valorização de outros aspetos da vida. Nesse sentido, a posse de bens físicos de valores elevados e que possuem um reconhecido valor de mercado, como *smartphones* e viaturas em condição nova, foram mencionados como alguns dos aspetos que indicariam um estatuto social elevado nestas culturas.

Ainda sobre essa questão, os bens físicos também podem ser perspetivados como artefactos de manutenção desse mesmo estatuto que, por sua vez, confere uma distintividade positiva em relação aos demais indivíduos e grupos sociais. De acordo com Tajfel (1974), essa diferenciação é um dos principais resultados do processo de categorização social, identidade social e comparação social, pelo que deve ser entendida como dinâmica por meio da manutenção dos signos e símbolos que conferem escalas de valores diferentes aos indivíduos e aos grupos sociais nos quais se inserem. Ainda sobre esse tema, Fromm (2005) argumenta que, embora essa diferença de mentalidade do “*ter versus ser*” seja facilmente percebida entre as sociedades do Ocidente e do Oriente³⁷, ela não está tanto associada à questão geográfica, senão à diferença de sociedades que são centradas nas pessoas daquelas que são centradas em bens materiais. Para o autor, a diferença entre uma abordagem e outra repercute de diversas formas nos sistemas e estruturas das sociedades, mas também nas pessoas em um nível mais individual. Além de explorar a questão do consumo, Fromm aponta ainda diversas áreas da vida humana em sociedade nas quais a diferença de abordagem se faz visível, dentre as quais cita o aprendizado, a memória, o exercício da autoridade e a fé.

³⁷ Os termos “Ocidente” e “Oriente”, frequentemente usados na literatura acadêmica nas Ciências Sociais e Humanas, suscitam questionamentos que não devem ser negligenciados. Isso porque, ainda que sejam usados como se parecesse existir um certo consenso sobre ao que se referem, Said (1978/2003) já havia referido que os seus significados não são estáticos, senão estão suscetíveis ao esforço do ser humano que se opera entre a afirmação de si e identificação do Outro. Sendo assim, quando se fizerem presentes, a apreciação destes termos requer toda uma reflexão prévia que tem o ponto de referência de quem os profere como ponto de partida. Na obra de Fromm (2005) aqui referenciada, não encontramos menções suficientes que permitam atestar com exatidão o que o autor considera ser o Ocidente e o Oriente, mas sim algumas indicações de sentido segundo o qual emprega os termos. Em dada altura do texto, ao mencionar o Ocidente, o autor menciona “sociedade Ocidental industrial, na qual a ambição por dinheiro, fama e poder se tornou um tema dominante na vida” (posição 1.175); quando é o Oriente que está em questão, há uma referência a “sociedades menos alienadas – como a sociedade medieval, os Zuni Indianos, as sociedades africanas que não foram afetadas pelas ideias do ‘progresso’ moderno” (posição 1.175) ou mesmo o zen budismo, incluindo, nesta última categoria, a sociedade japonesa.

É, não é. E a pessoa vem muito iludida. Que vai fazer fortuna e que vai... né? O que que eu percebi, é que muita gente acha que vir pra Europa ou que vir pra Portugal, vai ter o mesmo estilo de vida e padrão de vida que você tem nos Estados Unidos. Estados Unidos você é muito em função da aparência. Do *iPhone*, do carrão, daquilo que aparenta. Aqui em Portugal, eu percebo que, assim... o pessoal aqui anda de carro velho. O pessoal daqui anda de carro velho. Tá andando? Tá funcionando? Tá me levando nos lugares? Tá não sei o que? Ótimo. Não precisa ter o melhor. Preciso ter um que funciona. Que seja *smartphone* e funcione pra ele, que dê pra ele aquilo que ele precisa, ele vai gastar menos. Conforto. Ele não precisa de uma casa luxuosa, ele precisa de conforto. (Luciana, #06)

A gente aprende a deixar de se importar com algumas coisas. Hoje eu entendo que carro não é diferencial competitivo. Porque da região onde eu venho, isso é muito forte, essa questão de marca, de dinheiro, de ter carro, de... de ter e não de ser. Na Europa, é muito essa questão do ser. As pessoas, elas não se importam se você está com o cabelo assim, você acordou, saiu com a cara que acordou. Não importa. Então eu ouvi meu paciente falar "imagine, Bernardo, eu saindo de uma Ferrari usando perfume *Semead*", aí eu: "oi?". Então, tipo, vejo os meus pacientes fazendo *stories* dentro do carro dirigindo. "Oi?". Então, hoje eu vejo o mundo de uma outra maneira. Eu acho que isso é um ganho. (Bernardo, #08)

Eu não tenho... o fato de eu ter, inclusive, escolhido Europa como foco pra direcionar essas oportunidades vai muito de... porque na minha cabeça, pensando muito dentro da filosofia do que a Europa pensa como sociedade, eu tenho muitos amigos que pensam com a cabeça mais voltada pro que pensa Estados Unidos em relação a mercado e filosofia de vida. Mas a minha cabeça, ela já pensa mais em relação ao que a sociedade europeia de uma certa forma pensa, ou o Canadá, por exemplo. Sociedades que já pensam mais essa questão de qualidade de vida, esse foco mais na questão da democracia social, políticas de equidade e afins. (Marcelo, #07)

Em uma dimensão mais voltada para a esfera individual, a decisão de migrar foi referida por alguns entrevistados como sendo motivada por um desejo interno e pessoal de se reinventar.

A gente não tem filhos. Eu já tava... eu estou praticamente pra me aposentar. Então foi isso. Foi essa a decisão. Eu me reinventar, na verdade. (Renata, #09)

Pois. Acho que a primeira coisa que motivou, sem dúvida, foi dessas loucuras de amor que a gente faz. Não sei se todo mundo faz, mas algumas pessoas acho que fazem. Acho que toda a questão mesmo da decepção do divórcio. Acho que eu pensava assim, era uma coisa que eu fiz tudo tão certinho. Namorei, fiz o noivado, casei, fiz tudo ali bonitinho, e, de repente, teve a frustração de não ter dado certo, não ter resultado. (...) E eu me senti, naquele momento, acho que muito revoltada. Então o que mais motivou foi essa revolta. Tinha essa vontade mesmo de sair do lugar em que tinha acontecido tudo, sabe? (...) Então, o que motivou mesmo foi isso, foi mesmo o mudar de país. O imigrar também foi uma... querer fazer tudo de novo. Novo de novo, sabe? (Mariana, #19)

Ano passado, eu voltei pra Curitiba, que é a minha cidade, dos meus pais, da minha família. (...) Na verdade, a gente não conseguiu se adaptar, meu filho e eu. (...) E aí ele disse que o que ele queria era morar com o pai e voltar pra Santa Catarina. E eu fiquei sem saber o que fazer. Não deixei, não deixei, e depois eu falei "bom, então tá, então vai". Mas aí eu precisava encontrar alguma coisa pra fazer. E isso me motivou a vir pra cá. (...) E essa foi a minha motivação pra vir então. (...) Simplesmente eu precisava encontrar um objetivo pra vida. (Ana, #17)

Fosse devido a finalização de um processo de divórcio, a proximidade da aposentadoria ou mesmo o desejo de levar a vida de uma forma diferente da que estavam a levar, podemos dizer que também o momento de vida em que estavam estes brasileiros contribuiu para a vontade de reinventar a

si mesmos. Em Levinson (1986), entende-se que o desejo de promover mudanças e traçar novos objetivos pessoais está relacionado também ao momento específico em que o indivíduo se encontra em sua vida. Este autor, na sequência da obra de Erikson (1950, 1958, 1969) sobre o desenvolvimento da vida humana e de outros autores que estudaram o tema no contexto de grupos sociais específicos, como Keilerman (1975), Stewart (1976) e Gooden (1980), entende cada etapa do ciclo da vida de uma pessoa como uma era, as quais possuem características biopsicossociais específicas que, não obstante, se relacionam entre si e constituem um todo que é a vida nela mesma.

Uma das contribuições de Levinson para o estudo em questão é a percepção do ciclo de vida como sendo composto de períodos subsequentes que podem se diferenciar entre aqueles nos quais ocorre a manutenção da estrutura de vida e aqueles que se configuram como um momento de transição, no qual os planos de vida são reavaliados e é possível imaginar novos horizontes e possibilidades. Ao final deste período, escolhas cruciais que direcionam a vida em um ou outro sentido são feitas, atribuindo à vida e todo o seu desenrolar o comprometimento a um significado que se estabeleceu. Como visto na caracterização da amostra, as idades mais frequentes entre os entrevistados estavam inseridas no grupo etário dos 30 aos 39 anos, bem como o grupo etário antecedente dos 25 aos 29 anos e o grupo dos 45 aos 49 anos. Relacionando a decisão de migrar referida pelos entrevistados ao estudo de Levinson (1986, p. 7) sobre o ciclo de vida, enxergamos uma possível influência do que o autor chama de “transição dos 30 anos”, que compreende o intervalo que vai dos 28 aos 33 anos e é um dos momentos propícios para reavaliar e modificar a vida estabelecida até então. Outro período que se caracteriza por ser um momento em que os planos de vida são repensados é o que o autor se refere como “transição da meia idade” (Levinson, 1986, p. 7), que vai dos 40 aos 45 anos e marca o fim do início da idade adulta e o início da meia idade adulta.³⁸

É importante pontuar que, embora as razões citadas aqui tenham sido relatadas pelos imigrantes como justificativas para o seu percurso migratório, elas devem ser vistas como partes de um quadro muito mais complexo, que vai sendo composto conforme o imigrante vai tendo as suas vivências no país

³⁸ É preciso esclarecer que a definição dos momentos e intervalos etários propostos por Levinson não estão isentos de variações de acordo com o cenário contextual em que o indivíduo se encontra e sobre o qual incidem variáveis de diversas ordens. O próprio autor defende que a teoria que apresenta deve ser considerada como um quadro geral não-específico passível de uma análise mais contextualizada, quando refere que “esta sequência de épocas e períodos mantém-se para homens e mulheres de diferentes culturas, classes e épocas históricas. Há, naturalmente, grandes variações nos tipos de estruturas de vida que as pessoas constroem, o trabalho de desenvolvimento que fazem em períodos de transição, e a sequência concreta de papéis sociais, eventos e mudança de personalidade (grifo nosso). A teoria fornece assim um quadro geral de desenvolvimento humano no qual podemos estudar as profundas diferenças que muitas vezes existem entre classes, sexos e culturas” (Levinson, 1986, p. 8). Nesse sentido, para estudos de caso e análises mais pormenorizadas, é preciso trazer para essa complexa equação outras variáveis, como o fizeram Heijink, van Baal, Oppe, Koolman e Westert (2011) ao analisarem comparativamente o impacto de diversas variáveis na expectativa de vida em um determinado grupo de países. No caso brasileiro, Rasella, Aquino e Barreto (2013), em um estudo sobre a influência do rendimento na expectativa de vida no país, concluíram que variações de rendimento entre indivíduos em condição de pobreza, e não somente aqueles em uma condição de pobreza extrema, por exemplo, já se refletiam na expectativa de vida dos indivíduos daquela população.

de destino. É preciso atentar também para o valor percebido de cada um destes motivos e entender como eles se relacionam com os demais aspectos da vida do imigrante. Estabelecer esse quadro de relações ajuda a entender, por exemplo, aspectos de suas vidas que os futuros migrantes acreditam estarem dispostos a abrir mão em prol de outros, bem como o motivo pelo qual a vivência no país de destino se torna, por vezes, tão pesada e sofrida. No caso que estudamos, um exemplo dessa complexa teia de relações surgiu no relato de Gilberto. Enquanto nos contava sobre o processo de decisão de migrar com a sua família, ele fez questão de mencionar que esse movimento ocasionou também muitas perdas ao nível do bem-estar e da qualidade de vida.

Assim, a qualidade de vida que nós tínhamos no Brasil é extremamente superior à que nós temos aqui. Tanto a nível de conforto quanto a nível de bem-estar. O aspecto que você pensar, era melhor no Brasil. O único aspecto que nós não tínhamos lá era a questão da qualidade de vida no que diz respeito a violência, não no que diz respeito a outras coisas. (...) Então isso tudo corroborou pra que nós viéssemos de fato. (Gilberto, #20)

Apresentadas as motivações dos imigrantes, não deixa de ser interessante observar que eles próprios, a partir do seu contato com outros imigrantes brasileiros que já residiam em Portugal quando lá chegaram, reconhecem a diferença das suas motivações para aquelas que impulsionaram a emigração dos brasileiros de outrora.

Eu percebo que é um pouco diferente das pessoas que eu conheço aqui em Portugal, que são brasileiras. Fora as pessoas da academia, como você, conheço outras pessoas. Mas eu não migrei por necessidades financeiras, digamos assim. As minhas aspirações foram outras. (Renata, #09)

Importa referir que, apesar da decisão de migrar no caso daqueles que migraram nos últimos anos ter se caracterizado como uma escolha realizada no âmbito de um projeto familiar, a análise dos relatos evidencia que os homens tiveram um papel preponderante nestes projetos migratórios. Com isso queremos dizer que, mesmo nos casos em que foram as mulheres aquelas que migraram e que o fizeram sozinhas, essa migração ou a decisão final sobre como ela aconteceria partiu de seus companheiros, o que insere a migração destas mulheres no planejamento que faz parte de uma dinâmica de caráter familiar.

E aí ele tomou essa decisão e eu falei "tá bom". (Maria, #01)

Ele queria. Ele queria muito, porque a profissão dele é... assim, o Brasil está muito adiantado, até mais que aqui, em termos gastronômicos. Principalmente em São Paulo, a gente tem o centro gastronômico em São Paulo de todas as etnias, e bons restaurantes e tal. Mas ele precisava voar, precisava vir pra Europa pra buscar isso. (...) E enfim, a ideia foi dele, eu aderi e gosto muito de estar aqui. (Renata, #09)

A escolha de Portugal

Antes de podermos falar sobre a escolha de Portugal como país de destino, observamos que o projeto migratório começa a surgir na vida dos imigrantes entrevistados como uma consequência muito mais influenciada pela intenção de emigrar do Brasil do que, de facto, residir em um outro país específico. Este é um ponto importante de ser ressaltado, uma vez que, para a grande maioria dos imigrantes da segunda vaga, Portugal apresentava-se, desde o início do projeto migratório, como o país de escolha (Góis & Marques, 2015). Essa mudança revela que, pelo menos no caso dos imigrantes brasileiros em Portugal, os fatores de repulsão, descritos anteriormente neste trabalho, e as mudanças no contexto de vida desses sujeitos têm sido agora os principais fomentadores do projeto migratório.

É que a gente já queria sair do Brasil antes, muito antes. E ele [marido] acabou fazendo... na verdade, foi tudo uma somatização, o fato da gente querer sair do Brasil. (...) A gente tinha uma agência de marketing. Ai ela foi invadida. (...) Levaram tudo, tudo. Os computadores, celulares que a gente usava nos eventos, levaram. Um monte de coisa. Eu literalmente sentei no chão e chorei. Chorei. (...) Ai eu falei pra ele "eu quero ir embora do Brasil, não tenho segurança aqui, eu não quero mais", não sei o que e tal. (...) E eu virei pra ele e eu falei "eu não quero mais. Eu não quero mais, eu cansei. Sabe? A gente tá investindo tanto na agência e acontece um negócio desse. Muito prejuízo. A policia não fez nada, ninguém achou nada e tal. Então eu não quero mais". (Luciana, #06)

Bem, a questão de imigrar, ela já vinha latente. Ela vinha latente. Eu me aposentei opcionalmente em 2016, mas continuei trabalhando até o final de 2018, quando eu saí definitivamente da empresa. Então com isso, a gente começou a olhar o que que teria de opção pra nossa filha pequena. Começamos a olhar, conversar também, ver o horizonte até para a minha esposa também, porque ela terminou o mestrado dela também. E vimos que talvez fosse uma boa opção nós mudarmos de ares, principalmente no caminho que nós estávamos vendo no ensino no Brasil para a pequena. Para uma miúda, como falam aqui, né. (Rafael, #03)

Entendida essa importante mudança no fluxo de decisão de migrar, Portugal começa a figurar no mapa de possibilidades de destino do projeto migratório. Assim como encontramos em outros estudos sobre a emigração brasileira para a Europa (cf. Lara, 2021), alguns dos imigrantes entrevistados relataram que a ideia da migração para Portugal surgiu a partir de uma experiência prévia de vivência do cotidiano no país ou na Europa, fosse como turista ou como residente de curto ou médio prazo. Esses relatos evidenciam a importância de uma experiência anterior no país como um fator importante na decisão do destino do projeto migratório.

Eu, antes de morar aqui, eu já... por dez anos, eu vinha quase todo ano pra Portugal, então eu já conhecia um pouco da Europa, de outros países aqui na Europa. (Renata, #09)

Nós já conhecíamos alguns países, eu e minha esposa, e já havia o interesse de visitar Portugal. Nós planejamos um ano e viemos pra cá pra Portugal. Ficamos aqui um mês, foi um mês agradável, mas nós tivemos a visão de turismo e a visão de trabalho daquela época. (Gilberto, #20)

Antes, eu não pensava em sair do Brasil. (...) O que eu construo fora, eu construo aqui. Eu tinha essa imagem. Até que o meu marido foi fazer intercâmbio na Espanha. Ele foi. (...) Nesses três meses, eu conseguir ir visitar ele. Ele ainda tava trabalhando. Mas eu vi coisas que, no Brasil, não acho possível ainda. Como sair de noite segurando o celular na mão. Com o pouco que ele ganhava, conseguia viver bem. Conseguia ter uma qualidade de vida que nós sabíamos que no Brasil, mesmo com o salário dele, a gente não conseguiu ter a quantidade de coisas que tínhamos com a mesma quantidade, tecnicamente dizendo, na Espanha. Então assim, foi por eu conhecer a realidade aqui - na Espanha, na verdade - que eu comecei a pensar mais sobre morar fora. (Vera, #18)

(...) vim pra cá de férias, me encantei com o país, com a Universidade e tal. Então eu botei na minha cabeça que eu queria voltar. (Rosa, #14)

No relato de Beatriz, conseguimos ainda compreender em que sentido se dá a importância destas experiências prévias para o projeto migratório futuro. Foi, sobretudo, ao longo de um período de um ano e um mês como investigadora estagiária em uma universidade portuguesa em que, segundo a entrevistada, a intenção de viver em Portugal começou a ficar mais consolidada em seu planejamento do futuro.

Então, o primeiro período foi uma visão mais de foco no estudo, então eu tinha uma rotina muito voltada à Universidade, tinha o meu gabinete na (...), o contato com os colegas que também eram orientandos do meu orientador. Tinha as atividades acadêmicas. Então, eu cheguei a participar também de alguns congressos. Um em Coruña, foi o primeiro que eu fui na Espanha, outro em... onde é que foi? Bragança, no (...). Então era bem voltado pro estudo. Pra mim foi uma experiência muito interessante, porque foi a primeira vez na vida que eu tive a oportunidade de só estudar, sem ter que trabalhar junto, então foi só o trabalho acadêmico. E ainda o Governo me pagando pra isso, então eu achei o máximo. Porque antes eu sempre tive aquela vida louca de conciliar tudo. (...) Então tudo isso contribuiu, esse primeiro período, fora a questão do estudo, contribuiu também para que eu fosse consolidando a ideia de ir viver aqui. Eu não sou uma pessoa que conseguiria me ver "olha, agora vivendo no Brasil, sem conhecer, olha, agora eu vou pra Portugal e vou ver no que que dá". Eu conhecia, eu tive essa vivência toda. (Beatriz, #10)

Dentre os entrevistados, estavam ainda pessoas para as quais a migração para Portugal não foi a sua primeira migração internacional. Como visto em Massey et al. (2005), a experiência da mobilidade social adquirida com a migração amplia os horizontes dos indivíduos e faz com que estejam mais propensos a migrar novamente.

Embora os migrantes possam começar como ganhadores-alvo que buscam fazer uma viagem e ganhar dinheiro para um propósito estreito, depois de migrar eles adquirem um conceito de mobilidade social e um gosto por bens de consumo e estilos de vida que são difíceis de alcançar através do trabalho local. Uma vez que alguém tenha migrado, portanto, é muito provável que ele ou ela migre novamente. (Massey et al., 2005, p. 47)

Essa situação está em sintonia com o argumento de Bernard e Perales (2021), que referem que, embora existam poucos estudos no sentido de se entender a influência de um historial migratório em migrações futuras, já é possível traçar paralelos que confirmem essa suposição. Dentre as várias conclusões às quais chegaram os autores, que advogam pela caracterização da migração como um

comportamento aprendido, está a existência de uma relação entre uma migração realizada no passado com a possibilidade de outras migrações futuras, sendo a quantidade de vezes em que se migrou anteriormente muito mais importante do que a distância entre o local de origem e o local de destino. A relação entre estas duas variáveis aumenta se houver acontecido, pelo menos, uma experiência de migração na fase adulta da vida de um indivíduo.

Fui morar na Austrália com 16 anos. Então lá eu fiquei um ano, morei um ano na Austrália, dos 16 aos quase 17. (...) E aí então, no ano seguinte entrei, na Universidade que também era em outra cidade. Então, eu ficava em São Bernardo do Campo, a distância de lá à São Paulo era mais ou menos uns 60km, uma hora e pouquinho de carro de distância. Então, eu ia e vinha todo dia pra essa cidade durante os tais supostos cinco anos em uma faculdade de Engenharia, que acabaram se tornando seis anos devido a reprovação e devido a um intercâmbio que eu fiz também no meio do caminho. (Eduardo, #11)

Essa influência de migrações passadas na atual migração para Portugal surge com clareza no relato de Diogo, que, antes de Portugal, já havia migrado para Irlanda, Espanha e Austrália.

Basicamente, já tinha viajado outras vezes. Eu passei... agora, eu já estou no sexto ano fora do Brasil, só que não foram consecutivos. Eu fiz intercâmbio pra estudar inglês quando tinha 19 anos. Trabalhei, morei em Dublin. Depois, voltei pro Brasil porque eu achava que eu precisava fazer uma faculdade. Acabei fazendo uma faculdade. No meio da faculdade, eu ganhei uma bolsa de pesquisa. Tentei fazer a pesquisa em Madrid porque surgiu a oportunidade na faculdade de ir pra Madrid. (...) Depois eu voltei pra terminar a faculdade. Terminei a faculdade e fui morar na Austrália. (Diogo, #24)

Em outro momento da entrevista, Diogo reconhece o quanto essas experiências passadas contribuíram para que a decisão de migrar para Portugal tenha sido mais fácil. Por já ter experienciado em sua própria vida a condição de ser imigrante em outros países, o entrevistado relata ter criado uma espécie de linha de raciocínio pessoal sobre o tema que o ajudou a organizar seus pensamentos e sentimentos, bem como a forma como percebe e lida com as dificuldades que vão eventualmente surgindo em Portugal.

Eu vim sabendo que eu ia me ferrar no início. (...) Então tipo, nunca me falaram, e depois criei o raciocínio. Depois vi pesquisas falando sobre isso, que na vida do imigrante tem três fases, uma que perdura, né? Que a primeira é a adoração de tudo, tudo é maravilhoso, porque é um lugar novo, vai se sentir super bem. Depois você vai ter a saudade, vai ser tudo uma merda, tu vai achar que aquilo é uma bosta, tu não sabe o que tá fazendo. E depois, aquilo vira a tua casa e tu esquece como era no outro lugar, e aí tudo vive uma normalidade que é o que tu vai vivendo com o tempo. Eu nunca tinha vivido a normalidade. Cheguei perto da primeira vez, que eu morei dois anos em Dublin. Mas eu vi minha vida estagnada... era muito jovem também, nem sabia o que eu queria da vida, não entendia nada. E voltei. A segunda vez, voltei porque não tinha como ficar, eu queria ter ficado. Na terceira vez, deu tudo errado. Mas eu sabia que eu tava fazendo certo, do jeito certo, só que eu tava no lugar errado, na hora errada, tudo errado. E, sabendo de tudo isso, eu vim sabendo que eu ia me (...) no início, mas se eu tivesse resiliência, ia passar, ia virar tudo normal e eu ia conseguir como todo mundo consegue quando fica, quando decide ficar. Então, eu vim nesse propósito. Em nenhum momento eu reclamei de estar... óbvio, às vezes você está cansado, você reclama de estar cansado. Mas eu nunca reclamei da situação porque eu sabia que eu ia ter esse processo. E passei claramente por esse processo já. (...) E muita gente não sabe disso. (...) Então tipo, era isso.

Eu vim sabendo disso e aí vivenciei até chegar na... sei lá aonde que eu vou chegar. (Diogo, #24)

Tratando-se dos aspetos de atração de brasileiros para Portugal, podemos citar as facilidades e as vantagens que os brasileiros têm ao migrar para aquele país e não outro, a exemplo dos acordos bilaterais e as medidas legislativas que já referimos anteriormente neste trabalho. De acordo com Andrade (2021), existe ainda uma afinidade científica e tecnológica entre os dois países, o que faz com que tanto os brasileiros se interessem por Portugal para a sua capacitação profissional quanto os portugueses vejam nos imigrantes brasileiros uma oportunidade de ocupar os seus quadros universitários e laboratoriais com pessoal qualificado. Ainda assim, em nossa pesquisa, observamos pouca menção ou importância dada a estes acordos, que, como vimos em Góis e Marques (2015), eram tão valorizados pelos imigrantes da segunda vaga.

Além desses acordos, que beneficiam os brasileiros em geral, é preciso mencionar ainda os esforços de Portugal para a captação de estudantes internacionais, uma vez que eles acabam por se configurar como um fator de atração para a emigração brasileira. Há até poucos anos atrás, o país não possuía um planeamento ativo na atração de estudantes estrangeiros para o país (Fonseca & Hortas, 2011), mas essa situação começou a mudar nos últimos anos. Face à continuidade e diversificação da emigração portuguesa nos últimos anos, onde se incluem os profissionais portugueses qualificados (Góis & Marques, 2018), a mobilidade estudantil internacional tem sido amplamente explorada como um caminho frutífero para a captação e retenção de jovens talentos no país. Fonseca, Esteves e Iório (2015) mencionam as orientações comunitárias no âmbito da União Europeia, o fomento à cooperação com os países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e a internacionalização promovida pelas instituições de ensino superior como algumas das diretrizes que têm sido empreendidas em nível nacional para atrair e facilitar a estadia de estudantes internacionais em Portugal.

Sobretudo no que se refere às universidades portuguesas, aproveitando-se de mudanças legislativas ao longo dos últimos anos, têm sido desenvolvidos programas específicos de captação de estudantes internacionais - uma situação que, de acordo com Iório (2020), está muito influenciada pelo envelhecimento da população e o *brain drain* dos estudantes portugueses logo após se formarem. Esse movimento tem se mostrado mais pujante nas universidades fora dos grandes centros urbanos portugueses, o que corrobora a já pública intenção da administração pública em deslocar não só os cidadãos nacionais para as cidades no interior do país, mas, como refere Amanto (2020), também os imigrantes. O Instituto Politécnico de Bragança (IPB) serve de exemplo para ilustrar essa situação, uma vez que foi essa a instituição de ensino superior localizada fora dos grandes centros urbanos portugueses

que registou o maior crescimento no número de estudantes internacionais no ano letivo de 2019-2020 (G. Lopes, 2020). É de se referir, ainda, a manifestação pública da referida instituição em prol da captação de lusodescendentes como, nas palavras do então presidente do IPB, Orlando Rodrigues, “uma forma de chamar de volta jovens”, mas também de “procurar aproveitar esse potencial, seja enquanto mão-de-obra qualificada, seja enquanto oferecer Portugal como uma alternativa para fazer estudos superiores” (“Politécnico de Bragança quer captar”, 2020).

E foi então que decidi, fazendo as minhas pesquisas, qual seria o país em que eu teria uma facilidade maior de adentrar com o visto de estudante, quais seriam as facilidades burocráticas pra eu conseguir ter o meu visto. E, claro, sempre quis ir de forma muito certinha, muito organizada burocraticamente, pra poder não ter mais problemas a frente. E foi quando eu decidi por Portugal. (Teresa, #25)

E eu comecei a pesquisar e ver que não era uma coisa tão difícil. E como, na época que eu estava pesquisando, justamente, era a época das inscrições, eu me inscrevi. E aí eu encontrei o curso que eu faço hoje, que é aqui na (...), que é em gerontologia e prescrição de exercício pra idosos, que era exatamente o que eu queria fazer. Então eu olhei a grade, eu achei o curso perfeito, eu pesquisei sobre a cidade, porque eu não queria ir pra uma cidade grande, eu preferia ir para uma cidade pequena, e me inscrevi. E depois que eu me inscrevi, continuei as outras etapas pra poder conseguir o visto e... e aqui estou. (Carla, #04)

E quando eu fui pesquisar o mestrado, aí eu pesquisei as melhores universidades de Portugal e aí estava lá Lisboa, tan tan tan, Porto, tan tan tan. E aí eu fui ver que tem um acordo de cooperação com o Brasil, o *Acordo de Bolonha*, que concedia 50% de desconto pro brasileiro. E aí a Universidade do Porto... aí eu fui sincronizar lançamento de edital, tempo pra se inscrever e curso, e preço, e valor. E aí eu escolhi a Universidade do Porto. Saiu o edital, me candidatei logo na primeira. Fui aprovado, fiquei entre os 10, porque se você não fica entre os 10 e se não fosse chamado, você vai pra... você tenta de novo mais duas vezes, mais ou menos assim. Fui aprovado, dei entrada no visto. (Bernardo, #08)

Também nos últimos anos se tem observado, no domínio jurídico, alguns movimentos do Governo de Portugal no sentido de permitir que a nacionalidade portuguesa esteja acessível para um leque mais alargado de pessoas. Ainda que a nacionalidade portuguesa tenha aparecido em nossa pesquisa como um fator facilitador do processo migratório, observa-se que a sua obtenção é, em outros casos, um objetivo que direciona a própria intenção de migrar. Com a publicação da Lei Orgânica 2/2020, que consiste na alteração da Lei n.º 37/81 (Lei da Nacionalidade), a possibilidade da aquisição da nacionalidade por naturalização foi tanto estendida para novas situações que se enquadrem quanto flexibilizada para os casos já previstos. Também o tempo necessário de residência em Portugal fora ajustado de seis para cinco anos. Como consequência, o país, para além de ser uma opção atrativa para aqueles que já possuíam uma nacionalidade europeia, agora se tornava também para aqueles que desejavam adquiri-la. É interessante observar que a intenção de adquirir a nacionalidade portuguesa também surgiu no relato dos imigrantes quando endereçavam o futuro, como veremos mais adiante nos

resultados da pesquisa, sendo esse um dos motivos para alguns dos imigrantes planejarem permanecer em Portugal nos próximos anos.

Primeiro porque a minha esposa tem cidadania e minhas filhas também têm. E até mesmo pra conseguir um visto, a residência, pra mim era uma questão burocrática. Então em termos de facilidade de estabelecimento, a gente optou por Portugal. (Rafael, #03)

O meu pai nasceu na Ilha da Madeira. Então, alguns anos antes, o meu filho trabalhou na Costa Cruzeiros. E aí... ele trabalhou três contratos e ele já conhecia bem a Europa. E ele percebeu o quanto facilitava um passaporte europeu. E aí ele falou "mãe, você tem que tirar nacionalidade pra eu poder tirar". Então eu tirei por ele, né? E aí, na primeira oportunidade que ele voltou no navio, ele tirou a dele. (Luísa, #23)

Nisso, nesse ínterim todo, eu consegui a minha cidadania italiana. E tinha gastado uma fortuna pra traduzir, juramentar documento e não sei o que, eu falei "ah eu não vou traduzir, juramentar documento, pro inglês, pro italiano, pro não sei o que. Vamos ver o que tem em Portugal". (Luciana, #06)

Para uma pequena parte dos imigrantes, a língua continua a ser um importante fator na escolha de Portugal como país de destino, à exemplo da importância que já apresentava junto aos imigrantes da segunda vaga migratória (cf. Góis & Marques, 2015). A persistência da língua como fator de peso na decisão do trajeto migratório corrobora visões como a de Andrade (2021, p. 117), para quem ela é vista como um "facilitador e redutor de custos de transação" na migração, seja do lado daquele que migra quanto do país que o recebe.

Então, por que que a gente decidiu Portugal? Bom, primeiro porque enfim, pra vir com as cachorras era muito fácil, era um dos países que requeria menos... tinha menos requisitos de entrada do animal aqui em Portugal. E depois, não teríamos problema com a língua. Não tinha que traduzir e juramentar documento nenhum. (...) Contanto que ele também fosse fazer um mestrado na França, ele tinha que ter o inglês fluente ou a proficiência, porque eles pedem o certificado de proficiência. Ou o francês fluente ou alguma coisa. Então eu falei "bom, então vamos fazer o seguinte? Vamos então pra Portugal e vamos ver o que que dá". "Tá bom". (Luciana, #06)

Então, a minha escolha pra Portugal era porque era um país acessível, porque eu iria falar português. Porque eu sou fluente em espanhol, não sou fluente em inglês. Mas eu consigo me virar, consigo ler, consigo escrever, consigo ouvir e consigo falar, mas não me considero fluente. (Bernardo, #08)

Eu decidi, no começo do ano, mais ou menos, que queria vir pra Europa. E por não ter outros idiomas, então preferimos Portugal. (Vera, #18)

Esclarecidas as razões que sustentam a escolha de Portugal como país de destino, é importante referir que alguns dos entrevistados fizeram questão de afastar a questão econômica e financeira como um fato que influenciou a sua escolha. Existe, para estes imigrantes, a ideia de que Portugal não é um país onde se consegue enriquecer ou constituir uma poupança financeira. Cabe recordar que o ganho financeiro, a possibilidade de fazer uma poupança ou mesmo as remessas para o Brasil eram uma realidade na vida dos imigrantes da segunda vaga, para os quais a questão econômica embasou a

emigração e a escolha de Portugal como país de destino (Padilla et al., 2015). Essa é uma descoberta interessante porque, embora já pudesse ser esperada em vista da mudança de perfil daqueles que migraram nos anos mais recentes, ela revela tanto as mudanças que se têm feito no discurso sobre Portugal como um país de imigrantes quanto amplia a percepção para as mudanças de estratégia e planejamento dos imigrantes. Trazemos, a título de ilustração dessa questão, as falas de Rosa e Rafael, que explicam a questão do ponto de vista do imigrante e também enquanto imigrante e empreendedor.

Portugal não é um país pra você “enricar”, mas você tem o seu trabalho que ganha, pelo menos, o ordenado mínimo. Pra quem é solteiro, dá pra trabalhar, dá pra comprar as suas coisinhas, dá pra passear. (Rosa, #14)

Bem, Patricia, o que a gente veio buscar aqui em Portugal é qualidade de vida. Geralmente, você consegue fazer muito dinheiro em economias em que você aposta um risco ou então economias que incentivam muito o empreendedorismo - a americana, por exemplo - ou então você corre risco no Brasil, você aposta no risco. Aqui em Portugal, claro, existem situações que você pode fazer muito dinheiro, logicamente (...) mas não com a proposta de empreender para enriquecer, não é o país que a gente tem visto que te impulse tão forte com isso como os Estados Unidos ou mesmo o Brasil, você correndo todo o risco. A estrutura aqui de Portugal, pelo menos a atual, ela estimula bastante o equilíbrio da vida (...) Mas, se procurar uma opção de empreender de modo mais agressivo, tenho visto também que existem movimentos pra isso, existem oportunidades pra isso, mas você é forçado a se internacionalizar. Talvez aqui em Portugal você tenha condições de viver bem, mas, como Portugal é um país do tamanho de Pernambuco, você vai ter que buscar outros mercados fora. E isso demora tempo, demora mais viagens, demanda mais tempo fora de casa e... pelo menos, no meu caso, não sei se vale tanto a pena mais não. (Rafael, #03)

Além disso, houve mesmo quem citasse razões pelas quais, a partida, não escolheram (ou não escolheriam, em um quadro hipotético) Portugal como a primeira opção do projeto migratório. Para estes imigrantes, o país acabou por apresentar-se como o último na lista de possibilidades.

Enquanto isso, eu estava pegando orçamento com as empresas de intercâmbio pra estudar em Dublin, na Irlanda. Cogitei Canadá... os clássicos que as pessoas cogitam, né? Malta, Canadá, Austrália, Nova Zelândia... enfim, peguei orçamento. (Bernardo, #08)

E eu, particularmente... então, como eu te falei, eu já vim... eu não tinha muitas ilusões em relação a Portugal. Nem ele tem [referindo-se ao marido], mas assim, ele mais do que eu, eu diria. (Renata, #09)

Planeamento e preparação do trajeto migratório

No caso dos imigrantes da segunda vaga, a análise de suas narrativas quando se referiam à etapa de preparação e planejamento da migração aponta, como vemos em Góis e Marques (2015), em muitos dos casos, para a ideia do planejamento de uma trajetória migratória que é estratégica, orientada por objetivos já muito bem traçados à partida. As trajetórias migratórias são aqui entendidas como a sequência de etapas e percursos pelos quais os migrantes passam para a concretização da sua

migração. Sabemos que, para quase metade dos imigrantes da segunda vaga migratória, a decisão de emigrar foi tomada de forma inesperada (Góis & Marques, 2015). Já para aqueles que migraram nos últimos anos, a análise dos relatos dos entrevistados explicita que, em grande parte dos casos, o projeto migratório foi um movimento premeditado, o qual envolveu tempo para o amadurecimento da ideia de migrar e para o planejamento da sua realização. Pode-se dizer que o fato de, agora, a intenção de migrar estar inserida dentro de uma esfera de tomada de decisão familiar, e não mais independente, como fora observado na altura da segunda vaga (Góis & Marques, 2015), contribuiu para que essa seja, atualmente, uma decisão mais ponderada e esquematizada. Em alguns casos, esse planejamento chegou a durar mais de um ano, embora entenda-se que pode vir a durar até três ou quatro anos.

Estudamos um bom bocado, pensamos. (...) Foi uma decisão um pouco bem planejada, no sentido em que passamos muito tempo pensando e vendo e estudando bem. Não foi algo muito espontâneo no sentido de que "não, vamos pra Portugal, vamos pra Portugal". Estudamos por bastante tempo as possibilidades tanto pra ela [esposa] quanto pra mim. (João, #02)

Nós fizemos muitas pesquisas antes de vir, não foi aquela coisa "ai, vamos para Portugal? Vamos". (Maria, #01)

Quando eu decidi vir pra cá, comecei a pesquisar as cidades, o custo. E calculamos que eu viria e, como o dinheiro que tínhamos, eu poderia ficar três, quatro meses sem emprego, que era o que o dinheiro brasileiro conseguiria vindo aqui. (Vera, #18)

E aí eu me organizei pra vir pra Portugal. Enfim, a minha preparação durou um ano, toda. E que eu digo às pessoas que ainda é pouco pra quem quer vim, que ainda é pouco um ano porque é muita documentação, é coisa de cartório, coisas que você nem imagina. Por exemplo, meu custo de cartório foi R\$ 850,00. Só de cartório. (Bernardo, #8)

E aí eu comecei a fazer as minhas pesquisas, etecetera e tal. E fui me direcionando pra vim pra Portugal efetivamente. (Roberto, #12)

Incluída nessa etapa de planejamento esteve a coleta de informações sobre tudo o que envolvia o projeto migratório destes indivíduos, o que vai desde os trâmites burocráticos necessários de serem realizados às informações do dia-a-dia e da vida prática no país. Atestamos que os média digitais têm sido os meios de eleição para esse fim, conforme já havia sido indicado em pesquisas anteriores (cf. Capano & Barros, 2021). Na esfera digital, as redes sociais e aplicativos de mensagens como *Facebook* e *WhatsApp*, bem como as plataformas de conteúdo como *YouTube* e *Instagram*, foram citados pelos entrevistados como as fontes de informação às quais recorriam com maior frequência, por divulgarem conteúdos mais práticos e permitirem um contato aproximado com os brasileiros que já se encontravam a residir em Portugal. Quanto ao tipo de material divulgado nessas fontes, assim o descreve Capano e Barros (2021):

Nesse cenário, pessoas comuns, como potenciais emigrantes ou os que já emigraram, no caso do nosso grupo de interesse, contam sua versão de como é viver na Europa através de

canais *web* no *YouTube*, *Instagram*, blogs e grupos de discussão no *Facebook* e *WhatsApp*. São cronistas em rede, que compartilham informações por diferentes motivos: monetização, pagamento de anunciantes através de plataformas se houver um grande fluxo de usuários da *web*; comércio eletrônico, para oferecer produtos e serviços aos participantes dessas discussões, como intermediário na obtenção de documentos para a entrada na Europa; autoestima, quando o envolvimento de muitos internautas significa a aprovação da comunidade nacional brasileira do suposto sucesso do narrador no exterior; altruísmo, quando as pessoas tomam o tempo de suas vidas para explicar aos interessados em emigrar como fazê-lo, conseguir construir um lar ou conseguir um emprego. (Capoano & Barros, 2021, p. 570)

De acordo com os imigrantes, esses ambientes digitais suprem uma lacuna nos média tradicionais, que, a seu ver, são ineficientes em trazer informações que, de fato, venham ao auxílio da decisão e concretização da migração daqueles que ainda se encontram no Brasil. É por esses meios que os imigrantes conseguem obter informações práticas sobre como, por exemplo, resolver problemas de documentação e com as autoridades portuguesas, sobre a qualidade e o custo de vida em Portugal, e questões burocráticas relacionadas aos serviços consulares e órgãos administrativos portugueses (Capoano & Barros, 2021). Sendo assim, complementando as descobertas de Capoano e Barros (2021) de que os imigrantes brasileiros informam-se mais por páginas digitais ligadas aos serviços governamentais portugueses do que os canais do *YouTube*, *Instagram* e grupos de discussão no *Facebook*, as entrevistas que realizamos com os imigrantes brasileiros clarificam que, para estes imigrantes, as redes sociais e as páginas de conteúdo administradas por brasileiros que já residiam em Portugal têm um papel fundamental na obtenção de informação sobre a vida em Portugal.

Então, o que que eu comecei a fazer quando a minha avó resolveu vir pra cá? Eu comecei a buscar informações sobre Portugal. E aí o *YouTube* tava ali. Logo essas que tu vai falar na tua pesquisa, estava todo acesso aí. Cara, eu estudava de dia, de noite eu não fazia mais nada, não tinha saco pra fazer nada, ficava deitado vendo vídeo no *YouTube*, vendo todas as informações possíveis. (Diogo, #24)

No relato de Carmen, podemos entender o quanto tais conteúdos digitais podem influenciar as condições em que ocorre a migração, bem como todos os detalhes do planejamento da vida em Portugal. Ela nos contou que, enquanto pesquisava sobre Portugal, foram surgindo diversos vídeos sobre Braga, sobre a estrutura e sobre o dia-a-dia naquela cidade. Isso fez com que Carmen criasse, em seu imaginário pessoal, um encanto pelo lugar, o que resultou com a escolha de Braga como o lugar onde iria morar no novo país de residência.

Porque assim, aparecia pra mim muitos vídeos de Braga, de Braga. E aí eu fui vendo. Tinha a faculdade do Minho, era uma cidade turisticamente conhecida, né? E aí eu botei Braga na cabeça. E aí eu ficava assistindo aqueles vídeos mostrando a cidade. Obviamente, você ainda está no Brasil, você não conhece, você vê qualquer cidade aqui é lindíssima, né? E eu me apaixonei por Braga. Aí eu via algumas outras. Via Guimarães, via Vila Verde, via alguns lugares aqui próximos, Porto... Mas assim, "não é Braga, gostei de Braga". (Carmen, #22)

Ainda que úteis do ponto de vista do acesso à informação, o consumo dos referidos tipos de conteúdo deve ser abordado com ponderação, uma vez que podem ter atrapalhado mais do que ajudado o processo de migração dos imigrantes. Com base na revisão teórica e conceitual que apresentamos sobre o papel dos média enquanto mediadores da realidade e construtores de uma ideia de mundo, é de se admitir que, em alguns casos, a imagem de Portugal e da vida do imigrante brasileiro naquele país não é assim tão fiel à realidade. Em uma pesquisa desenvolvida por Capoano e Barros (2021) com imigrantes brasileiros, uma grande parcela deles relatou ter tido acesso a informações incorretas ou desatualizadas, o que fez com que eles mesmos - ou alguém que conheçam - tenham sido prejudicados por isso. Em nossa pesquisa, encontramos, nos relatos dos entrevistados, momentos em que reconhecem que os conteúdos disponíveis na esfera digital nem sempre retratavam como é realmente a vida do imigrante brasileiro em Portugal, mesmo sendo eles produzidos por brasileiros.

Eu fiz muitas pesquisas. Muitos vídeos no *YouTube*, inclusive. Tem um monte de canais de brasileiros. Existe uma diferença muito grande, às vezes, do tipo de relato. De ser pessoas que, digamos, "vendem o peixe" muito grande. De Portugal maravilhoso, Portugal é isso, "você vai conseguir emprego em um dia". Quase como se fosse isso. "Conseguirás tudo, aqui é maravilhoso" e tal. Claro que não levamos tudo a sério. Não que não seja um ótimo país, mas nenhum país é maravilhoso assim a ponto de ser tudo simples e fácil. Nada é fácil, principalmente para um imigrante. Passamos muita dificuldade. (Teresa, #25)

Alguns deles admitem, inclusive, que ter tido a perspicácia de conseguir perceber essa situação e filtrado as informações que lhes chegavam por meio dos média digitais sociais e de conteúdo foi essencial para que não criassem expectativas além da realidade sobre o cenário que encontrariam quando chegassem em Portugal.

Eu, basicamente... a gente decidiu e eu fiquei uns quatro meses pesquisando. Eu ficava todas as noites, sério mesmo. Todas as noites, eu deitava na cama e... não via TV. Botava um vídeo, ficava no celular olhando o *YouTube* e vendo os vídeos. Então tipo, eu vi todos os vídeos. Todos. Não todo mundo, mas todos os tipos de vídeo eu já vi. E aí, claramente, as informações se repetem. E aí, tu consegue ver quem é bom e quem é ruim. Então eu comecei a excluir as pessoas que vendiam esse sonho, pegava só as informações que eu precisava de documentos, transcrevia o que eu precisava. Assistia um pouco sobre as questões profissionais, aonde as pessoas estavam, o que que elas faziam, mais ou menos quanto se gastava. Reuni todas essas informações, fiz uma média delas, e dessa média eu tirei a realidade. (Diogo, #24)

Já no relato de Mariana, por exemplo, ela conta o quanto esse tipo de conteúdo ajuda a construir uma idealização de uma vida em Portugal sem dificuldades, o que faz com que os brasileiros, com expectativas adequadas à essa imagem, acabem por se frustrar ao chegarem ao país e encontrarem uma realidade diferente.

Agora, dessa imagem, eu acho que quem passa é quem tá aqui mesmo, sabe? É quem tá aqui que eu acho que acaba não falando a realidade. E não é nem o jeito de ser pessimista, não é nem... é mesmo falar a realidade, sabe? É falar assim: "olha, tá bem, se eu for com 10 euros no mercado, vai render muito mais que os meus 10 reais lá", se a gente não fizer a

proporção aí, né? Mas tem muitas outras coisas que... a vida é difícil aqui, a vida não é fácil, não é um mar de rosas, não é assim como... eu acho que os canais de *YouTube*, acho que essa informação mais rápida, pinta um mundo que não existe, sabe? E as pessoas que estão lá e que, por vezes, passam por muita dificuldade, pensam: "é ali, é o meu caminho, é a minha salvação". E aí chega aqui, se decepciona, porque vê que não é assim. É uma vida com mais qualidade? É, eu acredito que é uma vida com mais qualidade, com mais segurança. É sim. Mas é difícil, não é uma vida fácil. É um salário mínimo super baixo, é um país extremamente burocrático. (...) Então, eu penso que essa ideia errada vem de quem tá aqui mesmo. (Mariana, #19)

Ainda segundo Mariana, apesar do fácil acesso à informação sobre as questões burocráticas, há uma grande escassez de informação sobre a questão "emocional", do "choque cultural", de "ser posto à prova".

Eu só acho que, quando a gente procura... por exemplo, hoje eu acho que até tem muito mais do que quando eu vim, e olha que nem faz muito tempo que eu vim. Mas quando procura, assim, informações sobre imigração, acho que encontra muito essas questões burocráticas, o que que precisa, o que que é preciso pra se legalizar, questão de arrendamento, de trabalho. E que são importantes, porque faz parte da nossa vida. Mas eu acho que essa questão emocional, desse choque cultural, é pouco falada ainda. E eu, nesse tempo que eu tô aqui, nós já acolhemos mesmo muitas pessoas aqui em casa, e que depois voltaram. Porque assim, já tava com trabalho, já tinha apartamento arrendado, mas que não deu conta de passar por esse momento inicial desse choque, dessa... sabe? De ser posto à prova mesmo. Então, eu só penso isso. Em que, se tratando da imigração, as pessoas deveriam levar mesmo em conta. Dar atenção pra isso, para o que se passa no emocional. (...) Porque não sei, muita gente sai do Brasil achando que Portugal é uma extensão do Brasil, que é... e não é bem assim. A começar pela língua. Eles falam português. Quando eu cheguei aqui, eu falei: "mas não é português que eles falavam? Não tô entendendo nada. Nada, nada, nada que eles falam". E a gente não tem ideia. Hoje, a gente consegue falar rindo, hoje eu consigo brincar e tudo. Mas no início é apavorante isso. E se a gente não tiver mesmo uma estrutura ali muito... muito firme, a gente não consegue. (Mariana, #19)

A entrevistada Renata é de uma opinião semelhante.

Existe uma propaganda sobre a imigração, que aqui é muito bom pra viver, pra morar e tal, e as pessoas ficam muito iludidas com as perspectivas de emprego e tal. E não é bem assim, né? Os empregos são mal pagos, digamos assim, com o salário mínimo, não há garantias e o preço das rendas são altíssimas. (...) o que eu acrescentaria é que essa propaganda poderia ser mais leal. Leal, não real. Leal. E eu não sei qual que é o interesse também. Eu entendo que o interesse do Governo é uma injeção na economia de todos os lados, tanto de ter uma mão-de-obra barata como ter gente pra pagar os preços dos aluguéis. Mas eu acho que isso acaba prejudicando muita gente, muitos brasileiros, ou então as pessoas vão morar muito mal, ou longe ou num quarto, ou enfim. Eu também não sei como era lá no Brasil, mas eu digo assim, no geral, aqui eu acho que não tem emprego que consiga pagar as rendas que eles exigem, os valores das rendas exigidas e as garantias exigidas sobre essas rendas. Então eu acho que não é fácil, não é fácil. Então essa propaganda, ela... eu sei que ela tem interesse, eles devem ter alguns interesses econômicos em fazê-la. Mas deveriam ser mais honestos na hora de falar o valor das rendas, o que que você vai gastar, o que que você não vai. Porque tem gente que tá preparado, mas tem muita gente que não tá e isso pode afetar muito a vida das pessoas. Eu, por exemplo, eu conheci... olha, pelo menos um brasileiro que eu conheci, que passou aqui dois anos, morava uma solidão tão grande, dentro de um quarto numa casa com várias pessoas estranhas, e sem perspectivas de trabalho também. Então... eu, por exemplo, não tenho perspectiva de trabalho. Eu tenho como me manter, mas eu não tenho perspectiva de trabalho. Então, isso precisava ser muito pensado, sabe? Em termos governamentais, em termos econômicos... é uma propaganda cruel. Cruel. Porque as pessoas

no Brasil acham "ah, vou pra Portugal e vou isso e vou aquilo", e não vai. Não vai. (Renata, #09)

Um outro aspeto do planeamento que merece ser mencionado é a contratação, por parte de alguns dos entrevistados, de serviços de consultoria em migração. Esses consultores - aos quais os imigrantes se referem como "agência" ou "assessoria" - eram muitas vezes, na verdade, brasileiros que já viviam em Portugal e que ajudavam, geralmente ao custo de grandes quantias de dinheiro, aqueles que ainda estavam no Brasil com os procedimentos burocráticos de migração tanto no Brasil quanto em Portugal.

E nesse ínterim de corre pra lá, corre pra cá com documentos, ela disse: "Bernardo, eu tenho um casal de amigos que contrataram assessoria que ela é brasileira, que ela resolve a vida da pessoa". Eu disse: "é? Quero". Porque eu não conhecia Portugal nem a passeio, não tinha vindo nem a passeio. "Me dá aí o contato dela?", ela disse "tá bom". Aí pegou, fechou e eu disse "quero ouvir a história". (Bernardo, #08)

Como foi possível averiguar com a análise dos relatos, a motivação para a procura desse tipo de serviço é o receio, por parte dos imigrantes, de estarem a proceder de forma errada no que diz respeito aos trâmites burocráticos, o que faria com que perdessem tempo ou mesmo a oportunidade de migrar para Portugal de forma documentada.

Mas a gente sempre ouvia... e eu estava incluso em um grupo de WhatsApp, nome do grupo era *Caminhando contra o vento*, de vários imigrantes que existiam lá e que eles não eram imigrantes no meu perfil, porque eles eram imigrantes meio que ilegais. Como assim? Eles queriam entrar no país e ir ficando. O que acontece com bastante frequência, né? Vim pra cá, tentar ficar, arrumar trabalho, entra como turista. Engraçado que existia muito aquela angústia "meu Deus, como é que vai ser a imigração? O que que eu vou dizer? O que é que eles perguntam? Eu posso ser deportado". E as notícias surgiam, "três brasileiros foram deportados", e a gente "ai meu Deus, é mais fácil entrar pela França? É mais fácil entrar pela Espanha?". Era essa a angústia da galera. E eu, vendo tudo aquilo ali, dizendo "não, isso não é o meu perfil, eu não vou passar por isso porque eu tenho o visto". Ok. Fechamos com ela. (...) olhe, é mais difícil sem assessoria, porque você vai perguntar a quem? (Bernardo, #08)

Inclusive, o trâmite da vinda, nós contratamos. Terceirizamos uma... terceirizamos não, contratamos uma empresa especializada na realização de visto. Então, ele fez todo o processo pra gente. Pagamos, pagamos caro, mas pagamos pela segurança. Não teria erro, não teria falha, não teria surpresa. (Roberto, #12)

Dentro desse espectro, os serviços prestados variam desde a ajudar na obtenção do visto ainda no Brasil, junto aos consulados de Portugal, à obtenção dos documentos portugueses quando já estão a residir no país de destino.

E aí as documentações, essa assessoria ajudou a gente. A tirar o NIF. Ela foi nas Finanças com a gente. E aí ela tinha um contato em Matosinhos que facilitava isso pra imigrantes, que tem que se responsabilizar, e etcetera e tal. Pronto, aí fez isso e ajudou a gente a tirar o restante da documentação. (Bernardo, #08)

É importante ressaltar que os serviços prestados por essas “assessorias” carecem de qualquer tipo de regulamentação, o que faz com que, frequentemente, muitos brasileiros se sintam enganados ou prejudicados. Esse foi o caso Julia, que contratou os serviços de uma “assessoria” de brasileiros em Portugal para ajudá-la a obter o visto de investidor em Portugal. De acordo com a entrevistada, foi quando os prestadores de serviço entenderam que o seu aporte financeiro não seria tão alto quanto inicialmente imaginavam que começaram, segundo ela, a entregar um serviço sem qualidade e sem dar prioridade para o caso dela, atrasando o seu processo de migração em um ano e meio.

A assessoria pensou, em princípio, que eu tinha muito dinheiro. Daí, depois, eu gastei... porque eu sempre pagava o que me pediam. Daí, quando viram que eu não tinha, que eu não ia ser uma grande investidora em Portugal, tipo coisa de 150, 300 mil euros, que eu não teria pra fazer esse investimento, a assessoria simplesmente me largou de mão. Nem as horas me deram. (...) eu paguei por um Plano de Negócios e eles fizeram de uma forma muito mal feita, que acabou por, literalmente... eu ainda fui. Peguei, na época do cônsul, não era nem VSF ainda, fui no Consulado. O cônsul leu, pegou meus documentos, pegou o material que eu tinha pago, e muito bem pago, pra assessoria fazer pra mim, e jogou literalmente em mim e disse que... como é que era... "que eu não gastasse o meu dinheiro e nem perdesse o tempo dele", que minha filha era cidadã italiana. Então, foi um mar de enganos, foi praticamente um ano e meio de enganos, até que eu consegui, efetivamente, fazer as coisas e colocar as coisas nos trilhos. (Julia, #05)

Em outro momento, ela complementou a narrativa da situação que viveu descrevendo qual acredita ser o *modus operandi* destes prestadores de serviço: o de, em suas palavras, “mostrar dificuldades para vender facilidades”.

Que ganha uma grana nas costas dos outros enganando trouxa. Porque eu me senti uma trouxa completa. Porque eles fazem as coisas um mundo de dificuldades, certo? Eles te mostram dificuldades pra te vender facilidades. E a gente, que quer fazer a coisa certinha, que não quer... que não quer fazer nada errado, tá me entendendo? Que quer ter sossego, já que tá vindo pra cá pra ter sossego, quer fazer as coisas todas certas. Então, assim, é um mar de dificuldades pra depois te vender facilidades. (Julia, #05)

Além de Julia, Carmen também relatou ter se sentido prejudicada por uma “assessoria” contratada por si. Até a altura em que nos concedeu uma entrevista, ela ainda aguardava um parecer do consultor que contratou para conseguir realizar um agendamento no SEF.

Aí eu vim como turista e fiquei aguardando aquele consultor lá. Que eu paguei ele e nada. E ele sempre me enrolando, sempre me enrolando. E até que um dia eu perguntei pra ele, eu falei: "e aí, qual é a história?". Eu falei: "eu preciso de alguma coisa pra estar legal aqui". "Ah, vamos dar entrada na sua manifestação de interesse". Já fizemos isso, já vai pra uns sete, oito meses. Até agora, também o SEF nunca me chamou. (Carmen, #22)

A chegada em Portugal

Antes de falar sobre como se procederam os primeiros momentos e meses de residência em Portugal, é interessante observar que alguns dos imigrantes entrevistados relembrou com um destaque especial as suas sensações e os sentimentos que experienciaram nos primeiros momentos da

sua estadia em Portugal. Julia, por exemplo, lembrou ter chegado em Lisboa em “uma adrenalina louca, louca de medo”, uma sensação que esteve diretamente ligada à facilidade dos trâmites de imigração ainda no aeroporto e pela sensação de conquistar algo que havia desejado por muito tempo.

Não não, sabe que foi só mesmo a adrenalina, o inebriado da conquista. Porque tu sabe que, quando a gente quer muito uma coisa e a gente consegue aquilo, dá aquela... sabe? A gente fica inebriada. "Meu Deus, eu cheguei, eu vim, eu vi e venci", digamos assim. Aquilo ali era uma primeira etapa, sabe? Aquilo ali foi o primeiro grande passo. "Eu estou e eu passei pela..." não é Alfândega, pela... "...pela Imigração e deu certo, e eu...". E agora que eu mexia e dizia que eu ia virar "zoroteia", daí eu dizia "virei z'européia". E eu tava completamente anestesiada, mas foi por isso, pelo fato mesmo. Porque lá deu tudo muito certo e eu não tive nenhum receio. Nada. (Julia, #05)

No caso de Gisele, esse sentimento de conquista esteve associado ao fato dela ser a primeira na família a ter emigrado para fora do Brasil. e

Mas era uma coisa que eu não tinha pensado. Ninguém da minha família nunca tinha feito nada parecido. Na verdade, eu fiquei bem assustada em fazer tudo isso. Tipo, sozinha, ir pra um lugar, sei lá, dez horas de distância da sua casa, morar com quem você nunca viu. Mas fomos. (Gisele, #25)

Já Bernardo recordou ter tido uma estabilidade emocional maior, destacando a importância do trabalho terapêutico nos anos que antecederam a sua emigração. Essa perspectiva corrobora a revisão da literatura que realizamos, por meio da qual constatamos que a saúde mental daqueles que migram pode ser prejudicada de maneiras muito peculiares aos casos de migração, nos quais é característica uma fratura identitária devido à descontinuidade de todo um contexto em que o indivíduo baseia uma ideia de si mesmo (Lechner, 2007).

O primeiro [mês] não foi muito difícil. Muito difícil em que quesito? Eu já vinha em terapia há cinco anos. Eu sugiro... eu sempre, é uma coisa que eu digo: “quer imigrar? Faz terapia. Se não fizer, é puxado”. E eu já fazia há cinco anos. Quer dizer, eu fiz a vida inteira e eu estava em um processo há cinco anos antes de vim pra cá, então eu achava que estava preparado. (Bernardo, #08)

Conforme encontramos no relato de vários dos entrevistados em nossa pesquisa, as primeiras vivências em Portugal acabaram por promover uma quebra de expectativas em relação ao que se imaginava que seria a vida em Portugal. Como já explicitamos anteriormente neste trabalho, essa imagem idealizada da vida em Portugal é, em muito, influenciada pelas narrativas positivas que os próprios imigrantes brasileiros partilham nas redes sociais digitais e plataformas de conteúdo *online*. Talvez a maior diferença entre a expectativa e a realidade se caracterize pela dissolução de uma ideia de proximidade e “irmandade” entre as pessoas dos dois países, um aspecto ao qual, frequentemente, se alude e que fora, inclusive, motivo de muitos imigrantes de outras vagas para a escolha de Portugal como

país de destino do projeto migratório (Góis & Marques, 2015). No relato de Vera, podemos entender um pouco melhor como é a sensação vivida por estes imigrantes no que se refere à essa questão.

Olha, primeiro que eu achava que Portugal gostava do Brasil. Começa assim. [...] E eu imaginava que Portugal, por ser "fundadora do Brasil", como eles dizem, eu achava que tinha um... é como se fosse um "apadrinhamento" em relação aos brasileiros, em relação à história, e não que se fosse uma coisa pejorativa por ser do Brasil. E como a mídia vende que o Brasil é favela, tráfico de droga, prostituição, então quando eu cheguei aqui eles falavam: "nossa, o Brasil é feio mesmo, né?". [...] Mas é mais nesse sentido, de que eu imaginava que Portugal seria uma coisa boa, principalmente em relação ao Brasil. Se relacionasse Brasil e Portugal, era uma coisa que estaria meio que unidos, não é? E não. (Vera, #18)

Vera ainda contou o quanto essa ideia de "irmandade" foi se desfazendo de forma avassaladora em sua vida, bem como o quanto isso se tornou uma questão sensível ao nível emocional e psíquico logo nos seus primeiros meses de residência em Portugal.

É perceptível. É perceptível. E eu acho que, um pouco pra mim, foi mais frustrante porque eu imaginava... eu vim com uma imagem de Portugal e aos poucos ela foi se desfazendo não de uma maneira tão leve e sutil. Foi se desfazendo de uma maneira mesmo drástica. E, cada dia, era uma coisa que me deixava mais desanimada ainda. E daí juntava. Eu estava passando por essas coisas e situações pra estar aqui sozinha, deixar os meus pais, por uma coisa que tecnicamente eu não preciso, não é? E, se eu tô no Brasil, eu tenho uma profissão. Se eu venho pra cá, começo, além de ser do zero, com essas situações. Então, isso era o que me pesava muito. Agora, já sei lidar um pouco melhor, com o tempo. (Vera, #18)

Tratando-se das primeiras dificuldades que estes novos imigrantes tiveram quando chegaram em Portugal, para além daquelas já esperadas em função das consequências advindas do contexto pandêmico com a Covid-19, os trâmites burocráticos foram frequentemente mencionados pelos entrevistados, tema no qual cabem todas as dificuldades em se obter documentação portuguesa devido à morosidade dos serviços competentes, as dificuldades de agendamento e as informações desencontradas.

Então, sei lá, processos burocráticos aqui são custosos. Morosos. Em termos de tempo, demoram demais. Uma coisa acontecer aqui demora muito tempo, enfim. Então assim... e todos os processos que sejam burocráticos. Em termos de documentação, seja pra conseguir um trabalho, seja as coisas da faculdade, seja tudo isso. (Eduardo, #11)

Nesse ponto, eu vejo que, às vezes, muitas coisas no Brasil são mais adiantadas. Você consegue fazer muitos agendamentos online sem ter toda essa burocracia. E, aqui, eu vejo que as coisas são muito pelo telefone. E aí, muitas vezes, você não consegue falar pelo telefone, como nesse caso. E eu conheço muita gente que mora aqui e que tem esse mesmo problema, e não consegue agendar porque não consegue falar no telefone com o SEF. Então, isso é um problema muito grande deles. (Carla, #04)

E eu acho que foi esse o processo. Foi difícil, foi muito difícil, foi muito difícil mesmo. Principalmente porque se tem a lei, se tem as coisas todas, mas as configurações não batem, entende? A lei diz uma coisa, os protocolos dizem outra e a realidade é outra completamente diferente. (Julia, #05)

Nesse assunto, mais uma vez, vemos o quanto as informações disseminadas pelos média e no ambiente digital criam ideias e expectativas irreais sobre a experiência dos imigrantes brasileiros em Portugal. No relato de Maria, por exemplo, fica evidente o quanto a ideia de que a cidadania portuguesa facilita a vida prática dos brasileiros em Portugal pode ser falaciosa. O seu marido, que não possuía a nacionalidade portuguesa na altura da chegada no país, conseguiu obter documentos portugueses antes dela, que possuía a nacionalidade do país de destino desde o momento de partida do Brasil.

Essa questão de burocracia, que não é tão assertiva, isso me incomodou logo. Foi aquele primeiro choque: "poxa, ele conseguiu o NIF primeiro que eu por uma questão...". E eu não tive culpa nenhuma. E aí me parece que eu fui apontada como sendo a errada da história também. Isso me chateou ainda mais. Mas aí, depois, deu tudo certo. (Maria, #01)

Já no relato de Teresa, vemos que as dificuldades surgem mesmo na regularização da condição de imigrante junto às instituições competentes. Na busca por submeter o pedido de reagrupamento familiar para o seu marido, ela aponta que os contratemplos começaram muito antes de se iniciar o processo de regularização, sendo o simples contato telefônico com o SEF³⁹ uma etapa desgastante.

Bom, nós viemos e, primeiramente, enfrentamos algumas burocracias muito grandes em relação a documentação para o meu esposo. Pois havíamos lido algumas informações de que seria facilitado, assim que eu tivesse a minha documentação poderia fazer o reagrupamento familiar para o meu esposo. Mas, na prática, o serviço não é tão simples. Há uma fila de espera muito grande. Não é tão acessível o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, o SEF. Tivemos muita burocracia pra conseguir que tivesse sequer o agendamento do meu esposo, pois ligávamos e não havia vaga, não havia vaga, não havia vaga. Bom, esse foi o primeiro passo, a burocracia da documentação. (Teresa, #25)

Diante desse tipo de dificuldade, a comunidade de imigrantes brasileiros já estabelecida no país, ou mesmo os contatos previamente existentes com outros brasileiros, são percebidos como importantes recursos de apoio e ajuda. No caso de Amanda, essa espécie de “apadrinhamento” por uma amiga que já vivia em Portugal foi fundamental para que ela conseguisse ter a sua “vida resolvida” já na primeira semana a viver em Portugal.

Através de amigos, por coincidência, eu tinha uma amiga minha muito próxima que tinha amigos que viviam em Braga. Então... é um casal. Então, essa amiga dela, simplesmente, foi me buscar no aeroporto, e ela resolveu a minha vida quando eu cheguei. Então, do tipo, ela foi comigo tirar o NIF, ela se responsabilizou por mim, ela tirou o NIF, ela tirou o meu número de utente, ela resolveu a minha vida na primeira semana que eu morava em Braga. Então, do tipo, eu sei que a minha vida foi completamente diferente da grande maioria das pessoas. Então, eu tive a minha vida resolvida na primeira semana. (Amanda, #16)

³⁹ Fazemos referência a este organismo pois, na altura, era ainda ele que estava a cargo da administração da situação dos imigrantes em Portugal. Refere-se, contudo, que, no dia 22 de outubro de 2021, a sua extinção foi aprovada em votação na Assembleia da República em Portugal. As suas responsabilidades serão repassadas para um organismo que se prevê chamar Agência Portuguesa para as Migrações e Asilo (APMA), ficando a competência sobre as questões policiais distribuídas entre Polícia de Segurança Pública (PSP), Guarda Nacional Republicana (GNR) e Polícia Judiciária (Franco, 2021).

Ainda dentre as dificuldades dos imigrantes brasileiros no momento da chegada em Portugal está a revalidação ou o reconhecimento de diploma de licenciaturas cursadas no Brasil.

Eu não trabalhei por uma opção nossa mesmo, da gente ver como a gente funcionava como casal, como família. Tinha as crianças e tal. Só que eu não conseguia ficar sem trabalhar, sempre trabalhei e tudo. E aí eu comecei a procurar alguns trabalhos nada a ver com a minha área. Porque tem toda a burocracia de validação de diploma e tudo. Fui trabalhar em hotel, em limpeza. Fiz serviços assim, *part-times*. (Mariana, #19)

O fato de não terem esse importante documento reconhecido no território português acarretou uma série de situações na vida destes imigrantes, como o impedimento de se inscreverem junto aos órgãos de classe, o que permitira com que pudessem exercer a sua profissão em Portugal.

Então, eu vejo que isso é algo que se repete muito aqui. Inclusive, até nas discussões nas aulas, falamos, algumas vezes, sobre isso, que há essa quebra de expectativas. Viemos com uma expectativa, quando chegamos aqui não se concretiza mesmo. Porque não há mesmo essa abertura, não conseguimos nos inserir no órgão, que é a Ordem dos Psicólogos. Então, não há essa abertura. (João, #02)

Quando eu consegui a validação, a segunda etapa foi pedir registro na Ordem dos Psicólogos portugueses, aí foi também... tudo isso eu fazia do Brasil, com algumas visitas a Portugal quando não dava pra resolver a distância. Então, pra tratar disso, entre 2000 e... final de 2016 quando eu retornei, a início de 2018, eu fiz quatro viagens do Brasil a Portugal, que aí eu tratava de assuntos que não dava pra tratar à distância. Aí pedi o registro na Ordem dos Psicólogos portugueses, fui aceita já como membro efetivo, não precisei fazer estágio nem nada porque eu já tinha a licenciatura, eu tinha o mestrado, e eu consegui comprovar que eu tinha quase 20 anos de experiência no Brasil. Outra coisa que eles pedem também, pra fazer o registro na Ordem, é uma declaração da Ordem correspondente no Brasil, que no nosso caso é o Conselho Regional de Psicologia, de que não tem nenhum processo ético contra a gente. Então tratei de toda essa documentação e daí saiu a minha aceitação como membro efetivo da Ordem. Entre conseguir a validação dos documentos e o registro na Ordem, demorou mais ou menos uns nove meses, tá? Quando eu já tinha tudo isso feito, aí eu comecei a tratar do pedido de visto. (Beatriz, #10)

Além das dificuldades na ordem da documentação, os entrevistados relataram ainda aquelas relacionadas com a obtenção de alojamento no momento da chegada em Portugal.

Tivemos esse primeiro choque de realidade, pois achávamos que seria uma coisa mais fluida e não foi. Então optamos, no primeiro momento, alugar um quarto e, inclusive, com pessoas que eram brasileiras e que fizeram isso, até que pudéssemos encontrar um senhorio que aceitasse o viável, que está por lei, que era uma caução, uma renda antecipada. E foi quando, finalmente, pudemos mudar. Mas os primeiros momentos foram assim, morando em quarto, enfrentando burocracia atrás de burocracia. E é isso. (Teresa, #25)

Castles & Miller (1998) referem que essa é uma situação de discriminação comum entre imigrantes por conta da recusa dos proprietários em arrendarem os seus imóveis para imigrantes, ou pelo fato de fazerem da necessidade destes indivíduos um verdadeiro negócio ao cobrarem rendas sobrevalorizadas. No caso estudado, os entrevistados mencionaram, recorrentemente e em tom de crítica, as exigências exageradas que lhes são feitas para a assinatura de um contrato de arrendamento

- exigências que, segundo eles, não são feitas em igual medida para a população autóctone. Além disso, os entrevistados referiram que, em situações como essa, sentem o peso da xenofobia.

Só que ele também falava assim "quando eu ligo, já alugou, ou quando"... teve casos dele ir ver e falarem assim "tá bom, eu vou te ligar", e falarem "ah, escolheram outra pessoa", porque "ah, tem muita procura". Ou também ele viu e ele falou "tá, eu vou ligar pra decidir", daí quando ele ligava pra falar "vou ficar", "ah, já alugou". Então, muito difícil. (Denise, #13)

Mas ficamos, eu acho, que um ano e... no alojamento da universidade, acho que quase dois anos, e depois quando saímos, que tivemos dificuldades pra encontrar outro lugar. Enfim, íamos, fomos em vários apartamentos, visitamos pra olhar e não sei o que, aí isso já foi mais difícil. Porque, não tendo mais esse apoio da universidade, essa mediação da universidade, fica muito mais difícil. Pela questão... não temos, digamos, um fiador em Portugal, então tem que dar 10 rendas de caução, 12 rendas de caução. Isso era surreal, era surreal pra gente. Então, foi muito complicado depois que nós saímos do alojamento da universidade lá em Aveiro. (João, #02)

A dificuldade de arranjar um lugar pra ficar, dificuldades mesmo de relação com as pessoas, eu acho que isso é comum. Seja você "legal", entre muitas aspas, que eu nem gosto disso, não acredito que existam pessoas ilegais no mundo, assim.. mas isso é uma opinião minha, então eu acho que há vivências muito semelhantes, tenha você vindo com um visto ou não. (João, #02)

Na entrevista de Carmen, muitas das situações apontadas pelos outros imigrantes estiveram presentes, pelo que trazemos aqui o seu relato sobre essa questão em particular para ilustrar os pontos recorrentes na análise da pesquisa empírica como um todo. Ao negociar o arrendamento de um apartamento junto a um corretor de imóveis, ela teve os seus comprovativos de rendimentos no Brasil negados. Como forma de contornar a situação, foi sugerido então que Carmen pagasse seis rendas de depósito antecipadas para a assinatura do contrato, o que supera em muito o teto legal de três rendas previsto Código Civil português.⁴⁰ Em outro momento, a exigência de um fiador português também fez parte da negociação - uma exigência que ela, recém-chegada no país e sem ali conhecer ninguém, não conseguiria cumprir. Toda a situação provocou indignação em Carmen, que acabou por até mesmo desistir de arrendar o apartamento em causa.

Porque assim, não entra na minha cabeça o seguinte: eu sou brasileira, eu não tenho trabalho em Portugal, meus rendimentos vêm do Brasil. E, agora, os proprietários resolveram que eles não aceitam rendimentos do Brasil, você tem que ter uma renda em Portugal. Quer dizer, que pensamento é esse? Dinheiro é dinheiro, independe de onde vem. Desde que você tenha pra pagar. Eu não entendo essa lógica deles, entendeu? E aí, em todos que você vai, eles pedem fiador. Quer dizer, no Brasil nem pai quer ser fiador de filho, imagina Portugal que você não conhece ninguém. (...) Porque todos que eu via, quando mandava a documentação que eles viam que era comprovativo do Brasil, eles diziam que não, tinha que ter comprovativo de Portugal. (...) Ela está agindo como se esse apartamento fosse a última Coca-Cola do deserto, como se só existisse esse pra ela estar com tanta exigência? Num T1 cobrando 500 euros e achando que é a última Coca-Cola do deserto. Eu disse pra ele: "não, eu não quero". "Ah você consegue dar seis meses de depósito?", eu falei "não saí do Brasil pra vir ser extorquida em

⁴⁰ O n.º. 1 do Artigo 1076 do Código Civil português (Decreto-Lei n.º 47344) admite o pagamento de rendas antecipadas no momento da assinatura do contrato. Este montante, contudo, não deve exceder o valor de três rendas.

Portugal. Não acho certo". (...) "Porque eu não acho justo com os portugueses que vivem de salário mínimo. Porque como é que um português que vive com um salário mínimo de 600 euros, ele vai te pagar uma renda de 500 e ele vai te dar seis meses dessa renda ou um ano sequer, e ele vai comer o que? Pedra?". Entendeu? Ai ele "não, eu sei que a senhora está certa, mas eu não posso fazer nada porque o imóvel não é meu". Eu falei "o imóvel não é seu, mas quem angariou foi você. Quando o proprietário vier com essas exigências, explique isso pra ele. Como é que um ser humano que vive aqui de salário mínimo vai pagar seis meses de renda? E vai comer o que?". Eu falei: "eu consigo pagar, só que eu não pago porque eu acho um absurdo". Eu falei: "eu não saí do Brasil pra ser roubada em Portugal, cara. Não acho justo deixar seis meses, um ano de aluguel de caução". Ai eu peguei a carta da minha... ai ele falou assim "então se você conseguir a carta com a sua antiga senhoria, eu vou tentar negociar pra você". Eu mandei a carta pra ele. Eu falei "a carta tá aqui, só que esse apartamento eu não quero". Ai você sabe o que que a mulher falou pra mim? "Carmen, o que que você quer que eu ponha na carta?" Eu falei "põe o que aconteceu entre eu e você". Ai ela falou assim "eu vou colocar que você é cinco estrelas - cinco não, mil estrelas - que você cuidou do nosso apartamento como se fosse seu, que você sempre pagou em dia" e que não sei o que. Eu peguei e mandei pra ele só por desaforo. Eu falei "olha a carta está aqui, era isso que você queria? Só que esse apartamento quem não quer sou eu". (Carmen, #22)

É importante ressaltar que, para além de todos estes constrangimentos, que são comuns aos imigrantes brasileiros, as mulheres brasileiras ainda têm de lidar com uma camada adicional de situações devido ao preconceito. Em outro momento da entrevista com Carmen, ela relembra o caso de uma amiga que, após se divorciar, precisou buscar um apartamento para arrendar.

Ainda pra completar, como ela está aqui agora - ela se separou do marido no Brasil, ela ficou com os dois filhos - esses dias ela foi ver um apartamento aqui do lado, o cara não quis e deixou mais ou menos claro que tipo, como é que ela está vivendo aqui há dois anos sem rendimento? Tipo, ela está se vendendo, se prostituindo, deve ser o que ele pensou, entendeu? É um nível de pensamento deles, de inteligência deles, aonde eles conseguem chegar. (Carmen, #22)

5.3.2. O presente: vida, interações sociais e experiências profissionais em Portugal

Vida em Portugal

Depois de terem recapitulado e falado sobre os acontecimentos associados à sua migração em um tempo passado, os entrevistados relataram aspetos, situações e questões relacionadas à sua vida cotidiana em Portugal. A opinião desses imigrantes sobre a sua vida no país, de uma maneira geral, é a de que, independente dela se desenrolar, nos últimos anos, em um cenário pandêmico por conta da Covid-19, ela não corresponde às expectativas que haviam criado antes de migrarem. Muitas destas pessoas chegam à Portugal com uma imagem estereotipada ou mesmo errada sobre o que entendiam ser a vida no país e nas cidades que optaram por residir, algo que fora sendo construído pelas informações que, como já referimos, são buscadas pelos futuros emigrantes em canais como as redes sociais e das plataformas de conteúdo digital. Essa circunstância não deve ser negligenciada no estudo das migrações internacionais, uma vez que ela pode interferir na manutenção de uma boa saúde mental

por parte dos imigrantes, por exemplo, e assim dificultar ainda mais a experiência desses indivíduos no novo país de residência.

Lá atrás, o que me ajudou muito foi o fato de ter procurado a mesma igreja que eu frequentava lá no Brasil aqui. Então de alguma forma, embora com todas as diferenças culturais, fala-se a mesma linguagem. E lá em 2017 (...) quando eu comecei a me sentir muito deprimida mesmo, eu me voluntariei para uma das ações lá da igreja que é o Departamento de Assistência Social, e que distribui roupa, alimento e tal. E eu pensei "olha, não tô fazendo nada mesmo em casa, eu vou lá". E aí eu ia uma vez por semana. E aquilo foi incrível pra mim. Primeiro porque eu pude conhecer essas pessoas, que são as minhas amigas hoje, e também conhecer outras pessoas. Conhecer outra realidade também, porque a gente vem pra cá... acho que quem imigra, vem pra Portugal ou qualquer outro país aqui da Europa, com uma visão de que é tudo muito rico, que é uma vida muito maravilhosa. E, lá, eu lidava justamente com o contrário, com as pessoas portuguesas daqui, e imigrantes também, mas portuguesas também, que precisavam de assistência. Então a gente se depara com essa realidade também... acho que faz equilibrar um pouquinho, sabe? A equação. Então, nesse momento, foi importante. (Mariana, #19)

Às expectativas que são criadas por meio do conteúdo ao qual têm acesso juntam-se outras que surgem a partir de uma ideia de proximidade cultural entre os dois países. Holanda (1936/2004), em seu importante ensaio sobre a cultura brasileira, afirmou que nem mesmo as singularidades que advém do contexto brasileiro colonial, dentre as quais destaca a miscigenação do povo português com os índios, foram capazes de esconder as heranças da cultura portuguesa que podem ser encontradas na cultura brasileira. Para o autor, ainda que possa haver alguma resistência em se afirmar tal situação, o Brasil ainda guardava, no início do século XX, uma "tradição longa e viva, bastante viva para nutrir, até hoje, uma alma comum, a despeito de tudo quanto nos separa" (Holanda, 1936/2004, p. 40) de Portugal. Holanda avança nessa ideia e chega a afirmar que tudo de inédito na cultura brasileira seria "matéria que se sujeito mal ou bem a essa forma" (Holanda, 1936/2004, p. 40). São essas relações históricas que fazem com que, frequentemente, a relação entre Brasil e Portugal seja vista como uma ligação de irmandade, como se fossem países irmãos (cf. Fino, 2019; Ro. Carneiro, 2007), suscitando a ideia de que a adaptação cultural dos povos de um no outro não seria um processo difícil e complicado.

Deparar-se com diferenças culturais quando se chega em Portugal foi, nesse sentido, uma surpresa para muitos dos imigrantes entrevistados. Não somente as práticas sociais, mas também a língua, as tradições culturais e o próprio comportamento desse povo - que agora se apresentava não um "irmão", mas, talvez, um primo muito distante - se tornam rapidamente objetos de estudo e aprendizado constante por parte dos imigrantes. Trazemos, a seguir, algumas citações que exemplificam a ampla gama de diferenças culturais percebidas pelos imigrantes entrevistados. Elas remetem para a percepção de diferenças em diversas dimensões da sociedade, o que vai desde o modo de falar até a forma como abordam as questões econômicas.

O que a gente entende, aqui, é que o modo de falar do português é um pouquinho mais direto. Bem, como qualquer europeu. Não sei se você teve chance de estar em contato com algum dinamarquês, né? Algum caso. (Rafael, #03)

Porque o brasileiro e o nordestino, ele é muito solícito, ele é muito esparramado, e aqui não. As pessoas são mais retas, diretas, secas. Então assim, pra gente que veio do Nordeste que dizia "homi, faça isso não", as pessoas... sabe assim? Mas, aos pouquinhos, a gente vai se acostumando com isso, né, vai aprendendo a lidar com essas coisas, vai trabalhando, vai divulgando o trabalho, vai voltando pra casa. (...) Porque aqui é muito engraçado, tu pergunta pra um português na rua "o senhor sabe onde é que é o shopping?", daí o português olha pra tua cara "sei", ele não te diz onde é que é o shopping, entendeu? Ele olha pra ti e diz "sei". E ele não tá errado de dizer sei, brasileiro que já diz "não, é aqui, tu pega ali, tu dobra aqui, tu faz aquilo, tu faz isso, tu faz aquilo". Não, português não, tu pergunta pra ele "o senhor sabe onde é que é o shopping?", ele olha pra tua cara e diz "sei", e encerra o assunto e sai andando. Entende? Então é essa... é esse... é essa realidade que eu tenho que mostrar pra ele [marido], que pra mim foi (...) Quando aconteceu isso comigo, eu quase comecei a chorar no meio da rua. (Julia, #05)

A gente tem que levar em consideração também, a gente tem um perfil... no Brasil a gente tem um perfil social e educacional diferente, né? Então, não importa a sua classe social, as pessoas lutam até o fim pra ter uma escolaridade, sabe? As famílias mais humildes, elas lutam pra que pelo menos os filhos tenham uma escolaridade. E eu percebo que aqui em Portugal, socialmente, isso é muito diferente. As pessoas, a gente, eles não têm muito aquela coisa do tipo "ai, entrar numa universidade, crescer". Porque um título é muito importante no Brasil, porque isso é respeito no Brasil. Então, não importa, você ter um diploma é respeito no Brasil. E isso aqui não existe, tipo, eu pelo menos não noto. Então não importa. Eu vejo pessoas da minha idade que se contentam em ser a vida inteira caixa de supermercado ou trabalhar em uma loja. Isso é muito diferente, socialmente, pra gente. Então as pessoas, de uma certa forma, elas vivem numa ignorância. (...) é visão de mundo mesmo. Então eles se prendem muito às coisas que eles... que tipo... A nossa história de vida é muito baseada no que a gente vive, no que a gente estuda, no que a gente aprende, nas experiências de vida. (Amanda, #16)

E aí, o primeiro ponto que para as pessoas aqui de Portugal, e você também vai saber sobre isso pela sua experiência aqui, que é muito forte, é o dinheiro, né? Então "quanto custa?", "quanto é?", "quanto vale?". Ok, a gente já sabe sobre isso, então... falava "não, mas até quanto o amigo secreto?", falei "gente, qualquer valor, até cinco euros", "cinco euros?", "gente, qualquer valor, não importa, compra um presentinho que você acha que vale a pena e vamos fazer". (Eduardo, #11)

Mentalidade. Acho que o principal é a mentalidade. Aqui a gente... eu acho mais justo, mais igualitário. Você tem uma equidade, uma igualdade maior. E o Brasil, você tem... todo mundo é muito simpático e tudo, mas tem uma violência simbólica, uma violência emocional muito grande. E eu acho que aqui... assim, por ser cidade pequena, eu imagino que tenha muita sim, quem é daqui ou se conhece há muito tempo, se fala muito, se conversa muito, e conta da vida dos outros e tal, eu acho que tem como qualquer cidade do interior. Mas eu acho que as suas chances de viver dignamente são melhores do que lá. (Renata, #09)

Com relação a dinheiro também. Hábitos econômicos. Eu diria assim "ah eles não se... não se podam de gastar alguma coisa com aquecedor, no inverno, nas contas", entendeu? Porque eles não precisam converter isso. A gente, tipo, logo no início, tudo o que eu fazia era converter. Aí todo mundo que falava assim "ah, mas quem converte não se diverte", todos os brasileiros falavam isso pra mim no começo. Mas não tem como, né. Eu chegava no mercado e ficava convertendo. Convertendo, convertendo, convertendo, convertendo. Não que eu não faça isso ainda hoje, mas eu faço menos. (...) Aí eu diria que isso é um ponto também de diferenciação. Porque, pra eles, é só normal. Às vezes, uma coisa assim que eles nem pensam, e que a gente tem que estar sempre analisando. (Gisele, #15)

No relato da entrevistada Gisele, encontramos, ainda, mais menções às diferenças percebidas por ela no que diz respeito à vida no Brasil e em Portugal.

E também acho que, em relação aos portugueses, seria porque eles têm alguns hábitos diferentes. Tipo, eles fumam muito. No Brasil, eu diria que a gente não tem essa cultura tão - entre os jovens, né - difundida, do cigarro. Era uma coisa que eu também não imaginava quando eu vim. Foi uma surpresa. (...) E aí eu senti bastante diferença também na forma como eles lidam, tipo assim, burocracia, governo, tirar documentos. A forma como eles falam entre eles mesmos. Tipo, eu morava com os portugueses e às vezes parecia que eles estavam brigando, sabe, eles falando com eles mesmos. E tipo, eles não falam brigando, mas parecia, pelo jeito que eles falam meio ríspido, meio gritando, não sei. Pelo menos naquele momento que eu tive esse primeiro contato, foi isso que pareceu pra mim. (Gisele, #15)

Tratando-se dos pontos positivos em se viver em Portugal, o ganho em qualidade de vida obtido com a mudança de país foi um dos aspectos principais mencionados pelos entrevistados. De acordo com F. M. Andrews (1974), a qualidade de vida pode ser definida como um nível entre o prazer e a satisfação que são associados à vida do indivíduo quando ligados à sua capacidade de se evitar situações desagradáveis. Ainda segundo os autores, a sua mensuração é possível por meio da contraposição de indicadores sociais objetivos, focados na dimensão física e fenomenal, e preceptivos, que se referem à cognição e aos sentimentos individuais. Ainda assim, essa não é uma equação fácil de se resolver, já que até mesmo o conceito de bem-estar comporta diversas variáveis, como evidencia o estudo de Sheldon e Hoon (2013), por exemplo. Neste sentido, destacamos que o olhar sobre esse tópico deve ter atenção sobre as diversas implicações do surgimento do tema em uma pesquisa do teor da que aqui se apresenta. A primeira é que a percepção verbalizada nas entrevistas será sempre da ordem narrativa, o que significa dizer que ela é precedida de recortes e ajustes dos aspectos considerados importantes para a composição do discurso pessoal. A segunda é a que avaliação pessoal de cada imigrante sobre a sua qualidade de vida em Portugal deve ser entendida como uma equação íntima e individual. Com isso queremos dizer que, não tendo sido obtida a partir de uma metodologia estruturada, os pesos e as medidas de cada aspecto incluído nessa equação variam, não sendo possível, portanto, estabelecer comparações ao nível individual. Ainda assim, mesmo não sendo possível estabelecer uma quantificação mais abrangente sobre a questão, entendemos que mesmo somente a percepção de uma melhora da qualidade de vida aqui é o suficiente para se poder concluir que este é um indicador importante quando se pensa a vida em Portugal. Nos relatos, os parâmetros referem a aspectos de diversas ordens, como a situação econômica, segurança, educação e saúde.

Monstro. Brutal. Eu agora, eu fui no CTT postar um topinho que uma moça encomendou. Levei meus filhos e, tranquilamente, fomos e voltamos numa paz que... na paz de Deus, sabe, que eu nunca tive em Recife. [...] Enfim, a violência que a gente infelizmente sofre no Brasil mesmo. Amo muito o meu país, mas assim, essa paz que eu tenho pra ir no supermercado andando,

pra ir no CTT andando e voltar... não tem igual. Isso pra mim é uma das melhores sensações que eu poderia proporcionar pra minha família. (Gabriela, #21)

E como eu tenho duas crianças, e aqui a liberdade de eles ir e voltar da escola eu achar tranquilamente. Sabe? No primeiro dia de aulas deles, eu filmei, eu chorei, sabe? Eu filmei pra mandar pro meu marido, porque assim, lá era coisa que você não fazia. Eu não deixava nem ele andar na rua a não ser de carro. Tinha que estar no carro, preso, o tempo todo, entendeu? E aí eles indo sozinho, cara, pra gente era coisa assim de outro mundo. Não era de outro país, era de outro mundo, sabe? (Carmen, #22)

Essa é a maior conquista. A segurança foi fundamental. E também as condições de saúde, segurança e educação, sem sombra de dúvida, dão de 10 a zero no Brasil. E você saber que você paga imposto, mas que tem o retorno, isso também é muito legal. Então conquistas efetivas, primeiro lugar, segurança. Essa tá acima de tudo. Hoje a gente até esquece um pouquinho e deixa de valorizar, mas segurança foi a maior conquista. E qualidade de vida de uma forma geral, atrelado, principalmente, à questão da segurança, a segunda maior conquista. O resto, poderia ser aqui ou em qualquer lugar do mundo, continuaria do mesmo jeito. (Roberto, #12)

Além de ser um importante parâmetro para a construção de uma percepção pessoal sobre a qualidade de vida, a segurança, que, como vimos, fora um dos principais motivos para emigrar do Brasil, surge aqui também como um dos aspectos positivos da vida em Portugal. É interessante observar, contudo, que essa percepção existe mesmo em casos em que os imigrantes experienciaram situações de violência e falta de segurança no novo país de residência. Encontramos essa situação no relato de Maria. Apesar do seu companheiro ter sofrido um furto em Portugal, ela relatou entender que, em Portugal, o “bandido” é “diferenciado”, referindo-se ao fato de não terem sofrido uma ameaça direta, e que isso, para si, já era um ponto positivo da sua vida atual em relação ao Brasil. Por esse relato, conseguimos entender o quanto os discursos midiáticos de que o Brasil é um país carente em segurança e Portugal um país seguro contribuem para moldar a percepção sobre as experiências de vida ao nível individual.

Claro que tem, só que é um tipo de bandido diferenciado, não coloca uma arma na sua cabeça. (...) O meu marido foi furtado esses dias. Quebraram o vidro do carro, levaram celular, o computador da empresa. Então assim, foi também um susto pra gente, mas foi totalmente diferente, não foi ameaçador. Levaram, sim, mas ninguém foi ameaçado. Então isso já é um grande ganho pra gente, a gente só agradece. (Maria, #01)

Nos relatos dos imigrantes, encontramos, ainda, referências ao sistema de saúde português. As opiniões sobre esse tema são, contudo, divergentes. Embora a saúde entre como um ponto positivo no quesito qualidade de vida, são diversos os relatos que expõem uma falta de satisfação com os serviços de saúde prestados pelas instituições públicas em Portugal.

Saúde é uma coisa que, pra gente, ainda está um pouco pendente. E sabíamos também que a saúde não seria mil maravilhas. Eu sinto muita falta dos exames preventivos. Se você está com alguma coisa, você vai direto no especialista. E, aqui, não é assim, aqui é tudo médico da família. Quando eu entendi que, quando o bebê nasce, e é sempre passado com a enfermeira ou, às vezes, com a médica que cuida de tudo, eu achei muito chocante. Eu falei "mas não tem um pediatra que cuida só das crianças, que saiba, entenda melhor só as crianças?", "não, aqui é tudo a enfermeira". Isso é bem diferente pra mim, ainda continua

sendo e acho que sempre vai ser. Ginecologista também não, é a enfermeira que faz a coleta e a gente nem conversa com a médica. Isso ainda tem sido bastante estranho. (Maria, #01)

O sistema de saúde daqui não é assim tão a nível europeu. Não é ruim, mas não é assim tão rápido. Tem que demorar um tempo. Eu tinha plano de saúde, então, aqui é praticamente... raramente vou no médico. Isso é um pouco estranho pra mim. (Rosa, #14)

E eu lembrei agora que a primeira entrevista que eu fiz aqui foi pra trabalhar no porta a porta, no "comercial", que eles falam. Só que eu não consegui trabalhar com eles porque, quando era pra eu iniciar... eu iria porque eu realmente precisava, mas não era o trabalho ideal pra mim, ficar andando acaba com o meu joelho. Só que eu tinha que trabalhar, então... mas quando faltava eu acho que poucos dias pra eu começar o serviço, eu tropecei nos últimos degraus da escada do apartamento em que eu morava, e virei o pé, torci o pé. (...) E eu comecei a trabalhar lá ainda sentindo dor no pé. Eu ainda sentia um incômodo, o meu pé ainda não estava 100% curado e eu não tive digamos o atendimento ideal, nem sequer um raio-x foi passado pra mim. Quando eu consegui uma carona pra ir ao hospital, ao centro clínico, enfim, "ah não, já fazem dois dias, não dá mais pra fazer raio-x". Então, eu tive que... foi curando por si só. Hoje em dia, graças a Deus, eu não sinto mais nada, mas... isso foi mais um dos perrengues que eu passei. Quando eu finalmente consegui um trabalho que ia trabalhar e caí da escada, não pude começar. E depois comecei outro ainda sentindo dores, o pé não totalmente cicatrizado. (Rosa, #14)

Esse é um ponto sensível na vida de muitos daqueles que emigraram do Brasil e que, por não terem mais condições de se inserirem no sistema privado de serviços de saúde, como observamos no caso de grande parte dos imigrantes que entrevistamos, ou mesmo por terem optado não fazê-lo, agora contam com o sistema público de saúde português para atender às suas necessidades. De acordo com visão de Travassos, Viacava, Fernandes e Almeida (2000), o consumo de serviços de saúde no Brasil está intimamente ligado às desigualdades sociais daquela sociedade, sobretudo no que diz respeito à estratificação dos brasileiros em diferentes camadas sociais. Essa afirmação permite entender que as opiniões sobre o sistema de saúde pública em Portugal vão além das diferenças no padrão do atendimento e a própria organização estrutural e de funcionamento dos prestadores de serviço, estando também diretamente relacionadas à uma discussão mais abrangente sobre uma mudança de estatuto social destes indivíduos que se procede quando migram para Portugal.

O clima também foi apontado pelos imigrantes como um tema sensível quando o assunto é viver em Portugal. Se, para alguns, as condições climáticas no país são adequadas às suas preferências pessoais, para outros, elas representam toda uma nova camada de desafio de adaptação à vida cotidiana.

Nas pessoas, na cultural, no clima. Gosto de Portugal, gosto de frio, não gosto de calor, embora eu vivesse no Nordeste. (Bernardo, #08)

Eu cheguei aqui em Portugal foi em Agosto de 2019. E era final do Verão. Então, de uma certa forma, as temperaturas não estavam tão frias ainda. Eu já imaginava que a questão do clima ia ser um dos grandes pontos de dificuldade em relação à adaptação, porque as temperaturas são bem diferentes ao que a gente está acostumado lá no Brasil. (Marcelo, #07)

Ah, você perguntou a longo prazo. Talvez voltar pra Austrália, morar na Austrália de volta. Clima mais tropical, mais quente. (Luciana, #06)

No relato de Mariana, conseguimos ver o quanto o fator climático exerce influência na percepção da experiência destes imigrantes. Tendo migrado com os seus dois filhos de Sertãozinho, no interior do Estado de São Paulo, para Aveiro, na época do verão em 2016, ela reconhece com clareza que foi a chegada do inverno, com os seus dias menores, mais frios e mais escuros, que influenciaram ainda mais negativamente o seu estado de espírito já bastante debilitado, naquela altura, por conta das dificuldades em se inserir no mercado trabalhando português e na sua área de formação.

Quando eu cheguei, acho que a gente fica meio em estado de choque, assim. Tudo é muito bonito, tudo é muito diferente. Afinal, a gente está aqui, "nossa, lutamos tanto por isso, foram tantos meses de espera". Eu cheguei numa época muito boa, o clima tava muito bom, então a gente podia passear muito. (...) Eu achei que eu me daria melhor nessa questão da profissão. Isso me pegou muito porque eu imaginei que iria ser mais fácil, sabe? Então, isso pesou bastante. O clima pesou bastante. O inverno. Então, eu acho que é isso. (Mariana, #19)

O impacto do inverno também foi relatado por Maria, que mencionou, nessas alturas, tender a um estado de humor mais "depressivo" que faz a saudade da vida no Brasil e daqueles que lá ficaram aumentar.

Eu digo que, no inverno, quando tá tudo cinza e chuvoso, me dá uma "deprê". Eu falo "ah, nossa, que saudade daquele calor, de colocar um shorts, eu não vejo a hora de colocar um shorts". Quando tá esse tempo, eu fico um pouco mais *down*, assim. Mas, fora isso, a gente consegue lidar com a saudade. A gente decidiu e aí começamos. (Maria, #01)

Alguns dos entrevistados que se encontravam a realizar algum curso em instituição de ensino superior portuguesa também relataram uma certa frustração com alguns aspetos relacionados ao sistema de ensino português. Para Vera, o método de ensino e o relacionamento entre professores e alunos foi um dos pontos que gerou em si uma insatisfação com a escolha de Portugal enquanto país para cursar o seu mestrado.

Então, assim, aqui os professores são metódicos, é um método tradicional, que eles são os detentores do conhecimento e... não todos os professores, mas a grande maioria. Então assim, se eram questionados, eles não gostavam, não lidavam bem com isso. E eu acho que a minha frustração começou na universidade. (...) quando cheguei aqui eu vi a maneira como os professores lidam com os alunos, e foi onde começou a minha frustração. Porque eu vim como uma universitária, não é? Que vim pra melhorar o meu conhecimento. E tava imaginando uma academia mais aberta, mais moderna, e não um método tão tradicional em que era errado perguntar pra um professor. Eles respondiam mal mesmo. Então isso que... começou a minha frustração, assim. (Vera, #18)

Em outro momento de sua entrevista, é possível perceber que a questão vai além das diferenças culturais no que se refere ao método de ensino adotado nos dois países, englobando também a alçada comportamental e também as dificuldades com a língua.

O meu rendimento académico caiu muito. Porque até mesmo em relação a tirar dúvida, perguntava uma vez, perguntava duas vezes, não estava tão claro. Mas eu não conseguia também parecer clara também na pergunta, porque não conseguia. É muita dificuldade dos professores de quando são questionados, eles são... não são tão abertos. Depende do professor, é claro, mas não são tão abertos pra questionamentos. Então aí já começou a cair o meu rendimento académico. Mas consegui concluir o semestre tranquilamente, com notas razoáveis. (Vera, #18)

Interações Sociais

As relações sociais dos imigrantes são um importante suporte não só para a sua vida social, mas também para a sua própria construção identitária. Segundo Castells (1997/2010), as pequenas comunidades locais que se vão criando à volta dos indivíduos são uma forma de contrapor o impulso pela individualização que é característico de um mundo globalizado. Ainda que não tenham a capacidade de induzir um ou outro comportamento em específico, essas pequenas redes sociais são fundamentais para a construção de um senso de pertencimento que está na base da ideia de uma identidade e cultura em comum. Também Massey et al. (1993) referem a importância das relações sociais na vida do imigrante, uma vez que consideram essas se constituírem como um importante capital social na vida daqueles que decidem migrar. Perspetivando a questão a partir da teoria das redes de Massey et al. (1993), que é definida por tais autores como o conjunto de laços interpessoais entre aqueles que migraram, os que estão a migrar e aqueles que permaneceram no país de origem, entende-se que a existência dessas redes e algum tipo de vínculo social com algum conterrâneo que já tenha migrado para o país de destino contribui no sentido de se diminuir os custos e os riscos do projeto migratório dos potenciais novos emigrantes.

No que se refere às relações sociais prévias ao momento da migração com outros brasileiros que já haviam emigrado para Portugal, constatou-se que a situação destes imigrantes é bastante diferente dos imigrantes da segunda vaga, que alegavam, em sua maioria, conhecer e ter contato com brasileiros em Portugal antes mesmo de migrarem. Esses contatos eram, em sua grande maioria, pessoas dos círculos mais próximos dos emigrantes, como membros da família, colegas, sócios ou amigos (Padilla et al., 2015). A leitura dos relatos obtidos em nossa pesquisa empírica aponta para um cenário em que, embora alguns dos entrevistados tenham relatado a presença de amigos e familiares em Portugal, para os demais, o contato e o estabelecimento de redes de contato com outros brasileiros no país foi algo que aconteceu somente a partir do momento em que já estavam no país.

Mas eu conheci uma menina que veio do Paraná também, tá fazendo intercâmbio. Não é aqui na minha casa, ela tem uma residência próxima, da mesma dona, que fez com que a gente se conhecesse. Então, ela é a minha colega. Antes da pandemia, a gente acabou fazendo uns

passeios juntas pra conhecer até algumas cidadezinhas. (...) Conheci uma outra família também de Santa Catarina. Conheci faz pouquinho tempo, semana passada. E a gente tem trocado umas figurinhas também. Também veio pra fim de estudo, já desistiu, não quer mais. (Ana, #17)

Então assim, também o número de brasileiros que eu conheço aqui... que eu conheço assim, de bastante tempo, ou que eu seja minimamente amigo, também se resume a dois ou três. Existe um casal de idosos que também são brasileiros, que são muito nossos amigos aqui, nós os conhecemos quando a gente chegou aqui, então eles sempre deram um super suporte pra gente. Nunca tivemos relação nenhuma, por acaso eles também são do Rio, mas assim, já moram aqui tem 25 anos se eu não me engano, tem muito tempo. E a gente se conheceu, nos demos bem, todos nos demos bem, então a gente criou esse vínculo de amizade. Então, a gente frequenta a casa deles, eles frequentam a nossa casa. Eles fazem pastel de feira, a gente faz bolo e esse tipo de coisa. Mas assim, esse é o universo social que nós temos aqui. É engraçado, mas é muito limitado, é um universo muito limitado. (Eduardo, #11)

Tal circunstância indica que as relações sociais constituídas e fomentadas pelos novos imigrantes brasileiros já no país de destino não são totalmente arbitrárias, senão vêm a desempenhar um papel e contribuir, de alguma forma, na vida destes sujeitos, uma vez que suprem a ausência das redes sociais já pré-estabelecidas desde o momento de partida. Esse caráter funcionalista das relações sociais destes imigrantes atende diferentes necessidades na esfera psicossocial destes sujeitos. Com isso, entende-se que as interações sociais constituídas e fomentadas pelos imigrantes brasileiros passam por um filtro classificatório valorativo. De modo geral, essas são pessoas que acabam por compor os círculos sociais do imigrante brasileiro não somente por uma questão de afinidade, mas também pelo simples fato de serem pessoas que fazem parte dos ambientes que ambos frequentam, como o local de trabalho ou de estudo.

A primeira dessas funções é a de funcionarem como redes de apoio e informação orientada para as questões práticas da vida enquanto imigrante em Portugal. Por terem pouco ou nenhum contato com outros imigrantes brasileiros que já residiam no país no momento de sua chegada, como mencionamos anteriormente, este acaba por ser um dos principais orientadores das relações sociais nos primeiros meses da vida no novo país. Dentro das relações que acontecem neste âmbito, a maior parte delas se dá com outros imigrantes brasileiros e até mesmo com imigrantes de outras nacionalidades, pois há uma percepção de que “os estrangeiros em si se entendiam”, nas palavras da entrevistada Rosa, ou porque estão todos “no mesmo barco”, como se referiu o entrevistado João. Esse tipo de vínculo social acaba sendo justificado pela vivência de situações parecidas, sendo, portanto, estas as pessoas que estariam mais aptas a fornecerem algum tipo de apoio.

Mas eu consegui perceber que eu tinha alguma coisa mais em comum com outras pessoas que também estavam imigrando (...) Eu diria que, no primeiro momento, seria porque, tipo assim, as mesmas dúvidas, talvez. Com questão a documentação, com questão a dinheiro, com questão a... sei lá, a lugares pra ir. Eu diria que, no começo seria assim, as mesmas dúvidas. (...) Pelos perrengues. (Gisele, #15)

Então, eu acho que essas questões de sobrevivência mesmo, que no fim são uma questão de sobrevivência, como ter acesso a serviço de saúde e como ter acesso ao SNS, eu acho que isso nos liga um bocado. São dúvidas que são compartilhadas que, no fim, estamos todos no mesmo barco, então, precisamos nos ajudar. (João, #02)

Embora importante do ponto de vista da integração social e da organização da vida prática no país, alguns entrevistados admitiram que viam essa sororidade entre os imigrantes (em especial os brasileiros) com uma certa desconfiança. O suporte e a partilha exacerbada de informações entre os imigrantes brasileiros por meio das redes sociais e de aplicativos de mensagens pode, segundo o entrevistado Rafael, confundir mais do que ajudar.

E por mais que as pessoas tentem ajudar, eu entendo que existe, sim, um espírito de cooperação, mas não é coordenado nem organizado. Cada um pergunta "oh cara, como é que é assim, como é que é...", "faz isso", o outro "não, não é assim não, rapaz, isso é assado, vai por aqui", "não, vai por ali". Então, às vezes, é um tópico que a pessoa conseguiria a resposta no SEF, por exemplo, toma aí quase cem ou duzentas respostas numa coisa simples. (Rafael, #03)

Outra função importante das relações sociais é a de se estabelecer um convívio social com outros interlocutores. Despojados das relações que compunham os seus círculos sociais no país de origem, os imigrantes estabelecem novas relações com quem possam se socializar por meio de atividades nos seus tempos livres. Nessa esfera, o fator da proximidade física apresenta-se como um forte impulsionador da socialização, indicando que grande parte dos contatos sociais provém dos ambientes pelos quais estes imigrantes circulam ou estão presentes. Nas palavras da entrevistada Beatriz, ela “convive com quem tiver perto” e as suas interações sociais são, em sua maioria, com pessoas “ligado aos *hobbies* ou ao trabalho”.

Eu posso dizer que assim, no começo quando a gente chegou aqui, a gente acaba... Vai fazendo amizade com as pessoas da universidade. Ele das salas dele, eu da minha, e vai conhecendo as pessoas que também estudam na (...), vai fazendo os amigos e vai saindo. Então era assim, chegava durante a semana – ele mais do que eu – ele ia pro barzinho, porque tem um barzinho que os estudantes elegem pra cada... Cada escola tem a sua... Cada curso tem o seu bar. Então o barzinho que ele vai, que é um café aqui acho que é tipo Zootecnia, Agro e Enologia, e eu acho que a Veterinária também. Então, todos os estudantes desses cursos, eles vão pra esse barzinho, esse café, pra se reunir. E, no fim, como todo mundo, são as mesmas pessoas que vão, todo mundo acaba se conhecendo – que por sinal o dono é um carioca e mora já há mais de 20 anos aqui, o café era do pai dele, e assim, ele... e acabou pegando amizade, né? (Luciana, #06)

Mesmo sendo uma dimensão de socialização mais abrangente do que a rede de apoio, ainda se observa nessa esfera uma predominância em se relacionar com outros brasileiros. Essa situação corrobora a opção por uma estratégia de aculturação de separação, conforme visto em Berry (2001) e Bourhis, Moise, Perreault e Senecal (1997), sendo este um tema que será abordado mais adiante neste trabalho.

Creio que seja isso, a identificação mesmo. A gente se identifica. (Rosa, #14)

A maioria das pessoas, dos contatos aqui, são brasileiros. E é como se fosse no Brasil, não há diferença. (Maria, #01)

Talvez por essa dimensão da socialização dos imigrantes ter uma maior visibilidade social, observamos existir, dentre os entrevistados, uma percepção da existência de grupos de brasileiros segregados de uma dinâmica social mais abrangente na sociedade portuguesa. Em alguns relatos, os entrevistados mencionaram perceber a existência do que chamaram de “guetos” de brasileiros em Portugal, termo que utilizaram para definir os grupos de imigrantes brasileiros que, intencionalmente, se recolhem nos limites da comunidade de brasileiros em Portugal, limitando-se a interagirem preferencialmente entre si, perpetuando práticas associadas à uma ideia de “cultura brasileira” e consumindo bens culturais daquele país.

Excetuando-se a segregação geográfica, a ideia dos “guetos” relatada pelos entrevistados é semelhante à uma das categorias de comunidades migrantes encontradas em Castles e Miller (1998). No caso aqui em questão, embora não necessariamente estejam agrupados fisicamente, os imigrantes brasileiros intencionalmente mantêm os seus hábitos culturais e de linguagem quando já se encontram a residir em Portugal, sem que isso implique em que sejam excluídos das dinâmicas sociais e políticas da sociedade portuguesa. Na visão desses autores, a formação de pequenas comunidades e *clusters* étnicos dentro dos grandes centros globais é uma consequência inerente às configurações migratórias contemporâneas. Eles ressaltam que, apesar de esta distinção cultural poder ser motivo de conflitos, ela também é uma forma de enriquecer e renovar os aspetos culturais da cultura no país de destino, entendendo-se a importância de sociedades multiculturais para a promoção de mudanças. Olhando a questão de um outro ponto de vista, Meyer-Ortmanns (2003) sugere que a formação dos referidos “guetos” poderia ser, na verdade, o resultado de um desequilíbrio entre a taxa de migração e os esforços públicos empreendidos no sentido de promover a integração deste novo contingente populacional.

Ao olhar-se para a questão a partir da perspectiva cultural, essa espécie de isolamento poderá denunciar nuances de processos de aculturação que estejam a ser empreendidos por estes sujeitos. Diferente do processo de enculturação, que diz respeito à incorporação individual dos valores culturais da sociedade de pertença desde a infância (Titiev, 1959/1969), a aculturação diz respeito às mudanças culturais que acontecem a partir do contato direto entre indivíduos de duas sociedades distintas (Winthrop, 1991). Tendo surgido dentro de um contexto intelectual evolucionista, o termo ganhou novos significados a partir do relativismo cultural de Boas (1920), passando a incorporar, para além das mudanças culturais mais superficiais, mudanças mais profundas de valores, crenças e comportamento.

Nas últimas décadas, como vemos em Seymour-Smith (1987), novas linhas de pesquisa dentro dos estudos de aculturação têm surgido, de modo a desvelar dinâmicas socioculturais que acabam por estarem implícitas ao processo e originam situações de dominação ou uso estratégico de práticas culturais como um mecanismo dinâmico da prática de poder social.

No caso analisado, a existência dos referidos “guetos” é aqui interpretada como uma consequência de um processo de aculturação baseado em uma ideia que Berry (2001) chamou de separação⁴¹ e que é empregado por parte dos imigrantes, admitindo-se que, como visto em Bourhis et al. (1997), também o país de destino pode ter a sua própria orientação no que diz respeito a estratégia de aculturação fomentada frente aos imigrantes no território nacional, e que esta pode ser ou não congruente à estratégia adotada pelos imigrantes. Baseando-se no pressuposto de que os indivíduos têm autonomia para agirem individualmente em um contexto multicultural, Berry (2001) explica que essa estratégia de aculturação acontece quando o imigrante preserva os aspectos culturais da sua cultura de origem e intencionalmente evita a interação social com pessoas de outros grupos sociais.

E também, na moral, eu não tenho muita vontade de me relacionar com português, não. A não ser que seja muito parceria, assim, uma amizade que se cria do nada, que é legal, que é espontânea, beleza. Mas tipo, entrar num ciclo de português também não tenho muita vontade. (Diogo, #24)

Observando os relatos, encontramos diversas referências à importância que os “guetos” possuem na vida daqueles que migraram nos últimos anos. Para alguns, eles são um recurso importante para suprir uma lacuna afetiva que é consequência da distância daqueles com quem os imigrantes mantinham os seus laços afetivos enquanto ainda viviam no Brasil. Além disso, são também uma forma de dar continuidade a um aspecto importante de sua identidade da qual não querem se desfazer. Nesse sentido, é possível encontrar alusões a estes grupos de brasileiros como a “família” do imigrante em Portugal, evidenciando-se a importância da existência desses grupos para a manutenção do bem-estar e da saúde mental dos imigrantes.

Bom, é bom porque você se sente acolhido, próximo. É bom você ter alguém com quem você se identifica. E acaba que você forma uma família, pessoas com quem você conta sempre. E isso é bom. (Gisele, #15)

Além de questão afetiva, o relato de João evidencia o quanto o contato próximo e constante com a cultura de origem ainda é um importante fator de negociação da identidade em terras portuguesas, o que dota as relações sociais com outros brasileiros em Portugal de uma nova camada de importância e

⁴¹ Encontramos uma ideia semelhante em Ward, Bochner e Furnham (2001, p. 29) com o nome de “segregação”. Não obstante, ainda que tenhamos adotado a perspectiva desses autores sobre a questão, em especial por incrementarem a análise das relações sociais no contexto da aculturação, importa referir que a ideia de um processo de aculturação em que há a preservação dos valores e das práticas culturais da cultura de origem também aparece na obra de outros autores com outras designações – como em Bernardi (1974/1997, p. 99), onde surge com a denominação de “simbiose cultural”.

significado. Neste caso, foi o contato com brasileiros de outras regiões do Brasil em seu cotidiano em outro país que fez com que surgisse nele o sentimento de pertencimento não apenas aos grupos sociais demarcados pela região em que residia no Brasil, mas sim à uma categoria mais abrangente que contempla a nação e a cultura brasileira como um todo. Em seu relato, João conta o quanto esse contato mais próximo com pessoas que antes eram tão distantes da sua realidade no Brasil fizeram com que ele se sentisse “mais brasileiro”, uma situação semelhante ao caso dos imigrantes caribenhos em Inglaterra em que, num caso do que Hall (1999/2019, p. 207) chamou de “identificação associativa”, fez com que se sentissem mais caribenhos em Inglaterra do que no seu próprio país natal.

Talvez eu tenha vindo a me sentir mais brasileiro depois que eu vim pra cá do que no próprio Brasil. Pelo menos é essa a impressão que eu tenho. Porque, lá, eu sempre vivia muito mais na minha região, nunca tinha tido muitos contatos com outras pessoas. Quando eu vim pra cá, aí sim, aí eu... pronto, aqui... até porque pra eles nós somos todos brasileiros, então não importa se você veio do Amapá ou se você veio do Mato Grosso do Sul ou de Alagoas, sei lá, é todo mundo igual, aqui é isso, sabe? Eu virei muito isso. Então acho que isso me fez me sentir um pouco mais brasileiro, no sentido desse sentimento de pertencimento ao país. Acho que, depois que eu vim pra Portugal, acho que isso ficou mais intenso, me senti mais nesse sentido. Não no sentido de patriotismo, de nacionalismo, mas de pertencimento ao grupo, ao grupo de brasileiros, até porque é como somos tratados aqui. Nós somos "os brasileiros". (João, #02)

Não obstante, entre os entrevistados, encontramos também aqueles para quem a separação não é a estratégia de aculturação de eleição. No outro polo estão aqueles para quem a assimilação tem sido a estratégia de aculturação empregada, um processo descrito por Berry (2001) como aquele em que há a incorporação total da cultura hegemônica do novo país e a interação constante com membros de outras culturas. Esses imigrantes possuem um olhar crítico negativo em relação à existência dos referidos “guetos” de brasileiros, uma vez que entendem que a sua existência interfere na vida em sociedade e no processo de integração no novo país de residência.

Eu nunca gostei muito, mas essa é uma visão muito minha. Eu percebo como se fosse, assim, uma coisa quase que de “gueto” das pessoas... não acho nem que elas façam de propósito, mas, às vezes, na tentativa de trazer o Brasil pra cá, de interagir muito e procurar muito o grupo só de brasileiros. Não tenho nada contra, mas pra mim não era a vivência que eu queria. Queria uma coisa mais aberta, entendeu? Pra não ficar muito fechada. Claro que nós somos brasileiros, a gente gosta de coisas brasileiras e é bom estar com os brasileiros, mas eu não queria que fosse uma coisa restrita. Então, quando podia, antes da pandemia... como eu disse, o meu marido é músico, então tem também da parte de cima que é da casa, é tipo um estúdio improvisado que eles fazem os ensaios, e, às vezes, acabava virando também um convívio. Sempre teve tudo misturado. Brasileiros, portugueses e outras nacionalidades também, menos, mas, às vezes, outras nacionalidades. (Beatriz, #10)

Trazemos também como exemplo o caso de Rafael, para quem a proposta de migrar com sua família não é “morar em Portugal e viver no Brasil mentalmente”, como referiu, mas sim adotar completamente a cultura local em um processo que chamou de “aculturar portuguesamente”. Essa

orientação faz com que, por um lado, o entrevistado e pessoas do seu núcleo familiar que vivem consigo em Portugal evitem estar a interagir e fomentar interações sociais apenas com outros imigrantes brasileiros, e, por outro, procurem ativamente estabelecer relações com portugueses e pessoas de outras culturas que vivem em Portugal e na Europa.

A nossa proposta de vida em Portugal não é morar em Portugal e viver no Brasil mentalmente. Nossa proposta é estar em Portugal e aculturar portuguesamente, bem, algo assim, no ambiente português. Então a gente quer, digamos assim, fazer uma introspecção explícita, melhor dizendo, no ambiente português. Então, de certo modo, nós temos certo cuidado de não morar aqui e viver no Brasil. Nós participamos de alguns grupos de brasileiros, temos contato com grupos de brasileiros, mas, de certo modo, a gente não estimula um certo sectarismo, uma certa separação, um feudo, um “gueto”. Pelo contrário, a gente tenta, de algum modo, se integrar mais na cultura portuguesa. Então a gente tem aqui vizinhos que são... tem portugueses, tem, como eu te falei, estrangeiros, tem estrangeiros... tem ingleses, tem espanhóis. Então, a gente procura fazer uma coisa mais multicultural, não ficar ainda preso ao Brasil. (Rafael, #03)

Ainda que a diferença na estratégia de aculturação seja um fator de peso para se entender o distanciamento dos novos imigrantes daqueles que já viviam em Portugal, é preciso mencionar que ele não é somente o resultado da intenção em se aculturar ou não na cultura portuguesa, mas também por uma suposta falta de afinidade decorrente de uma percepção de realidades diferentes. Nesse sentido, é, sobretudo, a percepção de diferentes estatutos sociais que se encontram mesmo dentro da comunidade brasileira que se revelou aqui como um verdadeiro entrave para a relação destes novos imigrantes com outros brasileiros. A esse respeito, a entrevistada Renata referiu a existência do que chamou de diferentes “perfis” de imigrantes brasileiros, que se traduziam em diferentes “perspetivas” de vida, para justificar a sua dificuldade em se relacionar com seus conterrâneos em Portugal.

Eu acho que há alguns perfis. Como é que eu vou te dizer? Geralmente, o imigrante, quando vem pra cá, é claro que a... nem sei como te falar isso. São outras perspetivas. Eu percebo que são outras perspetivas daquelas que eu tinha. Então, a maioria das pessoas, com muita dignidade, enfim, vão trabalhar nos cafés, nos supermercados. E eu tento muito me aproximar, mas eu percebo que é muito difícil. Não pela distância cultural, nada disso, porque é muito difícil fazer amizade com os brasileiros aqui, eu acho. Não sei porquê. Eu não participo, eu não consigo. Eu, é meu, eu não converso muito, não sei. É um pouco difícil pra mim. (Renata, #09)

Como vemos mais adiante no seu relato, a constatação da diferença referida pela entrevistada está relacionada à uma percepção pessoal de que os outros imigrantes brasileiros possuíam um estatuto social inferior. Além disso, a visão de Renata parece também ser em muito influenciada pelas representações sociais dos imigrantes brasileiros da segunda vaga migratória, o que confirma a importância desse tipo de convenção social pela influência direta que exercem na vida social destes sujeitos.

Assim, às vezes, os brasileiros que vêm pra cá não tiveram tantas oportunidades de... eu também não tive, eu acabei não indo buscar. Eu não sei se a palavra é oportunidade. Não tiveram uma experiência com estudo, ou então é outra fala também. Eu gostaria de conversar com alguma pessoa aqui que tivesse estudado mais um pouco. Eu nem sei se a palavra é estudo, mas assim... ou tivesse as mesmas perspectivas que eu tenho. É mais difícil encontrar. É mais difícil encontrar. Não é difícil, mas... não é difícil de existir, mas é mais difícil de encontrar, eu acho. Geralmente, as pessoas vêm pra trabalhar no café, pra trabalhar numa obra, pra trabalhar em trabalhos que os portugueses não querem fazer. (Renata, #09)

Analisando a questão do ponto de vista das representações sociais, para a entrevistada Amanda, a existência dos ditos “guetos” também contribui para a construção de um discurso irrealista sobre a experiência dos imigrantes brasileiros em Portugal. Em seu relato, ela diz acreditar que limitar as relações sociais à outros brasileiros que também vivem em Portugal acaba por alienar o imigrante da vivência das dinâmicas socioculturais da sociedade portuguesa, fazendo com que, não experienciando as adversidades encontradas por aqueles que se propõem a um processo de aculturação mais orientado para a integração social, acabem por ter uma visão distorcida do que é realmente a vida do imigrante brasileiro no país. Como exemplo, ela cita o preconceito contra os brasileiros e as diferenças na experiência migratória de homens e mulheres, assuntos sobre os quais acredita que aqueles que ficam no Brasil devam ser alertados ainda enquanto planejam emigrar para Portugal.

Eles precisam ser mesmo conscientizados. Eles precisam... as pessoas precisam saber do que se passa. Esses dias, eu até me meti numa discussão - não numa discussão, mas num grupo lá dos brasileiros - que alguém perguntou se tinha preconceito, e a maioria disse "não" que não sei o que. E eu tive que dizer "olha, homem e mulher vivenciam completamente diferentes aqui em Portugal". Tipo, um homem brasileiro e uma mulher brasileira vão viver histórias completamente diferentes. Ou se você não precisa... se você vem com renda totalmente do Brasil e do tipo, se você não precisa se misturar... que é uma coisa que a gente observa muito, os brasileiros não se misturam, porque criou-se um "gueto" brasileiro dentro de Portugal, sejam em Lisboa, seja no Porto. E as pessoas não se misturam, e querem... só que não funciona assim. Se você tá migrando, você tá migrando pra um país. Você não pode viver a margem desse país. E aí dizer que não existe é porque as pessoas não estão vivendo, a minha visão é essa. Porque existe. Existe nas instituições, existe em todos os lugares. É triste. (Amanda, #16)

Aprofundando ainda mais a análise sobre os “guetos”, interessou-nos perceber as configurações e dinâmicas sociais subjacentes à sua existência. Em Marques e Góis (2015), encontramos já alguns indícios de que o processo de integração com os portugueses tem os seus percalços, na afirmação dos autores de que a integração social dos imigrantes da segunda vaga não acompanhava a integração no que diz respeito à sua inserção nos sistemas educativo, habitacional e econômico. Os autores também apontaram a dificuldade de relacionamento com os portugueses como um dos principais aspectos negativos da vida em Portugal e que foram apontados pelos imigrantes da segunda vaga. Sendo assim, ao nos depararmos pela primeira vez com esta ideia em um dos relatos, uma questão que logo surgiu é se a formação destes *clusters* seria uma causa ou uma consequência das situações de interação dos

imigrantes brasileiros com os portugueses. A hipótese do “gueto” como causa deriva de, intencionalmente, se isolarem de uma convivência social mais abrangente, enquanto que a da consequência se alicerça no fato de que poderá ser essa a única alternativa de convívio social diante de uma sociedade que se mostre não tão acolhedora.

Em um momento posterior ao relato de Eduardo, aproveitando o surgimento espontâneo do tema pelo entrevistado, foi perguntada a sua opinião sobre essa questão. Para ele, embora a organização destes grupos não esteja totalmente baseada na nacionalidade em comum - pelo menos na cidade em que vive, Viseu - a sua existência é real e é entendida por si uma consequência do que chamou de “lapso de interação social” com os portugueses. Desta forma, acredita ele, estes grupos preenchem uma lacuna importante na vida do migrante ao se estabelecerem como redes de apoio e de informação sobre questões que se relacionem não só com a experiência de brasileiros em Portugal, mas também com a vida de um imigrante de qualquer nacionalidade no país.

É assim, é um lugar assim bem pequeno mesmo. Mesmo a cidade em si, ela é muito pequena e tal. Então esses *clusters* que acontecem aqui, esses “guetos” e tal que acontecem aqui - e de fato acontecem, e de fato existem (...). O que acontece aqui é, por exemplo, e aí já respondendo àquela outra pergunta, eu acho que o fato das pessoas se reunirem nesses grupos é uma consequência dessa falha de interação social, desse lapso de interação social com grupos ou com pessoas portuguesas. Porque o que acontece é o seguinte: você vê pessoas aqui - isso a minha opinião, tá? - você vê pessoas aqui buscando, por exemplo, por serviços essenciais em grupos de brasileiros, porque elas não conseguem descobrir onde ter esse tipo de serviço por meio de pessoas portuguesas, entende? Então por exemplo, no grupo "Brasileiros em Viseu" no *Facebook*, existem mais publicações do tipo "onde eu encontro um mecânico bom pra arrumar meu carro? porque eu não faço ideia e ninguém que é português que eu tenho contato me fala, ou eu não tenho liberdade pra falar sobre esse assunto e tal", do que necessariamente falando assim "pessoal, alguém com saudade de tomar um chimarrão? vamos se reunir em tal lugar tal dia". Isso você nunca vê. Seja no *Facebook*, seja no *WhatsApp*, ou seja, em qualquer outro meio de comunicação. Mas você vê as pessoas buscando, por exemplo, bens essenciais... assim, bens essenciais ou serviços essenciais, nesse tipo de grupo. (...) Então eu atravesssei essa barreira de conseguir essas coisas. Mas quando acontece, aqui acontece em busca de informações, em busca de serviços, e não necessariamente por interação, entende? (Eduardo, #11)

Para os entrevistados em nossa pesquisa, grande parte das dificuldades de interação com os portugueses é justificada pelas diferenças culturais percebidas, ou seja, por diferentes formas de se relacionar. Segundo Tajfel (1957), a demarcação da diferença, que posiciona os indivíduos em diferentes grupos sociais por meio da percepção e associação de seus traços aos de uma determinada categoria social, será mais acentuada em aspectos percebidos que tenham um nível de valoração social associada. Isso quer dizer que os traços a serem ressaltados serão aqueles que, além de diferenciar, apontam para diferentes posições de poder baseadas em valores constituídos socialmente pelo grupo dominante. Além disso, alguns dos entrevistados justificaram o preconceito contra os imigrantes brasileiros como sendo uma consequência das experiências que os portugueses tiveram com imigrantes de vagas migratórias

anteriores, que possuíam um estatuto social diferente de muitos daqueles que têm migrado nos últimos anos (Posch & Cabecinhas, 2020a). A partir do reconhecimento dessa diferença, estes imigrantes sentem que são capazes de estabelecer relações sociais com os portugueses e, ao mesmo tempo, trabalhar na manutenção da sua pertença à comunidade brasileira devido ao receio de sofrerem sanções sociais (Tajfel, 1974) por parte destes imigrantes de outros tempos. No caso em questão, os estereótipos sociais em causa são ideias pré-concebidas existentes sobre esses indivíduos: os portugueses “fechados”, “frios” ou “distantes”, como ouvimos nas entrevistas, em contraponto com o estereótipo do imigrante brasileiro “alegre”, “bem-disposto” e “simpático” (Marques & Góis, 2015, p. 117). Essa dicotomia na atribuição de traços de sociabilidade, como referem Cabecinhas e Amâncio (2004), é característica dos casos em que há fortes assimetrias de estatuto social entre os grupos sociais envolvidos, sendo que ao grupo de maior estatuto são frequentemente atribuídos traços de instrumentalidade positiva (e.g. trabalhadores) e sociabilidade negativa (e.g. fechados), enquanto que, ao grupo de menor estatuto, são atribuídos traços de sociabilidade positiva (e.g. alegres) e traços de instrumentalidade negativa (e.g. preguiçosos). Nesse sentido, enquanto os estereótipos relacionados aos portugueses refletem uma sociabilidade negativa, aqueles que dizem respeito aos brasileiros refletem uma sociabilidade positiva. Podemos dizer que essa é uma situação específica do caso em questão, uma vez que, como vemos em Cuddy et al. (2009), quando a comparação dos portugueses é feita com grupos de maior estatuto social percebidos, como os alemães ou os ingleses, aos portugueses são atribuídos traços de sociabilidade positiva.

Os relatos dos imigrantes entrevistados dão a conhecer que, em alguns casos, as situações de discriminação não são percebidas como direcionadas para o sujeito em si, mas sim para todo o grupo social de pertença. Pode ter influência nessa forma de percepção o fato de não reconhecerem nenhum prejuízo ao nível individual que tenha sido interpretado como uma consequência mais séria do ato discriminatório (Fibbi, Midtbøen & Simon, 2021) para além de um constrangimento momentâneo.

(...) mas eu sinto que eles são bem fechados. Bem fechados. Pra você entrar lá, uma abertura, é complicado. (...) Eu acho que, assim, os portugueses em geral não são muito receptivos. Eu não sei, eu diria assim, eles estão na casa deles, eles se sentem confortável e... eles não vão procurar fazer amizade com você se você não for atrás dessa amizade. Tipo, um brasileiro quando vê um gringo, nossa, não pode ver um gringo que já quer virar amigo e trazer pra perto, e conversar. Tipo, brasileiro é diferente dos portugueses nesse assunto. (Gisele, #15)

Os portugueses que eu encontrei aqui são amigáveis. O pessoal costuma dizer "ai, eles são mais fechados, são mais restritos", eu não consegui perceber isso. Em um ou outro a gente percebe, mas também não... eu entendo, é diferença cultural. (Maria, #01)

(...) assim, eu sempre, desde pequena, aprendi que eu ando na rua eu cumprimento quem eu vejo, sempre fui assim. "Oi", "bom dia", "boa tarde". E aqui às vezes eu falava "bom dia"

a pessoa não respondia. Ai você falava que era mal educado. Não é porque ele é mal educado, porque o povo aqui é assim. (Denise, #13)

Ainda no que diz respeito à interação com portugueses, faz-se importante assinalar que ela parece acontecer com menos dificuldade em contextos em que não há uma percepção de competitividade social entre brasileiros e portugueses, ou seja, onde a presença dos imigrantes brasileiros parece não ser vista como um fator que desafie as hierarquias sociais vigentes na sociedade portuguesa. Em um contexto pandêmico da Covid-19, em um estudo anterior também com imigrantes brasileiros em Portugal, mencionamos o quanto essa competitividade já era uma realidade na dinâmica social entre os imigrantes brasileiros e os portugueses, resultando em um comportamento baseado no preconceito por parte desses últimos (Posch & Cabecinhas, 2020c). Trazemos aqui o relato de João, que lembrou que conseguia estabelecer vínculos sociais com os portugueses em ambientes profissionais enquanto trabalhava no setor de *telemarketing* e também na restauração, mas que a situação era bastante diferente no ambiente acadêmico da universidade onde realizava o seu mestrado.

Dos lugares onde eu trabalhei, eu conseguia me relacionar com as pessoas. Havia algum vínculo. Mas, na universidade, por exemplo, quando há trabalho em grupo, é sempre com os brasileiros, por exemplo, "o grupo dos brasileiros", "o grupo dos brasileiros". E, no Brasil, eu percebia que os trabalhos são mais... acho que há mais cooperação, aqui eu acho que as pessoas são mais individualistas, tanto no trabalho quanto na academia. Então, eu senti um bocado essa diferença da minha rotina do Brasil que eu costumava sempre sair, com os meus amigos, e aqui, principalmente quando nós chegamos, eu e minha ex-companheira, nós praticamente não conhecíamos ninguém e pronto, ficávamos nessa. Ela também reportava a mesma coisa, que era muito difícil de construir vínculos mesmo, na universidade aqui, no Brasil sempre saíamos com colegas dela, com as amigas dela, com os meus amigos no fim de semana. Mas, aqui, isso meio que deixou de acontecer tão frequentemente para serem coisas muito mais esporádicas. (João, #02)

Ao abordarem a sua experiência de vida em Portugal, alguns dos entrevistados mencionaram ainda a existência do que entendiam ser um estereótipo do “imigrante brasileiro” em Portugal, uma ideia semelhante aos meta-estereótipos que F. R. de Oliveira (2016) identificou em um estudo sobre a interculturalidade em Portugal, e que seria o resultado das representações sociais que, por muito tempo, estiveram (e ainda estão) em voga e das experiências diretas do contato entre os imigrantes brasileiros e a população portuguesa. Essa ideia pré-concebida que fazem sobre eles é, em sua opinião, um dos principais entraves para a interação social com os portugueses, uma vez que ela acaba por ser pautada em uma ideia que não se mostra totalmente correspondente com a realidade. Quando reconheciam a existência desse estereótipo, percebemos em seu discurso uma intenção de se distinguir e distanciar a ideia que fazem de si mesmo do que prega esse estereótipo. Segundo Festinger (1954), mudar a sua opinião dentro de um grupo social é um processo que acontece dentro de um quadro mais amplo de

comparação social. Sendo assim, não é algo arbitrário, mas sim o resultado da inferência das relações sociais.

Que eu também já ouvi, inclusive, comentários "ah, nossa, tão branquinho, nem parece brasileiro", por exemplo. Coisas assim. Que esperam sempre que brasileiros sejam negros, que sejam sempre... um determinado modelo de brasileiro. (João, #02)

São quatro anos e sempre acontece alguma coisa que você se choca ainda, com a capacidade das pessoas de tornar a vida dos outros difíceis. É do tipo 20 anos, 30 anos depois, a gente ainda tá pagando um preço de pessoas que vieram pra cá em outras circunstâncias, com outras necessidades. (...) E a gente paga um preço muito caro por outras pessoas. E aí, infelizmente, as pessoas sempre vão enxergar a sua nacionalidade a frente de qualquer coisa. Então, alguém faz alguma coisa de errado "ai é porque é brasileiro". Não, não é porque é brasileiro, é porque a pessoa é mau caráter mesmo. Assim como tem portugueses mau caráter, como os franceses, espanhóis. Do tipo, é a pessoa, não é a sua nacionalidade que faz você quem é. Só que difícil. É mesmo muito difícil. (Amanda, #16)

(...) já disse assim "não, mas eu tenho certeza", eu falei pra ela [namorada], "eu tenho certeza que o processo migratório que tinha antes é totalmente diferente do processo migratório que tem agora". Pessoas menos instruídas, mais sei lá, dedicadas mesmo ao trabalho braçal e tudo mais, tudo mais, tudo mais, que foi acarretando uma série de más imagens ou más experiências por conta de todas as pessoas aqui. Então, eu noto os resquícios dessas coisas. Então, todos os lugares que eu ia falar, nunca era por mim, nunca era algo que eu tinha feito. Era sempre alguma coisa que veio do passado, que ficou. (Eduardo, #11)

Além do estereótipo, a língua também foi mencionada um importante marcador social da diferença entre portugueses e os imigrantes que têm chegado em Portugal nos últimos anos, o que corrobora estudos já realizados sobre o tema (cf. Brasil & Cabecinhas, 2018).

Houve várias piadas com as palavras que são diferentes. E dizem que nós falamos brasileiro. Não falamos português como eles, é brasileiro. Então assim, a gente vai se adaptando, aprendendo a relevar, e vai convivendo. (Rosa, #14)

Por exemplo, na minha dissertação - que estava a escrever em brasileiro, né - mas, no caso, depois eu tive que mudar de orientadora, inclusive, porque ela não aceitava que eu escrevesse em brasileiro, portanto... aí eu comecei a escrever em inglês, ela preferia que eu escrevesse em inglês do que em brasileiro. Que em brasileiro estava totalmente errado o que eu escrevia, né, em inglês estava tudo certo, mas em brasileiro estava tudo errado. Aí eu precisei mudar de orientadora também por conta disso. (João, #02)

Aí eu desenvolvi uma tese aqui junto com o professor português. Que foi um desafio. O primeiro contato com o professor, eu tive bastante dificuldade com a língua. E depois eu fui começando a entender mais, mas no começo foi bem complicado. Parecia que era mais fácil eu tentar falar em inglês do que tentar saber o sotaque do que ele estava falando. (Gisele, #15)

A importância dessa questão se dá pelo fato de que a língua, além de suporte das atividades sociais que se desenrolam nas complexas teias nas quais se configuram as relações sociais, é, em si mesma, uma prática social (Brito, 2013). Para Saussure (1916/2006), ela se constitui tanto como o resultado do uso da linguagem enquanto faculdade humana como todo o conjunto de convenções sociais coletivas necessárias para o seu uso, distinguindo-se assim dos demais sistemas de signos devido à sua capacidade de organização e classificação da realidade. Acresce à ótica saussureana, ao conceituarmos

o seu uso enquanto prática social, os questionamentos que cerceiam a vida coletiva e que também acabam por impor ao uso de uma língua específica entre diferentes grupos sociais e em diferentes situações do seu cotidiano. É esse olhar crítico sobre a matéria, que encontramos em obras de Fairclough (1989/1996) como *Critical Language Studies*, que faz as situações descritas pelos imigrantes entrevistados ricas em significado. No caso da língua portuguesa, ainda que a dispersão dos seus falantes pelo mundo não exclua o fato de suas identidades estarem em sinergia enquanto falantes da língua portuguesa (Andrade, 2021), os entraves da língua, as situações de desconforto, as tentativas de “falar como eles” - toda a maleabilidade, enfim, da língua na vida do imigrante, deve ser perspectivada a partir da ótica das relações de poder. De acordo com Fairclough (1989/1996), uma visão crítica da língua deve auxiliar o indivíduo a não só ver até que ponto a sua língua se baseia em ideias socialmente assumidas como verdade, mas também de que forma essas verdades estão inseridas em uma hierarquia de relações de poder mais ampla.

Toda essa discussão parte do princípio de que o espaço lusófono é intercultural, caracterizado pela fragmentação e pela pluralidade (Andrade, 2021), no qual cada manifestação cultural é, na verdade, uma “luta pela ordenação simbólica do mundo” (Martins, 2004, p. 6). Tendo esse cenário como horizonte, no que tange o debate sobre a língua portuguesa de variante brasileira em Portugal, o que está em causa não é somente a prevalência de uma ou outra variante do português. Como evidencia o estudo de Carvalho, Cabecinhas e Magalhães (2014) sobre as representações sociais de jovens estudantes universitários em relação ao *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*, por trás dos imbróglios cotidianos figuram disputas não só no âmbito da linguística, mas também da memória, da história e das identidades culturais. Citamos, como exemplo, o estudo de Azevedo, Freitag e Abreu (2021), uma vez que puderam vislumbrar tais dificuldades no contexto do ensino do português como língua estrangeira. De acordo com esses autores, o ensino da variante brasileira mostrou-se desafiador pela falta de uma política pública em nível nacional de valorização da variante brasileira do português e pela sub-representação e a representação estereotipada que a acompanham, desfavorecendo a percepção dessa variante como dotada de uma certa autonomia em relação ao português materno.

São essas dinâmicas ocultas do uso da língua que precisam ser colocadas em evidência. Os imigrantes relataram que a variante brasileira do português é, frequentemente, chamada “brasileiro”, associando-se a língua à nacionalidade como um mecanismo de estabelecer hierarquias sociais. Como evidencia o relato da entrevistada Rosa, essa diferença é percebida mesmo quando a palavra em questão é de uso comum em Portugal, ainda que fora dos grandes centros urbanos.

Eu já vi, logo quando eu cheguei. Isso me irritava mais. Eu ficava corrigindo as pessoas, eu falava "não, olha lá, presta atenção, eu não falo brasileiro, eu sou brasileira, a minha nacionalidade é brasileira, a minha língua é português do Brasil". Eles falam português do Brasil, ou português... eu não sei como é que define, é realmente... é português, eu falo português, o português do Brasil. Então eu meio que discutia, mas não discutia de briga, eu argumentava. E eles me diziam, até na faculdade mesmo, "ah Rosa, mas porque é mais fácil, ficar toda hora falando 'português do Brasil', 'português de Portugal', é mais fácil português e brasileiro". Eu falei assim "fácil, mas não é correto". "Ah, mas quem nasce em Portugal, é português, idioma português, então quem nasce no Brasil é brasileiro, idioma brasileiro". Eu falei "gente não, essa lógica não funciona pra gente". Então assim, eu via logo no início, eu via em grupos certos comentários preconceituosos, alguns deles rindo do nosso idioma, das palavras. Que ficamos presos no passado com algumas palavras muito antigas que eles já não usam aqui, como xícara... xícara é a que eu mais lembro. Então, isso me irritava. (Rosa, #14)

Houve ainda relatos de situações em que os brasileiros se viam obrigados a falarem como os portugueses para serem entendidos ou aceitos socialmente, como referiram Gisele e Ana.

A única coisa era que, tipo assim, às vezes, eles não... às vezes, eles não entendiam. Uma coisa que eu não... tipo assim, eu falava, e aí, às vezes, eles não entendiam. Não sei eles ficavam forçando pra eu falar alguma coisa, ou tipo assim "ah repete", "o que?", "não entendi". Aí eu falava de novo. Eu falava assim "ah legal", "legal?", "legal", "não, legal?". Até eu falar "fixe". Quando eu falo "fixe", eles entendiam. (Gisele, #15)

Eu acho que é uma questão de adaptação. Eu, rapidinho já, sonoramente, já consigo entendê-los perfeitamente. Não tenho problemas. E, às vezes, claro, um "talho" - fiquei olhando no mercado, "talho" pra pegar a senha pra ir. Mas aí você já identifica rapidinho, né? Já percebi que era o açougue. E, assim, a gente vai adaptando. Então, eu não teria esse problema. (Ana, #17)

Em outros casos, a discriminação com base no jeito de falar se mostrou mais evidente. A experiência relatada por Teresa evidencia o quanto a língua tem sido usada como um fator de diferenciação que posiciona os portugueses em uma posição acima dos brasileiros em uma escala de valor social. Já na visão de Rosa, contudo, essa não é uma situação particular ao caso brasileiro, mas acontece também com imigrantes de outros países de língua portuguesa, assim como acontece com os próprios nacionais portugueses que migram das aldeias para as cidades, uma situação calcada por uma percepção coletiva de assimetria de estatuto social. Seria por meio de uma abordagem "translinguística", na visão de Behling (2020, p. 76), que seria possível permitir à variante brasileira do português sair da posição de subalternidade a partir de uma transformação ao nível do discurso, o que resultaria em "ressocializações", "conquista de espaços portugueses" e "qualidade de vida linguística".

Eu não sei. Eu tenho algumas teorias. E uma delas passa pelo lado da xenofobia. Que eu vejo esse destratar diferente. "Nós somos os portugueses, nós falamos o português". E vê muito disso. Às vezes, um pessoal mais conservador. Outras vezes também são pessoas que simplesmente pegaram essa fala de outras pessoas e sequer questionam. Quando encontro pessoas mais novas a falar "brasileiro", eu sei que, muitas das vezes, apenas copiaram outras pessoas que fizeram o mesmo, e sequer pararam para pensar o por que que dizem que falamos brasileiro. Sim, falar que falamos português brasileiro é totalmente compreensível. Agora, que sequer é português, é brasileiro, não faz sentido. Às vezes, até brinco, falo "nossa, realmente, só está a me entender porque és um poliglota, senão não entenderia, certo? A

língua completamente diferente". Mas bem, então, eu vejo muito isso. Às vezes, vem do preconceito. Já escutei conversas na rua. Às vezes, a espera do autocarro, as pessoas falarem que os brasileiros estão aqui, que estão a tomar empregos e as mulheres tomam os maridos. E não sei. Acho que o preconceito gera muitas consequências, uma delas, inclusive, é que sequer falamos a mesma língua. (Teresa, #25)

E, basicamente, assim, palavras... quando você vai se comunicar... eles acham que... é como que a gente esteja... como é que eu posso explicar? A gente tá... estamos conversando e falamos alguma palavra que eles não entendem, e nem todos sabem lidar com aquilo. Tipo, às vezes faz uma piada "ah kkk, vocês falam isso assim? Isso é errado". Então, fazem piada com o português do Brasil. Ficam querendo, como é que eu posso dizer... corrigir, como que eles fossem só os certos e a gente não. Mas eu, pelo que eu já percebi, eles fazem isso também com os angolanos, com as pessoas de países africanos que também estudam cá. (Rosa, #14)

Essas diferenças culturais evidenciam todo um contexto mais amplo de situações de preconceito e discriminação que também estão no cerne das dificuldades de interação dos imigrantes brasileiros com outros indivíduos na sociedade portuguesa. Além das dificuldades de interação social, Fibbi et al. (2021) listam diversas outras consequências da discriminação que vão além da dimensão pessoal, evidenciando o quanto entender essas situações e trabalhar no sentido de minimizá-las é também estar a pensar no bem-estar da sociedade como um todo. Dentre elas está a influência negativa na economia, a exclusão social causada pela restrição da participação das pessoas em determinadas áreas e instituições da sociedade, a contribuição para a diminuição da confiança no sistema de meritocracia ao nível social, o comprometimento dos processos de busca de oportunidade de emprego - e a consequente evasão do mercado, o que contribui para a pobreza e o aumento dos custos sociais públicos - e a segregação geográfica espacial que acresce mais dificuldades ao processo de integração social.

Embora alguns entrevistados tenham alegado não terem sofrido qualquer tipo de preconceito ou passado por situações de discriminação, outros declararam que essas situações eram uma realidade em suas vidas.

Mas, o da sociedade, são mais os olhares. Eu não sei se você já percebeu. Você passa na rua, principalmente as senhoras, elas te olham assim com um olhar meio julgador. Não são todas, obviamente. E, alguns, te olham de cima a baixo. Tem ambientes que a gente entra, que são ambientes bem típicos portugueses, tipo algumas pastelarias mais afastadas do centro universitário. Quando você entra, todos te olham. Tipo assim, parece que você é um extraterrestre que está entrando ali no planetazinho deles. (...) O preconceito eu senti mais fora, na sociedade em si. Nas pessoas mais velhas. Algumas delas ainda tem um certo preconceito, principalmente com uma brasileira. (Rosa, #14)

A questão do preconceito e da discriminação dos imigrantes brasileiros em Portugal ganha novos contornos quando perspectivada a partir de uma ótica de gênero. Diversos autores abordam as diferenças do projeto migratório internacional em uma perspectiva comparada entre homens e mulheres, ainda que esse olhar interseccional ainda seja recente na academia (Queiroz, Cabecinhas & Cerqueira, 2020). As

diferenças não se restringem aos distintos locais de destino de preferência, mas às próprias barreiras que se impõem em desigual magnitude nas decisões tomadas tanto no país de origem quanto no país de destino (Cohen & Sirkeci, 2011). Ao longo do processo de entrevistas com os imigrantes brasileiros, um ponto que ficou em evidência é a existência de uma clara percepção, por parte dos próprios imigrantes, de que a experiência da migração acontece de forma diferenciada para os homens e para as mulheres.

(...) se forem mulheres também já vai ser algo mais diferente, são sofrimentos, são situações diferentes que vivem as mulheres brasileiros em Portugal. E isso eu não vou dizer que eu sei, porque eu não sei, mas imagino que seja que eu escuto das minhas amigas. (...) Em relação às amigas, eu percebo que elas já têm outras vivências, que já escutam outras coisas, que sofrem outras coisas que eu não passo e que... por exemplo, brasileiras negras também eu sei que passam por outras coisas que eu não passo. (...) De comentários indevidos de assédio mesmo, de assédio de... comentários indevidos, que acham que só porque é uma mulher brasileira que vive em Portugal, que já tem algum interesse sexual ou algo de que vem pra arrumar um marido, de que vem ou que veio pra algum fim muito estereotipado, né? Alguma coisa muito estereotipada, que as mulheres brasileiras estão sempre à procura de um português pra se casar e conseguir a cidadania, não sei o que... pelo menos isso eu escuto muito nas minhas amigas falando, sempre que conhecem um português, em algum momento isso surge nas conversas, nas falas, ou mesmo na forma de abordar, de forma muito rude. (...) Que até, digamos, no Brasil claro que existe muito machismo no Brasil, existe muita coisa, mas aqui acho que há um agravante, por ser brasileiro já... é como se os portugueses já tivessem esse pressuposto de que podem fazer, por ser brasileiro é mais um motivo, além de ser mulher, por ser brasileira, podem isso, podem falar dessa forma. (João, #02)

Esse foi um dos pontos que a entrevistada Gisele fez questão de mencionar, quando perguntada se haveria algo que gostasse de acrescentar ao seu relato. O seu ponto de vista traz um contributo de imensa relevância porque, da forma como percebe a questão, ela acredita que, assim como existe a experiência migratório diferente entre o imigrante brasileiro e a imigrante brasileira, também o preconceito se manifesta de forma diferente quando parte do homem português ou da mulher portuguesa.

Eu acho que talvez falar das diferenças da migração pra mulher e pro homem. É bem diferente. Eles têm uma visão das mulheres brasileiras. Os portugueses e as portuguesas. Inclusive, aqui em Bragança, tem uma história verídica - inclusive tem uma série, se eu não me engano - tipo de mulheres que vieram do Brasil pra fazer... pra ter uma vida de prostituição aqui. Tinha muito isso. As portuguesas fecharam esse espaço. As mulheres... como que era... as mulheres portuguesas, as senhoras portuguesas de respeito tiveram que fechar essa casa de prostituição porque os maridos delas estavam frequentando com muito afinco, talvez. E aí, tipo, essa era a imagem das mulheres brasileiras recente na população de Bragança. E, tipo, eles são muito fechados, muito mais fechados do que outras regiões metropolitanas como Lisboa e Porto, que tem muito mais imigrante. Aqui eles são pessoal de aldeia, pessoal rural, sem muito estudo. Então, essa imagem que eles têm é bastante recente. E aí, eu diria assim, que muitas mulheres sofrem bastante com isso. Eu diria assim, que eu já ouvi alguns comentários muito machistas, mas também muito xenofóbicos. Tipo, alguma coisa do tipo "volta pra favela de onde você veio". Tipo, algumas coisas desse nível. (Gisele, #15)

Gisele fez referência às mulheres brasileiras em Bragança, em uma associação com o caso das "mães de Bragança", como um fator que marcou profundamente a criação de estereótipos relacionados

à mulher brasileira em Portugal. De acordo com Pais (2010), toda a história que envolve o surgimento do movimento das “mães de Bragança” nasceu em 2003 com a colisão entre uma tradição que remete aos tempos ditatoriais, nos quais a ideologia sobre o valor da família representava um forte aspeto moral de repressão da sexualidade feminina, e o surgimento de estabelecimentos voltados para o “mercado do sexo” em cidades no interior do Nordeste de Portugal. Ainda que houvessem muitos outros pontos que influenciassem na situação, pode-se dizer que foram estes novos valores aqueles que mais se destacaram, bem como a constatação de repetidas situações de uma suposta “infidelidade” observada nos lares portugueses daquelas cidades e que eram percebidas como verdadeiras ameaças aos valores da tradicional família portuguesa. Pelo fato de muitas das funcionárias destes bares e discotecas serem de nacionalidade brasileira, estabeleceu-se uma relação entre as mulheres imigrantes desta nacionalidade e a situação que se estabelecia.

Os maridos chegavam tarde à casa, com desculpas duvidosas. Nas roupas deles, começaram a farejar vestígios de perfumes denunciadores de aventuras extraconjugais. A desconfiança galopou quando a imprensa regional deu conta de cerca de uma centena de “brasileiras” residindo na cidade de Bragança, dispostas a converter em dinheiro, seduções e préstimos sexuais. (Pais, 2010, p. 10)

Mas não é somente a partir do referido caso que uma imagem hipersexualizada da mulher brasileira começou a se estabelecer na sociedade portuguesa, ainda que represente um momento histórico importante para que esse debate começasse a aparecer na esfera pública de maneira mais recorrente. Em Minga (2018), por exemplo, encontramos referência ao período colonial, ao luso-tropicalismo e, mais recentemente, às telenovelas brasileiras, como importantes esferas de construção de sentido que contribuíram para a criação e a manutenção de representações da mulher brasileira com que indicavam uma característica sexualizada. Também a própria cultura popular brasileira, promovida pelo Estado como um pilar da identidade nacional, é referida pela autora como um ponto de origem da representação da mulher brasileira de forma que se apresentou, demonstrando-se uma preocupação da autora em não isentar as representações que surgem ainda no país de origem do debate sobre o assunto.

O relato das entrevistadas dão a conhecer diversas facetas do preconceito e da discriminação que sofrem. Foram diversas as lembranças de situações em que estas imigrantes sentiram a nacionalidade pesar na ideia que os portugueses faziam de si. Reproduzimos algumas delas a seguir com o objetivo não só de se clarificar a dimensão que o preconceito e a discriminação alcança em suas vidas, o que vai desde as dificuldades em se conseguir um trabalho ao receio e limitações autoimpostas em interagir com pessoas portuguesas, mas também no sentido de se trazer à luz estes relatos e

contribuir para um discussão do assunto pautada nas vivências daquelas que, de fato, são o alvo destes atos discriminatórios.

Foi como eu disse. O meu marido não passou por nenhuma situação das quais eu passei. E bom, questão de assédio, é uma coisa que é lamentável, mas já vivenciava no Brasil. Não tem como dizer que não. E aqui também, só que... assédio já é algo doloroso. O assédio, quando se trata da sua nacionalidade, é algo que dói muito mais. Muito mais. Porque vai além da pessoa me achar atraente ou algo do tipo. Vai para... ela já tem uma imagem formada de mim simplesmente pela minha nacionalidade, simplesmente por acreditar que eu devo me portar de tal forma por ter tal nacionalidade. E, pra mim, eu tenho muito mais restrições a falar com homens portugueses. Tenho mais... às vezes, eu queria sequer falar pra um colega meu, sabe, "ah, vamos tomar um fino". (...) Sempre tive amigos homens, durante toda a minha vida. E não diria isso a um dos meus colegas. Por mais que sejam simpaticíssimos comigo, por mais que estejam sempre ali me ajudando - quando eu precisei me ajudaram bastante, dois principalmente sempre estiveram dispostos a me esclarecer qualquer dúvida - mas não diria jamais. Porque eu tenho muito medo da forma que eu seria interpretada. E isso eu tenho certeza que não acontece com o meu esposo. Ele chamaria na boa. E eu já não me arrisco, pelas coisas que já ouvi e já li. (...) Então, por mais que imigrantes, nós sofremos burocracia, isso, aquilo, diferença de cultura e blá blá blá, mas a mulher ainda sofre mais. Por conta de ainda ter esse preconceito de como se acha que a mulher brasileira se porta. E não é uma experiência só minha. É a experiência de amigas que fiz aqui, às vezes conhecidas na rua. A gente se sente unida à uma pessoa que a gente acabou de conhecer só porque ela é brasileira e porque ela está falando que passou as mesmas coisas que você. Pelos mesmos preconceitos, pelos mesmos assédios. E aí, você fica sempre a pensar isso: "se fosse homem, talvez fosse mais fácil". E isso porque sou casada, porque estou sempre com a minha aliança. E, mesmo assim, eu sofro na mesma. (Teresa, #25)

Eu tive uma outra experiência também. Que tava procurando estágio aqui, e aí eu fui numa empresa. E era na minha área. E enviei um currículo, passei por um processo seletivo. A secretária ligou pra mim pra marcar uma entrevista. Eu fui, né? Profissional. Fui escolhida pra ir lá e tal. Aí tá, fui fazer a reunião. Cheguei pra conversar com o dono da empresa. Se apresentou como dono da empresa pra mim. E aí ele, tipo, fez a entrevista, me fez a proposta e tal. E aí depois disso, começou a fazer um... ficar fazendo um contato nada profissional. Porque tinha ligado pra mim pelo telefone e aí começou a mandar umas mensagens no WhatsApp tipo "ah, vamos tomar um café". Eu sei que tomar café para os portugueses é uma coisa, mas eu não achei nada profissional, né? Tipo, eu me senti... eu falei "gente, que que tá acontecendo?". Eu não consegui trabalhar com essa cara. Eu falei "antes de me contratar, tá desse jeito, imagina a hora que eu tiver lá tendo que lidar diretamente com essa pessoa". E aí nem consegui voltar lá, nem respondi. (Gisele, #15)

No dia que eu desembarquei em Portugal. Essa pessoa que foi me buscar, ela estava acompanhada de uma senhora que também era brasileira, mas que já vivia aqui há, sei lá, 15 anos, que era casada com português. Então, a primeira coisa que essa senhora disse pra mim - ela nem me conhecia, ela não sabia nada, absolutamente nada da minha vida - ela olhou pra mim e disse que a primeira do tipo, que eu "tinha que me dar o respeito". E eu olhei pra cara dela do tipo "você não me conhece de lado algum, quem é a senhora pra dizer que eu tenho que me dar o respeito?". (Amanda, #16)

É, eu acho assim, que tem muito preconceito quanto a isso, sabe? Tanto quanto ser mulher, mulher brasileira, e imigrante ainda. O pessoal da igreja, até uma senhorinha lá, alguém tava precisando de ajuda na casa pra ficar com duas crianças. Cuidar ali do almoço, alguma coisa assim, e ficar com as crianças para os pais que são médicos. E eles não quiseram por ser brasileira. Então assim, eles disseram que eles gostariam que as crianças aprendessem uma linguagem certa, então o fato de ser brasileiro atrapalharia o desenvolvimento da linguagem das crianças. Então essa foi a resposta "não, eu preciso de ajuda", quando a pessoa indicou falou "ah não quero, é brasileira". Então isso acontece bastante. Essa senhorinha que eu conheço, que é da igreja também, ela está trabalhando, ela cuida de uma outra senhorinha.

Ela cuida de uma idosa. E ela sofre muita xenofobia na casa. A senhora trata ela mal pelo fato de ser brasileira. E assim, dependendo de alguma coisa que ela fala, alguma expressão, ela já... mesmo sendo uma senhorinha mais idosa, existe esse preconceito com ela por causa da fala, pelo estilo como ela fala. Brasileira. A situação de ser mulher também. Eu acho assim, que as pessoas veem a gente com maus olhos. Talvez não sejam todos, mas... eu estou em vários grupos, grupo de emprego, grupo de brasileiros e tal. Eu entrei nesses grupos até um pouco antes de vir pra cá, pra me situar. E, às vezes, tem uma pessoa que te chama fora do grupo ali, te manda uma mensagem, dizendo que pegou o seu número naquele grupo. E sim, já tive sim uma conversa que não me agradou. E já cortei na hora e falei "olha, você tá achando que eu sou uma coisa que eu não sou". Então, era um português, e o fato de ser brasileira, eles acham que a gente é uma mulher fácil, sabe? Então vem com conotações sexuais ou algo assim. Mesmo você não dando bola, mesmo você não abrindo espaço pra isso, eu pelo menos interpretei desse modo. E daí, quando você corta, a pessoa diz "não, não foi isso que eu quis dizer e tal". Então sim, existe bastante preconceito com a mulher brasileira porque eles acham que nós somos sexualmente mais fáceis. (Ana, #17)

Passei muito preconceito, passei muitas situações, assim... não conseguia encontrar casa, não conseguia encontrar nada, porque ninguém te trata bem, ninguém... não existe acolhimento. O ser brasileiro chega a frente de qualquer outra coisa. Então, é muito difícil. E outra, eu tenho total noção do meu privilégio, assim, sabe? Porque eu sempre vivi sozinha aqui em Portugal, eu sempre tive mais condições do que a grande maioria das pessoas que eu conheci ao longo daqui. E, mesmo assim, era muito difícil. Eu me lembro na altura que eu achei esse apartamento em que eu vivo, que já tem três anos, eu só consegui arrendar o apartamento depois que eles descobriram que a minha mãe era médica no Brasil. Porque viram que eu não era uma qualquer. Só por isso. Eu só conseguia fazer as coisas porque eu apresentava o Imposto de Renda da minha mãe nos lugares. Só assim. E mesmo... e tinha lugar que simplesmente não me atendia, os senhores se negavam a me deixar visitar os apartamentos quando sabiam que eu era brasileira. De eu estar na porta dos apartamentos e as pessoas se negarem a me alugarem o apartamento. Tipo, você nunca imagina que você vai passar por isso na sua vida. Pra alugar uma casa. Das pessoas mentirem e se... pedirem sei lá, três, quatro mil euros pra você alugar um apartamento, de caução. Eu olhava e dizia "você tá ficando louca? Você não pede isso a ninguém, você só tá pedindo isso pra mim porque eu sou brasileira". Então, é estranho. Eu me choco diariamente ainda. (Amanda, #16)

Não obstante o reconhecimento do preconceito e da discriminação por parte de alguns dos entrevistados, para outros, esse é um assunto sobre o qual não têm muito a dizer. São homens e mulheres que dizem não sofrer qualquer tipo de discriminação em Portugal ou que se referem ao tema como sendo uma questão de ter que "se impor", para utilizarmos as palavras da entrevistada Luísa, ou uma questão de "mau humor" de quem pratica o ato discriminatório, segundo o entrevistado Roberto. A existência de afirmações como essas permite traçar todo um novo rol de perguntas sobre as variáveis que incidem nas situações de preconceito e discriminação contra os imigrantes brasileiros e as mulheres, em especial, sobre as quais estudos subsequentes poderão se debruçar com o devido aprofundamento.

Bom, das mulheres, existe uma história aí antiga, que é de Bragança, né? Que vieram mulheres pra uma casa de prostituição e tal, né? Mas, assim, eu sou completamente contra generalização, então... e eu acho, acredito muito também, que você tem que se impor, né? Eu acho que, a partir do momento que alguém te agride verbalmente, você tem que falar, né? Você tem que se impor. E também no dia-a-dia, pelas suas atitudes, é o que te define. (Luísa, #23)

E enquanto mulher também. Nunca fui abordada, as pessoas falam comigo sempre de uma maneira muito educada. Mesmo, às vezes, por exemplo, eu vou no parque, muitas vezes eu

vou sozinha e estou lá no parque deitada, deitada num banco ou sentada num banco. E já aconteceu de pessoas virem conversar comigo, mas nunca ninguém mexeu comigo, nunca nenhum homem mexeu comigo aqui. Pelo menos nesse tempo que eu estou aqui, isso nunca aconteceu, todo mundo foi sempre muito educado comigo. Então, eu não vejo essa questão de ser abordada, de alguém mexer comigo. (...) Não me sinto ameaçada de nenhuma maneira. (Carla, #04)

Ou seja, vida pra mim aqui, as principais dúvidas acho que é preconceito, se vai ter. Não tive, dificuldade de relacionamento. Nenhuma. Claro, imbecis existem no mundo. Principalmente quando você vai numa repartição pública, aí tem alguém que acordou de mau humor. Aí o cara xinga, reclama, fala. Mas isso a gente tem no Brasil e a gente tem em qualquer lugar do mundo. É uma pessoa que, por acaso, naquele dia, não tá nos melhores dos dias, e aí fala um monte de besteira que te ofende. (Roberto, #12)

É de se referir, contudo, o surgimento de diferentes percepções, por parte dos imigrantes entrevistados, quanto ao que caracterizaria uma situação de preconceito ou discriminação, o que permitiu que fosse identificada a existência de diferentes “nuances” de discriminação que tornam difícil a tarefa de reconhecer quando, de facto, são discriminados ou não. De acordo com Fibbi et al. (2021), essa pluralidade de percepções resulta de que, quando se fala de discriminação, é preciso levar em consideração não somente o tipo de comportamento adotado por um indivíduo em relação a outro, mas também a própria consciência dos direitos e a sensibilidade pessoal de cada sujeito, que influenciam a percepção de uma situação como discriminatória ou não.

Não to dizendo que não é, que eu... por isso eu digo que acho que há nuances de xenofobia, mas que, por eu não saber e talvez até por eu não ter vivido tão fortemente, pelo menos o próprio estereótipo, muita gente nem percebe, às vezes, que eu sou brasileiro. Enfim, eu trabalhei um tempo no *telemarketing*, então eu tive que adaptar um bocado o meu sotaque. Então lá, quando eu estava trabalhando lá, muita gente nem desconfiava que eu era brasileiro. Então eu não sofri o que eu imagino que muita gente sofra também por ter conseguido me camuflar disso. (João, #02)

Mas um preconceito assim, mesmo nítido, assim bem escrachado, que eu lembre agora, não. Mesmo porque a sociedade atual está mais tolerante. Eles veem que os brasileiros que aqui estão agora são brasileiros que vem, como a gente já falou, estudar, trabalhar, investir, e até mesmo já ouvi deles isso. Os brasileiros agora vêm com outra mentalidade, com outro objetivo. (Rosa, #14)

De acordo com Crosby (1984), a relutância em reconhecer uma situação de discriminação ao nível individual pode significar uma maneira de evitar o desconforto pessoal de se ter que assumir um papel de vítima e, conseqüentemente, ter de se indicar um culpado pela discriminação. Além disso, ainda que o preconceito possa ser conceitualizado como um julgamento sobre um indivíduo ou um grupo social que resulta de um processo de categorização social (Eagly & Diekman, 2005), a discriminação ocorre quando o preconceito entra em uma lógica de ação e se realiza a efetiva exclusão destes sujeitos de algum domínio específico da vida social. Em resposta à essas situações, Lamont et al. (2016) entendem que elas não dependem somente da pré-disposição individual, mas também de todo um contexto mais

amplo no qual os indivíduos estão inseridos. Os autores remetem para a existência de um repertório narrativo dentro das culturas nacionais segundo o qual os grupos sociais nela inseridos se voltam para forjarem a sua resposta.

Já para Fibbi et al. (2021), a escolha pessoal de qual estratégia será adotada frente à uma situação onde há a percepção da discriminação não é aleatória, mas sim baseada em um julgamento interno da pessoa do quanto ao fato da estratégia lhe parecer viável do ponto de vista prático. De acordo com Tajfel e Turner (1979), a escolha do modo de resposta também está associada às estratégias identitárias assumidas pelos indivíduos nas relações intergrupais. Para os autores, elas compreendem tanto o ancorar-se na ideia que se faz de si mesmo quanto na identidade social do grupo de pertença, para traçar a forma como o indivíduo irá lidar com a discriminação, distinguindo-se, assim, a sua estratégia identitária entre a mobilidade individual e a mudança coletiva. O que Tajfel e Turner chamaram de “mobilidade social” é adotada enquanto estratégia individual em contextos em que a saída do grupo se apresenta como um caminho viável. Já o que os autores referem como “mudança social” caracteriza-se por ser uma estratégia de grupo que se baseia em fomentar respostas coletivas no sentido de se estabelecer novas hierarquias de valor entre os grupos sociais envolvidos, e será escolhida em contextos em que a saída do grupo não for percebida como exequível por qualquer razão. Relacionamos a ideia desses autores com as diferentes estratégias de aculturação que mencionamos anteriormente, também como diferentes respostas ao preconceito e à discriminação. Retomamos, aqui, o relato de Rafael, que alegou querer adaptar-se à cultura portuguesa, como exemplo. Na visão do entrevistado, é, justamente, essa intenção declarada de querer se aculturar que faz com que ele e sua família não sofram preconceito e discriminação. O fato de não ter sofrido nenhuma situação de discriminação faz com que ele, inclusive, se considere uma exceção.

Então, de modo geral, a nossa preocupação, já que nós viemos pra cá, é fazer um processo de aculturação do mundo português, e não, de algum modo, ter alguma restrição de entrada. Muita gente tem notado, nesse sentido, é que nós somos, por sorte ou azar, não sei, muito bem recebidos. Eu não tenho, em nenhum momento, nenhuma situação de que senti preconceito ou foi diminuído. Não. (...) Mas, em geral, por ser brasileiro ou por ser imigrante, em nenhum momento eu... não tenho o que falar. Então, eu não tenho, assim, nenhuma notícia ruim pra te dar, nenhuma colocação ruim pra te dar nesse ponto. Talvez contrarie muitos imigrantes que você conversa, não sei se eu seria o *outlier*. Não sei. Tomara que não. Mas eu não tenho, assim, nenhum demérito em estar aqui em Portugal. (Rafael, #03)

Encontramos essa ideia de “exceção” também em outros relatos e percebemos que, de facto, existe uma consciência individual, por parte destes imigrantes, da existência de diferentes perfis de imigrante dentro da própria comunidade brasileira. Assim como alguns dos entrevistados referiram um passado “privilegiado” no Brasil, também quando falaram de sua vida atual em Portugal, alguns deles

relataram se sentirem “privilegiados” de alguma forma. Essa visão de privilégio está, em muito, relacionada com a percepção que estes imigrantes têm sobre os demais brasileiros que residem no país e que é bastante influenciada pelo discurso hegemônico que se construiu, ao longo dos anos, sobre estes sujeitos.

Eu sou... eu posso dizer, em vista do que a gente vê, que teve muita gente que foi embora, tem muita gente passando dificuldade, tem muita gente passando necessidade aqui... eu posso me considerar ainda uma privilegiada, que não tá me faltando nada. Só meu marido chegar. (Julia, #05)

Eu me sinto uma pessoa privilegiada, como eu já falei. Eu não sou rica, muito pelo contrário, eu sou professora, fui professora a vida inteira. Mas assim, eu me sinto privilegiada por ter todo dia o que comer, graças a Deus. Posso comer, se eu quiser alguma coisa eu posso comer, ou enfim... mas eu sei que não é todo mundo. E é ruim, não é uma coisa boa. (Renata, #09)

No primeiro ano que eu estive cá, eu tive a sorte de conseguir esse emprego numa loja. E que entre nós, assim, comentávamos, é muito difícil. É você vê brasileiros trabalhando em lojas? Vê, mas é a minoria, são poucos. A maioria estão ali em cafés, na limpeza, em restauração. Então, eu me sentia privilegiada de ter aquele emprego. (Rosa, #14)

Dentro dessa discussão sobre a posição do indivíduo dentro do seu próprio grupo social, Tajfel (1974) refere que um desafio que acompanha o ser humano ao longo de sua vida é o de encontrar ou criar o seu espaço dentro dos grupos sociais em que está inserido, um processo que abrange tanto o seu posicionamento frente a outros grupos sociais quanto aquele que adota com aqueles que também pertencem ao seu próprio grupo. Nesse sentido, essa comparação aos demais membros da comunidade brasileira em Portugal se explica pela alegação de Festinger (1954) de que há uma limitação autoimposta quando o assunto é a comparação social. Pressionados por um ideal de se estabelecer uma espécie de uniformidade subjetiva quanto às opiniões e atitudes dos membros de um grupo social, a percepção destas diferenças pode levar a três tipos de atitudes, segundo o autor: alterar a percepção individual de modo a aproximar-se dos demais membros do grupo; tentar alterar a visão do grupo para que os outros corroborem com a opinião pessoal manifestada pelo indivíduo em questão; ou parar de comparar-se com os membros do próprio grupo social, agora entendidos como possuidores de opiniões muito divergentes.

Quando a opção for a comparação, Festinger (1954) afirma que esse processo não acontece quando o “Outro” à quem se compara é muito divergente da ideia de que se tem de si mesmo; ao contrário, a comparação será feita em relação àqueles cujas opiniões e habilidades lhe são próximas. Quando acontece de esta comparação ser feita em relação à um indivíduo muito diferente de si, opiniões e habilidades será feita em relação às pessoas que não sejam muito divergentes de si mesmo. Ainda segundo Festinger (1954), o processo de se reduzir as diferenças entre as opiniões e habilidades dos membros de um grupo social é um caminho de se obter uma uniformidade que faz com que haja uma

vida social sem grandes problemas. Contudo, na busca de um indivíduo em se construir uma avaliação positiva de si mesmo (Tajfel, 1974), pode ser que, conseqüentemente, passe a se diferenciar dos demais membros do seu grupo social de pertença.

Experiências Profissionais

A dificuldade em se inserir no mercado de trabalho é uma realidade já conhecida e estudada em diversos casos ao redor do mundo. Ser forçado a buscar oportunidades de trabalho aquém de suas qualificações profissionais ou, mesmo nessas circunstâncias, não conseguir se inserir no mercado de trabalho (Riaño, 2021), são apenas algumas das conseqüências de um processo de integração profissional deficitário. No caso da imigração brasileira em Portugal, desde a segunda vaga migratória, já é possível se falar em um processo de desqualificação profissional que coloca esses sujeitos em posições de vulnerabilidade social e econômica, apesar de, a certa altura, a taxa de desemprego entre esses indivíduos ter sido menor do que a média nacional (Egreja & Peixoto, 2015).

Aprofundando o tema, a análise dos relatos obtidos em nossa pesquisa empírica permite desvelar situações que tanto justificam quanto apontam caminhos para se entender, em detalhe, o que leva à essa situação no caso estudado. Entendemos, por exemplo, que pesa a desvalorização profissional do imigrante brasileiro quando chega em Portugal. Esse processo se dá, sobretudo, pelo não reconhecimento ou a demora no processo de validar ou reconhecer as habilitações literárias e a experiência profissional adquirida no Brasil. O entrevistado João chega a se referir à essa situação como um frustrante processo de “despersonalização”, segundo o qual o imigrante é forçado a se despojar de uma parte importante daquilo que constitui a sua ideia de identidade de si mesmo desde o momento de chegada no país de destino.

Quando cheguei em Aveiro, já muda muita coisa. Porque eu já não era psicólogo mais, eu já era... não era mais psicólogo, eu deixei de ser psicólogo, na verdade, quando eu cheguei. (...) Então, a primeira coisa que eu senti foi essa despersonalização no sentido de deixar de ser aquilo da minha formação, de ter perdido a minha formação no primeiro momento que eu cheguei. (...) Quando eu cheguei, a primeira coisa que eu senti foi essa perda da formação. (João, #02)

Ainda no relato de João, conseguimos visualizar o quanto essa situação extrapola a esfera financeira e da integração para impactar também o sujeito em uma dimensão psicológica e emocional, bem como todo um senso de identidade construído ao longo de muitos anos e que agora se vê abalado.

Então, isso é algo complicado, porque pra mim foi uma rasteira. Porque eu imaginava uma coisa, pensava "não, quando eu chegar"... eu vim com um plano, né? Eu vim com um plano de "vou chegar, vou fazer a validação do diploma e vou trabalhar como trabalhava no Brasil,

fazer exatamente aquilo, vou trabalhar com as minhas crianças, vou fazer a minha avaliação, fazer o acompanhamento com elas e vai tudo continuar perfeitamente". (...) Então, pra mim, foi uma frustração mesmo, uma frustração no sentido de poxa, eu estudei, trabalhava com isso, e aqui não posso, não posso fazer o que eu gosto. Então, teve esse impacto inicial, não é, e que eu percebo que muita gente passa pela mesma coisa, uma espécie de despersonalização que, poxa, isso faz parte de quem eu sou, faz parte da minha história de vida. E chegar aqui e perder essa parte tão importante da minha vida foi complicado. (João, #02)

Embora muitos dos entrevistados tenham reconhecido já terem conhecimento de que a desvalorização profissional era uma verdade para muitos dos imigrantes brasileiros que residiam em Portugal, o desenrolar da situação em suas próprias vidas não deixou de ser visto com uma certa surpresa. Sobretudo para aqueles que precisariam se afiliar à organismos de classe para adquirirem o direito de trabalhar em Portugal, como é o caso dos psicólogos, os trâmites burocráticos exigentes e demorados geraram uma grande frustração nestes indivíduos, que se consideravam já preparados diante de todas as informações que havia encontrado na Internet sobre como realizar esse processo de afiliação.

Aí eu fui ver pra fazer a minha papelada de Pedagogia e de Psicologia, ia ver qual ia ser mais rápido pra eu conseguir fazer... pra eu entrar no mercado de trabalho na minha profissão, né? Não quero... não menosprezo outras profissões, mas eu quero seguir a minha área. Bom, eu descobri, depois de muito pesquisar e tudo... eu já tinha visto que pra eu trabalhar em Educação aqui ia ser difícil, porque a faculdade de Pedagogia não existe aqui, aqui é Ciências da Educação, é outra coisa. Daí eu achei que existiria uma possibilidade de estar fazendo essa com validação, porque muitas... quando eu entrei... antes de vir pra cá, eu já tinha entrado nesse grupo de mães em Portugal e algumas pessoas "não, eu vim em tal idade, em tal ano e consegui". Então eu falei "talvez exista sempre a brecha ou o jeitinho brasileiro que a gente sempre consegue". Bom, e aí eu vi que na área de Educação nada, só se eu for pra investigação. Fora que professora de educação infantil aqui ninguém contrata brasileiro pelo sotaque e por todas essas questões. E aí a Psicologia, a minha tá parada lá na faculdade, porque aqui... como você já tá há mais tempo, aqui são três anos a faculdade de... geralmente, a faculdade são três anos, mais os dois de mestrado, né? (Denise, #13)

No relato da psicóloga Mariana, encontramos referência ao impacto emocional que o fato de não ser reconhecida profissionalmente tem na sua vida. As aulas de música que ministrava no Brasil e que eram uma fonte de renda extra sem regularidade passaram a ser a sua principal fonte de renda em Portugal, diante das dificuldades burocráticas para a revalidação do seu diploma em Psicologia e afiliação à Ordem dos Psicólogos. Começou dando aulas em casa e depois alugou um espaço em Aveiro, onde abriu a sua própria escola de música. Antes disso, trabalhou no setor de serviços de limpeza em um hotel, no regime de *part-time*.

Antes de vir, eu lembro de ter pesquisado, até entrei em contato com a Ordem dos Psicólogos, e tudo parecia muito simples. "Ah vai ser muito simples". E na verdade não é bem assim. Então hoje, em relação ao que eu exerço como professora de música, não é nada tão diferente porque no Brasil, embora eu tivesse a Clínica, eu também sempre dei aula particular. Então lógico que lá era um extra, era se tivesse aluno OK, se não tivesse tá tudo bem também. E aqui passou a ser a minha fonte principal de renda. (...) Em relação aos trabalhos que eu fiz antes, isso... assim, eu não me sentia humilhada, não me sentia rebaixada por isso. Eu fiz porque a gente tava precisando. E hoje, se precisar de novo, eu vou fazer faxina. Como

também faria no Brasil, sabe? Não tenho problema disso. Mas, às vezes, batia um pensamento assim "ai poxa, estudei tanto pra hoje nem poder falar que eu sou psicóloga". Sabe? Então, às vezes, dava esse, assim... e isso muitas vezes vinha o pensamento "ai se eu voltar pro Brasil, eu não tenho problema nenhum, eu posso ou voltar a abrir a minha clínica, ou prestar um concurso", enfim. "Lá eu sou psicóloga, lá eu sou valorizada". Então gerir isso não é fácil. Não é fácil. (Mariana, #19)

A consequência que essa situação tem na vida dos imigrantes é o surgimento de uma ideia de ser preciso "recomeçar do zero". Ainda que essa questão seja vista com maior naturalidade por alguns imigrantes - como é o caso de Rosa, que acredita que essa é uma conjuntura inerente à própria condição de imigrante - existe, para outros, a consciência de que ela implica adaptações nem sempre tão positivas. Se submeter ao "subemprego" e ser complacente com condições trabalhistas desfavoráveis, nestes casos, acaba por ser visto não como uma das alternativas, senão a única delas.

Tantos currículos que eu enviei... e eu tenho qualificações. Só que não são reconhecidas. Eles só querem saber onde você trabalhou em Portugal. "No Brasil você trabalhou? Ok, mas no Brasil é no Brasil. Aqui em Portugal, o que que você fez? O que que você estudou?". Então, toda a bagagem que a gente tem é deixada de lado. Começa do zero, recomeça. (...) Toda a experiência que eu tenho no ramo de vendas parece que não importa pra nada. (...) Você sabe perfeitamente que a vida imigrante é assim: você tem que fazer serviços que você não faria no seu país. Mas não por vergonha, não por ter vergonha de fazer, mas porque não havia necessidade de você fazer no seu país porque a sua qualificação era reconhecida e você conseguia outros serviços. Já aqui, a nossa capacitação tem que fazer o reconhecimento do diploma. E não custa barato, cada diploma você tem que pagar pra reconhecer. E eles exigem experiência pra tudo. Tudo. Até pra ser balconista de um café, você tem que ter experiência. (...) Então a verdade é que, praticamente quando você sai do Brasil, você tá abrindo mão de todo o teu estudo, toda a tua carreira acadêmica, pra começar do zero talvez um trabalho de chão de fábrica, de obras e enfim, trabalhos... a gente chama de "subemprego", né? No Brasil. (Gilberto, #20)

Outros entrevistados, contudo, alegaram preferir ver a situação por outra perspectiva. Marcelo, profissional da área da Tecnologia da Informação, acredita que a questão passa por diferentes percepções sobre o valor da experiência profissional em cada área profissional e da própria classificação dos níveis hierárquicos. Ele mencionou, por exemplo, ter percebido que os parâmetros que levam um profissional da sua área ser considerado sênior são diferentes no Brasil e em Portugal, o que faz com que a sua experiência em seu país de origem tenha pouco valor no mercado português. Nesse sentido, aceitar um cargo aquém daquele que desempenhava no Brasil, para ele, foi visto apenas como uma estratégia de entrada no mercado profissional europeu, o que levaria à uma oportunidade de "dar visibilidade" ao seu trabalho e, com o tempo, ocupar cargos de trabalho mais adequados à sua experiência profissional.

Eu saí de Brasília em uma posição muito sênior e eu cheguei aqui em uma posição não tão sênior assim. (...) E eu observo que existe uma diferença de avaliação entre o que é senioridade para as pessoas com as quais eu trabalho aqui em Portugal e o que era senioridade nos projetos que eu trabalhava lá em Brasília. Então, eu estou procurando fazer essa observação. (...) É, assim, eu acho que isso foi consequência direta da forma como eu fiz a minha transição profissional. Porque talvez se eu tivesse permanecido no Brasil mais algum tempo e tentando disputar vagas pra cargos mais sênior, uma hora eu iria emplacar com um cargo mais sênior.

Mas aí como eu tava interessado na transição para já estar aqui na Europa para poder conseguir facilitar esse processo de ser observado pelos profissionais que aqui já estão, então a forma como eu fiz a transição profissional pra cá impactou um pouco nisso. (...) Da mesma forma, o mercado daqui está de olho nessa questão. O *manager* da empresa em que eu trabalho entende que eu posso fazer uma transição para cargos mais sênior, mas eu entendo que eu preciso ainda, de alguma forma, conseguir mostrar trabalho pra dar visibilidade pro meu nível de senioridade. (Marcelo, #07)

Além daqueles que estavam a trabalhar por conta de outrem ou planejavam assim o fazer, há também aqueles que são donos do seu próprio negócio. Como indicamos anteriormente na contextualização histórica do tema desta tese, o número de solicitações de brasileiros para a atribuição de AR para fins de investimento subiu vertiginosamente entre os anos de 2015 e 2018, o que representa um crescimento de 1.029% no referido período. As entrevistas realizadas com os imigrantes permitiram, assim, aprofundar o conhecimento sobre uma situação que tem alterado o quadro da imigração brasileira em Portugal, refletindo-se de diversas formas na caracterização desse fenômeno.

Para alguns dos entrevistados empreendedores, a ideia de se ter o próprio negócio já estava consolidada quando ainda estavam a viver no Brasil. Rafael, que tem investido em uma consultoria no setor da advocacia junto com a sua esposa, relatou que a ideia de empreender em Portugal começou quando ainda trabalhava no Brasil. Apesar disso, ele entendeu ser importante referir que essa intenção não era fundamental para a sua decisão de migrar ou não.

Não, não, nós já tínhamos essa ideia. Pelo menos, da minha parte, mesmo estando na [empresa em que trabalhava no Brasil], eu já fazia vários tipos de consultoria externa, mentorias também para outros profissionais que me procuravam. (...) Mas, de um modo geral, a opção de empreender, ela é uma decisão que ela não é, digamos assim, determinante, "eu vim pra cá pra isso", entendeu? Ela é uma opção que eu acho que, talvez, venha a calhar dentro do que possa... usar os meus conhecimentos em prol de um país que está me ajudando muito. (Rafael, #03)

Ainda no caso de Rafael, a decisão de empreender esteve, desde o seu início, muito mais atrelada ao fato de se aproveitar uma oportunidade que se abria do que gerar um rendimento que seria imprescindível para sua vida no novo país de residência - um contexto que ele entende estar também associado ao momento em que se encontra em sua vida.

Bem, logicamente, não é assim, como se pode pensar, uma coisa tão altruísta, né? Logicamente, os euros serão bem-vindos. Mas não é algo que eu tenha assim uma obrigação de empreender para sobreviver. Não. É uma condição de fazer uma coisa com mais gosto dentro da proposta que nós temos aqui de buscar uma sustentável qualidade de vida. (...) Então, não é menosprezando em nenhum momento a chegada de dinheiro, mas a minha proposta hoje, aos 57 anos, é fazer alguma coisa mais qualitativa que me traga um retorno não financeiro... bem, o retorno financeiro seria esperado, mas algum retorno mais emocional, mais qualitativo, em que a gente possa, de algum modo, ter aquela chamada busca da felicidade, digamos assim, se isso faz sentido se falar. (...) Talvez eu consiga esclarecer mais: eu não vim aqui montar empresa ou trabalhar pra ficar milionário, digamos assim. Então, não é essa a nossa proposta. Temos colegas nossos aqui em Portugal que estão muito bem de vida. Então, não é o meu estilo de vida, como eu te falei. Trabalhar com afinco ou ficar

acordado, aquela preocupação toda de empresa ter que crescer, tem que buscar novos fornecedores, tem que desenvolver... não, não é isso que eu pretendia. E as pessoas com quem eu conversei, eu conversei hoje, têm também uma visão semelhante. (Rafael, #03)

Ainda que, em alguns casos, o empreendedorismo tenha já sido planejado antes mesmo da migração acontecer, em outros, ele surge durante a vida no novo país e está mais embasado em uma necessidade do que uma vontade. No caso de Renata, por exemplo, foram as dificuldades em encontrar oportunidades de trabalho na área acadêmica que a levaram a começar a trabalhar junto com o seu companheiro no restaurante dele.

Eu ficava procurando como pesquisadora na universidade. Eu terminei o meu doutorado em 2016 e todos os concursos que aqui eles pedem, eles pedem com cinco anos de doutorado. Ou, às vezes, tem um concurso júnior. Então, eu ficava procurando. Tenho que te dizer que nunca dava muito certo. Ou era longe, ou, quando eu conseguia, já tinha passado, ou quando... até agora também. Ou, quando eu, conseguia não podia ser porque, enfim, tinha algumas coisas que não batiam. (...) E, hoje eu vou pro restaurante, eu faço a parte... como eu me formei em Publicidade, embora não seja a minha área a parte de criação, mas eu faço. Cuido da parte da publicidade do restaurante, das mídias digitais e da criação de logos, e da criação dos pratos, dos anúncios dos pratos que ele faz. (Renata, #09)

As dificuldades de acesso ao mercado de trabalho, em especial na área de formação, também se incluem dentro dos principais fatores que levaram a entrevistada Mariana a empreender. Depois de ter trabalho em regime de *part-time* em diversas funções que não estavam relacionadas à sua área de trabalho, sobretudo devido às dificuldades para o reconhecimento do seu diploma brasileiro, ela viu em seu amor pela música e o conhecimento que tinha nessa área como uma alternativa para contornar a situação.

E aí eu comecei a procurar alguns trabalhos nada a ver com a minha área. Porque tem toda a burocracia de validação de diploma e tudo. Fui trabalhar em hotel, em limpeza. Fiz serviços, assim, *part-times*. Entretanto, no final de 2017, eu engravidei. E aí, o que que eu comecei a fazer? Eu tenho a formação em Psicologia e Psicopedagogia, só que eu também tenho a formação em Música. Sempre, a minha vida toda, eu trabalhei com música. E eu falei "olha"... a gente tinha comprado um piano em 2017. Eu falei "vou começar a dar aulas particulares". E aí, comecei a dar aula em casa, aqui, e já grávida. E dei até quando o meu filho... no dia que ele nasceu. E aí depois que ele nasceu, já voltei a dar aula. E aí o meu marido "vamos começar a crescer bastante, graças a Deus". E aí a gente alugou um espaço e abrimos uma pequena escola de música aqui em Aveiro, aqui pertinho de casa. E estamos lá até hoje. Então, hoje o meu trabalho é a escola de música. Sou professora de piano, de violino, aí tem alguns outros professores lá também. (Mariana, #19)

Como vimos quando abordamos as interações sociais dos imigrantes entrevistados, o preconceito e a discriminação se fazem presentes em diversos momentos na jornada migratória destes sujeitos. Essas questões têm sido levantadas ao longo da análise e ganham neste tópico sobre a experiência dos imigrantes no que diz respeito ao mercado de trabalho um destaque especial, de modo a que se possa aprofundar as suas causas e consequências. Na dimensão profissional, a noção da

discriminação por parte dos entrevistados começa com a percepção de que algumas das oportunidades de trabalho não são acessíveis de igual maneira para os imigrantes e a população portuguesa em geral.

Eu acho que, talvez, uma questão que hoje pra mim é um ponto, que talvez seja a questão do trabalho. Porque, assim, eu já fiz... mesmo eu não podendo ainda trabalhar, eu cheguei a mandar alguns currículos e cheguei a fazer algumas entrevistas já. Mas eu não sei se a oportunidade de trabalho aqui, eu ainda não consigo reparar se ela é igual pra todo mundo, pra gente que é imigrante e pra quem é daqui. Eu não consigo ainda ver com nitidez isso. Talvez seja uma percepção minha que tenha um pouco de resistência nesse sentido, mas ainda não tenho certeza. Ainda preciso ficar aqui mais um pouco pra ter uma certeza sobre isso. (Carla, #04)

Além da segmentação, também houve referências a um mau comportamento dos portugueses em relação aos imigrantes em geral, o que vai desde as relações interpessoais no ambiente de trabalho às más condições de trabalho às quais acabam por ser submetidos. A esse respeito, Gisele chegou a relembrar da ocasião em que os seus antigos empregadores portugueses fizeram um colega de trabalho, de nacionalidade cabo-verdiana, se desestabilizar emocionalmente, em uma situação em que, ao seu ver, o fato de ele ser imigrante contribuiu para esse desfecho.

Eles exploram mesmo. Imigrante. Não só brasileira, mas todo mundo. Tipo, a forma como eles de tratam os funcionários é absurdo. Sério. Eles fizeram uma... uma vez, fizeram um cabo-verdiano, que era meu amigo do trabalho, chorar, cara. É um absurdo. Ele foi, tipo, nossa. O menino precisava daquele emprego e tinha que se sujeitar a ouvir umas coisas do patrão, sabe? (Gisele, #15)

Acresce à essa questão uma percepção de que o imigrante, por estar em uma posição desfavorável e necessitar do emprego não só por motivos financeiros, mas também para manter a sua própria condição documentada, deve se submeter à certos tipos de condições trabalhistas que, do contrário, não aceitariam. Encontramos esse discurso na lembrança que a entrevistada Luísa teve de uma conversa com a sua filha, que colocou em evidência essa questão.

(...) mas a questão é: meu filho fala, eu falo assim "filho, eu não percebo discriminação, eu não sinto isso". Ele falou assim "mãe, é diferente quando você tá aqui pra gastar seu dinheiro ou quando você tá aqui pra trabalhar". Então, assim, eu não sinto, realmente, mas eu não dependo de trabalho. É diferente. Eu acho que quem depende de trabalho aqui acaba se sujeitando a algumas coisas, entendeu? Sujeitando. Aguentando. Acho que seria a palavra mais certa. (...) discriminação. Entendeu? Porque assim, quando você tá precisando daquele trabalho, você acaba aceitando certas situações. É bem complicado. A minha filha trabalha no telemarketing da (...) e ela ouviu muitas coisas. "Ah é brasileira", "ah tinha que ser brasileira", "ah você não me entende porque você é brasileira". Sabe? Eu já não sei, eu já falei pra ela até que ela tem que criar um casco. Ela já tá há mais de seis meses trabalhando lá. Ela é um docinho, mas ela tem que criar um casco pra isso, ela já tem experiência pra isso. Porque ela tem que se impor. Porque, assim, eu não sei quantas vezes eu já consolei ela, porque ela tem que parar as ligações, liga pra mim e chora, chora, chora. Quer dizer, não foram duas, não foram três, não foram quatro, não foram cinco, não foram seis vezes, entendeu? Então, eu acho que já é tempo de se criar um casco. Mas é diferente também quando você tá de um lado da linha e a pessoa está do outro lado da linha. Agora, quando você está servindo uma pessoa no café, é bem mais complicado, né? Você reagir de alguma forma. (Luísa, #23)

Carmen também é da opinião de que a discriminação e o mau tratamento dos empregadores e colegas de trabalho portugueses não sejam uma exclusividade do caso dos imigrantes brasileiros. Para ela, a questão passa mais pelo reconhecimento de uma relação de poder desigual: pelo fato de muitos imigrantes se encontrarem em posições de vulnerabilidade em diversos sentidos de suas vidas, os empregadores acabam se aproveitando dessa situação, impondo condições de trabalho desfavoráveis e não se preocupando em fomentar um ambiente profissional harmonioso.

Não. Eu acho que, talvez, não só os brasileiros, mas acho que, na cabeça deles, os imigrantes vêm... porque como eles veem esses imigrantes que vêm de país de guerra, que realmente passa necessidade, vem e aceita qualquer tipo de humilhação, qualquer tipo de coisa, se sujeita a qualquer situação, talvez eles generalizem isso. Achem que todo imigrante vem porque tá numa situação difícil, tá atrás de uma coisa melhor. E aí eu dizia pra ele "em Portugal, achar alguma coisa melhor é difícil. É muito difícil. E vocês estão valorizando tanto Portugal. Cara, na minha concepção", falei "olha, se eu soubesse o que eu sei hoje de Portugal" - eu não queria vir por causa do sotaque, né - mas, se eu soubesse o que eu sei hoje, cara, aí ele ia pro último dos últimos de novo. (Carmen, #22)

Ainda assim, encontramos também o relato de situações nas quais o fato de se ser um imigrante de nacionalidade brasileira parece ter pesado um pouco mais. Já para os imigrantes brasileiros da segunda vaga, a etapa de prospecção de emprego e de acesso ao mercado de trabalho era indicada como aquela em que eles mais se sentiam alvo de atos discriminatórios (Marques & Góis, 2015). Para aqueles que migraram desde os últimos anos, a confirmação da discriminação surge quando o interlocutor português, aqui caracterizado como a parte contratante, toma conhecimento que o candidato é brasileiro. Foi o que aconteceu com Carla, que relatou que as ligações telefônicas eram um momento decisivo no qual o processo de contratação era, geralmente, descontinuado.

Ah, por exemplo, quando eu mandava meu currículo e... aí a pessoa me ligava e nem... acho que nos primeiros currículos que eu mandei, não sei se não tava escrito que era brasileiro, se a pessoa não reparou. Mas aí, quando eu ligava, daí perguntava assim "ah, você é brasileira?", e parecia que às vezes desconversava um pouco, sabe? Mas não sei se isso foi uma percepção minha ou se isso realmente é uma verdade. Não sei. (Carla, #04)

Essa questão se mostrou com evidência para a entrevistada Gabriela durante o processo seletivo do seu companheiro para uma empresa na área da Construção Civil. Do seu ponto de vista, a contratação dele foi dificultada, ao ponto de não se concretizar, por conta do preconceito.

Foi uma coisa que mexeu com a gente um bocadinho. Meu esposo foi chamado pra uma seleção. Falou com o dono da empresa na área de construção civil. Era pra... esqueci o nome da cidade, mas era aqui perto. Esqueci o nome. Mas falou com o dono, ele gostou muito, tava tudo certo, ele confirmou. Pediu pra o meu esposo encaminhar os documentos dele pra o setor de Departamento Pessoal. E a moça que atendeu o meu esposo, do Departamento Pessoal, praticamente fez ele perder a vaga. E falou explicitamente ao meu esposo que aqui em Portugal tinham diversos portugueses com a mesma qualificação que ele, ou até melhores que ele, pra assumir a posição. Ela tentou a todo o custo dizer que meu esposo não poderia assumir a vaga. (...) Ela botou dificuldade. Primeiro, nos documentos. (...) E aí ela falou - soltou - essa informação, dizendo que realmente tinham muitos portugueses que queriam aquela

vaga ali e que não ia dar pra ele. (...) E aí a gente notou que, realmente, ela foi uma forte influência ali pra meu esposo não conseguir assumir a vaga. Era em Barcelos, lembrei agora. Em Barcelos. E aí, a gente notou que ela, realmente, foi uma forte influência pra que meu esposo não conseguisse aquela vaga ali. Não sei se porque ele era brasileiro ou se realmente ela tinha alguém que queria colocar. (Gabriela, #21)

Para a psicóloga Beatriz, o preconceito surgia na forma da surpresa de seus futuros clientes quando ligavam para agendar uma consulta.

Olha, eu acho que eu nunca tive, neste aspeto, dificuldade por ser brasileira quando as pessoas chegavam na minha sala. Ok? Quando elas chegavam elas gostavam, elas conseguiam... a gente conseguia fazer o vínculo terapêutico, e as pessoas continuavam, tinham alta. (...) Talvez isso tenha acontecido um pouco no antes. Quando as pessoas ligavam... porque sou eu mesma que faço as marcações ou as pessoas fazem pelo *online*, pelo site. O pessoal que faz online é um público mais jovem, é um público da Universidade. Com esses, eu nunca tive muita dificuldade, não. Mas aconteceu mais no início, de algumas pessoas ligarem e acharem que eu era a secretária. Aí, quando descobriam que eu era a psicóloga "ah, mas a senhora tem autorização pra...", "tenho, sim senhor", "ah, mas não sei o que", "ah, daqui a pouco eu ligo", e não ligava mais. Mas isso nunca me incomodou muito. Ok. Até porque eu preciso que a pessoa entre e tenha empatia. Então, você já começa com uma restrição, com algum preconceito prévio. Pode ser que não funcione. Agora, quando vem pessoas indicadas... e os portugueses indicam e muito quando eles gostam. Indicam mesmo, de verdade. Eles põem, como se diz aqui, a cunha. Então, quando vem esses, eles já vêm totalmente abertos. (...) Então se arriscaram e foram, até foram sem saber. Sempre voltaram. (Beatriz, #10)

Podemos relacionar esse peso maior aos processos de comparação social e a percepção de uma suposta competição entre grupos em uma situação de escassez de recursos e oportunidades, nas quais o "Outro" acaba por ser visto como uma ameaça, o que pode resultar em situações de discriminação social e xenofobia. Essa competição é ainda mais evidente quando há assimetrias de estatuto social, o que ajuda a entender a rivalidade mais acentuada entre portugueses e brasileiros. Um estudo conduzido por Cabecinhas (2007) no qual portugueses foram solicitados a exprimir a sua percepção do estatuto social de grupos sociais correspondentes a algumas nacionalidades (que participantes de um estudo anterior tinham indicado como as mais presentes na sociedade portuguesa), os brasileiros figuram na segunda posição, logo após os portugueses e antes das nacionalidades africanas. Neste sentido, por estarem em uma posição hierárquica mais próxima dos portugueses, a percepção da competição e todo o comportamento xenófobo que daí são originados acabam por ser exacerbados. De acordo com Simmel (1908/1983), a diferença entre os indivíduos é dotada de maior interesse do que as semelhanças e, quando ela não existe, ela pode ser criada artificialmente para diferenciar os grupos sociais e estabelecer uma hierarquia de poder social.

Ainda sobre essa questão, alguns dos entrevistados acreditam que muitas destas dificuldades e da discriminação à qual são submetidos acontece em razão da existência de uma ideia de "funcionário brasileiro", como o chamou o entrevistado Eduardo. Essa ideia nasce da junção de características

comportamentais associadas ao estereótipo do imigrante brasileiro às experiências passadas diretas entre os empregadores e imigrantes brasileiros de outrora.

E lá também existia a ideia do funcionário brasileiro, o que era muito ruim, porque eu nunca fui um funcionário brasileiro, sempre fui Engenheiro Civil, independente de ser Engenheiro Civil ou não, mas eu era um funcionário, ponto. Então isso também existia lá e era muito ruim. Então todas as vezes, qualquer oportunidade que poderia existir de acontecer qualquer problema, era sempre relativo a esse fato, nunca em qualquer outra coisa. Então nunca não havia material ou nunca alguém faltou ou... nunca era nada disso, era algo do tipo assim "ah, tem que ver também com o Engenheiro brasileiro", eu falei "não, perai, era Eduardo". (Eduardo, #11)

Eduardo relembrou que, na sua vivência em Portugal, a existência deste estereótipo tem tido diversas consequências, dentre as quais referimos um grau mais alto de exigência no que diz respeito ao trabalho desenvolvido por ele, a culpabilização por erros cometidos por outros funcionários simplesmente pelo fato de ser brasileiro, a desconfiança e outros pequenos conflitos que foram surgindo a partir da vivência cotidiana no ambiente de trabalho. Fosse como engenheiro em uma fábrica ou como entregador em uma pizzaria, Eduardo relatou sentir o estereótipo do funcionário brasileiro pairar no seu dia-a-dia profissional e lhe trazer diversos tipos de perturbações no que tange a sua integração na sociedade portuguesa e o seu bem-estar psíquico e emocional.

Assim, pra mim, isso já parte de um patamar, você já vai... todo o seu trabalho já vai ser exigido a partir de um patamar mínimo onde você é responsável - isso é minha opinião, claro - onde você é responsável por todos os erros, então responsabilidade de todos os erros ou todas as falhas que já existiram no passado por conta de qualquer outro funcionário brasileiro. A qualquer momento você pode cometer aquilo simplesmente por ser. Porque você é brasileiro, então aquela pessoa também era, então é natural que isso aconteça, por exemplo. E todos os méritos que você deveria ter acima daquilo não são mais do que a sua obrigação porque você recebe pra aquilo, minimamente. Então por exemplo, de novo, agora a gente se conhece um pouco mais, minimamente mais, sei lá, a gente se conhece há 40 minutos, então por exemplo, você já pôde notar um pouco como eu sou tal. E assim, eu sempre tive uma estrutura financeira no Brasil muito legal, tive uma vida muito boa, nunca tive uma vida ruim, nunca passei por necessidades e tudo mais. Intelectualmente também, sempre estudei muito, estudei em escolas particulares e tal, e todo esse discurso. Mas independente disso, eu já carregava erros de outras pessoas que poderiam ter acontecido, então... e aí também por conta da minha personalidade, eu sempre fui de falar e de responder, se eu concordava eu falava, se eu não concordava também. Eu sempre ia tendo uma série de pequenos conflitos em todos esses trabalhos por conta dessas coisas. Então por exemplo, posso dar um exemplo super simples. Quando eu entrei pra trabalhar como entregador de pizza, a dona da empresa... eu falei assim, eu falei "olha, eu preciso levar o meu capacete ou existem capacetes na loja, ou existem capacetes daí que eu uso?", aí ela falou assim "não, você precisa ter o seu capacete", aí eu falei "tudo bem, não tem problema nenhum", fui lá e comprei um capacete e fui trabalhar. E aí quando eu fui e cheguei lá, ela falou assim "é, porque num...", no primeiro dia de trabalho, e eu já tinha tudo resolvido, já tinha o capacete comprado e tudo mais, falou assim "é, porque não vem me falar que você não tem capacete, não tem dinheiro pra comprar capacete, porque isso pra mim é uma desculpa", falei "não, não, calma, não se preocupa, se eu falei que tava tudo resolvido, é porque tá tudo resolvido", "é porque tive uma vez uma pessoa que falou que não tinha tênis", falei "não, não, não, não, calma, calma, calma, tudo resolvido, o que que eu tenho que fazer agora?". Então assim, sempre vai carregando essa série de coisas, sabe? Seja porque a sua situação financeira é inferior ou tem que ser inferior só porque você vem de outro país, sabe? Seja porque for, mas infelizmente carrega

esses traços. Então pra mim a experiência de ser um funcionário brasileiro, de ser um empregado brasileiro aqui, é automaticamente carregar os traços de todas as experiências ruins que aquela pessoa teve. E aí você arca com elas automaticamente, independente de quais sejam as experiências e independente de quem seja a pessoa. Você arca com elas. E porque quando não conhece alguém de uma outra cultura... por exemplo, pra você é muito fácil falar sobre pessoas do Brasil, por exemplo, porque você conhece muitas pessoas do Brasil, sua vida inteira é feita de pessoas do Brasil. Agora quando você só conhece um português ou um francês ou um espanhol, aquilo é o que você tem de referência sobre o espanhol, o francês. Então como a única experiência que eles tiveram foi ruim ou foi boa, ou independente de como foi, mas foi única, foi aquela, isso vai se alastrando pras outras. Até você ter uma série de pessoas, sei lá, ter 10 pessoas, 100 pessoas, 1.000 pessoas, onde você vai diluindo aquele peso, diluindo aquela responsabilidade, aqueles erros, ou seja, o que for, vai sendo "ah não, mas perai, na verdade não é bem assim". Então acho que essa é a minha experiência. (Eduardo, #11)

De uma maneira geral, o discurso dos entrevistados aponta para a noção de um mercado laboral segmentado no qual os imigrantes brasileiros têm o seu lugar pré-estabelecido. De fato, como já o haviam pontuado Egreja e Peixoto (2015), a segmentação é uma das características do mercado laboral português no que diz respeito aos imigrantes, bem como a polarização que os posiciona no topo ou na base de uma pirâmide hierárquica.⁴² No caso dos imigrantes brasileiros, os autores chegam mesmo a referir a existência de determinados “padrões de inserção laboral” (Egreja & Peixoto, 2015, p. 59), nos quais operam diversas variáveis como o sexo, a idade e as habilitações literárias. Olhando a questão a partir de uma outra perspectiva, a ideia de identidade-para-o-mercado de Machado (2003) coloca o próprio imigrante no centro de toda essa problemática. O autor refere um processo de esvaziamento da essência de si para uma identidade pasteurizada do brasileiro conforme o estereótipo em voga, o que permite ao imigrante se integrar em determinadas esferas sociais antes inacessíveis.

Essa complacência com o estereótipo como caminho de acesso social que marca a ideia de Machado (2003), contudo, tem sido desafiada com a chegada de um novo perfil de imigrante. Se a integração nas diferentes esferas sociais da sociedade e no mercado de trabalho era uma questão de sobrevivência para os imigrantes de outrora, aqueles que têm migrado desde os últimos anos parecem não concordar com uma negociação de identidade que descaracterize o que consideram ser a sua essência para que possam ser aceitos no novo país.

[...] porque é o que eu costumo dizer: os brasileiros que estão aqui não são os brasileiros pobres. Quem estão aqui tem alguma condição financeira. Talvez na cabeça deles, nós estamos aqui porque nós estávamos no Brasil passando fome. E aqui vai aceitar qualquer coisa, entendeu? E eu disse e deixei claro isso pra ele. Falei "quem está aqui, os brasileiros que chegaram aqui" - porque não é uma viagem barata que eu comprei, minha passagem de vinda e de ida minha e mais três passagens, perdi as de ida, porque pra entrar como turista tinha que justificar que eu ia embora, né? - falei pra ele "não são pessoas que estão passando

⁴² Sobre a polarização no caso dos imigrantes brasileiros, importa referir uma mudança de cenário importante entre a primeira vaga e a segunda vaga migratória: na primeira, os imigrantes brasileiros ocupavam as posições de topo; na segunda, é no nível médio e na base da pirâmide hierárquica que eles mais passam a se concentrar, passando a ocupar posições menos qualificadas em alguns segmentos específicos (Egreja & Peixoto, 2015).

fome no Brasil. Portanto, não ache que nós estamos aqui por um prato de comida não, porque não é assim que funciona. Você talvez esteja com uma ideia muito errada". (Carmen, #22)

5.3.3. O futuro: os planos de permanecer em Portugal ou retornar ao Brasil

Não só as questões relacionadas ao passado e ao presente da experiência dos imigrantes brasileiros em Portugal foi abordada, mas também aquelas relacionadas ao futuro.

A revisão de literatura sobre a visão de futuro dos imigrantes da segunda vaga migratória revelou que, para grande parte deste grupo, pouco ou nada se pensava em termos de um planejamento para o futuro de médio e longo prazo, sendo a indefinição e o não-planeamento sobre o futuro situações que apareciam com frequência (Padilla et al., 2015). Quando havia algum planejamento, três eram os caminhos imaginados: a permanência em Portugal por um prazo de até cinco anos com o intuito de se juntar recursos financeiros e, depois deste período, retornar ao Brasil; uma nova migração para outro país europeu, que seria facilitada com a aquisição da nacionalidade portuguesa; ou a permanência em Portugal por um longo prazo e, em alguns casos, considerando-se a intenção de empreender no país (Padilla et al., 2015).

Ao se analisar os relatos dos imigrantes que migraram nos últimos anos, é interessante perceber o surgimento de diferentes percepções sobre o tempo e a sua passagem. Com isso quer-se dizer que, para alguns dos imigrantes, o futuro de médio prazo estaria compreendido em um espaço de três a seis meses, enquanto que, para outros, o médio prazo corresponderia a um ano ou dois. Quanto ao longo prazo, encontramos relatos em que o imigrante o percebe como algo posicionado daqui a dois ou cinco anos, enquanto que, em outros relatos, encontramos também a associação da ideia de longo prazo à um futuro sequer possível de ser imaginado, o que leva a que não seja planejado. Em Rovelli (2018), encontramos uma apologia ao olhar mais demorado sobre a formulação de uma ideia de tempo, uma vez que ele seria concebido a partir de uma teia de eventos variados eventos que se influenciam mutuamente. Para o autor, o tempo é uma unidade cujas propriedades são como camadas abstratas que, entendidas a partir de um olhar multidirecional, vão dando sentido ao termo. É esse caráter relacional do tempo, que desde Aristóteles e Descartes vem suprimindo a visão do tempo como uma entidade por si mesma (Rovelli, 2006), que faz com que seja possível dizer que esta oscilação na percepção do tempo por parte dos imigrantes advém da sua própria experiência migratória. Com isso, queremos dizer que é o cruzamento de todos os aspectos que revestem essas vivências - a condição de entrada no país, os desafios encontrados na jornada e os sentimentos que surgem ao longo da vida no

novo país, por exemplo - que acabam por ditar o ritmo em que as coisas estão acontecendo nas vidas dos imigrantes e (re)modelando a sua concepção de tempo.

Entre o médio e o longo prazo, selecionamos as ideias que surgiram com maior frequência para realizar uma análise mais aprofundada. Elas foram agrupadas dentro de três grandes grupos. O primeiro refere-se aos imigrantes que expressaram a intenção de, fosse no futuro de médio ou longo prazo, permanecer em Portugal. O segundo grupo engloba a análise dos motivos referidos pelos imigrantes quando declararam a sua intenção de retorno ao Brasil. Por fim, o terceiro grupo engloba as narrativas associadas à falta de planeamento ou indefinição sobre o futuro.

Permanecer em Portugal

Ainda que muitos dos entrevistados tenham declarado que, em seu planeamento inicial, a permanência em Portugal era considerada como garantida, em muitos dos relatos que ouvimos, ela não é associada com um projeto de vida de longo prazo, senão como um período de experiência para que o imigrante possa fazer a sua avaliação pessoal sobre a sua migração. Estes primeiros meses ou anos em Portugal seriam um período essencial na vida dos imigrantes, no qual eles entendem que devem se preparar e organizar as questões práticas para residir no novo país e fazer “a vida dar certo”, usando as palavras do entrevistado Gilberto. É também preciso expor que, dadas as expectativas frustradas quando chegam em Portugal, muitos imigrantes desistem da ideia inicial de perpetuar a sua estadia em Portugal, como foi o caso do entrevistado Bernardo, que migrou para Portugal com a intenção de ficar “para sempre” e, quando lá chegou, mudou de ideia e já não quer ali residir por um período tão longo quanto uma vida. Por estes motivos, os planos de futuro que aqui estão reproduzidos devem ser caracterizados de acordo com a volatilidade que é característica do tempo futuro, não sendo possível afirmar que, em um futuro próximo, de acordo com o contexto e as experiências que estes sujeitos ainda irão vivenciar em Portugal, eles não venham a mudar.

Feita essa ressalva, os temas que surgiram atrelados a um projeto de permanência em Portugal foram agrupados em dois grandes grupos: aqueles que se relacionam aos planos de vida de forma mais generalizada e os planos em relação ao trabalho. Quando o assunto são os planos de vida, observa-se que muitos destes imigrantes, talvez por ainda se encontrarem em uma etapa inicial da sua residência em Portugal, almejam uma estruturação da vida em diversos sentidos. Em termos gerais, esse “estruturar” pode ser lido como o voltar a ter as mesmas condições de vida que tinham no Brasil antes

de migrarem, de modo a que saiam de uma situação de “sobrevivência” e consigam viver mais descansados.

Então objetivo pra médio e longo prazo é ficar do jeito que está, claro só melhorar financeiramente, pra ter mais tranquilidade. (Roberto, #12)

O ponto da maior importância para a concretização desse objetivo de estruturar a vida em Portugal é a melhoria da condição financeira. Ao responder à um amigo quando perguntada sobre o que sentia mais falta do Brasil, Carmen nos contou que disse que “lá a gente era rica, aqui a gente é pobre”. Como vimos em outros tópicos da análise das entrevistas, a migração demandou um grande aporte financeiro inicial, não tanto pelos custos práticos de migrar, mas pela constituição de reservas que sustentassem a vida no novo país até conseguirem se estabelecer e dali tirarem os seus rendimentos. Além disso, há ainda os casos em que os meios para a subsistência em Portugal provém de remessas feitas do Brasil por rendimentos próprios ou de familiares, no que pesa a desvalorização da moeda brasileira nas operações cambiais, sendo nestes casos a melhoria da condição financeira entendida como uma transição da dependência dos rendimentos obtidos em moeda brasileira para aqueles obtidos em território português. Excetuando-se aqueles que arriscam a sorte - como Luísa, que aposta toda a semana no *Euromilhões* com a expectativa de poder, um dia, comprar uma casa para seus filhos que também vivem em Portugal - a melhoria da condição financeira é um movimento planejado e pode incluir uma poupança de dinheiro, a redução dos custos de vida em Portugal ou a realização de investimentos.

A gente quer guardar o dinheiro. Ultimamente não tem como guardar dinheiro por causa da reforma, então é sempre acumulando um pouquinho para gastar quando necessário, esse era o nosso pensamento lá no Brasil e continua sendo aqui. [...] Eu vivo mais o hoje, o presente, e pensando lá que tem uma vida pra depois, então vamos poupar pra ver o que fazemos depois. Longo prazo está muito distante. (Maria, #01)

Pra uma coisa de imediato, eu e minha esposa decidimos reduzir os custos mais do que já temos feito. E nós vamos migrar pra um quarto agora. Porque hoje nós temos uma despesa muito alta pra uma receita que, na verdade, desde o início, desde quando nós chegamos, não basta nem pras despesas daqui. [...] Então de imediato a gente tá migrando a fim de reduzir custos, e supostamente vai caber dentro do orçamento que se recebe hoje aqui. (Gilberto, #20)

Eu agora, eu estou me envolvendo com alguns tipos de investimento. Investimento de renda fixa, que eu sei que eu aplico e eu não posso mexer no montante, mas eu sei que aquilo me dá uma renda mensal e eu posso contar com esse valor. Então a longo prazo eu sei que isso vira um montante muito expressivo, e eu baseio a minha vida financeira futura justamente nesses investimentos que eu faço hoje. E são do Brasil, não são aqui de Portugal. Assim como outros amigos. Então no pior cenário, que seja necessário voltar, eu pretendo viver futuramente desses investimentos até que eu consiga me recolocar no Brasil, se for o caso da minha volta. (Gilberto, #20)

Outras conquistas que contribuiriam nesse sentido seria a aquisição de patrimônio e bens em Portugal, nomeadamente um imóvel próprio que possibilitasse aos imigrantes deixarem de ser locatários e assim poupassem dinheiro.

Pronto, se calhar comprar o imóvel que nós vivemos, porque ele é arrendado. (Beatriz, #10)

A gente está batalhando pra sair do aluguel, né? Então essas tentativas também de trabalhar bastante é mais isso. Sair do aluguel e procurar uma área que dê pra viver bem. (Diogo, #24)

A gente até pensou em até de repente comprar um apartamento e depois de repente, se a gente tivesse que ir embora, alugar pra estudante. (Luciana, #06)

Ainda no âmbito da vida em geral, para aqueles que migraram sozinhos enquanto o cônjuge permanecia no Brasil, o plano é conseguir estruturar a vida de tal forma que seja possível que a migração da companheira também aconteça. Neste ponto, mais uma vez vemos um exemplo dos casos em que, apesar da migração em si acontecer de forma independente, existe toda uma estratégia e um planeamento por trás e que envolve toda a família mais próximas. Em outros casos, a intenção é conseguir a migração de outros parentes próximos que não o cônjuge, o que está mais ainda dependente da condição do imigrante em Portugal. Segundo Cohen e Sirkeci (2009), incluir a família no planeamento migratório e migrar familiares do país de origem para o país de destino é uma forma encontrada pelos imigrantes de encontrar um ponto de apoio e evitar passar pela jornada migratória sozinhos.

Olha, pra médio prazo... de novo a pessoa está com ideia fixa... pra médio prazo é o marido chegar a gente estabelecer ele aqui, viabilizar as coisas pra ele, ajudar com que ele se adapte e tal, porque ele não vem do Nordeste, ele vem do Rio Grande do Sul, porque ele está no Rio Grande do Sul hoje. Então a médio prazo é isso, é fazer com que ele consiga entrar nessa realidade aqui com menor... com a menor quantidade de problemas possível. (Julia, #05)

E também tentar terminar esse processo de providenciar a vinda da minha namorada pra cá, pra poder continuar a vida num ritmo um pouco mais normal também no aspeto pessoa, que afinal de contas já são praticamente 18 meses num relacionamento à distância por conta desse cenário da pandemia também e outras questões relacionadas. (Marcelo, #07)

[...] e trazer minha mãe pra cá. Por causa que eu sou filha única, então a minha ideia é trazê-la pra cá. Mas isso é algo que eu tenho que ir trabalhando na mente dela também. (Rosa, #14)

Eu queria muito também, a curto prazo na verdade, na semana que vem eu tenho a entrevista de residência, e o plano era trazer meu filho agora em Fevereiro. Ainda que seja só pra turismo, pra visitar. (Ana, #17)

E num futuro, trazer a filha dela assim que ela quiser. Poder ter condição, se possível - e se Deus quiser vai ser - trazer os pais dela e a irmã dela. A irmã dela já queria vim, mas os pais dela, tipo, tem que ter uma forcinha a mais. Tem que morar junto, tem que conseguir trabalhar também. (Diogo, #24)

Outro plano de futuro mencionado por entrevistados em nossa pesquisa é o de realizar viagens para conhecer mais lugares de Portugal e também do continente europeu. Para além da motivação

peçoal individual de cada um, o fato de estarem a viver em Portugal é visto como um facilitador para conhecer lugares por conta da proximidade geográfica com os outros países.

[...] viajando um pouquinho, passeando um pouquinho [...] (Eduardo, #11)

Mas eu diria que assim, eu gosto de viajar, então isso sempre vai ser uma prioridade e uma meta inclusive. Conhecer lugares novos. Acho que a melhor coisa de estar na Europa é ter a possibilidade de conhecer, estar próximo de muitos lugares que você não estaria se estivesse no Brasil. Eu vejo isso como aproveitar o tempo que aqui tem. (Gisele, #15)

Eu acho que os meus planos de futuro é passear mais, é conhecer mais lugares ainda em Portugal e fora. E isso é um sonho de curto, médio e longo prazo. (Luísa, #23)

Dentro da dimensão profissional, o discurso dos imigrantes variou de acordo com a situação destes indivíduos no momento da entrevista, podendo ser dividido entre conseguir uma oportunidade de trabalho, continuar a trabalhar ou empreender.

Dentre o grupo de relatos em que encontramos o objetivo de se conseguir uma oportunidade de trabalho em Portugal, cabe ressaltar que este discurso aparece com mais frequência no relato das mulheres, denunciando a já constatada existência de um mercado de trabalho segmentado de acordo com o gênero em Portugal (cf. Igreja & Peixoto, 2015). Essa situação exemplifica a informação já apresentada pela OIM (2021) de que as taxas de desemprego em países do sul europeu são maiores entre as mulheres imigrantes do que os homens imigrantes. A instituição refere que essa diferença persiste quando a comparação é feita com as mulheres nacionais dos países de destino, bem como a tendência das imigrantes em se inserirem no mercado de trabalho em posições que requerem poucas qualificações profissionais. Em nossa pesquisa, elas são mulheres que, em sua maioria, estão inseridas em um projeto de migração familiar ou autônomo e sustentam a sua vida em Portugal com reservas financeiras feitas no Brasil ou remessas enviadas por familiares ou cônjuge no país de origem, estando o sucesso do projeto migratório e a sua própria permanência em Portugal dependente de sua inserção no mercado de trabalho. Além disso, feito o grande investimento inicial de desorganizar a vida no Brasil para depois reorganizá-la novamente no novo país, os custos emocionais envolvidos em um possível retorno também parecem pesar agora não no bolso, mas na consciência destas imigrantes, que se veem agora sem saída a não ser prosperar no novo país de residência.

E o que vai determinar o meu futuro é se eu vou conseguir trabalhar aqui, se eu vou me sentir bem... Eu não sei como vai ser eu atender aqui, se vai ser a mesma coisa que atender lá, se eu vou gostar, se eu vou me adaptar ao trabalho aqui. (Carla, #04)

Porque o dinheiro eu trouxe pra me manter por um período, logo, logo eu vou ter que trabalhar daqui a pouco, porque não tem como a gente ficar sem trabalho. [...] E aí eu resolvi ficar mais um pouco e ver como que ficam as coisas. Porque se eu for embora agora, eu não volto. Não tenho condições de voltar se eu for embora agora. Nem é condições emocionais, eu diria assim que é por condições financeiras. Porque eu já estou aqui, já investi pra estar aqui. Se eu tiver

que voltar pro Brasil neste momento é ruim. As aulas já começaram, eu não tenho mais emprego lá - tenho umas aulas online que não me sustentariam lá. Então eu resolvi ficar e tentar encontrar algum emprego por aqui pra me manter ai até Agosto. Esse tempinho que eu tenho que ficar sem fazer nada. (Ana, #17)

Bom, agora eu comecei uma carreira nova. É um curso de três anos. Então o meu intuito mesmo é finalizar esse curso e, de alguma forma, conseguir me inserir no mercado de trabalho (Amanda, #16)

De acordo com E. N. Oliveira et al. (2019), em um estudo realizado com imigrantes brasileiras em Portugal no ano de 2016, as dificuldades para a regularização junto aos serviços administrativos portugueses foram apontadas, de fato, como o principal motivo que leva estas imigrantes a experienciar situações de trabalho precário ou mesmo a não obtenção de emprego.⁴³ Nesta situação, pesam ainda as dinâmicas de gênero que já se sabe exercerem influência no acesso ao mercado de trabalho por parte dos imigrantes brasileiros em geral (cf. Padilla & França, 2015; Igreja & Peixoto, 2015). Em nosso estudo, constatamos que as imigrantes brasileiras que migraram nos últimos anos para Portugal e que pretendem obter uma vaga de emprego no futuro próximo, são em sua maioria aquelas que migraram em 2019 ou 2020, indicando que as dificuldades burocráticas para a sua regularização no país podem continuar a estar no cerne da sua situação de desemprego. No relato de Luciana, encontramos ainda outras questões que podem estar influenciando a situação. Em seu relato, percebemos o evitar do sentimento de frustração que surgiria ao trabalhar em um trabalho menos qualificado após ter investido tantos anos de suas vidas em suas habilitações literárias. Além disso, segundo a entrevistada, os empregadores também teriam a sua parcela de responsabilidade sobre a situação, uma vez que a dificuldade de inserção no mercado profissional também passa pela dificuldade de contratação de profissionais brasileiros mais qualificados, uma vez que os empregadores não estariam dispostos a pagar um vencimento que estivesse de acordo com as suas habilitações literárias.

Então é o que eu falo: eu não estudo tanto pra ficar trabalhando num café, sabe? Não tenho nada contra quem trabalha em café. Não tenho nada contra quem trabalha nessas coisas informais. Quem resolveu trabalhar em teletrabalho pra fazer dinheiro, realmente, eu não tenho nada contra. Mas é aquela coisa: eu não vou voltar a minha energia, não vou focar a minha energia num trabalho que eu sei que é temporário. Sabe? Você vai trabalhar no café de manhã até de noite, chega à noite exausta, vai querer tomar um banho e dormir. Quando é que você vai fazer as suas pesquisas? Como é que você vai se dedicar ao doutorado? Como é que você vai fazer tudo isso? Não vai. Sabe? E aí a pessoa não quer trabalhar. (Luciana, #06)

Agora aqui em Portugal você trabalhar em um café, estudando feito uma louca na universidade e tudo, pra você trabalhar num café? Tem gente que trabalha no café pra pagar os estudos. Sabe? Eu não tenho nada contra, mas eu não quero focar a minha energia em uma coisa que não vai me trazer benefício nenhum. (Luciana, #06)

⁴³ Ainda que a maioria das mulheres inquiridas no referido estudo estivesse a desenvolver algum tipo de atividade na altura, os autores entenderam que tais atividades não indicavam, necessariamente, que estas mulheres se encontravam plenamente inseridas no mercado de trabalho português.

“Ah, mas você podia arrumar um emprego num café, arrumar um emprego recepcionista de algum lugar”. Podia. Só que assim, primeiro que a gente tem aquela coisa deles não quererem pagar pelo conhecimento que você tem. Por mais que seja de repente um salário mínimo ou que seja um salário de Licenciatura, eu não sei se, na parte fiscal, eles têm algum problema ou alguma coisa, eu não sei se isso já entra nessa questão. Então eles têm uma certa resistência em relação a isso. (Luciana, #06)

Em outro espectro, encontramos relatos de mulheres para quem a inserção no mercado de trabalho está muito mais relacionada à saúde mental do que necessidade financeira. Ainda no referido estudo de E. N. Oliveira et al. (2019), as imigrantes brasileiras em Portugal que estavam em condição de desemprego apresentavam um baixo nível de qualidade de vida, corroborando com estudos que relacionam o desemprego à saúde mental e doenças que levavam a baixa autoestima, baixos níveis de humor e stress. Agora focando-se na dimensão afetiva, os autores apontam que a dimensão social e a integração destas mulheres em Portugal são os aspetos que mais pesam no sentimento de solidão vivenciado por elas. E. N. Oliveira et al. (2019) identificaram ainda uma relação inversamente proporcional entre qualidade de vida e a solidão: quanto mais qualidade de vida as imigrantes alegavam ter, menos solidão diziam sentir.

Já em nossa pesquisa, uma auto percepção de qualidade de vida elevada não parece ser um indicador tão forte com a solidão, estando ela agora mais relacionada às mudanças nas dinâmicas sociais vivenciadas pelas imigrantes brasileiras, sobretudo quando a migração acontece dentro de um contexto familiar. Como já constatado em Assis (2017), em alguns casos, a migração das brasileiras para Portugal não é um movimento autônomo totalmente independente, senão carrega consigo um processo de redefinição dos papéis sociais em uma perspectiva de gênero que acaba por colocar as mulheres em um lugar de maior dependência dos seus parceiros ou familiares. Dentre os relatos coletados, ouvimos aqueles de imigrantes brasileiras que abdicaram de uma vida profissional consolidada no Brasil para acompanhar a família, o que exigiu uma reformulação de todo o seu cotidiano e seus planos de futuro. Este foi o caso de Maria, que chegou a contar que, depois de algumas experiências pontuais de trabalho em Portugal, acabou por desistir e decidiu focar nas tarefas doméstica e na criação do filho do casal. Arranjar um emprego nestas circunstâncias, para ela, não é o seu principal objetivo, uma vez que teria que ser emprego em que pudesse conciliar igualmente as suas responsabilidades domésticas e familiares e a sua vida profissional.

Então hoje eu sou só dona de casa, motorista pro [...], levo e trago da escola, e é só isso que eu faço. Cuido de casa o dia inteiro. Hoje nós estamos com uma reforma no sótão, então isso tá me consumindo um pouco o tempo. Eu sempre estou ajudando, "ah, Maria, onde coloca isso, onde faz isso?", aí eu vou até a loja de material de construção, compro alguma coisa. Então isso tem ocupado bastante o meu tempo. Fora isso é a rotina normal. Dona de casa e mãe. E esposa. (...) Ficar, eu quero arranjar um emprego, mas assim, um emprego que seja dentro do meu horário, o que é coisa bastante difícil. E se não arranjar também tudo bem, eu

vou me preenchendo com outras coisas. (...) O emprego também. Quando você fala “ah eu quero arrumar um emprego”, eu quero arrumar um emprego numa coisa que eu gosto de fazer, né? Porque quando você trabalha com um negócio que você gosta de fazer já deixa de ser emprego, já deixa de ser trabalho. Ai você trabalha com vontade, você trabalha com paixão, você trabalha com tesão. Você se sente motivado, você se sente útil. Se você trabalha numa coisa que você não gosta, até pra sair da cama de manhã é aquela coisa “ah sério que eu tenho que ir?”. Tem aquela coisa que se torna muito pesado, é um fardo muito pesado. (Maria, #01)

Para aqueles que se encontravam empregados na altura da pesquisa, uma das principais expectativas para o futuro era a de conseguir um trabalho na própria área de formação. Alcançar esse objetivo pode ser entendido como o resultado de uma melhoria geral em todo o contexto profissional do imigrante, em especial o reconhecimento e a valorização profissional e a transição da condição de subemprego para cargos mais estáveis e bem pagos. Como exposto no tópico sobre a vida dos imigrantes brasileiros em Portugal, a morosidade burocrática para o reconhecimento das habilitações literárias brasileiras e a legalização no novo país de residência levam muitos destes imigrantes brasileiros a terem que se submeter a posições de trabalho aquém do seu nível profissional, o que pode até mesmo envolver situações de trabalho baseadas na informalidade em condições desfavoráveis. A importância dessa transição profissional do subemprego está relacionada a melhores vencimentos e a uma expectativa de maior prazo do planejamento de vida em Portugal. Dentre os imigrantes que se encontravam nessa situação está Diogo, para quem o futuro carrega consigo a intenção de sair do “subemprego”. Para ele, o termo carrega como principais características a falta de estabilidade, os baixos rendimentos e a alta carga horária de trabalho. O seu principal motivador é a melhoria da condição de vida em geral. Como vemos no caso deste brasileiro, este é um movimento que pode, inclusive, o investimento em uma mudança de área de atuação, de modo a permitir uma entrada mais facilitada no mercado de trabalho ou um reconhecimento profissional adequado.

E digamos que o sonho, meu sonho aqui, é conseguir trabalhar na minha área. É me sentir realizada profissionalmente em um país que não é o meu, mas que eu adotei como meu. Então eu espero, eu planejo me formar, conseguir trabalhar na minha área - pode não ser na área de eventos, porque até a área de eventos se reestruturar como era antes, mas no turismo em si. Mas não no serviço braçal do turismo, mas no... porque eu estudei pra parte da gestão, então eu gostaria muito de trabalhar na área de gestão do turismo. Isso a médio prazo. (Rosa, #14)

Então essas tentativas também de trabalhar bastante é mais isso. Sair do aluguel e procurar uma área que dê pra viver bem, que não seja subemprego. Criar uma carreira, entende? Que não ganhe o mínimo. No meu caso, eu tô indo pra área da TI. A [namorada] fez curso de Massagista e Estética, vai pra essa área. Então a gente tá se encaminhando agora profissionalmente, porque o documental do início a gente já resolveu (Diogo, #24)

que não seja subemprego. Criar uma carreira, entende? Que não ganhe o mínimo. (Diogo, #24)

Para os empreendedores ou aqueles que declararam a vontade de empreender em um futuro próximo, o plano é o de retomar o planejamento do negócio e investir ainda mais. Essa retomada acontece na sequência das perturbações causadas no bom andamento dos negócios em função da pandemia da Covid-19, que fez com que muitos dos imigrantes brasileiros repensassem a sua ideia de negócio de modo a adaptá-la ao contexto social e econômico daquele momento (Posch & Cabecinhas, 2020c). Enquanto que, para alguns, isso significava melhorar a estrutura do negócio com o investimento em um espaço físico, para outros, a atenção estava mais voltada para as oportunidades de expansão de mercado que se abrem com o início das operações ou abertura de uma nova empresa no novo país.

Os nossos futuros, as nossas realizações, eles no momento estão ligados primeiro a essa ideia de consultoria, que nós temos a intenção de, digamos assim, robustecer um pouco mais [...] E de algum modo, a gente volte a ter possibilidade de fazer um planejamento empresarial, um plano de negócios que eu possa tentar cumprí-lo, porque hoje efetivamente não dá condição, ninguém quis receber nem discutir projeto, ninguém quis ver nada. (...) Praticamente, aqui a gente tem a intenção de, dentro da empresa, comprar uma sala, algum lugar, não sei como será o caminho pela frente, vamos esperar os preços caírem mais um pouquinho, dos lotes comerciais, pra montar escritório, essa consultoria que teria, digamos, duas salas, uma pra mim e outra pra minha esposa, e ela tocaria a parte jurídica dela e eu a minha. [...] Ou seja, dentro desse conceito, eu acho que Portugal abre, no Brasil, 220 milhões de possíveis clientes, que é a população do Brasil, e ao mesmo tempo expande suas potencialidades. Basta uma questão de analisar, colocar foco, planejar e vamos em frente. (Rafael, #03)

[...] continuar a investir no consultório. Eu quero ver se no futuro eu consigo ter uma loja própria pra não alugar mais. (Beatriz, #10)

Ainda dentro do grupo de imigrantes que manifestaram a intenção de permanecer em Portugal, para além daqueles que pretendem ali darem seguimento a um projeto de vida, há aqueles para quem este prolongamento da sua residência no país tem como objetivo primário reunir condições para a aquisição da nacionalidade portuguesa.

Bom, é, a gente já tá aqui no terceiro ano. O objetivo é ficar pelo menos os cinco anos aqui pra poder adquirir a cidadania pelo tempo de residência. (Roberto, #12)

Inicialmente é nós dois estarmos aqui, tentar trabalhar aqui e ficar por aqui até conseguir o cartão de cidadão, não é? Como portuguesa. (Vera, #18)

Então... é porque conta a partir da carteirinha, da autorização de residência, né? Então, como a minha saiu em Janeiro, aí em Janeiro faz um ano, aí eu preciso passar mais quatro aqui. Então, esse é o objetivo de médio prazo em Portugal no quesito de ficar mais quatro anos, fazer o mestrado, fazer o doutorado. (Bernardo, #08)

Em alguns casos, como o de Bernardo, a estadia em Portugal está mesmo apenas atrelada à essa questão.

A pergunta é: volta pro Brasil ou não volta? Eu sai de casa dizendo que não voltaria. Hoje já digo que volto. Certo, Bernardo, mas volta quando? Eu venho pensando muito em voltar pós-doutorado e pós-cinco anos, depois que conseguir a cidadania portuguesa. (Bernardo, #08)

Em sua versão original, a Lei nº. 37/81 (Lei da Nacionalidade) previa a possibilidade da aquisição da nacionalidade portuguesa por naturalização para imigrantes que, dentre outros requisitos, estivessem a residir de forma documentada no território português há seis anos. Com a publicação da Lei Orgânica 2/20, em 10 de novembro de 2020, a exigência do tempo mínimo de residência no país para a aquisição da nacionalidade portuguesa por naturalização foi reduzida para cinco anos, fazendo com que a opção de se obter a nacionalidade por esta via se tornasse uma opção atrativa não só para os brasileiros, mas também para os imigrantes de outros países. Além das nacionalidades que já eram as mais representativas nesta matéria, dentre as quais a brasileira apresenta-se com destaque, vemos também o crescimento dos israelenses, o que se justifica devido a uma mudança legislativa que fez ser possível a atribuição de nacionalidade aos descendentes de judeus sefarditas que foram expulsos da Península Ibérica. Além dos países lusófonos, vemos ainda países como Turquia, Ucrânia, Índia, Venezuela e Nepal nesta lista (SEF, 2020).

Essa situação resume-se na tendência de aumento do número de pedidos de atribuição ou aquisição de nacionalidade portuguesa registado pelo Serviços de Estrangeiros e Fronteiras. Se, em 2018, o aumento no número de solicitações de atribuição ou aquisição foi de 10,9% em relação ao ano anterior, em 2019, o crescimento foi vertiginoso e chegou aos 79,4% (SEF, 2019, 2020). O decréscimo de -6,9% em 2020 em relação a 2019 (SEF, 2021) vem corroborar com a nossa alegação de que, nos últimos anos, houve uma mudança de estratégia para a aquisição da nacionalidade portuguesa por partes dos imigrantes, que agora se fazem valer do menor tempo de residência exigido como uma via de preferência para o efeito, face às dificuldades e a morosidade dos serviços públicos. Apesar de ter direito à atribuição da nacionalidade portuguesa por ascendência, devido às dificuldades encontradas durante o processo, o entrevistado Marcelo relatou que mudou a sua estratégia e optou por migrar para Portugal para obter a aquisição da nacionalidade por tempo de residência.

O meu avô ele era aqui do Porto, né, meu avô foi pro Brasil criança no início dos anos 1900s, mas como teve muito da documentação perdida, eu tô achando mais fácil conseguir a nacionalidade pelo processo de tempo de morada do que tentar correr atrás de toda a documentação pra poder tentar fazer o processo de nacionalidade. Então, também, já tô com vistas de observar os requisitos que são necessários pra tentar o processo de nacionalidade (Marcelo, #07)

Embora o desejo de aquisição da nacionalidade do país de destino possa ser visto como um indicativo das intenções de ali se construir a vida, este novo contexto que se configura deve ser analisado com atenção. Isso porque, ultrapassando percepções às quais os dados estatísticos aludem, os relatos dos imigrantes entrevistados fazem-nos perceber que o desejo pela aquisição da nacionalidade portuguesa vai além das esferas da identidade, integração e pertencimento. De fato, já na segunda vaga,

ao constatarem que a intenção de adquirir a nacionalidade portuguesa se fazia presente tanto entre o grupo de imigrantes brasileiros que pretendiam permanecer em Portugal quanto aqueles para os quais a sua residência no país era algo temporário, Padilla et al. (2015) sugeriram que a obtenção da nacionalidade portuguesa não deveria ser vista como um indicador de maior integração social na sociedade portuguesa. No caso dos brasileiros que migraram nos últimos anos, ser português significa, antes de tudo, garantir um futuro melhor para os filhos e ter as questões burocráticas da vida em Portugal facilitadas, mas também a possibilidade de uma nova migração para outro país da Europa e assim concretizar o que, no caso da emigração brasileira para Portugal, Andrade (2021, p. 116) referiu como o “sonho europeu”.

[...] eu não me vejo em Portugal por muito tempo. Por esse atraso mental das pessoas, do país em si, entendeu? Eu quero mais pra mim. Eu não saí do Brasil, que hoje eu digo que é primeiro mundo, pra vir pro terceiro, quinto mundo, e parar aqui. Não. Então eu vou esperar a minha cidadania. Talvez até por um período de uns quatro anos, eu estarei por aqui. Mas pra frente eu pretendo... a não ser que mude muito, mas eu pretendo voar. (Carmen, #22)

E sim, nós almejamos a conquista da nacionalidade por tempo de residência. E, depois disso, não sei, não sei. Temos que ver se eu irei conseguir atuar na minha área aqui. Voltar ao Brasil também é uma opção, não fechamos nada. Ir a outro país da União Europeia também. Então, a curto prazo, gostamos de viver em Portugal, no geral gostamos bastante de viver em Portugal. Meu marido conseguiu um emprego logo no primeiro mês, então isso nos facilitou muito, estar em *home office* desde o início da pandemia. E nosso prazo agora, nos próximos três anos, nós ficaremos em Portugal, eu terminarei meu doutorado e ele [marido] continuará com o emprego dele. Se tudo der certo, continuará na empresa dele. E, depois, talvez Portugal, talvez Brasil, talvez outro país. Não sei. (Teresa, #25)

Para aqueles que pretendem adquirir a nacionalidade portuguesa e continuar a viver em Portugal, será interessante observar as mudanças ao nível social que vão decorrer deste novo contexto em que os imigrantes já não mais irão figurar burocraticamente entre os “Outros”, mas sim parte do “Nós” português, afirmando sua posição social fora da presença provisória do migrante que sempre precisa legitimar sua presença na sociedade de destino (Sayad, 2011) e provocando mudanças importantes como consequência desse processo.

Retornar ao Brasil

De acordo com Lee (1966), é de se esperar que a consolidação de um determinado fluxo migratório acabe por, paradoxalmente, contribuir para o estabelecimento de fluxos de retorno. Esses contra fluxos podem vir a se estabelecer por diversos motivos, que vão desde o desaparecimento das questões percebidas como negativas no país de origem quanto uma reavaliação dos pontos positivos e negativos envolvidos no projeto migratório. O vislumbre de novas oportunidades no país de origem com

a melhora da condição de vida e a rede de contatos que se estabeleceu a partir da experiência internacional também são razões apontadas pelo autor e que justificam os fluxos de retorno.

Dentre os imigrantes da segunda vaga migratória, o retorno ao Brasil era uma possibilidade real, apesar do grande índice de indefinição e falta de planejamento do futuro. De acordo com Padilla et al. (2015), complementando a ideia de que a sua permanência em Portugal era justificada por razões econômicas, a intenção de regresso ao país de origem se mostrava com mais força nos imigrantes brasileiros que ocupavam posições menos qualificadas no mercado de trabalho e, conseqüentemente, auferiam rendimentos menores. Também o fato de que os rendimentos obtidos em Portugal eram destinados a projetos no Brasil, bem como a manutenção de relações estreitas com pessoas de seus círculos sociais, fizeram com que o seu retorno também viesse a atender uma expectativa daqueles que ficaram no país (Assis, 2017). Com a crise econômica em fins da primeira década do século XXI, o regresso ao Brasil começou a apresentar-se não como uma opção, mas sim como a única alternativa possível para muitos dos imigrantes brasileiros em Portugal. Enquanto, por um lado, as altas taxas de desemprego denunciavam as condições dificultadas de acesso ao mercado de trabalho por parte destes sujeitos (Iorio & Ferreira, 2013), por outro, foram as próprias dificuldades encontradas no processo de integração na sociedade portuguesa os fatores que mais contribuíram para um possível projeto de retorno (Machado, 2014).

Assim como para os imigrantes da segunda vaga, observamos que o fator econômico ainda é um importante influenciador na decisão de retornar ou não ao Brasil, ainda que agora componha uma rede de outros fatores que também têm um peso considerável nessa decisão. Além disso, é preciso lembrar que o subsídio financeiro de muitos destes novos imigrantes é proveniente do Brasil, fazendo com que a análise da situação econômica destes sujeitos não esteja limitada ao nível de rendimento em Portugal. No caso de João, por exemplo, que migrou em 2018 e é estudante de mestrado no Porto, “a questão do euro” foi um dos motivos o fizeram planejar o retorno ao seu país de origem, querendo referir-se à diminuição do seu poder aquisitivo em Portugal devido à desvalorização do Real em relação ao Euro. Ainda assim, os imigrantes deram a conhecer que esta situação - a de sustentar a sua vida em Portugal com rendimentos obtidos no Brasil - é entendida por eles como parte de uma estratégia migratória maior, ou seja, não é de todo a sua intenção que se prolongue. Além disso, a vida profissional e a inserção do imigrante no mercado de trabalho são dois importantes indicativos da sua integração na sociedade de destino.

Talvez se o meu marido não estivesse... é bem provável que se meu marido não tivesse trabalhando, não tivesse numa boa empresa, nós repensaríamos, porque eu estou vendo a necessidade de amigos brasileiros aqui que tá... e portugueses também. As pessoas que não

têm emprego não têm comida, não têm pão pra colocar na mesa. Isso é muito triste. Eu imagino que, pro ano que vem, Portugal e o mundo inteiro vai estar bem em baixa, é uma coisa que é bem assustadora. (Maria, #01)

Pela questão do euro. (João, #02)

Então se acontecer o pior, de não conseguirmos nos manter aqui de maneira alguma, nós vamos regressar. Mas isso não é uma ideia inicialmente. (Vera, #18)

E por questões de oportunidades profissionais no quesito de desenvolvimento e de economia. Por que? Hoje, a minha renda 60% é em real, os outros 40 são em euros, porque os pacientes estão em outros países, então o dinheiro deles já cai na minha conta daqui em euro. Ter um paciente em euro pra mim é muito melhor economicamente, do que eu ter em real e ter que mandar pra cá em euro. (Bernardo, #08)

A situação destes imigrantes em relação ao mercado de trabalho também tem o seu peso na decisão de retorno para o Brasil. Como já aqui exposto, a desqualificação profissional e a dificuldade em se conseguir oportunidades de trabalho na área de formação, sobretudo devido ao não reconhecimento das habilitações literárias e da experiência profissional adquirida no país de origem, foi uma realidade relatada com bastante frequência pelos imigrantes entrevistados. A relação destas situações com uma tomada de decisão sobre o regresso ou não ao Brasil se dá por duas vias. Ainda que, por um lado, o pleno reconhecimento das suas habilitações literárias permitiria o acesso à melhores oportunidades de trabalho no que diz respeito ao tipo de trabalho desempenhado, o vencimento e a formalização da contratação, podendo-se até mesmo ingressar em uma carreira pública, por outro, pesa a questão emocional de não se poder trabalhar na área de eleição, havendo um sentimento de desânimo associado à frustração de sentir a sua experiência e os anos de estudo não serem valorizados.

Então estar no Brasil também me dá possibilidade para concurso público, embora em Portugal também possa ter. (Bernardo, #08)

E talvez o que pese mais seja a questão profissional, que aqui foi mesmo uma decepção. [...] Quero continuar a voltar a trabalhar no que eu gosto, no que eu me formei para, e que depois, quando eu vim pra cá, não consegui, não pude, por questões legais. (João, #02)

Eu acho que isso tem muito a ver com o poder fazer o que eu gosto, com ter o direito de ser muito mais completo do que eu posso ser aqui. Então lá eu tenho muito mais acesso à muita coisa, tenho muito mais acesso às pessoas, tenho muito mais acesso a serviços, tenho muito mais acesso a poder trabalhar no que eu me formei. Então eu consigo ser mais integral, no sentido de integrar todas essas partes que aqui ficam um pouco mais dispersas. Poxa, digamos, lá não temos que estar sempre a procura de resolver alguma coisa com a Segurança Social, no caso com o INSS. Não precisa estar sempre, aqui tem sempre que estar atualizando o endereço, não sei o que, não sei o que, não sei o que... até porque aqui a gente se muda muito mais, tende a se mudar mais do que no Brasil, no Brasil pelo menos não me mudei tanto quanto me mudei aqui. Então sempre que nos mudamos, temos que... lá também, claro, mas como aqui ainda estamos sempre nessa mudança, eu acho que isso traz essa preocupação que lá não tem, não tinha. (João, #02)

Também na dimensão emocional encontram-se as razões associadas às fraturas nos círculos sociais de outrora e que acabam por acontecer em consequência da distância física. A percepção de perda

ou enfraquecimento das relações afetivas com aqueles com quem os imigrantes estabeleciam as duas dinâmicas sociais, sobretudo os membros da família que lhes eram próximos, parece contribuir favoravelmente para a intenção de retorno ao país de origem. No caso dos imigrantes brasileiros que migraram nos últimos anos para Portugal, é sabido que essas pessoas cumprem, psicologicamente e afetivamente, diversas funções em suas vidas, especialmente por lhes conferir uma sensação de segurança em um país onde sentem-se sozinhos e desamparados (Posch & Cabecinhas, 2020c). Essa segurança é o que faz com que os imigrantes estabeleçam uma ideia de que lá é o lugar onde deveriam estar e que, embora a experiência em Portugal possa ser positiva, não poderia ser completa sem o convívio com aqueles que lhes são mais próximos no país de origem.

[...] eu queira passar um período também no Brasil, lá no meu lugar, digamos assim. Porque quer queira ou não, estamos aqui, mas não é, assim, o nosso lugar. (João, #02)

Pode-se ainda fazer uma conexão entre a intenção de retorno ao país de origem justificada pela distância da família e amigos, e o nível de integração do imigrante no país de destino. Diante de uma situação de rutura biográfica que é característica da migração, o agarrar-se à tudo o que lhe confere uma sensação de continuidade e um sentido de identidade extrapola o campo da voluntariedade, tornando-se uma questão de sobrevivência da ideia que se tem de si mesmo. Esse caráter funcionalista da família surge, desta forma, de modo a suplantam as funções que as dinâmicas sociais no país de destino desempenham na vida do imigrante.

A médio prazo, a gente vai estar de volta no Brasil. A namorada sente uma saudade muito grande da família e como você pode ter percebido já pela quantidade de vezes que eu falo dela, gosto muito dela, então a namorada sente uma saudade muito grande da família, pra ela é muito difícil. Ela, de novo, nunca tinha tido a experiência de estar longe. E ainda tem uma série de outras coisas que pra ela é mais difícil em relação a família, então ela teve a perda do pai quando era nova, enfim. Então pra ela isso é muito difícil, estar aqui é muito difícil. Então ela... então a gente tem plano de voltar e tal pra estar mais perto da família. (Eduardo, #11)

pela questão mesmo relacional, porque lá, enfim, tenho a minha família, tenho mais amigos e pesa, quer queira ou não, estar longe, né, nessa situação de isolamento e tudo o mais. Estar constantemente longe e isolado. Porque mesmo que eu tenha amigos aqui, aqui no Porto, é muito mais difícil de, nesse contexto, estarmos indo no bar, indo no cinema, no teatro, alguma coisa assim, então pesa muito essa variável que me faz também... Me motiva a ficar nessas indas e vindas. Mas acho que é isso. (João, #02)

Mas por que que eu quero voltar pro Brasil? Primeiro por causa dos meus cães, eu deixei três cães, eles estão com a minha mãe. Eu desejo voltar para ficar com ele. Ah, a gente... bom, sei lá, a gente pensa nisso. Mas eu acho que o fato de não ter mais ninguém aqui da família e tudo, eu acho que seria solitário ficar só a gente aqui. Porque uma hora os filhos vão pra vida deles, sabe? E os pais do [marido] tão lá, os meus pais tão lá. Não sei. É um plano que a gente tem que, hoje, pensar nisso conforta o nosso coração, sabe? Pode ser que quando chegar a hora a gente fale "não, é aqui mesmo que a gente tem que ficar", sabe? Mas não sei. Por enquanto sempre foram esses os nossos planos. (Mariana, #19)

Além dos entrevistados que manifestaram claramente a sua intenção de retorno ao Brasil, há aqueles para quem a ideia de voltar a morar no Brasil configura-se como uma possibilidade não muito concreta em um futuro que parece ser ainda muito distante - um “sonho distante”, ou uma “fantasia a longo prazo”, nas palavras da entrevistada Maria. Nestes casos, embora pese a consciência de que o cenário político e socioeconômico brasileiro não é percebido favorável ao regresso no curto prazo, observou-se, muitas vezes, que o Brasil ao qual os entrevistados se referiam baseava-se em uma construção onírica sobre o passado. Segundo Akhtar (1999), a visão nostálgica sobre o passado é uma forma encontrada pelo imigrante para lidar com as suas frustrações no presente. Essa romantização começa quando, com a separação com o passado que é característica da experiência migratória, acontece um processo de hipercatexia, que Freud (1917) define como sendo o processo pelo qual um indivíduo estabelece associações entre sentimentos de prazer a situações ou objetos. No caso do imigrante, é o seu próprio passado que passa por esse processo, e com um baixo nível de pensamento crítico, ele torna-se em grande parte idealizado.

Contudo, de acordo ainda com Akhtar (1999), dentre as memórias que passam a fazer parte desse passado idealizado, aquelas que dizem respeito às relações diretas do sujeito com seu entorno – como os lugares por onde passou, as pessoas com quem teve contato, as experiências que teve em espaços públicos e privados - são aquelas que aparecem com mais destaque nesse processo. Temos aqui, portanto, uma situação interessante: uma migração que é motivada por fatores majoritariamente externos como a cultura, a economia entre outros, e uma possibilidade de retorno que é baseada em uma idealização do passado baseada em aspetos de ordem interna, como as memórias individuais das experiências pessoais. A imagem do Brasil passa a ser baseada em uma idealização do país, baseada em uma imagem quase onírica que é resultado de memórias não tanto no campo do convívio social, mas sobretudo afetivas, do passado, contribuindo também para uma apreciação mais positiva sobre o país de origem que é então associada à identidade destes sujeitos.

Eu tenho desejo de voltar pro Brasil sim. Queria, queria muito morar no Brasil, mas não tem uma previsão quando que isso vai acontecer, pela falta de segurança... do que eu fugi, eu não quero voltar pra onde eu fugi se não melhorarem as coisas. E eu não vejo que as coisas vão melhorar e vão voltar como se fosse quando eu era criança, que era mais tranquilo. Já tinha sim coisas maldosas, mas eram mais leves. Ainda se podia brincar na rua. O [filho] já não podia mais brincar na rua. Então isso eu enxergo que é só uma fantasia a longo prazo, sem datas. (Maria #01)

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para traçarmos algumas respostas à pergunta de pesquisa que direcionou o desenvolvimento deste estudo, não basta olhar para o discurso mediático presente na série televisiva e aquele que surge a partir das narrativas sobre a própria experiência migratória proferida pelos imigrantes entrevistados para essa pesquisa. É preciso avançar e entender de que forma esses dois objetos de análise estão relacionados, indagando-se o que as entrevistas com os imigrantes brasileiros revelaram e que a série *Portugal pelos Brasileiros* não mostra, bem como o que se pode inferir a partir da série e que está ausente nos relatos biográficos coletados. Tão importante quanto identificar essas presenças e ausências é perceber de que forma esses diferentes discursos se diferenciam ou são semelhantes, atentando-se para o que isso significa em termos de uma construção coletiva da percepção sobre a experiência migratória destes sujeitos. Recorde-se aqui que, embora a série retrate a experiência da migração por meio da fala dos próprios imigrantes, segundo Fairclough (1995), a escolha de qual trecho ou cena incluir na edição final do material que irá ser exibido na programação televisiva é tudo menos arbitrária. Se deve a isso a importância de diversos modelos teóricos desenvolvidos no campo disciplinar das Ciências da Comunicação, a exemplo da *framing theory* e a obra de Goffman (1986), em que se ressalta o processo de recorte e enquadramento que se apresenta em uma única interpretação possível que, por sua vez, acaba por se constituir como um quadro de referência sobre determinado tema. Fairclough (1995) entende que está no centro de tais escolhas uma complexa relação de motivações sociais e ideológicas mais ou menos conscientes que irão ter impacto direto no sentido e no discurso articulado com aquele conteúdo.

Para se começar uma discussão sobre esse assunto, é preciso pontuar que o discurso exposto por meio dos relatos veiculados no contexto mediático carece de uma visão interseccional que é fundamental para se entender o desenrolar de uma experiência migratória e que se obteria com a exploração de perfis mais diversificados de protagonistas nos episódios da série. Talvez por uma percepção de que tais variáveis não são forças de influência da experiência, ou talvez por esse tema ainda não estar tão presente na discussão pública sobre esse fenômeno no que se refere ao caso da imigração brasileira em Portugal, observamos que diversas questões que surgem a partir de uma visão interseccional do caso não são trazidas para a discussão e não se fazem presentes nos relatos dos imigrantes entrevistados para a série. Essa situação se altera significativamente quando observamos os relatos dos imigrantes entrevistados em nossa pesquisa empírica, por meio dos quais se revela, por exemplo, que o gênero, dentre outras, é uma variável de incontornável importância para se entender a

diferença de experiências pelas quais passam os homens brasileiros e as mulheres brasileiras em Portugal. De igual importância são também os aspectos que compõem o estatuto social de cada indivíduo que, muito mais do que nos dizer onde e de que maneira o imigrante se posicionará na estrutura social portuguesa, denunciam uma série de situações que vão se configurando mesmo dentro da própria comunidade brasileira no país e que culminam em diferentes estratégias de aculturação e negociação da identidade.

Sendo a imagem do país de destino que habita o imaginário coletivo um importante fator de influência na decisão de para lá emigrar, é importante, antes mesmo de abordar a experiência migratória individual, entender qual é a imagem de Portugal que surge no discurso mediático e nas entrevistas com os imigrantes. Na série televisiva analisada, os relatos dos brasileiros dão a conhecer uma imagem positiva de Portugal que é baseada, sobretudo, em aspectos da cultura portuguesa como a arquitetura e a gastronomia. Pouco ou nada se fala, explicitamente, sobre os aspectos negativos da experiência de vida destes imigrantes no novo país de residência. Já nas entrevistas que realizamos com os imigrantes, vimos surgir, colocados com igual grau de importância na vida destes sujeitos, diversos aspectos negativos da vida enquanto imigrante brasileiro em Portugal. Para além do preconceito e da discriminação, vemos também a referência a outros aspectos até então pouco evidenciados, como a morosidade dos processos burocráticos, as frustrações com o sistema público de saúde português, o impacto do clima na saúde mental e a frustração com a experiência no ensino universitário. A descoberta destes e de tantos outros aspectos não tão positivos, bem como as diferenças culturais entre os dois países, foi motivo de surpresa para muitos dos imigrantes que haviam emigrado com uma imagem estereotipada de uma vida sem grandes percalços no novo país, e que fora absorvida de alguns dos discursos mediáticos e sociais que se espalham na sociedade brasileira.

Mas não é só na representação do país de destino onde encontramos diferenças discursivas entre o conteúdo mediático e os relatos dos imigrantes. Uma outra diferença se apresenta no que diz respeito à cidade de eleição dos imigrantes para a sua residência em Portugal, o que, na série, é apresentado como uma escolha restrita às áreas urbanas do território português. Os imigrantes entrevistados para a série televisiva residiam, todos eles, em cidades da Região Metropolitana de Lisboa, alguns deles em bairros de alto estatuto social da grande metrópole. Já nas entrevistas que realizamos com os imigrantes, embora houvesse um filtro geográfico na amostra que restringia a sua abrangência para imigrantes que residiam na região Norte do país, é de se ressaltar o fato de que muitos dos entrevistados residiam fora do perímetro das grandes cidades na região. Ao analisarmos os seus relatos, pudemos identificar alguns fatores de influência para essa situação, como as iniciativas de atração de

imigrantes para o interior e a intenção dos próprios imigrantes em se colocarem em um cenário de vida de ritmo mais desacelerado. Além disso, não podemos descartar a mudança das razões que têm levado os brasileiros a emigrar. Ouvimos muitos imigrantes alegarem que a escolha de uma cidade fora dos grandes centros urbanos era justificada por uma busca pessoal por um novo estilo de vida no qual priorizavam a qualidade de vida⁴⁴ que encontram fora das grandes cidades, o que se diferencia dos resultados de pesquisas anteriores realizadas junto aos imigrantes da segunda vaga. Pode-se concluir, portanto, que a emigração brasileira para Portugal desde os últimos anos tem sido um fenômeno muito mais pulverizado geograficamente do que a série nos apresenta.

No campo das relações sociais, encontramos ainda mais diferenças. Quando olhamos para essa questão nos relatos dos imigrantes entrevistados na pesquisa empírica, conseguimos extrair dali algumas conclusões importantes. Uma delas é a importância da proximidade física para a socialização destes indivíduos em Portugal, o que indica que ainda são muitos os obstáculos para que tenha uma integração social mais abrangente na sociedade portuguesa. Um deles, mencionado com frequência, é a existência do estereótipo do “imigrante brasileiro” e do “funcionário brasileiro”, que faz com que a experiência destes imigrantes seja pautada por experiências prévias de seus interlocutores com outros brasileiros ou mesmo com o imaginário sobre essas pessoas que se faz presente no discurso mediático português, reforçando-se a ideia de Baudrillard (1981/1991) da íntima relação entre socialização e exposição aos conteúdos midiáticos que indica que a primeira pode ser medida com base no grau de exposição à segunda. Além disso, observamos também que as suas narrativas revelaram um traço funcionalista que perpassa grande parte das relações sociais que estabelecem no novo país de residência. Ainda que a espontaneidade e a afinidade, aspectos intrínsecos da interação humana, ainda se façam presentes, pode-se dizer que muitas das interações e da participação em círculos sociais operada por estes sujeitos buscam, consciente ou inconscientemente, atender necessidades de ordem psicossocial destes indivíduos. Destacamos, nesse sentido, o estabelecimento de uma rede de apoio voltada para a obtenção de informações para a vida prática em Portugal, o convívio social cotidiano, o estabelecimento de redes afetivas e o preenchimento de um senso de pertencimento que faz parte da negociação da sua identidade.

Outra descoberta que surgiu a partir das entrevistas com os imigrantes foi a pluralidade de estratégias de aculturação que têm sido empregada por estes sujeitos. Como vimos em Berry (2001),

⁴⁴ Um contributo importante para tal discussão seria uma revisão nos parâmetros que levam a esse indicador, de modo a que pudessem ser evidenciadas as diferenças de conceito de qualidade de vida que a série e as entrevistas com os imigrantes expõem. Seguindo-se a ideia de F. M. Andrews (1974) de que os indicadores subjetivos e perceptuais, como a cognição e os aspectos emocionais dos indivíduos, devem ter igual relevância aos indicadores de ordem objetiva, de ordem fenomenológica, fica evidente que é impossível se ter uma visão sobre a real qualidade de vida destes sujeitos sem se levar em consideração toda uma ordem de indicadores que não se encontram nos relatórios estatísticos.

diferentes formas de se relacionar com uma nova cultura resulta em diferentes níveis de aderência social a um grupo social, seja ele aquele da cultura do país de origem ou a cultura predominante no país de destino. Como alguns dos imigrantes entrevistados têm optado pela estratégia de assimilação, segundo a qual esperam uma maior inclusão na cultura portuguesa, entendemos que esse manifestado desejo de se aculturarem na cultura portuguesa pode ser indicativo de uma mudança do referente da comparação social, como visto em Festinger (1954), já não mais dos brasileiros, mas sim portugueses. Para o autor, quando as opiniões dos outros membros de um grupo social são muito divergentes daquelas de um indivíduo, uma das possibilidades é que ele passe a se comparar com pessoas de um outro grupo social. Para outros entrevistados, seja por intenção ou por consequência de dificuldades de interação com portugueses ou mesmo outros imigrantes, observamos a eleição da estratégia de separação, focando-se no convívio e na continuação da prática e do consumo da sua cultura de origem. Nesse ponto, os imigrantes chegaram a reconhecer, eles mesmos, o que chamaram de “gueto” brasileiro, termo que utilizaram para descrever *clusters* locais de imigrantes brasileiros que dão continuidade a práticas culturais brasileiras, além de privilegiarem a interação entre eles.

Ainda que importantes para a manutenção da saúde mental e da cultura de origem estes imigrantes, tais “guetos” acabam por se configurar também como um mecanismo de resistência à marginalização. Sendo assim, por meio do encapsulamento na comunidade brasileira, encontram uma forma de se edificar um poder social que, dispersos, enquanto entidades individuais, talvez não o tivessem. Além disso, são importantes instrumentos para a manutenção de uma ideia de identidade que se gostaria de manter, entendendo-se que, segundo Halbwachs (1950/2017), a persistência das práticas e dos costumes de uma cultura em um contexto em que a sua existência é desafiada expõe o quanto a memória, sobre a qual a identidade está associada, está fundamentalmente atrelada aos aspetos derivados do espaço em que se vive. A cultura de origem e os seus ritos tornam-se, assim, verdadeiros alicerces da identidade cultural do imigrante brasileiro em Portugal. Ao buscarmos alguma referência à essas questões na série televisiva, pouco ou nada encontramos. Como vimos na análise sócio-semiótica da série, o seu conteúdo, por ser de natureza conceitual, não revela muito sobre as dinâmicas sociais dos imigrantes em terras portuguesas. As interações dos protagonistas de cada episódio se restringem àquelas que estabelecem com pessoas do seu círculo familiar ou social mais próximo, bem como àquelas com quem possuem contato por fazerem parte do seu ambiente profissional.

De igual forma, todos os imigrantes protagonistas dos episódios da série aparecem em seus diversos ambientes de trabalho, como o trabalho no setor das telecomunicações aos escritórios de arquitetura. Neste ponto, não são referidas as possíveis dificuldades encontradas que podem surgir ao

longo do processo de inserção no mercado de trabalho português, o que vai desde o moroso trâmite burocrático para se conseguir a validação ou o reconhecimento das habilitações literárias obtidas no Brasil até os impactos que uma mudança de carreira forçada ou um período longe do mercado de trabalho podem vir a ter na saúde mental destes indivíduos.

O tema é ainda mais sensível quando aplicamos um recorte de gênero. A análise da série nesse quesito mostra que o discurso mediático contemporâneo sobre o fenômeno que abordamos tem buscado incluir e qualificar quem são as mulheres imigrantes dentro do contexto da imigração brasileira recente em Portugal. Esse tipo de discurso se distingue daquele da primeira vaga migratória, no qual o gênero masculino era predominante, e também da segunda vaga, no qual observa-se uma feminização do movimento acompanhada pela hipersexualização das mulheres brasileiras. Essa mudança de perspectiva tem consequências não só na percepção sobre o fenômeno, mas também nas contrapartidas sociais destas construções simbólicas. Isso porque, além dos aspetos já mapeados por Teixeira e Dias (2019) como importantes para a manutenção do bem estar psicológico dos imigrantes, como a manutenção das relações familiares com o país de origem, a perspectiva de longo prazo na decisão de viver no país de destino e a conservação de um bem estar físico, estudos como o de E. N. Oliveira et al. (2019) demonstraram que também a inserção em posições mais qualificadas no mercado de trabalho irá ter um impacto positivo na saúde mental dos imigrantes. Por outro lado, ainda que a presença das mulheres associada ao mercado de trabalho esteja presente na série, a forma como ela se apresenta não revela todo um outro lado menos otimista da inserção laboral das imigrantes brasileiras. Como fora relevado pelas entrevistas, as mulheres foram as que mais condicionaram a sua permanência em Portugal ao encontro de uma oportunidade em um mercado de trabalho português reconhecidamente segmentado em termos de gênero. Isso indica que, apesar de todos os esforços em se promover uma maior integração das brasileiras no mercado de trabalho português, ainda são muitas as dificuldades e resistências encontradas por elas na prática.

O confronto da análise da série com a das entrevistas também mostra dissonâncias no que tange ao empreendedorismo dos imigrantes brasileiros em Portugal. Na série, ele é apresentado de duas formas distintas: na primeira, no caso de Eduardo, como uma ideia que surge a partir da percepção de uma oportunidade de negócio já enquanto se vive em Portugal; na segunda, na história de Levy, como o principal motivador da migração e direcionado por uma visão de oportunidade de crescimento de um negócio já existente no Brasil. Mas é por meio das entrevistas com os imigrantes brasileiros que residem em Portugal que podemos conhecer outras facetas do cenário do empreendedorismo imigrante brasileiro no país. Se, em alguns casos, o empreender significa aproveitar uma oportunidade para gerar uma renda

extra ou expandir o negócio, em outros, ele mascara as dificuldades de acesso ao mercado de trabalho ou mesmo uma reconfiguração da posição social destes indivíduos na sociedade. Observamos ainda que esse segundo caso é o que se manifesta com mais frequência na vida das imigrantes mulheres, uma situação possivelmente influenciada pelo rearranjo de papéis sociais que elas acabam assumindo a partir da migração para Portugal e faz com que tenham que se desdobrar em diversas frentes de ação para fazer a vida no novo país ser sustentável.

Dentro do grande tema do preconceito e da discriminação, que perpassa todas as dimensões da vida dos migrantes em seu novo país de residência, observamos, por meio da análise das entrevistas, que eles se fazem presente na vida dos imigrantes brasileiros em diversas medidas e em diversas situações. No ambiente de trabalho, por exemplo, o preconceito é percebido pelos imigrantes em termos da desigualdade de oportunidades de trabalho entre portugueses e imigrantes em geral e pela existência de estereótipos que fazem com que eles sejam, de alguma forma, prejudicados no mercado de trabalho. Por outro lado, enquanto, em alguns casos, essas situações de discriminação saltam à vista, em outros, ela acontece de forma silenciosa sem que deixe de impactar a vida dos imigrantes, a exemplo das condições desiguais exigidas para o arrendamento de um lugar para morar. Essa informação corrobora as conclusões de outros autores, como Marques e Góis (2015), de que a discriminação sofrida pelos imigrantes brasileiros em Portugal varia consoante os espaços sociais que passam a ocupar na sociedade portuguesa. A presença e a visibilidade dos imigrantes brasileiros em espaços sociais que antes não ocupavam, uma vez que o perfil da imigração dos últimos anos tem se diversificado em relação àquele que caracterizou a segunda vaga migratória, é desafiadora do ponto de vista da interação social, gerando-se, em alguns casos, um sentimento de ameaça que leva à situações de discriminação. De uma maneira geral, todo esse novo contexto denuncia as novas configurações do preconceito e discriminação dos imigrantes brasileiros que têm chegado nos últimos anos à Portugal, ao colocar o foco nos ambientes sociais e situações em que as hierarquias de valor social instituídas são desafiadas pela presença destes novos sujeitos sociais.

Diante de tantas diferenças entre o discurso dos média e aquele que nasce a partir do relato da experiência de vida dos imigrantes obtidos fora do ambiente da comunicação social, algumas delas aqui indicadas e outras tantas pendentes de virem à tona, não é exagerado dizer que, na série televisiva em questão, os novos imigrantes brasileiros em Portugal estão a ser retratados de maneira parcial e excludente, desconsiderando-se a pluralidade condizente à natureza deste fenômeno. O discurso mediático utilizado para o efeito encontra-se ancorado em aspetos culturais e socioeconômicos bem demarcados que se manifestam dentro de uma circunscrição criada pela persistência das certas

categorias sociais, como o gênero, “raça” e classe social, além de utilizar-se de arranjos semióticos específicos como recursos que reforçam esse delineamento discursivo. Como consequência, vemos uma representação social do fenômeno congruente a uma experiência migratória que é restrita a determinados perfis imigrante e de trajetória migratória, nos quais influem diversas variáveis como a caracterização étnico-racial, o estatuto social, a finalidade da migração, o fato da migração ser ou não documentada, dentre outros. O resultado é um discurso que promove uma visão homogeneizada do fenômeno. Não deixa de ser interessante observar que tal prática de representação mediática do imigrante “ideal” (Bourdieu, 1998, p. 18) está a acontecer no contexto mediático brasileiro, tendo em vista que já se encontrava também em operação nos média portugueses. Como mostra um estudo de França e Padilla (2018, p. 1), as notícias sobre os novos imigrantes brasileiros nos média impressos têm vindo a relatar o fenômeno de forma mais “positiva” e, conseqüentemente, dão a conhecer uma outra faceta do fenômeno além daquelas já estereotipadas socialmente e que são em muito o resultado das características distintas das vagas migratórias precedentes.

7. CONCLUSÕES

Antes de apresentarmos as conclusões da pesquisa, recapitularemos o trajeto aqui percorrido, no sentido de se evidenciar a relação entre os temas estudados e os resultados alcançados.

Primeiramente, no que se refere ao embasamento histórico, teórico e conceitual, a revisão bibliográfica sobre o grande tema das Migrações explicitou que as migrações internacionais estão longe de poderem ser consideradas como um fenômeno imutável, pelo que devem ser abordadas e estudadas em sintonia com o contexto em que acontecem. Como vimos, na contemporaneidade, deslocar-se pelo mundo logo ganhou toda uma nova conotação econômica, política e cultural que é, em muito, influenciada pela ideia da globalização. Ao nos focarmos em seus aspectos socioculturais, vimos que, ao migrar, embora abandone o território geográfico e político do país de origem, o sujeito carrega consigo diversos outros “territórios” que, em uma inversão de papéis, agora passam a habitá-lo. Suas histórias, suas memórias e tudo aquilo que dotava de sentido a sua vida passam a ficar ainda mais evidentes como aspectos essenciais da sua própria identidade. A vida em uma sociedade e uma cultura diferente torna-se então uma vivência em que dois mundos estão (quase) sempre a colidir - o mundo externo, composto pela cultura, pelos discursos sobre os imigrantes e pelas práticas sociais do país de destino, e o interno, no qual jaz toda a herança mnemônica e simbólica do país de origem -, o que tem os seus efeitos diretos na experiência de vida daqueles que migram. Ainda nesse capítulo, apresentamos uma revisão da literatura sobre a emigração brasileira no século XX, o que nos deu a conhecer que o país que era, sobretudo, um país de imigração, passou a se caracterizar, em meados daquele século, como um país de emigração. Se, em um primeiro momento, os fluxos eram direcionados para outras regiões do próprio Brasil, logo começaram a se configurar rotas internacionais de migração que já não podem ser negligenciadas, chegando a ser entendidas como uma dinâmica que já faz parte de uma cultura migratória de algumas cidades.

Já a revisão da literatura sobre as migrações em Portugal permitiu entender as novas facetas da imigração contemporânea no país, um cenário em constante mudança o qual, ao mesmo tempo em que desafia as políticas migratórias existentes, promove novas questões em relação à uma sociedade multicultural que começam a ganhar uma maior atenção. Na sequência, a revisão da literatura sobre o tema da imigração brasileira em Portugal permitiu perspetivar o fluxo migratório do Brasil para Portugal como um fenômeno que não é apenas contemporâneo. Estudado a partir da ideia de diferentes vagas consoante as configurações que apresentava, após um período marcado pelas migrações de retorno e novas migrações para outros países europeus, observou-se um crescimento vertiginoso da imigração

brasileira em Portugal desde meados da segunda década do século XXI, o que fez com que se especulasse sobre o surgimento de novas vagas migratórias deste fluxo.

No capítulo seguinte, sobre o grande tema da Cultura, da Comunicação e dos Média, começamos com uma revisão conceitual sobre o sentido de comunicação que adotamos. Foi então que esclarecemos que, neste trabalho, entendemos a comunicação como um processo de interação simbólica que não pode ser desligado da cultura envolvente. É então que os discursos, entendidos a partir de uma perspectiva foucaultiana, surgem como mecanismos de construção e organização do saber, atravessando a experiência e o conteúdo com o qual temos contacto por meio dos média com a sua visão de mundo, na qual não se exclui a sua representação sobre as migrações e seus sujeitos. Em uma perspectiva cultural, vimos que o lugar do sujeito que migra é, não raro, ofuscado por narrativas carregadas de representações sociais hegemónicas que acabam por se apresentar com autoridade na construção e manutenção das estruturas sociais vigentes. No caso das migrações, vimos que aquele que migra se descobre sujeito de discursos em vigência no país do destino antes mesmo dele lá chegar e que atuam tanto como balizadores da sua experiência na nova sociedade em que se insere quanto algo que ofusca a sua percepção individual sobre a sua própria vivência migratória. Os impactos que essa circunstância terá na vida do imigrante são diversos, uma vez que, como já o havia dito Halbwachs (1950/2017), é a própria ideia que o sujeito tem de si mesmo que cede lugar ao novo sujeito social que se configura.

Avançando para entender de que forma todo esse panorama se relaciona com os média, falamos também sobre a televisão enquanto meio e enquanto linguagem. Revisitamos uma história complexa e cheia de mudança de pontos de vista ao longo do último século sobre a natureza e o funcionamento desse meio de comunicação. A postura crítica e socialmente engajada dos Estudos Culturais impôs toda uma nova ordem de interrogações à televisão como meio e como linguagem. Alguns autores deste campo disciplinar, a exemplo de Fiske (1982/1990, 1987/2001), Fiske e Hartley (1978/2003) e Hall (1980/2005, 1997/2013), colocaram em evidência o facto de que o seu conteúdo não é um mero refletor acritico da vida cotidiana, senão recorre às crenças e valores culturalmente partilhados para fins específicos. Na contemporaneidade, com a proliferação de conteúdos televisivos de teor biográfico e documental, resultado da queda das narrativas dominantes que davam sentido à vida e de uma demanda crescente da audiência por conteúdos que tratem de dilemas éticos que antes eram suportados por essas narrativas, uma postura de análise crítica torna-se ainda mais urgente. A revisão de literatura revela ainda que, no que se refere às produções voltadas para a televisão, o apelo ao material biográfico não é uma exclusividade da série que analisamos em nossa pesquisa, mas sim uma tendência crescente nos

média em se promover uma “espetacularização” do biográfico, nos valendo da ideia de Debord (1967/1970), na qual a história individual e o seu valor são diluídos em pequenas porções de entretenimento e informação. Além disso, tendo-se em conta a hierarquia de poder que é característica dos tecidos sociais, não é exagerado perspetivarmos o conteúdo televisivo como uma verdadeira “arma silenciosa”, a exemplo do que fizeram Fiske e Hartley (1978/2003, p. 132), e, a partir daí, interrogar interesses e finalidades de um conteúdo no qual a identificação do ponto em que a representação cruza a barreira da realidade torna-se quase impossível para o espectador cotidiano.

No capítulo sobre a abordagem metodológica, falamos sobre os três métodos escolhidos para a análise dos objetos de estudo desta pesquisa, que são a série televisiva *Portugal pelos Brasileiros* e os relatos biográficos dos imigrantes brasileiros em Portugal. Nesse sentido, abordamos a Análise Crítica do Discurso enquanto um método que, apesar de não ter processos e procedimentos bem definidos, destaca-se pela postura crítica que estimula o investigador a adotar em sua investigação. Outro ponto ressaltado é o seu olhar alargado que contempla, para além do discurso, o ambiente sociocultural e as práticas culturais e sociais nos quais está inserido, de modo a compreender as relações de influência entre essas duas esferas. Ainda nesse capítulo, foi explicada a escolha da Semiótica Social como método para análise do conteúdo multimodal da série televisiva. Se, para Gervereau (2007, p. 41), analisar uma imagem é, fundamentalmente, “fazer-lhe perguntas” e, com isso, trazer à tona o significado que ela contém e que está além do nível do visível, analisar um conteúdo que faz uso de distintos modos semióticos deve seguir por esse mesmo caminho. Na sequência, foi apresentada a História de Vida enquanto método para a realização das entrevistas com os imigrantes, o que incluiu abordar a importância da subjetividade individual no saber contemporâneo e toda uma história que levou ao reconhecimento do biográfico enquanto base científica para o conhecimento do mundo.

Feito o embasamento teórico e metodológico, foram apresentadas as pesquisas empíricas realizadas. A primeira delas consistiu em uma análise do discurso dos cinco episódios da primeira temporada da série jornalística televisiva *Portugal pelos Brasileiros*, transmitida pelo veículo Rede Globo no início do ano de 2018. Conjugada à uma análise da articulação do discurso por meio de diferentes modos semióticos, chegou-se a conclusões importantes, como a de que as cenas interagem entre si não tanto para criarem uma narrativa sobre a experiência migratória, mas sim para dar a conhecer partes dela, evidenciando o trabalho dos média de recorte e seleção do que efetivamente se mostra sobre a vida destes imigrantes em Portugal. Na esfera representativa, observou-se também que o conteúdo é marcado por cenas que são, em sua maioria, conceituais, indicando que preza pela caracterização dos novos imigrantes brasileiros em Portugal em detrimento da sua dinâmica social naquele território. Não

obstante, a caracterização destes imigrantes é feita segundo um recorte cultural, social e econômico bem delimitado e que se revela intimamente relacionado às vicissitudes da sociedade brasileira.

Na segunda pesquisa empírica, um ciclo de entrevistas de História de Vida com imigrantes brasileiros que migraram a partir de 2015 e residiam na região Norte de Portugal, foi possível aprofundar o conhecimento sobre alguns aspectos da experiência migratória desses sujeitos. A partir de uma perspectiva individual que se vê refletida na dimensão coletiva do fenômeno, foi possível ainda explorar dinâmicas relacionais e causais entre os contextos macro e micro social de cada sujeito, possibilitando compor um quadro mais amplo que denuncia configurações migratórias e vivenciais nem sempre explícitas nos conteúdos midiáticos que se propõem a abordar o tema.

A análise comparativa do resultado das duas pesquisas empíricas realizadas levou à conclusão de que, mesmo com todas essas e outras diferenças de perspectivas entre o discurso midiático e aquele que surgiu nos relatos biográficos dos imigrantes, encontram-se na série indícios que evidenciam um corrente movimento de ressignificação das representações sociais (e também a criação de novas) da experiência migratória em Portugal nos média brasileiros nos últimos anos. Por lidarem com subjetividades que atravessam as estruturas sociais, o discurso e a sua articulação semiótica na série analisada se relacionam diretamente com os discursos midiáticos que foram sendo construídos ao longo dos anos sobre os imigrantes brasileiros em Portugal, afetando diretamente a vida desses sujeitos. Por outro lado, se é verdade que, em alguns aspectos, as entrevistas possibilitaram que alguns pontos apresentados na série fossem aprofundados e compreendidos de uma forma mais pormenorizada, é igualmente verdadeiro que os relatos dos imigrantes trouxeram à luz muitas situações que chegam mesmo a contradizer o discurso que é construído no contexto midiático em questão, revelando diferentes facetas do fenômeno.

Ainda sobre a série, ambas as estratégias discursivas que sustentam, seja a representação da experiência dentro de um contexto elitista quanto o seu caráter diferenciado do senso comum e dos estereótipos, podem vir a fortalecer alguns processos sociais que vão impactar a vida dos imigrantes. Dentre eles, destacamos fissuras sociais dentro da própria comunidade brasileira, impulsionadas pela ressignificação ou criação de novos *clusters* intragrupal que permitem distinguir os imigrantes de acordo com categorizações sociais e as suas estratégias de integração. Esta é uma mudança significativa porque, como já o havia ressaltado Tajfel (1969), os estereótipos possuem um papel fundamental na configuração da relação entre membros de categorias sociais diferentes. Se, por um lado, são reforçadas as características percebidas como comuns entre os membros de uma categoria social, por outro, são igualmente ressaltadas aquelas percebidas como discrepantes entre aquelas que são distintas, num

processo que o autor chamou de acentuação perceptiva. Como consequência, vemos uma nova identidade social do imigrante brasileiro em Portugal a ganhar força, ao mesmo tempo que a sua própria existência aponta para possíveis conflitos intracategoriais que não devem ser obliterados. Na série, essa fissura se mostra na ausência de interação entre os novos imigrantes brasileiros com aqueles de outras vagas migratórias. Na maior parte do tempo, os brasileiros entrevistados na série interagem com cônjuges, familiares ou parceiros de trabalho. Essa ausência da presença - que, em alguns casos, nos diz mais que as próprias presenças - indica uma segregação bem marcada entre categorias sociais e que, a nosso ver, merece toda a atenção em estudos futuros.

Recapitulados os caminhos que trilhamos até aqui com o estudo desenvolvido, voltamos agora ao início. Como referido na *Introdução*, a pergunta de pesquisa que guiou a pesquisa aqui apresentada baseava-se na busca por se compreender as implicações da construção de um discurso mediático sobre a experiência dos imigrantes brasileiros em Portugal no qual as narrativas que apresenta são criadas a partir de (ou fazendo-se o uso de) relatos biográficos apresentados em primeira pessoa. Ao se considerar muitas das questões que se encontram circunscritas por essa indagação, uma das primeiras temáticas a serem abordadas é a própria representação e a criação de um discurso, no contexto mediático brasileiro, sobre os emigrantes brasileiros que têm migrado para Portugal desde meados da última década. Um dos pontos centrais dessa discussão é a questão da visibilidade desses sujeitos dentro e fora dos média. Enquanto Brighenti (2010) chama a atenção para a diferença entre visualidade e visibilidade, sendo a segunda muito mais complexa e multifacetada que a primeira, não se pode negligenciar o quanto a visualidade e a disponibilidade pública de um discurso sobre um determinado grupo social contribuem para a sua visibilidade social.

Como consequência, observamos que a presença dos emigrantes nos média tem preenchido uma lacuna importante em relação à presença que esses sujeitos têm no imaginário dos brasileiros e que, até então, não se via refletido na dimensão mediática. Por outro lado, corroborando Brighenti (2010) na afirmativa de que a visibilidade social opera dentro de uma lógica relacional entre ver e ser visto, podendo ser esse um processo estratégico empreendido com vista a se atingir objetivos específicos, caberá sempre a interrogação de como essa presença dos emigrantes nos média se manifesta e a que objetivos ela atende. Na série em que analisamos, por exemplo, ainda que a presença dos imigrantes contribua para a sua visualidade no contexto mediático, isso não é feito sem a perda da pluralidade de vozes que se apresentou como um dos aspetos marcantes desse fluxo migratório. Essa visão homogeneizada, marcada pela trajetória migratória daqueles que agora são tidos como exemplo, promove, no mínimo, uma visão míope do fenômeno. Desta forma, ao mesmo tempo em que, por meio

do conteúdo em questão, um novo perfil da imigração brasileira se vê representado e é estimulado ao projeto migratório ainda no país de origem, também todo um repertório simbólico sobre o tema vai sendo construído, ainda que não contemplando a experiência de muitos dos imigrantes de fora dos grupos sociais apresentados.

Outra questão sobre a qual rondava a pergunta de pesquisa que norteou o desenvolvimento deste trabalho relacionava-se ao uso de relatos biográficos no discurso mediático. Uma primeira conclusão à qual chegamos com a pesquisa aqui apresentada é a de que a opção por relatos biográficos em primeira pessoa, os quais revelam uma visão mais aproximada do processo migratório e da vida prática em Portugal, pode ser interpretada como uma forma encontrada pelo veículo de comunicação em causa para inserir novamente a televisão como um *player* importante no grande rol dos meios escolhidos como fonte de informações do futuro emigrante. Essa conclusão relaciona-se com o fato de, no caso que estudamos, as plataformas digitais de redes sociais e conteúdos têm sido a escolha predominante para o efeito. Tal correlação fica evidente ao compararmos a descoberta de Capoano e Barros (2021) de que 40% das pesquisas realizadas nas redes sociais digitais pelos agora imigrantes brasileiros em Portugal tinham como objetivo resolver problemas com a documentação e com as autoridades, com o fato da fala dos imigrantes na série ser acompanhada por uma locução que dá dicas e orientações sobre o processo migratório e sobre trâmites burocráticos do imigrante em Portugal.

No entanto, ainda que justificada por uma estratégia de mercado, sendo a televisão um importante vetor para a construção e manutenção de sentido da experiência humana, não se pode negligenciar o impacto que a escolha pelo olhar biográfico acaba por ter na caracterização coletiva do fenômeno da imigração brasileira em Portugal. Relembramos aqui o argumento de Bourdieu (1997, p. 4) de que os indivíduos que concordam em aparecer na televisão o fazem para “se mostrarem e serem vistos”, sobretudo quando a sua versão da história não se enquadra nas narrativas dominantes em vigor nos contextos sociais que habitam. Como consequência, essa escolha acaba por fazer com que a história de alguns imigrantes seja tida como “exemplo”, ou mesmo como uma “linha de frente”, para se embasar um discurso cujos interesses se revelam com a edição do material bruto e que extrapola os relatos que apresenta. Isso significa dizer que, apesar do lugar de fala que se cria para a voz do imigrante brasileiro no discurso mediático, faz-se necessário indagar quais imigrantes realmente estão a ter acesso a ele e se veem ali representados, assim como os objetivos e interesses por trás da decisão de que um perfil específico de imigrante esteja presente no discurso mediático. As falas em primeira pessoa que encontramos na série, em toda a sua legitimidade e autenticidade, ao mesmo tempo em que dão a conhecer a história de alguns dos imigrantes brasileiros em Portugal, lançam uma sombra nas histórias

divergentes e em diversos outros aspetos da vida no novo país, corroborando com a afirmação de Arfuch (2002/2010) de que o espaço autobiográfico é marcado ele mesmo pela temporalidade e pela pluralidade de vozes que ali habitam. Nesse ponto, não podemos deixar de registrar aqui uma crítica ao próprio conceito de “vaga” adotado nos estudos das migrações, uma vez que é ele mesmo um forte limitador da ascensão da pluralidade das experiências migratórias às instâncias comunicativas por meio das quais a opinião pública vai sendo moldada. E é também nesse sentido em que as Histórias de Vida têm se inserido no campo dos estudos sobre as migrações, ou seja, para desafiar a sua autoridade sobre a caracterização de um fenômeno que é multifacetado por natureza, ao permitir a expansão do olhar sobre as complexas relações de causa e efeito que estão por trás da decisão de migrar e de toda a experiência que daí sucede.

Sobre o saber científico, Crespi (1997, p. 113) afirmou que “a compreensão é um processo que não pode jamais dar-se por concluído”, e que o conhecimento deixa sempre uma brecha aberta para se “compreender melhor” e “compreender diversamente”, a partir de diferentes pontos de vista localizados histórico, social e culturalmente no tempo-espaço. Nesse sentido, entendendo que a pesquisa que aqui apresentamos se insere em um campo de estudo mais amplo que é o da imigração brasileira em Portugal e a sua representação mediática, sendo um dos seus pontos inovadores o fato de apresentar uma análise que versa sobre o contexto mediático não do país de destino, como habitualmente encontramos na literatura, mas sim no país de origem. Também a utilização da abordagem da História de Vida enquanto método de captura da perspectiva individual dos imigrantes sobre a sua experiência migratória permitiu um olhar aproximado e detalhado a partir do ponto de vista daqueles que migram, o que permitiu compreender dinâmicas culturais e sociais que as estatísticas sobre as migrações não são capazes de revelar.

Sem deixar de ressaltar a importância de tais contribuições, mas reconhecendo que elas são não só um ponto de chegada, mas também de partida para estudos futuros dentro das temáticas aqui abordadas, deixamos aqui alguns apontamentos e sugestões de linhas de pesquisa que poderão beneficiar a continuidade do estudo sobre a imigração brasileira em Portugal e as suas representações mediáticas. Primeiramente, se as Histórias de Vida que aqui apresentamos puderam dar a conhecer a questão em profundidade, isso não seria possível sem se ter em perspectiva uma componente quantitativa que os dados estatísticos foram capazes de fornecer. Sendo assim, embora este seja um estudo que ressalta a importância de uma abordagem qualitativa no estudo das migrações, consideramos essencial dar continuidade no acompanhamento estatístico e na evolução dos dados quantitativos sobre o fenômeno, entendendo-se de que maneira eles se cruzam com as perspectivas qualitativas. Nessa esfera,

entendemos ainda que o entrosamento entre os organismos de administração pública, instituições associativas e laboratórios de pesquisa científica para a continuidade na coleta, armazenamento e disponibilização pública dos dados quantitativos sobre o caso permitiria a construção de um banco de dados robusto e em constante atualização, beneficiando os estudos futuros sobre o tema com informação fidedigna, organizada e de acesso aberto.

Também a perspectiva do tema a partir do país de origem é um caminho fecundo a ser explorado em pesquisas futuras. O quanto as representações sociais identificadas em nosso trabalho terão o seu impacto na opinião pública na sociedade brasileira, bem como de que forma e em que medida isso afetará a continuidade do fluxo migratório observado ou mesmo a constituição de uma nova “vaga”, são temas relevantes para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- Abadia, L. R., & Cabecinhas, R. (2013). Preamble: Narratives and social memory: dialogic challenges. In L. R. Abadia & R. Cabecinhas (Eds.), *Narratives and social memory: theoretical and methodological approaches* (pp. 5–10). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Abdo, C. (2016). *Migrações e Comunicação: brasileiros que escolheram Portugal como destino* (Universidade do Minho). Tese de Mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/42599>
- Abric, J. C. (2001). O estudo experimental das representações sociais. In D. Jodelet (Ed.), *As Representações Sociais* (pp. 205-223). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Akhtar, S. (1999). The Immigrant, the Exile, and the Experience of Nostalgia. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 1(2), 123–130. <https://doi.org/10.1023/A:1023029020496>
- Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J.-P., Maroy, C., Ruquoy, D., & Saint-Georges, P. de. (1997). *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Alencar, G., Pessoa, M. dos S., Santos, A. K. de F. S., Carvalho, S., & Lima, H. A. de B. (2015). WhatsApp como ferramenta de apoio ao ensino. *Anais dos Workshops do Congresso Brasileiro de Informática na Educação*, 4(1), 787–795. <https://doi.org/10.5753/cbie.wcbie.2015.787>
- Alvarez, L. (2019, 14 de julho). De milionários a desempregados, brasileiros em Portugal não pensam em voltar. *Uol*. Retirado de <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/07/14/os-varios-brasis-que-se-mudaram-para-portugal.htm>
- Amaral, M. F. (2005). Lugares de Fala: um conceito para abordar o segmento popular da grande imprensa. *Revista Contracampo*, (12), 103–114. <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i12.561>
- Amato, G. (2020, 4 de janeiro). Portugal tenta atrair imigrantes para o interior do país. *O Globo*. Retirado de <https://oglobo.globo.com/economia/portugal-tenta-atrair-imigrantes-para-interior-do-pais-24171895>
- Andrade, J. G. (2021). *Língua portuguesa global: Comunicar no panorama mediático luso-brasileiro*. Braga: UMinho Editora.
- Andrews, F. M. (1974). Social indicators of perceived life quality. *Social Indicators Research*, 1(3), 279–299. <https://doi.org/10.1007/BF00303860>
- Andrews, K. (2021). *The new age of empire: how racism and colonialism still rule the world*. Londres: Penguin Books. [ebook]
- Anthias, F. (1992). Connecting ‘race’ and ethnic phenomena. *Sociology*, 26(3), 421-438. Retirado de <https://www.jstor.org/stable/42855068>
- Anthias, F. (1998). Rethinking Social Divisions: Some Notes towards a Theoretical Framework. *The Sociological Review*, 46(3), 505–535. <https://doi.org/10.1111/1467-954X.00129>
- Araújo, E., Cogo, D., & Pinto, M. (2015). Mobilidades, Mediações e Cultura. *Comunicação e Sociedade*, 28, 7–14. [https://doi.org/10.17231/comsoc.28\(2015\).2267](https://doi.org/10.17231/comsoc.28(2015).2267)
- Araújo, R., & Lopes, F. (2013). A construção de significação através da emoção. *Revista Comunicando*, 2, 16–26. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/29446>

- Arendt, E., Kuiava, G., & Javorski, E. (2013). Portugal e Brasil: a imagem do outro através da mídia. *Cadernos Da Escola de Comunicação*, 1(11), 1–7. Retirado de <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernoscomunicacao/article/view/2005>
- Arfuch, L. (2002/2010). *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea* (P. Vidal, Trad.). Rio de Janeiro: Editora UERJ.
- Assis, G. de O. (2017). Trânsitos contemporâneos: o ir e vir de emigrantes brasileiros(as) rumo à Europa. *Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política*, 8(1), 210–229. Retirado de <https://www.revistaterceiromilenio.uenf.br/index.php/rtm/article/view/10>
- Assis, G. de O., Silva, L. M. da, & Frederico, M. S. (2016). Mídia e migração: uma análise da (in)visibilidade dos migrantes brasileiros na Europa. Comunicação apresentada no 6º Encontro Regional Sul de História Da Mídia, Ponta Grossa.
- Atkinson, R. (2002). The life story interview. In J. F. Gubrium & J. A. Holstein (Eds.), *Handbook of Interview Research* (pp. 121–140). Londres: SAGE Publications. <https://doi.org/10.4135/9781412973588.n9>
- Azevedo, I. C. M. de, Feitag, R. M. Ko., & Abreu, R. N. (2021). Desafios do português brasileiro como língua adicional para a cidadania global. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras*, 24(2), 263–288. <https://doi.org/10.15210/RLE.V24I2>
- Augé, M. (2010). *Por uma antropologia da mobilidade* (M. S. T. B. Lameiras, Trad.). Maceió: EDUFAL.
- Barbosa, A., & Lima, Á. (2020). *Brasileiros em Portugal: de volta às raízes lusitanas*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão. Retirado de http://funag.gov.br/biblioteca/index.php?route=product/product&product_id=1030
- Barker, C. (2005). *Cultural Studies: theory and practice*. Londres: SAGE Publications.
- Bastia, T. (2014). Intersectionality, migration and development. *Progress in Development Studies*, 14(3), 237–248. <https://doi.org/10.1177/1464993414521330>
- Baudrillard, J. (1981/1991). *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Bauman, Z. (2012). *Ensaio sobre o conceito de cultura*. São Paulo: Zahar. [ebook]
- Becker, H. (1996). A escola de Chicago. *Mana*, 2(2), 177–188. <https://doi.org/10.1590/s0104-93131996000200008>
- Behling, J. (2020). O “brasileiro” como língua de afirmação em Portugal. *Revista ProLíngua*, 15(1), 67–81. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-9979.2020v15n1.52198>
- Bell, A. (1991). *The Language of News Media*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Benedict, R. (1934/1960). *Patterns of Culture*. Nova Iorque: The New American Library of World Literature.
- Beneviste, É. (1971). *Problems in General Linguistics*. Coral Gables: University of Miami Press.
- Bernard, A., & Perales, F. (2021). Is Migration a Learned Behavior? Understanding the Impact of Past Migration on Future Migration. *Population and Development Review*, 47(2), 449–474. <https://doi.org/10.1111/padr.12387>
- Bernardi, B. (1974/1997). *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*. Lisboa: Edições 70.

- Berry, J. W. (2001). A Psychology of Immigration. *Journal of Social Issues*, 57(3), 615–631.
<https://doi.org/10.1111/0022-4537.00231>
- Bertaux, D. (1989). Los relatos de vida en el análisis social. *Historia y Fuente Oral*, 1(1), 87–96.
 Retirado de <https://www.jstor.org/stable/27753230>
- Bertaux, D. (1997/2005). *Los relatos de vida: perspectiva etnosociológica* (G. González, Trad.).
 Barcelona: Ediciones Bellaterra.
- Boas, F. (1920). The methods of ethnology. *American Anthropologist*, 22(4), 311-321. Retirado de
<https://www.jstor.org/stable/660328>
- Bobić, M., & Janković, S. (2017). Introduction: A New Spectre Haunting Europe? In M. Bobić & S. Janković (Eds.), *Towards Understanding of Contemporary Migration: Causes, Consequences, Policies, Reflections* (pp. xiii–xxvi). Belgrado: Institute for Sociological Research of University of Belgrade.
- Boff, L. (2014). *A água e a galinha*. Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, P. (1989/2001). *O Poder Simbólico* (F. Tomaz, Trad.). Lisboa: Difel.
- Bourdieu, P. (1997). *Sobre a Televisão* (M. S. Pereira, Trad.). Oeiras: Celta Editora.
- Bourdieu, P. (1998). Prefácio: Um Analista do Inconsciente. In A. Sayad, *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade* (C. Murachco, Trad.) (pp. 9–12). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Bourhis, R. Y., Moise, L. C., Perreault, S., & Senecal, S. (1997). Towards an Interactive Acculturation Model: A Social Psychological Approach. *International Journal of Psychology*, 32(6), 369–386.
<https://doi.org/10.1080/002075997400629>
- Brasil, J. A., & Cabecinhas, R. (2018). Ties that (Un)bind? The Case of Latin Americans in Portugal and Spain. *Revista Del CESLA. International Latin American Studies Review*, (22), 115–134.
 Retrieved from <https://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/493>
- Brighenti, A. M. (2010). *Visibility in Social Theory and Social Research*. Londres: Palgrave Macmillan.
- Brito, R. H. P. de. (2013). *Língua e identidade no universo da lusofonia: aspetos de Timor-Leste e Moçambique*. São Paulo: Terracota.
- Cabecinhas, R., & Amâncio, L. (2003). Naturalização da diferença: Representações sobre raça e grupo étnico. Apresentação efectuada na *III Jornada Internacional sobre Representações Sociais*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Maison des Sciences de l'Homme, Rio de Janeiro, 2-5 de Setembro de 2003. Retirado de <https://hdl.handle.net/1822/1598>
- Cabecinhas, R., & Amâncio, L. (2004). Dominação e exclusão: representações sociais sobre minorias raciais e étnicas. Apresentação efectuada no *Congresso Português de Sociologia*, 5, Braga, 2004. Retirado de <https://hdl.handle.net/1822/1987>
- Cabecinhas, R. (2007). *Preto e Branco: a naturalização da discriminação racial*. Porto: Campo das Letras.
- Cabecinhas, R., & Cunha, L. (2008). Introdução. In R. Cabecinhas & L. Cunha (Eds.), *Comunicação Intercultural: perspectivas, dilemas e desafios* (pp. 7–12). Porto: Campo das Letras. [ebook]
 Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/9314>
- Capoano, E., & Barros, V. T. de. (2021). Panorama web de la inmigración brasileña a Portugal: periodismo desinteresado y redes sociales en alza. In J. S. González & J. G. García (Eds.), *Digital Media. El papel de las redes sociales en el ecosistema educacional en tiempos de Covid-19*

- (pp. 553–576). Madrid: McGraw-Hill Interamericana de España. Retirado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7892819>
- Carneiro, Ra. (2021, 19 de março). Morar em Portugal: o novo sonho da classe média brasileira. *Veja*. Retirado de <https://veja.abril.com.br/mundo/como-brasileiro-morar-portugal-aposentado-estudante-classe-media>
- Carneiro, Ro. (2007). Introdução. In J. M. Malheiros (Ed.), *Imigração brasileira em Portugal* (pp. 7–9). Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I.P.
- Carvalho, I. E. (2008). Imigração e interculturalidade na União Europeia. Sombra e luz de uma relação complexa. In R. Cabecinhas & L. Cunha (Eds.), *Comunicação Intercultural: perspectivas, dilemas e desafios* (pp. 21–36). Porto: Campo das Letras.
- Carvalho, A. (2015). Discurso mediático e sociedade: repensar a Análise Crítica do Discurso. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, 9(1), 175–199. Retirado de <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/843>
- Carvalho, M., Cabecinhas, R., & Magalhães, L. (2014). (Des)Acordo Ortográfico em foco: representações sociais de estudantes brasileiros e portugueses. In M. de L. Martins, R. Cabecinhas, L. Macedo & I. Macedo (Eds.), *Interfaces da Lusofonia* (pp. 152-166). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS). Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/29766>
- Casey, B., Casey, N., Calvert, B., French, L., & Lewis, J. (2002). *Television Studies: The Key Concepts*. Londres: Routledge.
- Castells, M. (1997/2010). *The Power of Identity*. Sussex: Wiley-Blackwell.
- Castles, S., & Miller, M. J. (1998). *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*. Hampshire: MacMillan Press.
- Cavalcanti, L., & Oliveira, W. F. de. (2020). Um panorama da imigração e do refúgio no Brasil. Reflexões à guisa de introdução. In L. Cavalcanti, A. T. de Oliveira, & M. F. R. de Macêdo (Eds.), *Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020* (pp. 8–16). Brasília: OBMigra. Retirado de https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-anual/2020/OBMigra_RELATÓRIO_ANUAL_2020.pdf
- Cogo, D. (2002). O Outro migrante: das estratégias de midiaticização das migrações contemporâneas na mídia impressa brasileira. *C-Legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual*, 4, 1-10. <https://doi.org/10.22409/c-legenda.v0i10.26175>
- Cogo, D. (2007). Migrações contemporâneas como movimentos sociais: uma análise desde as mídias como instâncias de emergência da cidadania dos migrantes. *revista Fronteiras - estudos midiáticos*, 9(1), 64–73. Retirado de <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5842>
- Cohen, J. H. (2020). Editorial: Modeling Migration, Insecurity and COVID-19. *Migration Letters*, 17(3), 405–409. <https://doi.org/10.33182/ml.v17i3.986>
- Cohen, J. H., & Sirkeci, I. (2011). *Cultures of migration: the global nature of contemporary mobility*. Austin: University of Texas Press.
- Conzen, K. N. (1996). Thomas and Znaniecki and the Historiography of American Immigration. *Journal of American Ethnic History*, 16(1), 16–25. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/27502134>

- Cotter, C. (2001). Discourse and Media. In D. Schiffrin, D. Tannen & H. Hamilton (Eds.), *The Handbook of Discourse Analysis* (pp. 416–436). Oxford: Blackwell Publishing.
- Crenshaw, K. (1991). Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, 43(6), 1241–1299. <https://doi.org/10.2307/1229039>
- Crespi, F. (1997). *Manual de Sociologia da Cultura* (T. A. Cardoso, Trad.). Lisboa: Editorial Estampa.
- Crosby, F. (1984). The Denial of Personal Discrimination. *American Behavioral Scientist*, 27(3), 371–386. <https://doi.org/10.1177/000276484027003008>
- Cuddy, A. J. C., Fiske, S. T., Kwan, V. S. Y., Glick, P., Demoulin, S., Leyens, J.-P., ... Ziegler, R. (2009). Stereotype content model across cultures: Towards universal similarities and some differences. *British Journal of Social Psychology*, 48(1), 1–33. <https://doi.org/10.1348/014466608X314935>
- Cunha, I. F. (2003). A revolução da Gabriela: o ano de 1977 em Portugal. *Cadernos Pagu*, (21), 39–73. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332003000200004>
- Datafolha, Instituto de Pesquisas Datafolha. (2018). *Intenção de deixar o Brasil*. Retirado de <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/06/1972189-62-dos-jovens-gostariam-de-deixar-o-pais.shtml>
- Debord, G. (1967/1970). *Society of the Spectacle*. Detroit: Black & Red.
- De Fina, A. (2003). *Identity in narrative: a study of immigrant discourse*. Amsterdão: John Benjamins Publishing Co.
- Delanty, G., Jones, P., & Wodak, R. (2011). Introduction: Migration, Discrimination and Belonging in Europe. In G. Delanty, P. Jones, & R. Wodak (Eds.), *Identity, Belonging and Migration* (pp. 21–37). Liverpool: Liverpool University Press.
- Delory-Momberger, C. (2009). A história de vida: um cruzamento intercultural. In E. Lechner (Ed.), *Histórias de Vida: Olhares interdisciplinares* (pp. 17–30). Porto: Edições Afrontamento.
- Dovey, J. (2002). Confession and the unbearable lightness of factual. *Media International Australia*, 104(1), 10–18. <https://doi.org/10.1177/1329878X0210400104>
- Durán, M., & Cabecinhas, R. (2014). Actitudes y estereotipos sociales en la comunicación. In R. M. Pecino & J. M. G. de los Santos (Eds.), *Aspectos psicosociales de la comunicación* (pp. 43-54). Madrid: Ediciones Pirámide. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/29436>
- Eagleton, T. (2003). *A Ideia de Cultura*. Lisboa: Temas e Debates.
- Eagly, A. H., & Diekmann, A. B. (2005). What is the Problem? Prejudice as an Attitude-in-Context. In J. F. Dovidio, P. Glick, & L. A. Rudman (Eds.), *On the Nature of Prejudice: Fifty Years after Allport* (pp. 19–35). Oxford: Blackwell Publishing.
- Eco, U. (1993). *Viagens na Irrealidade Quotidiana*. Algés: Difel.
- Egreja, C., & Peixoto, J. (2015). Os imigrantes brasileiros e o mercado de trabalho. In J. Peixoto, B. Padilla, J. C. Marques, & P. Góis (Eds.), *Vagas Atlânticas: Migrações entre Brasil e Portugal no Início do Século XXI* (pp. 59–88). Lisboa: Mundos Sociais.
- Erikson, E. H. (1950). *Childhood and society*. Nova Iorque: Norton.
- Erikson, E. H. (1958). *Young man Luther*. Nova Iorque: Norton.
- Erikson, E. H. (1969). *Ghandi's truth*. Nova Iorque: Norton.

- Evangelista, R., & Bruno, F. (2019). WhatsApp and political instability in Brazil: targeted messages and political radicalisation. *Internet Policy Review*, 8(4), 1–23. <https://doi.org/10.14763/2019.4.1434>
- Facebook. (2021). *Facebook Reports Third Quarter 2021 Results*. Retirado de <https://investor.fb.com/investor-news/press-release-details/2021/Facebook-Reports-Third-Quarter-2021-Results/default.aspx>
- Fairclough, N. (1995). *Media Discourse*. Londres: Hodder Headline Group.
- Fairclough, N. (1989/1996). *Language and Power*. Nova Iorque: Longman Group.
- Fairclough, N. (2001). Critical discourse analysis as a method in social scientific research. In R. Wodak & M. Meyer (Eds.), *Methods of Critical Discourse Analysis* (pp. 121–138). Londres: SAGE Publications.
- Fausto, B. (1995). *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Ferin, I. (2002). *Comunicação e culturas do quotidiano*. Lisboa: Quimera.
- Ferin, I. (2010). Audiências e recepção das telenovelas brasileiras em Portugal. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 7(20), 91–118. <https://doi.org/10.18568/cmc.v7i20.206>
- Fernandes, D., & Castro, M. da C. G. de. (2013). Migração e crise: o retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal. *REMHU: Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, 21(41), 99–116. Retirado de <https://www.scielo.br/j/remhu/a/VrjQHSNr8FmNFzGfwfHD5F>
- Fernandes, D., Peixoto, J., & Oltramari, A. P. (2021). A quarta onda da imigração brasileira em Portugal: uma história breve. *RELAP - Revista Latinoamericana de Población*, 15(29), 34–63. <https://doi.org/10.31406/relap2021.v15.i2.n29.2>
- Ferrarotti, F. (2003). *On the science of uncertainty: the biographic method in scientific research*. Maryland: Lexington Books.
- Ferrarotti, F. (2007). Las historias de vida como método. *Convergencia*, 14(44), 15–40. Retirado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10504402>
- Festinger, L. (1954). A Theory of Social Comparison Processes. *Human Relations*, 7(2), 117–140. <https://doi.org/10.1177/001872675400700202>
- Fibbi, R., Midtbøen, A. H., & Simon, P. (2021). *Migration and Discrimination*. Neuchatel: Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-67281-2>
- Figaro, R. (2014). A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho. *Fronteiras - estudos midiáticos*, 16(2), 124–131. Retirado de <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2014.162.06>
- Figueredo, L. O., & Zanelatto, J. H. (2017). Trajetória de migrações no Brasil. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 39(1), 77–90. Retirado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307350907009>
- Filho, E. de M. (1983). Introdução. Formalismo sociológico e a teoria do conflito. In E. de M. Filho (Ed.), *Simmel* (pp. 7–45). São Paulo: Ática.
- Fino, C. (2019). *Raízes do estranhamento: a (in)comunicação Portugal-Brasil*. Tese de Doutorado, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/61810>
- Fisher, M. H. (2014). *Migration: A World History*. Oxford: Oxford University Press.

- Fiske, J. (1982/1990). *Introduction to Communication Studies*. Londres: Routledge.
- Fiske, J. (1987/2001). *Television Culture*. Londres: Routledge.
- Fiske, J., & Hartley, J. (1978/2003). *Reading Television*. Londres: Routledge.
- Fonseca, M. L., Esteves, A., & Iorio, J. (2015). Mobilidade internacional de estudantes do ensino superior. In J. Peixoto, B. Padilla, J. C. Marques, & P. Góis (Eds.), *Vagas Atlânticas: Migrações entre Brasil e Portugal no Início do Século XXI* (pp. 135–158). Lisboa: Mundos Sociais.
- Fonseca, M. L., & Hortas, M. J. (2011). International students in Portugal. *Canadian Diversity*, 8(5), 98–104.
- Foucault, M. (1969/2008). *A Arqueologia do Saber* (L. F. B. Neves, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- França, T., & Padilla, B. (2018). Imigração Brasileira para Portugal: entre o surgimento e a construção mediática de uma nova vaga. *Cadernos de Estudos Sociais*, 33(2), 207–237. <https://doi.org/10.33148/ces2595-4091v.33n.220181773>
- Franco, H. (2021, 20 de outubro). Extinção do SEF aprovada na especialidade no Parlamento. *Expresso*. Retirado de <https://expresso.pt/sociedade/2021-10-20-Extincao-do-SEF-aprovada-na-especialidade-no-Parlamento-5efb9bf2>
- Freire, A. (2010). Ecos da estação Lisboa. O exílio das esquerdas brasileiras em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 64, 37–57. Retirado de <http://journals.openedition.org/spp/241>
- Freud, S. (1917). Mourning and melancholia. *Standard Edition*, 14, 237-258.
- Freyre, G. (1933/2003). *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global.
- Fromm, E. (2005). *To Have or to Be?* Nova Iorque: Continuum. [ebook]
- Frow, J. (2008). Discourse. In T. Bennett, L. Grossberg, & M. Morris (Eds.), *New keywords: a revised vocabulary of culture and society* (pp. 91–93). Oxford: Blackwell Publishing.
- Gagliano, M. (2018). *Thus Spoke the Plant: a remarkable journey of groundbreaking scientific discoveries and personal encounters with plants*. Berkeley: North Atlantic Books. [ebook]
- Gaskell, G. (2003). Entrevistas individuais e grupais. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (P. A. Guareschi, Trad.) (pp. 64–89). Petrópolis: Vozes.
- Geertz, C. (1973/2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Gervereau, L. (2007). *Ver, Compreender, Analisar as Imagens* (P. E. Duarte, Trad.). Lisboa: Edições 70.
- Giacomantonio, M. (1981). *Os Meios Audiovisuais*. Lisboa: Edições 70.
- Gil, A. C. (1989). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.
- Gill, R. (2003). Análise de Discurso. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (P. A. Guareschi, Trad.) (pp. 244–270). Petrópolis: Vozes.
- Goffman, E. (1986). *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. Boston: Northeastern University Press.

- Góis, P. (2020). Nós e os outros: as migrações no Portugal contemporâneo. *Língua-lugar: Literatura, História, Estudos Culturais*, 1(2), 24–41.
<https://doi.org/10.34913/journals/lingualugar.2020.e417>
- Góis, P., & Marques, J. C. (2018). Retrato de um Portugal migrante: a evolução da emigração, da imigração e do seu estudo nos últimos 40 anos. *e-cadernos ces*, 29, 125–152.
<https://doi.org/10.4000/eces.3307>
- Góis, P., & Marques, J. C. (2015). Percursos e trajetórias migratórias dos brasileiros. In J. Peixoto, B. Padilla, J. C. Marques, & P. Góis (Eds.), *Vagas Atlânticas: Migrações entre Brasil e Portugal no Início do Século XXI* (pp. 39–58). Lisboa: Mundos Sociais.
- Góis, P., Marques, J. C., Padilla, B., & Peixoto, J. (2009). Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal. *Migrações*, (5), 111–133. Retirado de
<http://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/183863/Migr5.pdf/96622cf7-585c-44c8-9e83-0aa1ab5f07b0>
- Gómez-Estern, B. M., & Benítez, M. I. de la M. (2013). Narratives of migration: Emotions and the interweaving of personal and cultural identity through narrative. *Culture & Psychology*, 19(3), 348–368. <https://doi.org/10.1177/1354067X13489316>
- Gonçalves, A. (1996). *Imagens e Clivagens. Os Residentes face aos Emigrantes*. Porto: Afrontamento.
- Gooden, W. E. (1980). *The adult development of Black men*. Tese de Doutoramento, Yale University, New Haven, Estados Unidos da América.
 doctoral dissertation, Yale University, New Haven, CT.
- Habermas, J. (1981/1997). Modernity: An Unfinished Project. In M. P. D'Entreves & S. Benhabib (Eds.), *Habermas and the Unfinished Project of Modernity: Critical Essays on The Philosophical Discourse of Modernity* (pp. 38–58). Cambridge: The MIT Press.
- Haesbaert, R. (2007). Território e Multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, (17), 19–46.
<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2007.v9i17.a13531>
- Hagen-Zanker, J. (2008). *Why do people migrate? A review of the theoretical literature*. Maastricht. Retirado de <http://ssrn.com/abstract=1105657>
- Halbwachs, M. (1950/2017). *A Memória Coletiva* (B. Sidou, Trad.). São Paulo: Edições Vértice.
- Halliday, M. A. K. (1978). *Language as Social Semiotic*. Londres: Edward Arnold.
- Hall, S. (1980/2005). Encoding/decoding. In S. Hall, D. Hobson, A. Lowe & P. Willis (Eds.), *Culture, Media, Language: Working Papers in Cultural Studies, 1972-79* (pp. 117-127). Londres: Routledge.
- Hall, S. (1992/2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (T. T. da Silva & G. L. Louro, Trad.). Rio de Janeiro: DPEA.
- Hall, S. (1997/2013). The work of representation. In S. Hall, J. Evans, & S. Nixon (Eds.), *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices* (pp. 1–59). Londres: SAGE Publications.
- Hall, S. (1999/2019). Thinking the Diaspora: Home-Thoughts from Abroad. In D. Morley (Ed.), *Essential Essays Stuart Hall, Volume 2: Identity and Diaspora* (pp. 206-226). Durham: Duke University Press.

- Hartley, J. (2004). *Communication, Cultural and Media Studies: The Key Concepts*. Londres: Routledge.
- Hatton, T. J. (2016). Immigration, public opinion and the recession in Europe. *Economic Policy*, 31(86), 205–246. <https://doi.org/10.1093/epolic/eiw004>
- Heijink, R., van Baal, P., Oppe, M., Koolman, X., & Westert, G. (2011). Decomposing cross-country differences in quality adjusted life expectancy: the impact of value sets. *Population Health Metrics*, 9(1), 1-11. <https://doi.org/10.1186/1478-7954-9-17>
- Heller, E. (2012). *A psicologia das cores: Como as cores afetam a emoção e a razão*. São Paulo: Editorial Gustavo Gili.
- Höijer, B. (2011). Social representations theory: A new theory for media research. *Nordicom Review*, 32(2), 3–16. <https://doi.org/10.1515/nor-2017-0109>
- Holanda, S. B. de. (1936/2004). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2011). *Censo 2010 - Resultados do Universo - Características da População e dos Domicílios*. Retirado de <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/universo-caracteristicas-da-populacao-e-dos-domicilios>
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2016). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Síntese de Indicadores 2015*. Retirado de <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94414.pdf>
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). *Revista Retratos. Somos todos iguais? O que dizem as estatísticas*. Retirado de https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2929/rri_2018_n11_maiou.pdf
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019a). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual - 4º trimestre*. Retirado de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html>
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019b). *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil*. Retirado de https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (n.d.). *Questionários*. Retirado de <https://censos.ibge.gov.br/sobre/questionarios.html>
- Iedema, R. (2004). Analysing film and television: a social semiotic account of “Hospital: an Unhealthy Business.” In T. van Leeuwen & C. Jewitt (Eds.), *Handbook of Visual Analysis* (pp. 183–206). Londres: SAGE Publications.
- Instituto de Pesquisa Datafolha. (2018). *Intenção de deixar o Brasil*. Retirado de <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/06/18/c31bd9600e55dc58af290a6410492c4emp.pdf>
- Iorio, J. C. (2018). A importância das redes sociais, da internet e das redes sociais online na mobilidade dos estudantes brasileiros do ensino superior para Portugal. *Cadernos de Estudos Sociais*, 33(2). Retirado de <http://hdl.handle.net/10451/38949>
- Iorio, J. C. (2020). The motivations that put Portugal back on the route of Brazilian higher education students. *Globalisation, Societies and Education*, 19(3), 1–17. <https://doi.org/10.1080/14767724.2020.1831903>

- lorio, J. C., & Ferreira, S. de A. (2013). Fluxos migratórios de brasileiros em Portugal: o retorno e a "nova vaga em vias de qualificação: *Leopoldianum*, (107), 31–48. Retirado de <https://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/view/472>
- lorio, J. C., & Souza, E. J. (2018). A construção midiática do “Eldorado” lusitano a partir dos novos fluxos migratórios de brasileiros para Portugal. *Revista de Ciências Sociais*, 8(1), 312–340. Retirado de <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/35676>
- Ipea, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2021). *Atlas da Violência - Homicídios por Armas de Fogo*. Retirado de <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/31>
- Johnstone, B. (2001). Discourse Analysis and Narrative. In D. Schiffrin, D. Tannen & H. Hamilton (Eds.), *The Handbook of Discourse Analysis* (pp. 635–649). Oxford: Blackwell Publishing.
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M. W. (2003). Entrevista narrativa. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (P. A. Guareschi, Trad.) (pp. 90–113). Petrópolis: Vozes.
- Júnior, M., Melo, P., da Silva, A. P. C., Benevenuto, F., & Almeida, J. (2021). Towards Understanding the Use of Telegram by Political Groups in Brazil. In A. C. M. Pereira & L. C. D. da Rocha (Eds.), *WebMedia '21: Proceedings of the Brazilian Symposium on Multimedia and the Web* (pp. 237–244). Nova Iorque: Association for Computing Machinery. <https://doi.org/10.1145/3470482.3479640>
- Keilerman, B. L. (1975). *Willi Brandt: Portrait of the leader as young politician*. Tese de Doutorado, Yale University, New Haven, Estados Unidos da América.
- Kentmen-Cin, C., & Erisen, C. (2017). Anti-immigration attitudes and the opposition to European integration: A critical assessment. *European Union Politics*, 18(1), 3–25. <https://doi.org/10.1177/1465116516680762>
- King, J. (1998/2005). Cinema. In L. Bethell (Ed.), *A Cultural History of Latin America: Literature, Music and the Visual Arts in the 19th and 20th Centuries* (pp. 455–518). Cambridge: Cambridge University Press.
- King, R., & Wood, N. (2002). Media and migration: an overview. In R. King & N. Wood (Eds.), *Media and Migration: constructions of mobility and difference* (pp. 1–22). Londres: Routledge.
- Klink, A. (1992). *Paratii: entre dois pólos*. São Paulo: Companhia das Letras. [ebook]
- Kress, G., & van Leeuwen, T. (2001). *Multimodal: the modes and media of contemporary communication discourse*. Londres: Arnold.
- Kress, G., & van Leeuwen, T. (2006). *Reading images: The grammar of visual design*. Londres: Routledge.
- Lamont, M., Silva, G. M., Welburn, J. S., Guetzkow, J., Mizrachi, N., Herzog, H., & Reis, E. (2016). *Getting respect: responding to stigma and discrimination in the United States, Brazil, and Israel*. Princeton: Princeton University Press.
- Lara, G. M. P. (2021). De migrantes a cidadãos do mundo: narrativas de vida de brasileiros no continente europeu. *Caderno de Letras*, (40), 275–301. <https://doi.org/10.15210/CDL.V0I40.20436>
- Laraia, R. de B. (1986/2009). *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Lechner, E. (2007). Imigração e saúde mental. *Revista Migrações - Número Temático Imigração e Saúde, 1*, 79–101. Retirado de <http://hdl.handle.net/10316/33297>
- Lechner, E. (2009). Migração, pesquisa biográfica e emancipação social: Contributo para a análise dos impactos da pesquisa biográfica junto de migrantes. *Revista Crítica de Ciências Sociais, 85*, 43–64. <https://doi.org/10.4000/rccs.336>
- Lechner, E. (2015). Introdução. In E. Lechner (Ed.), *Rostos, Vozes e Silêncios: Uma pesquisa biográfica colaborativa com imigrantes em Portugal* (pp. 21–58). Coimbra: Edições Almedina.
- Lechner, E. (2019). Migrants' lives matter: biographical research, recognition and social participation. *Contemporary Social Science, 14*(3–4), 500–514. <https://doi.org/10.1080/21582041.2018.1463449>
- Lee, E. S. (1966). A theory of migration. *Demography, 3*(1), 47–57. <https://doi.org/10.2307/2060063>
- Levinson, D. J. (1986). A Conception of Adult Development. *American Psychologist, 41*(1), 3–13. Retirado de <https://pdfs.semanticscholar.org/5e75/2a77fb59cc48e9eea4b1ef4c53056b0f140e.pdf>
- Lewis, O. (1961). *Children of Sanchez: Auto-biography of a Mexican Family*. Nova Iorque: Random.
- Lillrank, A. (2012). Managing the Interviewer Self. In J. F. Gubrium, J. A. Holstein, A. B. Marvasti, & K. D. McKinney (Eds.), *The Sage Handbook of Interview Research: The Complexity of the Craft* (pp. 281–294). Londres: SAGE Publications.
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia, 9*(3), 401–411. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>
- Lippmann, W. (1922/1998). *Public Opinion*. Londres: Transaction Publishers.
- Lobo, P. & Cabecinhas, R. (2018). Retratos de género nas notícias televisivas: uma análise das desigualdades por detrás da representação numérica. *Estudos em Comunicação, 26*(1), 81-99. <https://doi.org/10.20287/ec.n26.v1.a06>
- Lopes, F. (2008). Da pós-neotelevisão: a reconfiguração do prime-time nos canais generalistas portugueses. In M. Pinto & S. Marinho (Eds.), *Os media em Portugal nos primeiros cinco anos do século XXI* (pp. 33–46). Porto: Campo das Letras. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/41093>
- Lopes, F. (2009). Estudos televisivos: perspectivas diacrónicas. *Comunicação e Sociedade, 15*, 7–27. [https://doi.org/10.17231/comsoc.15\(2009\).1042](https://doi.org/10.17231/comsoc.15(2009).1042)
- Lopes, G. (2020, 16 de janeiro). IPB foi a instituição que mais cresceu na captação de alunos estrangeiros. *Mensageiro de Bragança*. Retirado de <https://www.mdb.pt/noticia/ipb-foi-instituicao-que-mais-cresceu-na-captacao-de-alunos-estrangeiros>
- Lopes, M. (2019, 16 de agosto). SEF suspendeu marcações para imigrantes e não sabe quando as retoma. *Público*. Retirado de <https://www.publico.pt/2019/08/16/sociedade/noticia/sef-suspendeu-marcacoes-imigrantes-nao-sabe-reabre-1883492>
- Lopes, M. S., & Albuquerque, G. (2018). O nome das coisas: a disputa simbólica impeachment versus golpe na mídia internacional. *Revista de Ciências Sociais, 49*(1), 279-316. Retirado de <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/19322>

- Löwy, M. (2016). Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. In I. Jinkings, K. Doria, & M. Cleto (Eds.), *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil* (pp. 75–82). São Paulo: Boitempo. [ebook]
- Lyotard, J.-F. (1979/2009). *A Condição Pós-moderna* (R. C. Barbosa, Trad.). Rio de Janeiro: José Olympio.
- Machado, I. J. de R. (2003). *Cárcere Público: Processos de exotização entre brasileiros no Porto*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Machado, I. J. de R. (2004). Apontamentos para uma etnografia da imigração brasileira no Porto, Portugal. *A questão social no novo milénio. Livro de Atas do Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais 2004*, 1–23. Retirado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4619777>
- Machado, I. J. de R. (2014). O futuro do passado: imigrantes brasileiros em Portugal e diferentes entrelaçamentos. *REMHU: Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, (43), 225–234. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004314>
- Machin, D. (2013). What is multimodal critical discourse studies?. *Critical Discourse Studies*, 10(4), 347–355. <https://doi.org/10.1080/17405904.2013.813770>
- Malheiros, J. M. (2007). Os brasileiros em Portugal - a síntese do que sabemos. In J. M. Malheiros (Ed.), *Imigração brasileira em Portugal* (pp. 11–38). Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I.P.
- Marmo, H. (2019, 27 de setembro). Quando o sonho de emigrar para Portugal vira pesadelo. *Veja*. Retirado de <https://veja.abril.com.br/mundo/imigracao-portugal-pesadelo/>
- Marques, J. C., & Góis, P. (2015). Processos de integração dos imigrantes brasileiros na sociedade portuguesa. In J. Peixoto, B. Padilla, J. C. Marques, & P. Góis (Eds.), *Vagas Atlânticas: Migrações entre Brasil e Portugal no Início do Século XXI* (pp. 109–134). Lisboa: Mundos Sociais.
- Marques, J. C., Góis, P., & Castro, J. M. e. (2014). Análise das políticas de reagrupamento familiar portuguesas. In J. C. Marques, P. Góis, & J. M. e Castro (Eds.), *Impacto das políticas de reagrupamento familiar em Portugal* (pp. 31–52). Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I.P.
- Martín del Barrio, J. (2016, 8 de maio). Brasileiros trocam Miami por Lisboa. *El País*. Retirado de https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/05/economia/1462480348_879062.html
- Martino, L. M. S. (2014). *Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos*. Petrópolis: Vozes.
- Martins, M. de L. (2001). Prefácio. In L. Cunha (Ed.), *A nação nas malhas da sua identidade: o Estado Novo e a construção da identidade nacional* (pp. 10–14). Porto: Edições Afrontamento. [ebook] Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/24248>
- Martins, M. de L. (2004). Lusofonia e Luso-tropicalismo. Equívocos e possibilidades de dois conceitos hiper-identitários. Comunicação apresentada na Conferência inaugural no X Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa - “Lusotropicalismo e Lusofonia. Equívocos e possibilidades de dois conceitos hiper-identitários”, São Paulo. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/1075>
- Mason, D. (1994). On the Dangers of Disconnecting Race and Racism. *Sociology*, 28(4), 845–858. <https://doi.org/10.1177/0038038594028004003>

- Massey, D. S., Arango, J., Hugo, G., Kouaouci, A., Pellegrino, A., & Taylor, J. E. (1993). Theories of international migration: a review and appraisal. *Population & Development Review*, 19(3), 431-466. <https://doi.org/10.2307/2938462>
- Massey, D. S., Arango, J., Hugo, G., Kouaouci, A., Pellegrino, A., & Taylor, J. E. (2005). *Worlds in Motion: Understanding International Migration at the End of the Millennium*. Oxford: Clarendon Press.
- Mateus, S. (2020). *Retórica afetiva: subsídios para a compreensão do pathos*. Lisboa: SOPCOM.
- Mattelart, A., & Neveu, É. (2006). *Introdução aos Cultural Studies* (R. M. Domingues, Trad.). Porto: Porto Editora.
- May, V. M. (2015). *Pursuing intersectionality, unsettling dominant imaginaries*. Londres: Routledge.
- McKeganey, N., & Bloor, M. (1991). Spotting the invisible man: the influence of male gender on fieldwork relations. *The British Journal of Sociology*, 42(2), 195–210. <https://doi.org/10.2307/590367>
- McLuhan, M., & Fiore, Q. (1967). *The Medium is the Massage: An Inventory of Effects*. Nova Iorque: Bantam.
- McNeill, W. H. (1984). Human Migration in Historical Perspective. *Population and Development Review*, 10(1), 1–18. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/1973159>
- Meyer-Ortmanns, H. (2003). Immigration, integration and ghetto formation. *International Journal of Modern Physics C*, 14(3), 311-320. <https://doi.org/10.1142/S0129183103004504>
- Minga, E. A. D. P. (2018). Além das “Mães de Bragança”: a estereotipização da mulher brasileira no jornalismo português. *Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, (7), 93–105. https://doi.org/10.14195/2183-6019_7_6
- Minga, E. A. de P. (2020). *A Construção do Outro na Opinião Pública: representações contemporâneas do Brasil e dos brasileiros na sociedade portuguesa*. Tese de Doutorado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/10362/95431>
- Misztal, B. A. (2003). Memory in Media: Master, Episodic and Flickering Narratives. *Education and Society*, 21(1), 5–24. <https://doi.org/10.7459/es/21.1.02>
- Misztal, B. A. (2016). Memory's role in lending meaning to migrants' lives. *Crossings: Journal of Migration & Culture*, 7(1), 9–25. https://doi.org/10.1386/cjmc.7.1.9_1
- Morales, L. A. C., & Zárate, U. A. R. (2016). Sobre los conceptos de inmigrante y frontera: aproximaciones desde un planteamiento socio-fenomenológico. *Revista de filosofía open insight*, 7(11), 47–73. Retirado de http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-24062016000100057
- Moreira, J. A. (2017, 26 de abril). Portugal é a nova Miami para os brasileiros ricos. *Diário de Notícias*. Retirado de <https://www.dn.pt/dinheiro/portugal-e-a-nova-miami-para-os-brasileiros-ricos-6244332.html>
- Morley, D. (2008a). Communication. In T. Bennett, L. Grossberg, & M. Morris (Eds.), *New keywords: a revised vocabulary of culture and society* (pp. 47–50). Oxford: Blackwell Publishing.
- Morley, D. (2008b). Media. In T. Bennett, L. Grossberg, & M. Morris (Eds.), *New keywords: a revised vocabulary of culture and society* (pp. 211–214). Oxford: Blackwell Publishing.

- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of Social Representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211–250. [https://doi.org/0046-2772/88/0302114\\$20.00](https://doi.org/0046-2772/88/0302114$20.00)
- Moscovici, S. (2009). O fenômeno das representações sociais. In G. Duveen (Ed.), *Representações sociais: investigações em psicologia social* (P. A. Guareschi, Trad.) (pp. 29–109). Petrópolis: Vozes.
- Mota-Ribeiro, S. (2010). *Do outro lado do espelho: imagens e discursos de gênero nos anúncios das revistas femininas: uma abordagem socio-semiótica visual feminista*. Tese de Doutorado, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/12384>
- Mota-Ribeiro, S., & Pinto-Coelho, Z. (2011). Para além da superfície visual: os anúncios publicitários vistos à luz da semiótica social. Representações e discursos da heterossexualidade e de gênero. *Comunicação e Sociedade*, 19, 227–246. [https://doi.org/10.17231/comsoc.19\(2011\).908](https://doi.org/10.17231/comsoc.19(2011).908)
- Mullen, B., Rozell, D., & Johnson, C. (2000). Ethnophaulisms for Ethnic Immigrant Groups: Cognitive Representation of ‘the Minority’ and ‘the Foreigner’. *Group Processes & Intergroup Relations*, 3(1), 5–24. <https://doi.org/10.1177/1368430200031001>
- Nascimento, L. S. do. (2006). Imigrantes: identidades em trânsito. *Em Tese*, 10, 110-114. <http://doi.org/10.17851/1982-0739.10.0.110-114>
- Neto, H. P. (2006). A imagem da imprensa sobre a emigração brasileira. *Estudos Avançados*, 20(57), 25–39. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142006000200003>
- Neumann, B., & Nünning, A. (2012). Travelling Concepts as a Model for the Study of Culture. In B. Neumann & A. Nünning (Eds.), *Travelling Concepts for the Study of Culture* (pp. 1-22). Berlim: de Gruyter.
- Neumann, K. (2005). “Thinking the Forbidden Concept”: Refugees as Immigrants and Exiles. *Antipodes*, 19(1), 6–11. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/41957412>
- OIM, Organização Internacional para as Migrações. (2019). *World Migration Report 2020*. Retirado de <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2020>
- OIM, Organização Internacional para as Migrações. (2021). *World Migration Report 2022*. Retirado de <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2022>
- Oliveira, A. T. (2013). Um panorama da migração internacional a partir do censo demográfico de 2010. *REMHU: Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, 21(40), 195-210. Retirado de <https://www.scielo.br/j/remhu/a/NN4gmkBQfbn4fF6bWw7pX4J>
- Oliveira, D. M. de, & Oliveira, D. M. M. de. (2006). *Análise Crítica do Discurso: perspectiva crítica de investigação da linguagem em relação com as mudanças sociais e culturais*. Comunicação apresentada no VII Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, São Cristóvão. Retirado de <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/9898>
- Oliveira, E. N., Matias, M. M. M., Félix, T. A., Cavalcante, M. M. B., Lopes, R. E., & Neto, F. (2019). Brazilian women living in Portugal: work and quality of life. *Saúde e Sociedade*, 28(1), 182–192. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019170122>
- Oliveira, F. R. de. (2016). *Perspetivas sobre a Diversidade Cultural: Vivências, Discursos e Representações da Interculturalidade*. Tese de Doutorado, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/43226>

- Ortellado, P., Solano, E., & Moretto, M. (2016). Uma Sociedade Polarizada?. In I. Jinkings, K. Doria, & M. Cleto (Eds.), *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil* (pp. 159–164). São Paulo: Boitempo. [ebook]
- Ortiz, R. (2012). *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense.
- Padilla, B. (2007). Acordos bilaterais e legalização: o impacte na integração dos imigrantes brasileiros em Portugal. In J. M. Malheiros (Ed.), *Imigração brasileira em Portugal* (pp. 217–226). Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I.P.
- Padilla, B., & França, T. (2015). A imigração brasileira desde uma perspectiva de gênero. In J. Peixoto, B. Padilla, J. C. Marques, & P. Góis (Eds.), *Vagas Atlânticas: Migrações entre Brasil e Portugal no Início do Século XXI* (pp. 89–108). Lisboa: Mundos Sociais.
- Padilla, B., Marques, J. C., Góis, P., & Peixoto, J. (2015). A imigração brasileira em Portugal. In J. Peixoto, B. Padilla, J. C. Marques, & P. Góis (Eds.), *Vagas Atlânticas: Migrações entre Brasil e Portugal no Início do Século XXI* (pp. 9–38). Lisboa: Mundos Sociais.
- Pais, J. M. (2010). “Mães de Braganca” e feitiços: enredos luso-brasileiros em torno da sexualidade. *Revista de Ciências Sociais*, 41(2), 9–23. Retirado de <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/455>
- Park, R. (1928). Human Migration and The Marginal Man. *American Journal of Sociology*, 33(6), 881–893. Retirado de <https://www.istor.org/stable/2765982>
- Patarra, N. L. (2005). Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo Em Perspectiva*, 19(3), 23–33. <https://doi.org/10.1590/S0102-88392005000300002>
- Peixoto, J., & Figueiredo, A. (2007). Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal. In J. M. Malheiros (Ed.), *Imigração brasileira em Portugal* (pp. 87–111). Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I.P.
- Pessar, P. R. (1999). The role of Gender, Households, and Social Networks in the Migration Process: A Review and Appraisal. In C. Hirschman, P. Kasinitz, & J. Dewind (Eds.), *The Handbook of International Migration: The American Experience* (pp. 51–70). Nova Iorque: Russell Sage Foundation.
- Pettigrew, T. F., & Meertens, R. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25(1), 57–75. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420250106>
- Pinho, F. (2007). A imprensa na construção do processo migratório: a constituição de Portugal como destino plausível da emigração brasileira. In J. M. Malheiros (Ed.), *Imigração brasileira em Portugal* (pp. 59–86). Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I.P.
- Pinho, F. (2014). *Transformações na emigração brasileira para Portugal: de profissionais a trabalhadores*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I.P.
- Pini, B. (2005). Interviewing men: Gender and the collection and interpretation of qualitative data. *Journal of Sociology*, 41(2), 201–216. <https://doi.org/10.1177/1440783305053238>
- Pinto, M. (2005). Serviço público - Uma perspectiva. In M. Pinto (Ed.), *Televisão e cidadania: Contributos para o debate sobre o serviço público* (pp. 11–22). Porto: Campo das Letras.
- Pinto, M. (2007). A televisão como objecto pensável. In F. Lopes (Ed.), *A TV das elites: estudo dos programas de informação semanal dos canais generalistas (1993-2005)* (pp. 9–11). Porto: Campo das Letras. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/41124>

- Pinto-Coelho, Z., & Mota-Ribeiro, S. (2012). Nota introdutória. Do uno e múltiplo: as aporias do nosso desassossego. *Comunicação e Sociedade*, 21, 7–11.
[https://doi.org/10.17231/comsoc.21\(2012\).695](https://doi.org/10.17231/comsoc.21(2012).695)
- Politécnico de Bragança quer captar alunos lusodescendentes das comunidades portuguesas no mundo (2020, 29 de janeiro). *Mundo Lusíada*. Retirado de
<https://www.mundolusiada.com.br/comunidade/politecnico-de-braganca-quer-captar-alunos-lusodescendentes-das-comunidades-portuguesas-no-mundo>
- PORDATA, Base de Dados Portugal Contemporâneo. (2017). *Taxa de crescimento real do PIB*. Retirado de <https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+crescimento+real+do+PIB-2298>
- Posch, P., & Cabecinhas, R. (2020a). Retratos sobre a migração na série televisiva brasileira “Portugal pelos Brasileiros”. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 17(50), 469–488.
<https://doi.org/10.18568/cmc.v17i50.2277>
- Posch, P., & Cabecinhas, R. (2020b). Estar presente na ausência: a construção semiótica da imigração brasileira recente em Portugal nos média brasileiros. *Comunicacao e Sociedade*, 38, 201–217.
[https://doi.org/10.17231/COMSOC.38\(2020\).2592](https://doi.org/10.17231/COMSOC.38(2020).2592)
- Posch, P., & Cabecinhas, R. (2020c). Facing a pandemic away from home: COVID-19 and the Brazilian immigrants in Portugal. In I. Sirkeci & J. H. Cohen (Eds.), *COVID-19 and Migration: Understanding the Pandemic and Human Mobility* (pp. 105–117). Londres: Transnational Press London.
- Portugal "precisa desesperadamente" de imigrantes para combater falta de mão-de-obra (2018, 3 de novembro). *Público*. Retirado de
<https://www.publico.pt/2018/11/03/sociedade/noticia/portugal-precisa-desesperadamente-imigrantes-combater-falta-mao-obra-1849788>
- Queiroz, C. C., Cabecinhas, R., & Cerqueira, C. (2020). Migração feminina brasileira e a experiência do envelhecimento em Portugal: sexismo e outros “ismos.” *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, 7(12), 1–23. <https://doi.org/10.21680/2446-5674.2020v7n12id17914>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. Van. (1992/2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (J. M. Marques, M. A. Mendes, & M. Carvalho, Trad.). Lisboa: Gradiva.
- Rappole, J. H. (2013). *The avian migrant: the biology of bird migration*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- Rasella, D., Aquino, R., & Barreto, M. L. (2013). Impact of income inequality on life expectancy in a highly unequal developing country: the case of Brazil. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 67(8), 661–666. <https://doi.org/10.1136/jech-2012-201426>
- Ravenstein, E. G. (1885). The Laws of Migration. *Journal of the Statistical Society of London*, 48, 167–235. <https://doi.org/10.2307/2979181>
- Riaño, Y. (2021). Highly Skilled Migrant and Non-Migrant Women and Men: How Do Differences in Quality of Employment Arise?. *Administrative Sciences*, 11(5), 1–19.
<https://doi.org/10.3390/admsci11010005>
- Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Editora Letramento.

- Ribeiro, R. (2018, 17 de agosto). Não era como imaginava: cresce número de brasileiros que pedem ajuda para voltar de Portugal. *Uol*. Retirado de <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/08/17/brasileiros-voltam-portugal-emigrar-salario-seguranca-visto.htm>
- Rocha-Trindade, M. B., & Fiori, N. A. (2009). Migrações entre Portugal e Brasil: Reciprocidade de Preferências, 1908-1945. *Migrações*, 5, 205–222. Retirado de <http://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/183863/Migr5.pdf/96622cf7-585c-44c8-9e83-0aa1ab5f07b0>
- Rondelli, E. (1998). Imagens da violência: práticas discursivas. *Tempo Social*, 10, 145–157. <https://doi.org/10.1590/S0103-20701998000200009>
- Rose, G. (2002). *Visual Methodologies: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials*. Londres: SAGE Publications.
- Rovelli, C. (2006). *What is Time? What is Space?*. Roma: Di Renzo Editore. [ebook]
- Rovelli, C. (2018). *The Order of Time*. Roma: Di Renzo Editore. [ebook]
- Said, E. W. (1978/2003). *Orientalism*. Londres: Penguin Books.
- Santos, E. dos. (2015). A questão migratória no mundo globalizado - brasileiros no exterior, a emigração e o retorno. In E. J. P. do Prado & R. Coelho (Eds.), *Migrações e trabalho* (pp. 69–78). Brasília: Ministério Público do Trabalho. Retirado de http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/Livro_Migracoes_e_TrabalhoWEB.pdf
- Sarlo, B. (2007). *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (R. F. d'Aguiar, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Sasaki, E. (2006). A imigração para o Japão. *Estudos Avançados*, 20(57), 99–117. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142006000200009>
- Saussure, F. de. (1916/2006). *Curso de Lingüística Geral* (A. Chelini, J. P. Paes, & I. Blikstein, Trad.). São Paulo: Cultrix.
- Sayad, A. (1998). *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade* (C. Murachco, Trad.) (pp. 45–72). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Sayad, A. (2011). *La doble ausencia: de las ilusiones del emigrado a los padecimientos del inmigrado*. Barcelona: Anthropos Editorial.
- Schwinn, T. (2016). Aspectos e problemas de uma compreensão plural de Modernidade (M. G. dos Santos, Trad.). *Revista de Teoria da História*, 16(2), 223–256. Retirado de <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/44819>
- Scott, A. S. (2011). *Os portugueses*. São Paulo: Editora Contexto. [ebook]
- SEF, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2005). *Relatório Estatístico 2004*. Retirado de https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2004.pdf
- SEF, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2006). *Relatório Estatístico 2005*. Retirado de https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2005.pdf
- SEF, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2010). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2009*. Retirado de https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2009.pdf

- SEF, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2011). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2010*. Retirado de https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2010.pdf
- SEF, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2012). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2011*. Retirado de https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2011.pdf
- SEF, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2013). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2012*. Retirado de https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2012.pdf
- SEF, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2014). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2013*. Retirado de https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2013.pdf
- SEF, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2015). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2014*. Retirado de https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2014.pdf
- SEF, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2016). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2015*. Retirado de <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2015.pdf>
- SEF, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2017). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2016*. Retirado de <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2016.pdf>
- SEF, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2018). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2017*. Retirado de <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2017.pdf>
- SEF, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2019). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2018*. Retirado de <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2018.pdf>
- SEF, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2020). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2019*. Retirado de <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2019.pdf>
- SEF, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2021). *Relatório de Imigrantes, Fronteiras e Asilo 2020*. Retirado de <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2020.pdf>
- Seymour-Smith, C. (1987). *Macmillian Dictionary of Anthropology*. Londres: MacMillan Press.
- Sheldon, K. M., & Hoon, T. H. (2013). The Multiple Determination of Well-Being: Independent Effects of Positive Traits, Needs, Goals, Selves, Social Supports, and Cultural Contexts. In A. D. Fave (Ed.), *The Exploration of Happiness: Present and Future Perspectives* (pp. 141–160). Nova Iorque: Springer.
- Silva, I. G. (2018). Estado e lutas sociais no Brasil no golpe de 2016: o Estado de exceção avança. *Revista de Políticas Públicas*, 22, 503–518. Retirado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321158844023>
- Simmel, G. (1908/1983). O estrangeiro (D. de A. Azevedo, Trad.). In E. de M. Filho (Org.), *Simmel* (pp. 182–188). São Paulo: Ática.
- Soares, W., Lobo, C., & Matos, R. (2015). Mobilidade espacial dos imigrantes estrangeiros no Brasil - 1991/2010. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 23(44), 191–205. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004412>
- Sodré, N. W. (1970/1986). *Síntese de História da Cultura Brasileira*. São Paulo: Difel.
- Spellman, W. M. (2008). *Uncertain Identity: International Migration since 1945*. Londres: Reaktion Books.
- Spivak, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?* (S. R. G. Almeida, M. P. Feitosa, & A. P. Feitosa, Trad.). Belo Horizonte: Editora UFMG.

- Stark, O., & Bloom, D. E. (1985). The New Economics of Labor Migration. *The American Economic Review*, 75(2), 173–178. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/1805591>
- Stewart, W. (1976). *A psychosocial study of the formation of the early adult life structure in women*. Tese de Doutorado, Columbia University, Nova Iorque, Estados Unidos da América.
- Tajfel, H. (1957). Value and the perceptual judgment of magnitude. *Psychological Review*, 64(3), 192–204. <https://doi.org/10.1037/h0047878>
- Tajfel, H. (1963). Stereotypes. *Race*, 5(2), 3-14. <https://doi.org/10.1177/030639686300500201>
- Tajfel, H. (1969). Cognitive Aspects of Prejudice. *Journal of Biosocial Science*, 1, 173-191. <https://doi.org/10.1017/S0021932000023336>
- Tajfel, H. (1974). Social identity and intergroup behaviour. *Social Science Information*, 13(2), 65–93. <https://doi.org/10.1177/053901847401300204>
- Tajfel, H., & Turner, J. (1979). An Integrative Theory of Intergroup Conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.), *The Social Psychology of Intergroup Relations* (pp. 33–47). Monterey: Brooks/Cole.
- Talbot, M. (2007). *Media Discourse: representation and interaction*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Tedesco, J. C. (2016). O estrangeiro/imigrante na modernidade: horizonte de tensões externas e internas. Síntese de algumas concepções de Simmel, Elias/Scotson e Freud. *Revista de Ciências Sociais*, 47(2), 287–312. Retirado de <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/6305>
- Thomas, W. I., & Znaniecki, F. (1918). *The Polish Peasant in Europe and America*. Boston: The Gorham Press.
- Threadgold, T. (2008). Narrative. In T. Bennett, L. Grossberg, & M. Morris (Eds.), *New keywords: a revised vocabulary of culture and society* (pp. 230–232). Oxford: Blackwell Publishing.
- Titiev, M. (1959/1969). *Introdução à Antropologia Cultural* (J. P. Neto, Trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tracy, S. J. (2020). *Qualitative Research Methods. Collecting evidence, crafting analysis, communicating impact*. Nova Jérsei: Wiley Blackwell.
- Travassos, C., Viacava, F., Fernandes, C., & Almeida, C. M. (2000). Desigualdades geográficas e sociais na utilização de serviços de saúde no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(1), 133–149. <https://doi.org/10.1590/S1413-8123200000100012>
- UNESCO (1960/1973). *Le racisme devant la science*. Paris: Gallimard.
- Vala, J. (1999). *Novas Racismos: Perspectivas Comparativas*. Oeiras: Celta
- Vala, J. (2006). Representações sociais e psicologia social do conhecimento. In J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.), *Psicologia Social* (7a ed., pp. 457–502). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Valle-Nunes, L. H. (2020). As redes sociais e a construção dos antagonismos: a imigração brasileira em Portugal representada em comentários do facebook. *Matraga*, 27(49), 100-116. <https://doi.org/10.12957/matraga.2020.44154>
- van Dijk, T. A. (2001). Critical Discourse Analysis. In D. Schiffrin, D. Tannen, & H. E. Hamilton (Eds.), *The Handbook of Discourse Analysis* (pp. 352–371). Oxford: Blackwell Publishing.
- van Dijk, T. A. (2008). *Discourse and Power*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.

- van Dijk, T. A. (2018). Discourse and Migration. In R. Zapata-Barrero & E. Yalaz (Eds.), *Qualitative Research in European Migration Studies* (pp. 227–245). Cham: Springer International Publishing.
- van Leeuwen, T. (1999). *Speech, Music, Sound*. Hampshire: Macmillan
- van Leeuwen, T. (2005). *Introducing Social Semiotics*. Londres: Routledge.
- Veron, E. (2001). *Les Publics entre production et réception: problèmes pour une théorie de la reconnaissance*. Comunicação apresentada nas Conferências da Arrábida.
- Vertovec, S. (2007). Super-diversity and its implications. *Ethnic and Racial Studies*, 30(6), 1.024–1.054. <https://doi.org/10.1080/01419870701599465>
- Viana, B. C. B. (2020). *O Brasil que é notícia: as representações jornalísticas nos media online portuguesas no ano de 2016*. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Porto, Portugal. Retirado de <https://hdl.handle.net/10216/126064>
- Ward, C., Bochner, S., & Furnham, A. (2001). *The Psychology of Cultural Shock*. Sussex: Routledge.
- Warren, C. A. B. (2012). Interviewing as Social Interaction. In J. F. Gubrium, J. A. Holstein, A. B. Marvasti, & K. D. McKinney (Eds.), *The Sage Handbook of Interview Research: The Complexity of the Craft* (pp. 129–142). Londres: SAGE Publications.
- Williams, R. (1960). *Culture & Society – 1780-1950*. Nova Iorque: Anchor Books.
- Williams, R. (1976/1988). *Keywords: a vocabulary of culture and society*. Londres: Fontana.
- Winthrop, R. H. (1991). *Dictionary of Concepts in Cultural Anthropology*. Westport: Greenwood Press.
- Wodak, R. (2001). What CDA is about - a summary of its history, important concepts and its developments. In R. Wodak & M. Meyer (Eds.), *Methods of Critical Discourse Analysis* (pp. 1–13). Londres: SAGE Publications.
- WPR, World Population Review. (2021). *Facebook Users by Country 2021*. Retirado de <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/facebook-users-by-country>

APÊNDICES

Apêndice 1 - Tabelas dos imigrantes entrevistados

N. Entrevista	Nome Fictício	Sexo	Idade	Estado Civil	Possui filhos ou enteados?	Ano de Migração	Estado de Procedência no Brasil	Região de Procedência no Brasil	Distrito de Residência em Portugal
01	Maria	Mulher	39	Casado	Sim	2019	São Paulo	Sudeste	Aveiro
02	João	Homem	27	Solteiro	Não	2018	Paraíba	Nordeste	Porto
03	Rafael	Homem	57	Casado	Sim	2020	Rio de Janeiro	Sudeste	Viana do Castelo
04	Carla	Mulher	28	Casado	Não	2020	São Paulo	Sudeste	Vila Real
05	Julia	Mulher	45	Casado	Sim	2019	Rio Grande do Norte	Nordeste	Braga
06	Luciana	Mulher	48	Casado	Não	2017	São Paulo	Sudeste	Vila Real
07	Marcelo	Homem	36	União Estável	Não	2019	Distrito Federal	Centro-Oeste	Porto
08	Bernardo	Homem	32	Namorando	Não	2019	Alagoas	Nordeste	Matosinhos
09	Renata	Mulher	53	Casado	Não	2019	São Paulo	Sudeste	Braga
10	Beatriz	Mulher	47	Casado	Sim	2018	São Paulo	Sudeste	Braga
11	Eduardo	Homem	26	Namorando	Não	2019	São Paulo	Sudeste	Viseu
12	Roberto	Homem	45	Casado	Sim	2018	Sergipe	Nordeste	Viana do Castelo
13	Denise	Mulher	44	União Estável	Sim	2019	São Paulo	Sudeste	Espinho
14	Rosa	Mulher	31	Solteiro	Não	2019	Rio Grande do Norte	Nordeste	Aveiro
15	Gisele	Mulher	25	Solteiro	Não	2018	Paraná	Sul	Bragança
16	Amanda	Mulher	31	Solteiro	Não	2017	Pernambuco	Nordeste	Braga
17	Ana	Mulher	37	Divorciado	Sim	2020	Santa Catarina	Sul	Braga
18	Vera	Mulher	26	Casado	Não	2019	Paraná	Sul	Vila Real
19	Mariana	Mulher	32	União Estável	Sim	2016	São Paulo	Sudeste	Aveiro
20	Gilberto	Homem	36	Casado	Sim	2020	Rio de Janeiro	Sudeste	Braga
21	Gabriela	Mulher	35	Casado	Sim	2020	Pernambuco	Nordeste	Braga
22	Carmen	Mulher	47	Casado	Sim	2019	São Paulo	Sudeste	Viana do Castelo
23	Rosa	Mulher	53	Namorando	Sim	2017	São Paulo	Sudeste	Aveiro
24	Diogo	Homem	31	União Estável	Sim	2018	Paraná	Sudeste	Porto
25	Teresa	Mulher	31	Casado	Não	2019	Rio de Janeiro	Sudeste	Braga

Continuação

N. Entrevista	Habilitações Literárias	Estuda em Portugal?	Ciclo de Estudos em Portugal	Estava a trabalhar no Brasil?	Trabalha atualmente em Portugal?	Trabalha na área de formação?
01	Ensino Superior Completo	n/a	n/a	Sim	Não	n/a
02	Pós-Graduação Cursando	Sim	Mestrado	Sim	Não	n/a
03	Pós-Graduação Completa	n/a	n/a	Sim	Sim	Não
04	Pós-Graduação Cursando	Sim	Mestrado	Sim	Não	n/a
05	Ensino Médio Completo	n/a	n/a	Sim	Sim	Sim
06	Pós-Graduação Cursando	Sim	Doutoramento	Sim	Não	n/a
07	Pós-Graduação Completa	n/a	n/a	Sim	Sim	Sim
08	Pós-Graduação Cursando	Sim	Mestrado	Sim	Sim	Sim
09	Pós-Graduação Completa	n/a	n/a	Sim	Sim	Não
10	Pós-Graduação Completa	n/a	n/a	Sim	Sim	Sim
11	Pós-Graduação Cursando	Sim	Mestrado	Sim	Sim	Não
12	Pós-Graduação Cursando	Sim	Mestrado	Sim	Sim	Sim
13	Pós-Graduação Completa	n/a	n/a	Sim	Não	n/a
14	Pós-Graduação Cursando	Sim	Mestrado	Sim	Sim	Não
15	Pós-Graduação Cursando	Sim	Mestrado	Não	Não	n/a
16	Ensino Profissionalizante Cursando	Sim	Profissionalizante	Sim	Sim	Não
17	Pós-Graduação Cursando	Sim	Doutoramento	Sim	Não	n/a
18	Pós-Graduação Cursando	Sim	Mestrado	Sim	Sim	Não
19	Pós-Graduação Cursando	Sim	Mestrado	Sim	Não	n/a
20	Pós-Graduação Completa	n/a	n/a	Sim	Não	n/a
21	Pós-Graduação Cursando	Sim	Mestrado	Sim	Sim	Não
22	Ensino Médio Completo	n/a	n/a	Não	Não	n/a
23	Ensino Superior Completo	n/a	n/a	Não	Não	n/a
24	Ensino Superior Completo	n/a	n/a	Não	Sim	Não
25	Pós-Graduação Cursando	Sim	Doutoramento	Sim	Não	n/a